



**UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM POLÍTICAS SOCIAIS E
CIDADANIA**

MARA RUTE DOS SANTOS LIMA

**TRAJETÓRIAS DAS JUVENTUDES EM TEMPOS SOMBRIOS: um
olhar para a educação e o trabalho das juventudes do Brasil**

SALVADOR
27 de maio de 2022

MARA RUTE DOS SANTOS LIMA

TRAJETÓRIAS DAS JUVENTUDES EM TEMPOS SOMBRIOS: um olhar para a educação e o trabalho das juventudes do Brasil

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Políticas Sociais e Cidadania da Universidade Católica do Salvador, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Políticas Sociais e Cidadania.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a **Ângela Maria Carvalho Borges**

SALVADOR
27 de maio de 2022

Catálogo na Publicação (CIP)
Ficha Catalográfica. UCSal. Sistema de Bibliotecas

L732 Lima, Mara Rute dos Santos

Trajórias das juventudes em tempos sombrios: um olhar para a educaão e o trabalho das juventudes do Brasil. / Mara Rute dos Santos Lima. __ Salvador, 2022.

249 f.

Tese (Doutorado) - Universidade Católica do Salvador. Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação. Doutorado em Políticas Sociais e Cidadania.

Orientadora: Profª. Drª. Ângela Carvalho Borges.

1. Políticas educacionais 2. Juventudes 3. Escolaridade e trabalho – Brasil
4. Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM. I. Universidade Católica do Salvador. Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação II. Borges, Ângela Carvalho – Orientadora. III. Título.

CDU: 37.014.5(81)

TERMO DE APROVAÇÃO

MARA RUTE DOS SANTOS LIMA

TRAJETÓRIAS DAS JUVENTUDES EM TEMPOS SOMBRIOS: um olhar para a educação e o trabalho das juventudes do Brasil


Tese aprovada como requisito parcial para a obtenção do grau de doutor em Políticas Sociais e Cidadania da Universidade Católica do Salvador.

Salvador, 27 de maio de 2022.

BANCA EXAMINADORA:



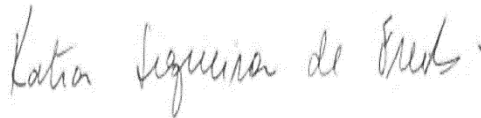
Ângela Maria Carvalho Borges, Dra.
(Orientadora – Universidade Católica do Salvador)



Antônio Amorim, Dr.
(Avaliador – Universidade Estadual da Bahia)



Maria de Fátima Pessôa Lepikson, Dra.
(Avaliadora – Universidade Católica do Salvador)



Kátia Siqueira de Freitas, Dra.
(Avaliadora – Universidade Federal da Bahia)



Raul Reis Amorim, Dr.
(Avaliador – Universidade Estadual de Campinas)

Dedico essa tese as grandes causas que tornam a vida
grande.

AGRADECIMENTOS

A palavra gratidão origina-se da palavra latina *gratus*, que é traduzida como estar agradecido ou ser grato. Além disso, gratidão deriva também de *gratia*, que em latim quer dizer graça. Dessa raiz quantos frutos nasceram: uma criança é graciosa, recebi uma graça, essa pessoa é muito engraçada e mesmo a entrada nesse museu é grátis. Para hoje, fica a verdade bíblica “em tudo dai graças”. Com essa verdade, sem listas de nomes ou histórias justificando os motivos, eu agradeço a todos que na estrada da vida estiveram ao meu lado, os que me deram oportunidade de me tornar mais do que eu poderia, mas aquilo que sempre sonhei ser.

“Ora, a fé é o firme fundamento das coisas que se esperam, e a prova das coisas que se não veem.”

Hb.11:1

LIMA, Mara Rute dos Santos. *TRAJETÓRIAS DAS JUVENTUDES EM TEMPOS SOMBRIOS: Um olhar para a Educação e o Trabalho das juventudes do Brasil*. Salvador, 2022. Orientadora: Ângela Maria Carvalho Borges. CDU: 37.014.5(81). Tese (Doutorado em Políticas Sociais e Cidadania). Programa de Pós-Graduação em Políticas Sociais e Cidadania, Universidade Católica do Salvador (UCSAL), Salvador, 2022.

RESUMO

Tendo em vista as trajetórias de vida das juventudes brasileiras nos últimos anos, a presente tese busca entender os percursos de vários jovens entre 1998 e 2021 acompanhando as políticas ampliadas de acesso ao ensino superior, as principais políticas educacionais, o próprio exame do ENEM e, em especial, as expectativas, realidades e frustrações frente ao processo de formação e acesso ao mercado de trabalho dos participantes. Esses jovens são estudantes da Bahia que moravam em cidades próximas a Ilhéus, Itabuna, Eunápolis, Salvador e Vitória da Conquista - onde a pesquisadora lecionava. Além disso, são provenientes de escolas públicas e privadas e atuam em diversas profissões, algumas inclusive não ligadas às suas áreas de formação. A pesquisa de cunho quali/quantitativo acompanhou – através de questionário e de uma produção textual – a trajetória de 44 jovens brasileiros e o próprio percurso da autora dessa tese como jovem e professora nos últimos 23 anos (1998-2021). O estudo traça um panorama deste grupo social que entrou na universidade com a ideia de - através dos estudos – estar no caminho do sucesso profissional e apresenta insights de suas visões. O aparato teórico, que sustenta essa pesquisa, compreende um estudo histórico sociológico com enfoque para trabalhos que se centram ao longo do século XX e apresenta desde as principais escolas de Sociologia da Juventude até a visão dos estudos sobre jovens na América Latina e no Brasil, para depois se debruçar nas questões temáticas da juventude como protagonismo juvenil, autonomia, inserção laboral, formação e mercado de trabalho. A pesquisa bibliográfica também foi utilizada para compor o capítulo em que se delineia a trajetória do ENEM alinhada à da autora da pesquisa dedicado a entender as mudanças pelas quais as políticas educacionais do Brasil passaram, aplicando a Pesquisa-Participante aos moldes utilizados por Paulo Freire. Valendo-se desse modelo, e levando em consideração a relação da autora com o objeto da pesquisa buscou-se construir um panorama do ENEM e da sua trajetória como jovem e educadora fugindo da visão tradicional da pesquisa que exclui do campo educacional e sociológico o contexto social do objeto pesquisado, incorporando-o como mero dado condicionante. Nessa direção, intentou-se, através da via da profundidade e sensibilidade analítica, entender de que forma os jovens de 15 a 29 anos pensam e vivem como geração. Os destaques da pesquisa, estão refletidos nos insights (perspectivas/visões) que estão ligados a um tema e se desdobram em pontos relevantes dentro do pensamento apresentado. O trabalho empírico é de ilustrar essas perspectivas através de depoimentos coletados em campo, com a intenção de trazer à tona o tom e a voz das juventudes. Para além, o trabalho empírico constitui-se de análises que servirão para montar um panorama das Juventudes que em junção com o capítulo em que se constrói a trajetória da educação ajudarão na produção de interpretações, não somente sobre a maneira como os jovens brasileiros apresentam dúvidas, esperanças e receios nestes “tempos sombrios”, como também um olhar para a maneira com que o conjunto social tem influenciado na construção desse cenário em que esses sujeitos são, muitas vezes, marcados pela frustração, pela precariedade e pela falta de políticas protetivas.

Palavras-chave: juventudes; políticas educacionais; ENEM; educação; trabalho.

RÉSUMÉ

En tenant compte des trajectoires de vie des jeunes brésiliens ces dernières années, cette thèse cherche à comprendre le parcours de plusieurs d'entre-eux entre 1998 et 2021 suite aux politiques élargies d'accès à l'enseignement supérieur, aux principales politiques éducatives, à l'examen de l'ENEM (équivalent du baccalauréat) lui-même et, en particulier, les attentes, réalités et frustrations face au processus de formation et d'accès au marché du travail des participants. Ces jeunes sont des étudiants de Bahia qui vivaient dans des villes proches d'Ilhéus, Itabuna, Eunápolis, Salvador et Vitória da Conquista - où la doctorante a enseigné. En outre, ils sont issus de l'enseignement public et de l'école privée et exercent diverses professions, dont certaines ne sont pas liées à leur domaine de formation. La recherche qualitative/quantitative a suivi - au travers d'un questionnaire et d'une production textuelle - la trajectoire de 44 jeunes brésiliens et le parcours de l'auteur de cette thèse en tant que jeune et enseignante au cours des 23 dernières années (1998-2021). L'étude dresse un panorama de ce groupe social qui est entré à l'université avec l'idée de se placer - grâce aux études - sur la voie de la réussite professionnelle et présente un aperçu de leurs visions. Le bagage théorique, qui soutient cette recherche, comprend une étude historique sociologique avec une emphase sur les travaux qui se concentrent tout au long du 20^{ème} siècle et présente les principales écoles de la Sociologie de la Jeunesse ainsi que la vision des études par les jeunes en Amérique latine et au Brésil, pour ensuite aborder les questions thématiques de la jeunesse à l'instar du protagonisme des jeunes, de l'autonomie, de l'insertion professionnelle, de la formation et du marché du travail. La recherche bibliographique a également été utilisée pour composer le chapitre dans lequel la trajectoire de l'ENEM est décrite en fonction de celle de l'auteur par rapport à l'objet de la recherche consacrée à la compréhension des changements que les politiques éducatives du Brésil ont subis, en appliquant la recherche participative selon les lignes directrices utilisées par Paulo Freire. Profitant de ce modèle, le chapitre a été construit en tenant compte de la relation de l'auteur avec l'objet de la recherche en cherchant à brosser un panorama de l'ENEM et de sa trajectoire en tant que jeune et éducatrice, échappant ainsi à la vision traditionnelle de la recherche qui exclut du champ éducatif et sociologique le contexte social de l'objet étudié, en l'incorporant comme une simple donnée de conditionnement. En ce sens, nous avons essayé, par la profondeur et la sensibilité analytique, de comprendre comment les jeunes âgés de 15 à 29 ans pensent et vivent en tant que génération. La thèse met en évidence des idées (perspectives/visions) qui sont liées à un thème et se dédoublent en des points pertinents de la pensée présentée. Le travail empirique consiste à illustrer ces perspectives par des témoignages recueillis sur le terrain, avec l'intention de faire rejaillir le ton et la voix des jeunes. En outre, le travail empirique est fait d'analyses qui serviront à dresser un tableau de la jeunesse qui, avec le chapitre dans lequel la trajectoire de l'éducation est construite, aidera à la production d'interprétations, non seulement sur la façon dont les jeunes brésiliens présentent leurs doutes, leurs espoirs et leurs craintes en ces "temps sombres", mais aussi un regard sur la façon dont l'ensemble social a influencé la construction de ce scénario dans lequel ces sujets sont souvent marqués par la frustration, la précarité et le manque de politiques de protection.

Mots clés : jeunesse ; politiques d'éducation ; ENEM ; éducation ; travail.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	19
1. ESTADO DA ARTE	30
1.1 OS OLHARES TEÓRICOS PARA OS HORIZONTES DE PESQUISA SOBRE JOVENS.....	30
1.2 A CONDIÇÃO JOVEM NO CAMINHO DOS TEMPOS SOMBRIOS: UM PANORAMA HISTÓRICO SOCIAL.....	39
1.3 QUESTÕES FUNDAMENTAIS PARA UMA CONSTRUÇÃO DE VISÃO DE JUVENTUDE.....	44
1.3.1. Inserção Laboral Juvenil	45
1.3.2. Formação	49
1.3.3 Regulamentos oficiais para a Juventude: Políticas de educação	54
1.3.4. Protagonismo	57
2. METODOLOGIA E RESULTADOS	67
2.1. CONTEXTO	67
2.2 FONTES DE DADOS	73
2.3 METODOLOGIA DE ANÁLISE	75
3. O SURGIMENTO DO ENEM E SEU IMPACTO NA EDUCAÇÃO NACIONAL: Uma rota rumo a um horizonte sombrio	77
3.1. DO QUE NÃO SABIA E AGORA SEI.....	77
3.2. 1998 A 2002: AS SEMENTES DA REFORMA EDUCACIONAL	80
3.3. 2003 A 2008: O IDEÁRIO DE UMA EDUCAÇÃO PARA TODOS	100
3.4. 2009 A 2016: UMA NOVA PROVA, O MESMO PROJETO IDEOLÓGICO.....	122
3.5. 2017 A 2021: DE UM CORAÇÃO PARTIDO A UM BRASIL SEM PARTIDO: NADANDO SOBRE ÁGUAS SOMBRIAS.....	158
4. NO MEIO DA CAMINHO TINHA UM SONHO: as expectativas, frustrações realidades e realizações das juventudes do Brasil nos últimos 23 anos do Enem	169
4.1 – ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO	169
4.2 – ANÁLISE DOS TEXTOS	189
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	205

6. BIBLIOGRAFIA.....	209
7. APÊNDICES	223
7.1 ROTEIRO DE ENTREVISTA	223
7.2 TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	225
7.3 TEXTOS PRODUZIDOS PELOS PARTICIPANTES	222

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 – Trajetória dos pesquisados	171
Mapa 2 – Mapa mental com as principais temáticas abordadas nos textos dos participantes	190

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Distribuição dos inscritos, segundo região, UF e ano de realização do Enem (2004)	94
Tabela 2 – Distribuição de inscritos por ano de realização (1998 – 2005)	99
Tabela 3 – Distribuição de inscritos por ano de realização (1998 – 2008)	110
Tabela 4 - Inscritos e participantes que realizaram o Enem 2009 e 2010	120
Tabela 5 – Evolução da correção das redações do Enem	132
Tabela 6 - Justificativas para uma mudança radical de profissão ou de formação.....	183
Tabela 07 – Efeitos da Pandemia da vida profissional dos jovens.....	185

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Quantidade de inscritos ao longo das edições do Enem (1998-2002)	125
Gráfico 2 – Infográfico do Perfil dos participantes da pesquisa	170
Gráfico 3 – Infográfico do Perfil dos pais dos participantes da pesquisa	172
Gráfico 4 - Infográfico sobre o perfil dos estudantes e suas trajetórias de estudos.....	173
Gráfico 5 - Tipos de benefícios no período em que fizeram faculdade.....	178
Gráfico 6 - Conquistas após a conclusão da Graduação.....	180
Gráfico 7 – Metas alcançadas na saída da universidade.....	181
Gráfico 8 – Correspondência entre satisfação salarial e expectativa quando escolheu a profissão.....	181
Gráfico 9 – Contribuição do diploma de nível superior para a independência financeira.....	182
Gráfico 10 - Tipo de atividades realizadas pelos jovens pesquisados durante a pandemia.....	185

LISTA DE FOTOS

Foto 1 – Charge de Millôr presente na prova do Enem (2009).....	119
Foto 2 – Sessão solene do Congresso destinada à devolução simbólica do mandato presidencial do ex-presidente da República João Goulart	131
Foto 3 – Turma do curso de Salvador vespertino com a camisa do curso	142
Foto 4 – Turma noturna do curso de Vitória da Conquista com a camisa do Curso	142
Foto 5 – Reunião de pais em Itabuna da temática Alice no País das Maravilhas	143
Foto 6 – Depoimento de uma aluna nota (mil) 1000 em 2017	148

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Principais características dos jovens e sua representação nas décadas	42
Figura 2 – Certificado da formação em magistério	67
Figura 3 – Tema de redação do vestibular da UESC (2006)	102
Figura 4 – Quadro com a nova distribuição da prova do Enem (2009)	116
Figura 5 - Roteiro da proposta de texto enviada para os participantes.....	161
Figura 6 - Expectativas quando entrou na universidade	175
Figura 7 - Expectativas quando entrou na universidade (nuvem de palavras)	176
Figura 8 - Visões das realidades encontradas na saída da universidade.....	179
Figura 9 – Visões das realidades encontradas na saída da universidade (nuvem de palavras)	180
Figura 10 – Insights – Visões das juventudes – análises dos textos	181

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEMUR	Centro Educacional do Município de Uruçuca
CEPAL	Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe
CONJUVE	Conselho Nacional de Juventude
CONSEPE	Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão
CPLP	Comunidade dos Países de Língua Portuguesa
CNCT	Cadastro Nacional de Cursos Técnicos de Nível Médio
EMARC	Escola Média de Agropecuária Regional da Ceplac
ENC	Exame Nacional de Cursos
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
FAO	Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura
FIES	Fundo de Financiamento Estudantil
FICC	Fundação Itabunense de Cultura e Cidadania
FLACSO	Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais
FMI	Fundo Monetário Internacional
IBGE	<i>Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística</i>
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais
IPE	Instituto Internacional de Planificação em Educação
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
LGBT	Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgênero
LDBEN	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MERCOSUL	Mercado Comum do Sul
NASA	Administração Nacional da Aeronáutica e Espaço
OEA	Organização dos Estados Americanos
ONU	Organizações das Nações Unidas
OIJ	Organização Ibero Americana de Juventude
OIT	Organização Internacional do Trabalho
PISA	Programa Internacional de Avaliação de Alunos
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios

PNEEPEI Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva

PREALC Programa Regional do Emprego para a América Latina e o Caribe

PRONATEC Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego

PROUNI - Programa Universidade para Todos

PT Partido dos Trabalhadores

PUC Pontifícia Universidade Católica

REUNI Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni),

SAT Scholastic Aptitude Test

SAEB Sistema de Avaliação da Educação Básica

SAEB Sistema de Avaliação da Educação Básica

SAS – Sistema Ari de Sá

SISTEC Sistema Nacional de Informações da Educação Profissional e Tecnológica

SISU Sistema de Seleção Unificada

SNJ Secretaria Nacional de Juventude

UNASUL União das Nações Sul-Americanas

UNESCO Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

UESC Universidade Estadual de Santa Cruz

UESB Universidade do Sudoeste da Bahia

UEFS Universidade Estadual de Feira de Santana

UNB Universidade de Brasília

UNICAMP Universidade Estadual de Campinas

UCSAL Universidade Católica do Salvador

UEM Universidade Estadual de Maringá

UFBA Universidade Federal da Bahia

UFRJ Universidade Federal do Rio de Janeiro

UFRGS Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UNICEF Fundo de Emergência Internacional das Nações Unidas para a Infância

USP Universidade de São Paulo

INTRODUÇÃO

Começar por dizer que o título desse trabalho se remete a uma obra de Hannah Arendt soa como uma obviedade. Mas, para não haver qualquer sombra sobre essa condição, começo similarmente da mesma forma que a escritora o fez em seu discurso em Hamburgo: mostrando como as pessoas que ela descrevia viveram suas vidas e se moveram no mundo e como foram afetadas por seu tempo histórico. Dito isso, não há outra forma de apresentar essa tese se não do mesmo modo: nas próximas páginas são compartilhadas as *Trajétórias da juventude em tempos sombrios: um olhar para a educação e o trabalho da juventude brasileira entre os anos de 1998 até 2021*.

Ainda se servindo da força no mesmo discurso, a escritora coloca que:

mesmo no tempo mais sombrio temos o direito de esperar alguma iluminação, e que tal iluminação pode bem provir, menos das teorias e conceitos, e mais da luz incerta, bruxuleante e frequentemente fraca que alguns homens e mulheres, nas suas vidas e obras, farão brilhar em quase todas as circunstâncias e irradiarão pelo tempo que lhes foi dado na Terra. Olhos tão habituados às sombras, como os nossos, dificilmente conseguirão dizer se sua luz era de uma vela ou a de um sol resplandecente. (ARENDR, 1968 , p. 6)

Seguindo sua visão de clarividência e esperando oferecer mais luz para as ciências sociais, o trabalho aqui se dedica aos jovens. Eles recebem um mundo com grandes problemas sociais, climáticos e mesmo alguns obstáculos insolúveis para as gerações que os precede. Resta-nos, então, garantir que, mesmo não havendo mais florestas ou um clima como o que vivemos, eles tenham oportunidades. Para dizer de modo contundente, é urgente para a geração que caminha rumo ao horizonte ter embarcações que não cairão num abismo, porque o seu porvir foi destruído pelas gerações que “chegaram primeiro” e mesmo sendo seus ancestrais e guardiões, destruíram os recursos e o modo de vida que prometeram garantir.

Pensando dessa forma, essa tese é construída com a voz de um programa que não produz apenas conhecimento científico, mas que se posiciona para produzir caminhos de melhoramentos de políticas públicas e cidadania no nosso país. Nesse trabalho, a base teórica é feita por pesquisadores que nos últimos anos dedicaram-se não somente a constatar e a produzir ciência, mas entender que ela é uma mola propulsora para diminuir os abismos e construir pontes de mudanças como fizeram Marx (2013); Santos M. (2000); Antunes (2018); Harvey (2006); Borges (2007); Bendit R. y Miranda A. (2017); Cardoso (2000) e Pais (2003).

Para cumprir o didatismo e para que essa tese atinja seus propósitos - ser a mais clara possível e não alcançar apenas os que entendem os difíceis caminhos das ciências sociais, mas todos que buscam respostas aos problemas do nosso século - é pertinente apontar que a juventude se distingue no tempo e cultura e mesmo nos grupos sociais e geográficos. De Bourdieu (1983) a Braga (2017) passando por Castels (2013) há cada vez mais olhares voltados para a juventude e múltiplas vertentes de estudos como as de (ABRAMO, 2005; CORROCHANO, 2012; GONZALEZ, 2009; PAPA; FREITAS, 2012; TARTUCE, 2010; SPOSITO, 2003; ABRAMOWAY, 2009) que destacam a heterogeneidade entre os jovens, a existência de várias juventudes, aspectos ligados à questão intergeracional e a autonomia.

Nesse caleidoscópio, muitos ensaiaram explicar formas de desigualdades, de renda, de cultura e como muito se fez no meu programa - das dimensões socioeconômicas e políticas que podem ser vistas em escala nacional desde o final dos anos 1990 com a ampliação de um conjunto de ações e pesquisas destinadas e sobre os jovens no Brasil. Por assim dizer, vários estudos passaram a reconhecer que, a partir desse período, o jovem passou a ser inserido no contexto sociopolítico como ser vulnerável para quem políticas, sobretudo de emprego e educação, deveriam ser delineadas e, de certo modo, também afetaram sua formação e o mercado à luz de princípios norteadores que nem sempre tiveram o jovem como o fator primus, mas condição colateral de uma questão maior. Do mundo da escola ao mundo do trabalho, o neoliberalismo afetou e hipotecou futuros (BAUMAN, 2001).

Por essa vertente que trabalharemos não somente o ser jovem, mas esse ser dentro de um contexto de novos modelos de educação e trabalho. Seguiremos, para isso, alguns oráculos do nosso tempo como Antunes (1999) ao antever que a sociedade na qual inserimos a juventude passa por profundas transformações, tanto nas formas de materialidade das relações humanas quanto na esfera de subjetividade, dada às complexas formas de existência hodierna. Isso, segundo ele e vários estudiosos que o precede, está atrelado à crise experimentada pelo capital, bem como suas respostas traduzidas em novas formas de organização como a reestruturação produtiva da era da acumulação flexível que mudou o mercado de trabalho e, dada a rapidez do processo, algumas gerações entraram na universidade sonhando com um modelo de trabalho e saíram para um mundo que vive uma crise histórica sem precedentes de natureza estrutural, profunda, que afeta todo o conjunto da humanidade e que impõe algumas mudanças fundamentais na maneira pela qual o metabolismo social é controlado criando o esgotamento de sua capacidade

civilizatória e ampliando sua capacidade exponencial de produzir mercadorias e concentração de riqueza, conhecimento e poder e sua incapacidade de distribuir e de socializar a produção para o atendimento das necessidades humanas básicas. Para não esquecer a sabedoria oracular de Frigotto (2001) devemos lembrar da hipertrofia do capital financeiro especulativo que ameaça o pilar fundamental do Capital e um dos pilares fundamentais para a juventude após sua formação: oportunidade de trabalho.

Na leitura dessa nova esfera socioeconômica, há que se acrescentar que o Capital - centrado no monopólio das novas tecnologias microeletrônicas, associadas à informática - rompe fronteiras e globalizações e cria uma nova lógica no sistema produtor de mercadoria que resulta num novo processo produtivo que promove o “crescimento econômico e mais produtividade”, mas utilizando-se de um trabalho marcado pela precarização, aumento monumental do exército industrial de reserva bem como do número de desempregados. Nas palavras de Antunes (1999) eles que foram formados para serem competitivos (escravos) através de uma educação de competência e habilidades nos campos cognitivo, técnico, de gestão e atitudes,

Enquanto o Brasil preparava seu Enem¹ em 2002 já nos moldes de formação para “as competências do século XXI”, Pochmann (2002) em sua obra “*O Trabalho sob Fogo Cruzado*”, delineava alguns argumentos formulados pelos principais ideólogos do pensamento neoliberal através do desvendamento dos discursos de Friedrich von Hayek e Milton Fridman, desenvolvidos entre as décadas de 40 e 60 do século passado. Essas datas e essas condições sócio-histórico-econômicas serão norteadoras do panorama que faremos nessa pesquisa. Nele acompanhamos jovens brasileiros em suas trajetórias de formação e trabalho e veremos reveladas as tensões constantes nas relações de trabalho que vieram acompanhadas de uma formação moldada pelo próprio Exame Nacional do Ensino Médio. No capítulo dedicado ao trabalho empírico ficará visível a falácia do ideário de que o jovem é o principal responsável pela sua empregabilidade e que esse deve se dedicar a uma formação cada vez mais especializada para estar apto para competir no mercado de trabalho formal.

Dito de modo mais narrativo, os jovens entraram pensando - principalmente os jovens dos fins dos anos 90 e início dos anos 2000 - que encontrariam, no sacrifício da

¹ O Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) foi fundado pelo Ministério da educação (MEC) em 1998, no Brasil, com o objetivo de examinar a qualidade do ensino médio do país. Contudo, passou a ser também um dos maiores processos de seleção para o ingresso nas universidades. Esse exame adquiriu uma grande dimensão e deixou de ser somente um verificador da aprendizagem para ser o mais importante processo avaliativo da educação no ensino médio e por isso, bastante pleiteado.

formação, o sucesso profissional, mas o quadro de diminuição das oportunidades de empregos, sobretudo para os grupos sociais mais vulneráveis, o avanço nos processos tecnológicos e de produção e as condições de construção de trajetória ocupacional que compreende hoje contratos de aprendizagem, trabalho precário, temporário, em tempo parcial, levaram os jovens que sonhavam com um futuro brilhante a uma realidade de trabalho sombria (BORGES, 2008).

A esse quadro agrega-se o discurso vendido de que o problema da empregabilidade do jovem reside no fato de que, em geral, os alunos são preparados para serem ótimos empregados e para crescerem no interior de uma organização, mas que é preciso prepará-los para serem empreendedores e criar inovações (SOUSA & POCHMANN, 2021). Surge no bojo da grande crise, a geração que desenvolve habilidades, atitudes e ações empreendedoras como saída para a crise do trabalho assalariado e sua “oportunidade potencial” termina sendo a de se transformar em motorista de Uber com diploma de engenharia.

Nesta tese, apesar de entender todos esses prismas, nos ateremos à construção de trajetórias através de um estudo de resgate de memória de jovens que não chegaram a mim como páginas em branco, mas com marcas históricas, sociológicas desde suas primeiras formações que ajudaram a compor o que são: jovens brasileiros que entraram na universidade nos últimos 23 anos com a ideia de - através dos estudos – estarem no caminho para o sucesso profissional.

Diante desse cenário, indaga-se, em que medida, as expectativas desses jovens na entrada da universidade correspondem/correspondiam ao que foi alcançado na sua trajetória no mundo do trabalho. Em outras palavras, a partir da pergunta norteadora dessa tese volto ao encontro dos jovens que ensinei e de minhas memórias socioeducacionais a fim de refletir a partir da realidade dos jovens que entraram na universidade entre 1998 e 2021, período da minha prática como professora, para entender de que maneira mudou o processo educacional e quais impactos isso teve no trabalho desses jovens em sua trajetória depois da universidade.

Sou nascida brasileira, baiana e originária de uma cidade, onde “estudar faculdade” é para filhos de vereador e pastor. Na minha rua, concluir o ensino médio era o ápice dos mais bem sucedidos. Contrariando essas verdades e com um salário-mínimo para sustentar seus cinco filhos, Maria das Graças, filha de Maria Madalena e irmã de Maria Raimunda e outras tantas “Marias Severinas” fez de sua profissão: professora, uma verdade para seus filhos que não tiveram sapatos ou jogos, mas livros e estudos. Por isso,

orgulhosamente ela teve uma filha (eu) que levou 7 anos para se formar em letras porque precisei ajudar nas contas da família, outro filho como um dos primeiros bolsistas PROUNI numa universidade particular de direito e os outros cujos caminhos mais abertos puderam lhes dar lugares mais distantes: um tenente da polícia, outra doutora em Lisboa e outro palestrante em todo o Brasil.

Esses passos lentos não foram obstáculos permanentes na estrada. Parafraseando o Pequeno Príncipe², estar atrasado não quer dizer que não se chegará. Nesse meu caso, fui professora, empresária e montei uma *startup* de educação que levou centenas de jovens do interior a entrada na universidade nos últimos 23 anos. O que entendo dessa história - e qualquer um que ler essa tese entenderá - é que a minha história não é excepcional. Como eu e meus irmãos, um número muito maior de jovens no Brasil alcançaram a universidade. Apesar disso, essa condição não se tornou permanente. Se voltarmos para a mesma rua e ouvirmos outras “Maras” veremos que elas lutam para sustentar a família em empregos precários. Enquanto escrevo essa tese de doutorado, estudantes de minha antiga escola, em Uruçuca, no Ensino Médio batalham para entrar numa faculdade à distância e, dada à precariedade da educação em nosso país – sobretudo nesse momento em que o neoliberalismo comanda a educação nacional – não estão certos de que seus filhos terão acesso ao ensino superior público já que eles não podem arcar com uma universidade privada. Não posso dizer de outro modo, há poucas pontes para que as próximas gerações possam sair dos abismos a que estão submetidos e entenderem que depois da linha do horizonte não há um abismo, mas um novo continente.

Essa “causa”, esse “valer à pena” eternizado por Fernando Pessoa me moveu a desenvolver um estudo sobre a trajetória de 44 jovens de 1998 a 2021, que estudaram em escolas públicas e privadas representando diferentes perfis sociais. Nesse processo histórico, tiveram a oportunidade de frequentar a universidade para que o Brasil – ampliando sua formação – pudesse garantir trabalho decente e condições de desenvolvimento. Assim, aceitaram o convite e foram aos milhões realizar o Enem, trocar os cursos técnicos pela “medicina”, “direito”, “relações internacionais” e aceitaram quase mais uma década de estudo pelo sonho de salários maiores, condições de trabalho mais dignas de que seus pais e um Estado que, além da política de lhes dar acesso à educação, estaria também preparando o mercado para receber os doutores, advogados e engenheiros que construiriam o “novo Brasil da ordem e do progresso”. Em outras palavras, a “Pátria

² Obra do escritor Saint Exupéry

Mãe Gentil” lhes enviou a universidade, mas não suportou o tsunami neoliberal que devastou o país “gigante pela própria natureza”.

Essa geração, sobretudo os que viveram o golpe de 2016 viu seus sonhos de entrar na universidade cada vez mais dificultados com a não ampliação do número de vagas em universidades públicas e um aumento vertiginoso de universidades privadas, incluindo sobretudo vagas em cursos como medicina que, amparados pelos financiamentos do governo como o FIES, ofereciam a esses jovens, depois do ENEM, a oportunidade de “financiar” seus sonhos. Junta-se a esse percalço as crises econômicas e políticas que o Brasil enfrentava. Esses jovens destemidos e crédulos, foram à luta e “sem lenço e sem documento³” estão entrando no mercado de trabalho “sem nada no bolso e nas mãos” e ainda pagam o preço das diferentes formas de buscar seu sonho. Alguns estudaram e trabalharam, outros passaram anos e anos em cursos preparatórios ou juntando as economias familiares para pagar uma universidade privada, outros se formaram e não encontraram na promessa feita o propósito de suas vidas. Entre os discursos de “novas competências”, “novas formas de trabalho”, “produtividade”, “empreendedorismo”, os jovens viram seus futuros hipotecados e a sociedade do cansaço lhes tirou as forças (HAN, 2015).

Já mergulhados num ambiente de crise, observaremos a geração dos anos 2017 – 2021 que vivencia de forma muito mais forte o resultado catastrófico dessa promessa rompida - fruto do vertiginoso crescimento do neoliberalismo em nosso país criando consequentemente o atual sistema econômico que afeta gravemente a conquista do trabalho decente e o desenvolvimento tecnológico. Pelo contrário, enquanto os jovens estudavam e discutiam a criação de experiências para seus currículos, com seus orientadores, novos modelos de produção e gestão reduziam ainda mais os postos de trabalho e, por conseguinte, suas esperanças. É certo dizer que o desemprego é uma condição global e que foi ainda mais alargado no período em que essa geração se formava sem muitos horizontes. Mas no Brasil, esse fenômeno assume um patamar mais grave. Ao quadro já depreciado, das políticas governamentais concernentes a gestão econômica e social a partir de 2015 somaram-se, em 2020, os impactos da pandemia da COVID-19 e as políticas que se propuseram a enfrentá-las, mas que redundam em um quadro no qual os empregos precarizados aumentam e os sonhos de um futuro melhor diminuem.

³ Trecho retirado da música Alegria, Alegria de Caetano Veloso.

O quadro pintado nos parágrafos acima poderia ser traduzido pelo “o Grito” de Munch ou “Guernica” de Pablo Picasso, mas considerando que a ciência que move esse trabalho é humana, porém se expressa não em pinturas, mas na produção de quadros humanos desenharemos nesse trabalho o panorama do jovem estudante brasileiro pré-universitário que participou das 23 edições do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) de 1998 a 2021. Além desse quadro, a partir da visão Freiriana da reflexão da prática pedagógica como ato social é que será proposto uma análise desses anos em que o ensino feito a esses indivíduos ultrapassava a dimensão da linguagem das perguntas antes de serem linguagens de respostas.

Por tocar no prisma da pergunta, não posso deixar de apontar os meus primeiros passos no caminho dessa pesquisa em 2019, ainda amamentando Gabriel, nascido assim que comecei minha jornada do doutorado em que lia e fichava Sanchez Gamboa (2013) nas madrugadas. Sobre esse primeiro passo, algumas recomendações nutriram essa questão:

A pergunta não tem sentido em si mesma, nem se origina espontaneamente, ela se situa em um contexto de possibilidades e em uma relação entre a necessidade problematizada e um sujeito sensível e crítico que se depara com essa necessidade e tem a capacidade de problematizá-la. [...] As perguntas surgem perante a dúvida. A dúvida é a grande gestora do conhecimento. [...] A dúvida ganha força quando se origina no mundo da necessidade. É a necessidade concreta específica de uma dada condição humana historicamente situada que desencadeia as dúvidas e as indagações, que justificam e qualificam as perguntas concretas, merecedoras do investimento histórico dos homens para obter respostas e soluções para essas necessidades.” (GAMBOA, 2013, p. 45/96);”

Dos meus primeiros fichamentos à história da filosofia que traz exemplos de autores como Sócrates que destacam a importância da pergunta como a chave do conhecimento, busquei não ser como os educadores que trazem respostas sem genuínas perguntas ou que não entende o prisma desafiador da pergunta para que ela não gere respostas generalizadoras e repetidoras. Queria uma pergunta que trouxesse em si uma proposta de resposta nova, criativa e que servisse para estimular um trabalho que contribuísse para resolver verdadeiros problemas essenciais, existenciais e sobretudo sociais do meu país. Desse modo, encontrei na pergunta simples, já apresentada mais acima dessa introdução, o caminho da minha maçã de Newton, da minha teoria da gravidade. Eu queria entender os percursos dos jovens, suas formas de reagir e porque alguns ainda estavam inertes ao contexto histórico a que estavam submetidos.

Nessa perspectiva, interessada na questão, como Shakespeare⁴ em suas composições, construí da seguinte forma: em que medida, as expectativas dos jovens que ensinei ao longo de minha trajetória como professora quando entraram na universidade correspondem ao que eles alcançaram nas suas trajetórias no mundo do trabalho?

Para Raymond Quivy e Luc van Compenhondt (2005), dois dos que me acompanharam na montagem dos meus primeiros passos, a investigação em ciências sociais não se difere do pesquisador petrolífero que não pode perfurar ao acaso, mas que para ter sucesso une competências de outras áreas do conhecimento como de um geólogo que determina a zona geográfica a ser perfurada e, além disso, um método de trabalho. Da metáfora geográfica para a realidade da montagem de um projeto de tese coerente, coeso e eficaz em que minha capacidade de pesquisadora unia minhas potencialidades leitoras, foram longos meses. Não posso deixar de destacar o norte que me ajudou a compreender minha própria história entrelaçada com o pesquisar através da tese de Frigério (2018) e o momento do centenário de Paulo Freire que aguçou leituras reflexivas sobre a prática educacional e a Pesquisa-Participante em que o pesquisador vivencia o seu objeto de estudo para coletar dados. Esses combustíveis me ajudaram a entender que entre minha história e minha pesquisa era possível produzir o caminho teórico necessário. No concernente a reflexão sobre Paulo Freire, alguns consideram que o contexto mudou e que os modelos educacionais precisam acompanhar essas mudanças, os contextos mudaram, mas as demandas são as mesmas. Afinal, qualquer andança pelas escolas brasileiras permite a constatação que a educação nacional ainda não apresenta índices satisfatórios de qualidade nem tampouco dá mostras de superação da dominação pela elite. Os anseios do mestre em suas andanças de alcançar melhores condições de vida, equidade e justiça social ainda exige que novos professores continuem a caminhada porque ainda persiste a desigualdade e as grandes contradições orquestradas pelo Capitalismo que abarca tudo, inclusive a educação (FREITAS; PIMENTEL; LEPIKSON; TAVARES, 2021).

Numa defesa crescente, ao longo de toda essa tese, estará também a interdisciplinaridade, alicerce de minha visão de que para desenvolver ciência é preciso nexos com outros conhecimentos. Portanto, de forma bastante clara, a ciência dialoga para

⁴ William Shakespeare foi um poeta, dramaturgo e ator inglês, tido como o maior escritor do idioma inglês e o mais influente dramaturgo do mundo citado aqui por sua famosa pergunta “ser ou não ser eis a questão” na obra Hamlet.

produzir novas visões, por isso esse trabalho também se ampara nas minhas formações em Juventude pela FLACSO Argentina e em Educação pelo IPE-UNESCO.

Depois de juntar todos os elementos de saberes, chegou o momento de criar o mapa para perfurar corretamente o terreno de minha busca apresentado aqui através dos objetivos:

Objetivo geral:

Conhecer as trajetórias de estudo e trabalho de um grupo de jovens que fizeram o Exame Nacional do Ensino Médio de 1998 a 2021 cotejando-as com as expectativas que eles tinham no início do percurso quanto à inserção acadêmico-profissional.

Objetivos específicos:

- Descrever a evolução do ENEM desde sua primeira edição até 2021 através da narrativa de minha trajetória como professora ao longo desses 23 anos refletindo nas mudanças ocorridas no Exame Nacional e na educação brasileira;

- Compreender o autoconhecimento do jovem brasileiro na sua trajetória educação - trabalho oferecendo insights sobre sua visão;

- Apresentar um panorama das expectativas e realidades, frustrações e realizações dos indivíduos quanto ao ingresso na universidade e sua inserção no mercado de trabalho;

- Produzir novas evidências a partir da percepção de jovens que realizaram o Enem em diferentes anos e realidades sociais, sobre suas trajetórias entre educação e mercado de trabalho para subsidiar políticas e programas para as juventudes.

No âmbito metodológico, trata-se uma pesquisa qualiquantitativa, bastante usual em ciências sociais uma vez que permite a apreensão do fenômeno e do objeto de estudo por prismas distintos. Apesar de mista, o uso majoritariamente da pesquisa qualitativa permitiu, na criação do panorama e dos insights, estabelecer fenômenos por meio da população estudada e aquiesceu uma maior adequação das ferramentas de coleta para que se obtivesse maior qualidade na interpretação como também serviu para ilustrar dados quantitativos usados nesse trabalho apresentando nuances que foram dadas pelos entrevistados para situações históricas e sociais vividas. No processo, investigou-se indutivamente as trajetórias juvenis através de questionários e análise de uma produção textual, buscando discutir e refletir sobre a interpretação dos dados coletados seguindo o tratamento de coleta de dados proposto por Bardin (2011), com diferentes sujeitos que habitam/habitaram grandes centros educacionais baianos, respectivamente Salvador, Vitória da Conquista e Itabuna, Eunápolis e Ilhéus-

Seguindo o programa de Políticas Sociais, de onde nasce essa tese, que tem como foco produzir mudanças alicerçadas no princípio de que a memória social é um dos mais importantes instrumentos de transformação e com vistas norteadoras a uma reflexão assinalada por Tandler (2009) na obra *Utopia e Barbárie* entendemos que os que vivem as margens da sociedade de hoje não serão capazes de inserir seus filhos num lugar melhor amanhã. Os jovens que não têm oportunidade hoje não poderão ser cidadãos participativos e contribuintes para o mundo do porvir. Mas, esse desenho não é o único desenho possível e as contribuições das ciências de denunciar, dar voz e assinalar caminhos podem transformar utopias em realidades.

Essa tese, além da introdução está dividida em 4 partes:

O capítulo Estado da Arte será, então, dedicado a um estudo histórico sociológico das teorias da juventude apresentando desde as principais escolas até a visão do estudo na América Latina e no Brasil para depois se debruçar nas questões temáticas da juventude como protagonismo juvenil, educação e trabalho. As vozes teóricas desse capítulo não se restringem aos especialistas nas ciências sociais visto que, como aponta Santos (2019), a produção do conhecimento em ciências exige uma amplitude de vozes. Afinal de contas, muitas outras ciências estudam e tem a dizer sobre juventude tornando-a, portanto, um objeto multidisciplinar que passa pelos estudos de biologia, psicologia e mesmo de ciências jurídicas quando se dedica às questões como minoridade e violência.

O capítulo dedicado à metodologia apresentará o percurso metodológico com o itinerário de estruturação da coleta e tratamento dos dados empíricos e, em seguida, o capítulo dedicado a educação terá um tom de narrativa na qual as questões históricas ligadas às mudanças na educação nacional serão contadas tendo minha trajetória profissional como pano de fundo. Nele serão discutidas as mudanças no debate sobre formação à luz dos discursos de teóricos como Paulo Freire até as novas teorias de formação baseadas no empreendedorismo e desempenho individual. É importante assinalar que o propósito da tese não é de propor informações memoriais sobre o cotidiano, mas ligar a prática docente à realidade social educacional brasileira, num percurso capaz de deixar revelado algumas transformações nos discursos e valores relacionados à educação pós-moderna, passando pelo surgimento do Enem e seu impacto na educação nacional.

De posse desses elementos apresentados nesses capítulos, a tese será finalizada no capítulo quatro em que se apresentará os resultados da pesquisa empírica através de infográficos, gráficos tabelas e outros recursos traçando o perfil desses jovens, suas visões

e análises dos seus textos num panorama de suas expectativas e realidades já explicado antes nessa introdução.

Ao orientar a análise no sentido de compreender esse novo mercado de trabalho para essa nova juventude, compreendemos em plano teórico e empírico que os jovens brasileiros não terão garantia de um emprego decente para a maioria dos que entrarão no mercado de trabalho na próxima década. Além disso, observamos no horizonte deste futuro prenunciado em diferentes dados e pesquisas, que a sua formação, vendida como discurso da garantia de sucesso disseminada amplamente, não será uma arma eficaz frente à atual condição de precarização do trabalho impulsionada pelo avanço do neoliberalismo no país. Com esperança, as considerações finais serão propostas nas últimas páginas da tese, em que, desde as primeiras linhas, assinala-se que o problema concernente a esse trabalho não se trata de um problema humano de uma só raiz e, portanto, a junção de todas as ciências, bem como de todos os meios científicos não esgota a condição de explicar, administrar e resolver a atual condição jovem. Mais profundamente, não é um problema de um país e não envolve apenas um fator.

Parece que todos esses “nãos” formam uma espécie de capítulo de negativas de uma obra machadiana. O que quero dizer, no entanto, é que o intuito do que escrevi nas páginas que se seguem e que pretendo apresentar nas linhas finais não se trata de uma complexa equação ou uma teoria sociológica relevante, mas “um sinal de fogo”, como os muitos estudos com os quais dialoguei. Dito de modo menos machadiano, as considerações finais desta tese pretendem produzir respostas para garantir novas embarcações capazes de levar a um porto seguro a juventude brasileira no século XXI. Isso será feito com o fito de contribuir para pôr fim a condição dilemática dos jovens de hoje que estão presos aos contos de fadas do capitalismo neoliberal e que vivem como Peter Pans na Terra do Nunca sem alcançar a maturidade.

Esses jovens que conheci em minha jornada continuam atravessando pontes e seguindo rumo ao progresso segundo as etapas da socialização em instituições destinadas a integrá-los no seio da sociedade. Infelizmente, esses não conseguem chegar ao outro lado, o lado da vida plena de família, emprego e apesar de terem doutorado, mestrado e as competências solicitadas, continuam sem emprego, sem família e sem futuro (GROPPO, 2017).

Terminando esta breve introdução como comecei, a presente tese não foi escrita em condições normais nem pretende normalidade. Ela segue a mesma chama de Hannah Arendt de se abster de pensar e depositar confiança em velhas ou mesmo novas verdades.

A história que a autora eternizou foi de um momento em que o mundo conheceu muitos períodos de tempos sombrios, em que o âmbito público se obscureceu e o mundo se tornou tão dúbio que as pessoas deixaram de pedir qualquer coisa à política além de que mostrasse a devida consideração pelos seus interesses vitais e liberdade pessoal. Não estamos em guerra, mas estamos em guerra. Espero, de certa maneira, que essa tese seja luz (ainda que de uma vela) para reavivar a fraternidade, a ciência que produz mudança e ilumine, sobretudo, o âmbito público do meu país - tão escuro que quase nos esquecemos do seu poder de iluminar.

1. ESTADO DA ARTE

“As pessoas com mais idade já têm opiniões formadas sobre todas as coisas e já não vacilam, não hesitam perante as dificuldades da sua vida. A nós, os jovens, custa-nos manter-nos firmes nos nossos pareceres por vivermos numa época em que mostra pelo seu lado mais horroroso, em que se duvida da verdade, do direito, de Deus.”

Anne Frank

Esse capítulo foi delineado metodologicamente com vistas a trabalhar conceitos de Sociologia da Juventude para, nessa compreensão, explorar visões sobre o que é ser jovem na América Latina e no Brasil - especialmente nos últimos 23 anos, e propor temáticas ligadas ao mundo do jovem e seus desafios como protagonismo, autonomia, formação e mercado de trabalho. Apesar da crença de que em uma boa tese o ponto de partida da discussão deve ser “o recorte do recorte”, não se pode ir ao mar sem antes aprender a navegar e, nesse trajeto, há que se aprender a nadar para poder velejar sob os mares da pesquisa. Para além, antecipadamente a esses dois feitos, faz-se mister realizar a descoberta do oceano e em qual direção se seguirá para se chegar à linha do horizonte.

1.1 OS OLHARES TEÓRICOS PARA OS HORIZONTES DE PESQUISA SOBRE JOVENS

Nosso primeiro olhar para o oceano da pesquisa sociológica se deu na descoberta do francês Auguste Comte ainda no ensino médio nas aulas em que sociologia era aprender sobre “biografias de homens que já tinham morrido”, mas feito “coisas importantes por nossa sociedade”. Desse primeiro olhar até o de ensinar planos e medidas simuladas em textos para resolver problemas sociais como a grande questão do Enem, passaram-se alguns anos. Ainda assim, essa primeira aprendizagem (mesmo simplista

para alguns) foi um passo fundamental para a formação da pesquisadora de hoje e amante do poder da educação aprendida nas primeiras leituras de Freire (2005; 2016; 2019). Por isso, é pertinente assinalar aqui que os passos até a praia, a construção do barco e, depois, o percurso da descoberta não se fez, nesse trabalho, apenas no capítulo de metodologia, mas na própria montagem teórica em que aparece - em primeiro plano - o autor em questão. O fato dele (Augusto Conte) ter cunhado o termo sociologia e ser o primeiro a pensar (registrar) sobre a evolução da sociedade em torno de sua ideia da lei dos três estados é um marco fundamental para essa pesquisa e para os estudos de Sociologia da Juventude no que se refere ao estudo geracional (ABRAMO & BRANCO, 2005 ; FEIXA & LECCARDI, 2010; LEMOS, 2013; OLIVEIRA; PICCININI, & BITTENCOURT, 2012; CAMARANO, 2003).

Como um dos pais fundadores, também relevante na formação teórica que queremos esboçar, Durkheim (2020) deu à sociologia um objeto próprio. Acima de tudo, buscou diferenciar a sociologia da psicologia e da biologia trabalhando para definir essa primeira como uma disciplina científica autônoma. Em seu livro *As Regras do Método Sociológico*, o pesquisador definiu o objeto da nova disciplina como fato social. Formalmente, definiu-o como uma forma de agir, pensar e sentir externo ao indivíduo e que se impõe a ele considerando-o como "coisa". De modo mais exato, sua contribuição expande-se ao aplicar um método científico emprestado das então triunfantes ciências experimentais. Suas considerações sobre a necessidade de descartar o que é o sociológico das "pré-noções" foi fundamental para a sociologia, no que concerne as ideias preconcebidas que todos podem ter sobre esses fenômenos sociais em virtude de seu pertencimento à sociedade. No meu caso, foi indispensável para que minha visão de ensino aos mais de 10.000 jovens que passaram pelas salas onde ensinei não fosse de vê-los como "egoístas", "alienados" ou outros tantos cunhos dados a "geração internet".

Seguindo essa visão é que esse presente trabalho considera fundamental começar pela definição sociológica do grupo social em estudo: os jovens. Porque é imperativo entender como esse conceito mudou na historiografia da sociedade e principalmente porque o centro nevrálgico desse trabalho é a voz desse grupo social. Contudo, para ouvir e entendê-los primeiro foi preciso não ignorar a noção elementar de Pereira (2007a) de que existe respostas diferente às mesmas perguntas e os anseios tão distintos desse grupo social se explica pelo fato de que não há um jovem ou uma só juventude, mas juventudes e essa visão está clara em reconhecidos autores que aparecerão ao longo desse trabalho.

À luz desse olhar sociológico, faremos um breve mergulho em definições do “ser jovem” amparando-nos em algumas das importantes reflexões feitas a esse respeito para tratar de outras temáticas que nos permitirá ver, nos perfis que apresentaremos, o jovem brasileiro que nesses 23 anos teve seus atos eminentemente influenciados pela sociedade e sofreram os danos colaterais de serem um dos grupos mais vulneráveis frente as tempestades políticas e econômicas que atravessamos.

Importa dizer que o desejamos aqui é destacar as regularidades do ser jovem para transcender os números e fazer aparecer o jovem por trás das estatísticas, políticas públicas e formações como ele é: vulnerável, precarizado e com seu futuro hipotecado pelos que imaginavam ser guardiões dessa geração (BRAGA, 2017; CASTELLS, 2013; OIT, 2012; BECK, 2011; GIDDENS, 2002; CAMARANO & KANSO, 2012; ANTUNES, 2018).

Para pontuar historicamente, por muito tempo, os jovens têm sido vistos como um vetor de mudança social, seja do lado dos garantidores da ordem pública, que estão preocupados com ela, ou do lado dos progressistas ou revolucionários, que se alegram com ela. Para questionar a noção de juventude como única, devemos primeiro questionar sua definição ou sua indefinição, ou seja, levar em conta o que especifica a noção de juventude, mas também o que a torna frágil - essa resposta é clara no percurso histórico que traçamos. Dito de modo mais estruturado, a noção de juventude como categoria social realmente apareceu na década de 1950, após a Segunda Guerra Mundial muito depois da noção de infância que aparece no século XVIII quando os infantes deveriam não perturbar a família e eram criados para começarem a ser “pequenos adultos”. Somente no século XIX, começam a aparecer os perfis que conhecemos: os jovens burgueses que recebem o ensino médio, as mulheres ricas que aprendem a ler e vivem dos folhetins e bailes e, por fim, os jovens trabalhadores que seguem os passos do pai no trabalho (INJEP, 2001).

Depois dessa primeira classificação ou enquadramento, a verdadeira noção do ser jovem e suas singularidades nasce em tempos sombrios pois foi no período entre guerras que surgiram os primeiros movimentos da juventude católica, que estabeleceram a missão de supervisionar a juventude da classe trabalhadora e, concomitantemente, muitas manifestações juvenis se tornam uma preocupação do Estado. Nesse contexto, a juventude torna-se forte quando organiza em todo o mundo movimentos sociais desde o marco de 1944 na França, passando pelo *Young América* nos Estados Unidos como assinala Widmer (1999) e os movimentos estudantis no Brasil descritos por Braga (2013). Nesse mesmo período, em que jovens transformavam a sociedade, as ciências sociais

definiam a Juventude como o tempo durante o qual se prepara, aprende e se socializa passando a ser uma categoria relevante e, portanto, necessitada de políticas específicas.

Para muitos teóricos, a tarefa global do indivíduo seria adquirir uma identidade positiva, à medida que avança de uma etapa de desenvolvimento para a seguinte. Nesse construto, a comunidade influencia e dá reconhecimento aos novos indivíduos que emergem em suas sucessivas e provisórias identificações. A criança começa a construir expectativas de como gostaria de ser no futuro a partir de como se sente como criança e, através desse olhar, começa a formação da identidade estabelecida por meio de sucessivas elaborações e reelaborações do ego na infância. Nesse percurso de formação de si, o indivíduo passa pela redefinição de sua identidade quando deixa o lar materno, casa-se, vira pai ou, ainda, muda de trabalho. O êxito com que enfrentava tais mudanças de identidade estava determinado parcialmente pela capacidade para superar as crises de identidade adolescente.

Outros teóricos definem esse momento da juventude em relação às suas transformações fisiológicas como um período de mutação psicológica ou moral. É também o tempo da liberdade, imbuído de um espírito de curiosidade cujo florescimento leva à descoberta de sua própria vocação e, sociológicos começam a se interessar por estudar e escrever sobre esse grupo social surgindo, portanto, diferentes escolas e divisões de estudo. Sem trabalhar à exaustão essa questão, destacamos três que influenciaram muito os estudos de Juventude, inclusive no Brasil.

Segundo Chapouli (2001) a *Chicago School* criou uma pesquisa inovadora que partia da desorganização social para entender o desvio juvenil. Nela, a partir de 1923, os pesquisadores investigaram os processos urbanos e esse modelo muito influenciou os estudos de sociologia de Braga (2017) na busca de entender juventude e violência, a juventude nos espaços urbanos de Harvey (2004) e muitas pesquisas associadas à psicologia e juventude concentradas nas experiências juvenis para compreender o declínio das formas de controle e destacar os processos na origem do desvio. Esses últimos estudavam gangues de jovens meninos e adolescentes em bairros pobres de grandes centros urbanos de perto através do desenvolvimento de posturas de observação. Esses trabalhos ocorreram no limiar do ideário iconoclasta de que os jovens estavam na origem da mudança social. Também enriquecedora, foi a concentração dos estudos nas relações internas entre as gerações e nas relações entre as gerações. Portanto, eles situam a juventude em uma relação geracional. Eles também estudam a cultura jovem observando a capacidade de assimilação das normas e valores para integrar a juventude

(noção de cultura dominante), mas também observando como os movimentos juvenis são portadores de valores alternativos, como a possibilidade de adquirir conhecimento e *know-how* através da socialização entre pares.

Uma outra importante Escola de Sociologia da Juventude surgiu na Inglaterra nos anos 50 e 60 na Universidade de Birmingham no Centro de Estudos Culturais Contemporâneos. Segundo Mattelart e Neveu (2018) esse era um centro marcado pela desordem, paixão e efervescência criativa que são características de "estados nascentes". Parte da inteligência empreendedora dos sucessivos diretores do centro foi saber como confrontar projetos compartilhados de pesquisadores com preocupações e referências heterogêneas. Essa atenção à renovação das ferramentas do pensamento crítico nunca se transformou em ortodoxia – o centro era um caldo de cultura de importações teóricas, de ajustes inovadores em objetos antes considerados indignos do trabalho acadêmico e foi nele que se desenvolveu um importante trabalho iniciador da Sociologia da Juventude na Inglaterra com a descoberta da juventude proletária e de formas de delinquência juvenil. Entretanto, somente dez anos depois é que as pesquisas sobre a juventude floresceram de fato nesse lugar, através de estudos em torno dos jovens da classe trabalhadora, que viviam nos subúrbios, estavam desempregados ou em situações precárias e, a priori, excluídos dos modelos culturais de massa da classe média. Os pesquisadores seguidores dessa linha consideram a cultura jovem como um instrumento de resistência. Aqui, as expressões culturais referem-se à divisão de classes com uma cultura dominante e dominada. Conforme Santos (2000), a subcultura juvenil, criada a partir da cultura da classe à qual se pertence e de códigos juvenis, é uma possibilidade de negociar espaços simbólicos que permitem resistir à cultura dominante. Essa luz inglesa influenciou no Brasil pesquisadores e trabalhos em grandes centros acadêmicos nacionais e inflamou movimentos juvenis em todo o mundo (LARANJEIRA, 2017; ORTEGA Y GASSET, 1987)

Na França, desde a segunda metade dos anos 60, o debate fundamentou-se principalmente na questão da existência da juventude como um grupo social relativamente homogêneo. Conforme Pereira (2007b), para alguns sociólogos, a juventude era uma faixa etária homogênea com sua própria cultura, mitos e rituais. Para outros, como Bourdieu (1984), "juventude é apenas uma palavra" e é definida por mecanismos de classificação, desclassificação e reclassificação. Em outras palavras, na França, o debate se dava em meio a uma sociedade em processo de mutação que deixava o status de sociedade industrial - marcada por classes sociais - avançando para uma

sociedade definida por uma cultura de massa. Essas diferenças de opinião podem ser explicadas, em suma, pela forma como os sociólogos construíam seu objeto de pesquisa: alguns se concentraram no princípio da especificação, procurando diferenças dentro do grupo, outros se focalizam no princípio da agregação, procurando identidades que fossem distintas do resto da população. Dois importantes temas emergiram na pesquisa sobre a juventude na França: a extensão da juventude e as experiências de socialização. Essas duas visões contribuíram para formar uma geração de sociólogos que se debruçaram sobre tal certame.

Aprofundando-se um pouco nessas duas questões, que serão mais tarde aplicadas no questionário dos jovens que comporá parte dessa pesquisa, o prolongamento da juventude tem Chamboredon (1966) como ícone por recusar-se a aceitar a explicação de que isto se devia simplesmente ao declínio da expectativa de vida. Seu grande feito foi colocar o processo no contexto da extensão da escolaridade. De fato, muitos aspectos sobre a juventude que são aclarados pela trajetória teórica do autor apontam como o lugar da infância e da juventude na sociedade mudaram significativamente, influenciando debates sociológicos a respeito de suas análises. Assim, o aumento da preocupação social com a "juventude", tal qual a evolução das instituições para "infância" e "adolescência" levaram Jean-Claude Chamboredon a questionar a diversidade social e os conflitos que estão por trás desses nomes singulares. Ele também auscultou as transformações sociais (escolarização em massa, extensão dos estudos nas classes trabalhadoras, o aumento do trabalho feminino etc.) que conduziram a uma redefinição das faixas etárias da vida - certas categorias como a "adolescência" não eram mais prerrogativa das classes dominantes, que antes eram as únicas a serem educadas após a infância. As instituições educacionais passaram a ser o foco das lutas entre grupos sociais para impor-lhes "definições sociais" da criança e, portanto, dos métodos de socialização que devem prevalecer (BONNÉRY, 2016).

Contra esse discurso ilusório, devemos nos perguntar se a novidade é tão importante quanto se diz, se está localizada onde está situada e, finalmente, se as causas são apenas demográficas. Os comportamentos dos adolescentes refletem o advento de uma nova geração, permeada por uma mentalidade diferente, ou são ditadas apenas pela obediência transitória aos modelos da faixa etária adolescente? E se assim for, a novidade é a redefinição dos limites dessa faixa etária (começando mais cedo e terminando mais tarde) ou uma extensão para adolescentes de outros grupos sociais dos privilégios tradicionais dos adolescentes das classes privilegiadas? Em ambos os casos, quais são as causas dessas mudanças? A análise sociológica deve responder a essas perguntas tentando compreender como, em cada classe social, são definidos os

limites da faixa etária adolescente, caso contrário, vamos cair na ilusão culturalista. Pode ser, de fato, que o grupo de "jovens" seja apenas uma abstração e que onde vemos um grupo indiferenciado há apenas o produto da sobreposição parcial de grupos definidos de forma diferente em cada classe social.

Seremos convencidos da importância das diferenças culturais entre adolescentes de diferentes origens sociais se soubermos que, mesmo em uma população de estudantes de literatura, ainda são sujeitos a diferenças relacionadas à origem social que determinam diferentes práticas e gostos. A proporção de sujeitos que demonstram uma familiaridade bastante grande, nascida do conhecimento direto, com obras artísticas, varia significativamente de origem social. (CHAMBEREDON, 1966, p. 157, tradução da pesquisadora)

Acrescenta-se a esse quadro de estudos de jovens a visão de Ariès (1972) de que a adolescência e a juventude foram constituídas em grupos etários através da escola. Uma das consequências do prolongamento da escolaridade era a falta de preparação dos jovens para entrar na vida adulta. Olivier Galland (1991) foi mais longe e tratou da individualização da passagem para a vida adulta. Para ele, a relação entre as gerações mudou do modelo de identificação para o modelo de experimentação. O adolescente se tornou um objeto psicológico, enquanto a juventude se tornava uma nova era de vida. O foco estava então nas etapas da passagem à idade adulta, considerando a juventude como uma fase de transição negativa e negligenciando as características positivas da juventude conforme descreve na *Sociologie de la jeunesse* (2011) na conclusão de sua primeira parte:

Várias imagens da juventude desfilaram diante de nossos olhos, imagens que são uma composição complexa da realidade das condições sociais de existência da juventude da época em questão, das representações que a sociedade está construindo, representações que, por sua vez, têm um efeito definidor, pois é verdade que um grupo social só existe através das categorias de representação e designação elaboradas e sedimentadas gradualmente. Essas representações muitas vezes estão sujeitas a influências ideológicas totalmente externas aos próprios jovens, que gradualmente constituíram uma categoria privilegiada através da qual os medos e fantasias da sociedade se expressam.

Mas as imagens que uma era dá de "sua" juventude sempre têm algo a ver com a realidade social, seja que elas a reflitam pelo menos em parte ou de forma distorcida, ou que a transcendam e, assim, inaugurem uma nova representação que eventualmente imporá novas formas – específicas a cada meio social – de "ser jovem". Um trabalho mais ambicioso e necessário seria melhor ligar a produção social do significado da juventude às condições gerais de transformação de uma determinada sociedade (GALLAND, 2011, p. 55-56, tradução da pesquisadora).

Outro ponto determinante é a própria divisão dessa obra propondo-se em sua primeira parte *a pensar na juventude*, em seguida *passar pela juventude* destacando pontos como ritos, passagens e questões etárias e, no mesmo capítulo, fazer um aprofundamento relevante sobre a questão geracional chegando à parte final que ele denomina de “*Vivendo a juventude*”. Nesse último capítulo, o autor discute compromissos, valores e crenças bem como sociabilidade e lazer. O destaque para suas reflexões sobre trabalho e juventude se dá de muitas maneiras como a em que se discute juventude e trabalho:

No contexto geral da massificação escolar, aceleração da mobilidade social e maior mobilidade dos papéis, a juventude não é mais aquele momento de ajuste instantâneo que foi feito por um lado entre indivíduos com determinadas habilidades e posições, por outro lado entre uma identidade social e uma profissão. Os dois processos de alocação e socialização estão se tornando mais complexos: é necessário tanto construir a definição social do seu lugar na sociedade, quanto combinar essa definição com uma posição profissional. Às vezes é o trabalho de definição que é longo e difícil, às vezes é o trabalho de construção prática do cargo, e muitas vezes são as duas operações que, sucessiva e alternadamente, assumem um longo processo de ajuste gradual. Nesse processo de ajuste, o diploma assume cada vez mais importância. Tanto para os jovens quanto para as empresas, ele não necessariamente dá, como foi o caso no passado, uma imagem clara e imediata da "profissão". Mas é o passaporte essencial para acessar um certo nível socio emotivo. [...] Um fenômeno duplo parece estar no trabalho que explica a radicalidade da frustração sentida por alguns jovens em dificuldade: uma polarização social da juventude acompanhada de um movimento de homogeneização cultural.” (GALLAND, 2011, p. 173, tradução da autora)

Em 1973, François Dubet abriu outra via de pesquisa baseada nos mecanismos de socialização da juventude, articulando as experiências dos atores e as limitações do sistema como se vê no Brasil em estudos como (AMARAL, 2016; WAUTIER, 2003; CUBA, 2013). Em sua pesquisa buscou achar respostas para como os jovens conseguem, trabalhando sobre sua identidade, dar sentido a suas vidas, afastando-se das restrições de papéis e alcançando uma certa autenticidade. Esta nova abordagem desenvolve-se na França e difunde pelo mundo através de uma sociologia de experiência que se aplicava a diferentes figuras sociais da juventude. François Dubet estudou os jovens de duas formas: os estudantes do ensino médio e os excluídos. Nos anos 90, ele observou que, enquanto até então o diploma tinha desempenhado um papel essencial no estabelecimento de lugares em um espaço hierárquico, a massificação da escolarização avançava para uma desvalorização desses mesmos diplomas. A abertura do sistema escolar criou diferentes

filtros que tornavam possível a separação dos alunos. Ele também estava interessado nos jovens excluídos, dos quais ele desenvolveu seu conceito de *galère*. Para o pesquisador, esses tinham um sentimento de estar na fronteira entre a pertencimento cultural e a exclusão. A essa condição paradoxal acresce-se o racismo direcionado aos jovens imigrantes. As reações dos jovens são, levando em consideração sua classificação, raiva ou integração comunitária.

Um salto teórico nos traz Bourdieu (1998) e a parte de sua obra em que discute Juventude propondo a socialização como a possibilidade de uma pessoa integrar os códigos e costumes em vigor na sociedade em que vive. Cumpre dizer que a primeira forma de socialização identificada pelos sociólogos é a socialização primária que ocorre dentro da família e na escola através da transmissão geracional. O teórico destaca a complexa parceria que existe entre os dois. Na sua obra, mostrou o investimento dos pais em seus filhos, as estratégias de ascensão social acessíveis através do sucesso acadêmico evidenciando como os jovens se constroem como "herdeiros". Cabe aqui um importante esclarecimento sobre essa noção de herança em sua obra: tal termo tem um sentido muito mais amplo do que o senso comum. Portanto, para além da riqueza econômica, o sociólogo assinala que também herdamos um sobrenome, um nível cultural, uma rede de relacionamentos que formam o "capital" do indivíduo - Pierre Bourdieu estava particularmente interessado nas disposições culturais transmitidas dentro da família. Cumpre assinalar também para esta tese, e em especial para as análises de opinião dos jovens que são entrevistados neste trabalho, levamos em consideração a abordagem de tal escritor acerca da importância do patrimônio cultural e não o do patrimônio econômico no funcionamento das sociedades pós-modernas.

Sua visão influenciou muitas pesquisas no campo das ciências sociais no Brasil no que se refere ao papel da família na formação desse "capital" do mesmo modo que estudos sobre a juventude tem pesquisas ligadas fortemente as suas teorias principalmente no que concerne a sua visão da falta de assinalamento de estratégias de investimento escolar no conjunto das estratégias educativas e no sistema de estratégias de reprodução que é a transmissão doméstica do capital cultural. Para além, ele mostrou, em seus estudos, um amálgama progressivo das oposições entre "as duas juventudes" esboçando em sua visão do "ser jovem" a construção de uma definição social da juventude pensada não como uma unidade social ou um grupo constituído (dotado de interesses comuns com referência a uma idade definida biologicamente) mas como uma sequência de trajetória biográfica - uma "idade da vida", um estado intermediário, "meio criança, meio adulto",

"nem criança, nem adulto". Nesse traçado teórico, Bourdieu (1979) trabalhou uma questão basilar para as ciências sociais e para esse trabalho que é o conflito de gerações, lembrando que muitos conflitos de geração são conflitos entre sistemas de aspirações constituídos em diferentes idades e se originam também nas oposições entre "detentores" (dos patrimônios e das posições) e "pretendentes".

Com o mercado econômico, que desenvolveu uma necessidade de consumir e empreender cada vez mais, veio a crise dos anos 60 que trouxe consigo novas instâncias de socialização incluindo a juvenil. Com o reconhecimento da juventude como uma categoria social surgiu o conceito de socialização secundária. Esta socialização não é mais de adultos para crianças, mas entre pares. Os jovens se socializavam entre si, experimentando os limites estabelecidos pela socialização primária. De modo mais claro, a sociedade os impulsionava a se socializarem ao longo de suas vidas a fim de se adaptarem aos submundos encontrados em diversos estágios do ato de viver. Alain Vulbeau (2004) caracterizava esta nova forma como "socialização do terceiro tipo " que requer constante adaptação e destacou, em seus estudos, a noção de "socialização recíproca". De fato, o encontro constante de diferentes "mundos" empurrava cada ser a produzir seu próprio conhecimento transmitido, a posteriori, através de uma adaptação recíproca muitas vezes num processo inconsciente. Esta posição de acolhimento dos conhecimentos específicos permitiu a criação de uma relação que dá a todos "um lugar".

Tal cognoscibilidade sobre essas três escolas permite a assertiva de que a sociologia da Escola de Chicago contribuiu para o desenvolvimento de uma sociologia da juventude na Europa (1970 na Grã-Bretanha, 1980 na França). Além disso, cumpre pontuar que até aquele momento, a juventude ainda não tinha suas próprias teorias e era abordada através de outras teorias tais como "mudança social" ou "reprodução social", etc. Na França, a juventude ainda hoje é definida em relação às experiências históricas e culturais e às questões sociais ligadas aos mecanismos de distribuição dos indivíduos na estrutura social, situação teórica semelhante ao que se vê nos estudos do Brasil.

1.2 A CONDIÇÃO JOVEM NO CAMINHO DOS TEMPOS SOMBRIOS: UM PANORAMA HISTÓRICO SOCIAL

Na linha de estudos sobre juventude, para além das grandes escolas é preciso também, num trabalho que se presta a ouvir os jovens, analisar as dimensões basilares de sua condição: juventude como fase de desenvolvimento do ciclo de vida e também como

“condição de vida” socialmente organizada e institucionalizada. Mas, como mais adiante desta tese trataremos de participação da juventude, importa assinalar quais são os avanços desses jovens individual e coletivamente nos seus percursos de vida com as condições que lhe são oferecidas.

Para este trabalho, foi angular entender, em primeiro plano, as distintas formas de definição de juventude e, entre esses posicionamentos, os estudos que intentam delimitá-la em termos de idade. Cumpre dizer que essa visão é comum na esfera política e das atividades em torno de organizações sociais, sobretudo aqueles que trabalham sob a égide da integração dos sujeitos. Essa divisão em faixa etária atinge o propósito de saber quem é o beneficiário contemplado de tal política, programa ou atividade. Assinalando não ser uma visão única, e por sua natureza incompleta dado a complexidade de determinar o “ser jovem”, novos conceitos como “idade social”, “jovens adultos” ou mesmo marcos biográficos como a emancipação familiar ou a finalização dos estudos são vistas como fundamento. Tais construtos conceituais levam os estudiosos que os defende a classificar como jovens indivíduos com 35 anos estudantes de mestrados e doutorados, por exemplo, e portadores de uma identidade que progressivamente vem se alongando e emaranhando-se na complexa forma desregrada e fragmentada de viver do presente século (CARDOSO & NOVAIS, 2009).

Cumpre dizer também que a questão conceitual mais importante é a que vê a juventude sobre o prisma geracional e enxerga o jovem de 18 anos de hoje completamente distinto do que se via há 20 anos atrás. Naquele momento em que eu começava minha carreira com cerca de 19 anos sem nem mesmo ter terminado a faculdade (porque não considerávamos uma etapa tão importante de aprendizagem), era o sonho da juventude ter um emprego para ajudar a família, comprar um carro e sair da casa dos pais. Nessa linha, finalizar a formação obrigatória e entrar no mercado de trabalho eram os dois únicos passos para alcançarem a vida adulta. Na atual conjuntura, os jovens pensam em fazer a faculdade como parte obrigatória e não mais facultativa de seus estudos e antes do mercado querem um MBA para “ter mais experiência”. Com efeito, o fato de ter 18 anos significa apenas liberdade “para dirigir e usar álcool” - não implica mais estar pronto para a vida adulta.

Para nosso trabalho também direcionamos nosso entendimento do “ser jovem como fase de transição. De uma perspectiva psicológica (COLEMAN, 2008) e sociológica (PARSONS, 1942; SCHELSKY, 1957), a juventude foi originalmente definida como uma fase de transição e não apenas como um grupo de idade ou como uma

geração. Para ficar ainda mais claro, transição, grosso modo, é a aquisição de capacidades e de direitos ligados à vida adulta. Esse conceito tem um viés conservador, pois considera a socialização como uma espécie de ação unidirecional.

Nas sociedades industriais e pós-industriais modernas, essa visão do processo de transição tem sido questionada nas últimas décadas. Isso tem ocorrido em função das mudanças que vêm ocorrendo na (s) “juventude (s)” visível no Brasil em que o processo de transição para a vida adulta apresenta características diversas conforme a condição social. Há os que passam mais anos na formação superior e há os que nem conseguem finalizar o ensino médio. De modo mais conceitual, existe muitos fatores que coadunam numa sociedade para uma diversificação dos itinerários em direção à vida adulta ou a “maturidade.”. Nesse contexto, as visões unidirecionais mencionadas acima não são mais relevantes. Nas sociedades pós-modernas, os indivíduos determinam qual será sua posição na idade adulta por meio de um processo de "negociação", em vez de simplesmente seguir os caminhos previamente traçados pela sociedade.

O que levamos em consideração ao estabelecer, inclusive, o conjunto de jovens participantes desse trabalho é que, de forma quase generalizada, no contexto social contemporâneo, a condição de transição é heterogênea, descontínua e com rupturas cada vez mais rápidas – o valor de uma formação pode mudar antes mesmo do aluno terminar a universidade escolhida. Desse modo, numa sociedade cujos status são cada vez mais reversíveis e transitórios em que ser “casado”, “adulto”, “estudante”, “trabalhador” e mesmo questões como gênero e nacionalidade passam por questionamentos e por construções de novos estados, a consciência de uma definição de juventude é paulatinamente sem linearidade ou uniformidade. Essa porosidade conceitual cujos espaços cada vez maiores tornam o exercício de definir o ser jovem mais denso foi norteadora desse trabalho que está inserido na análise de um grupo social que sofre os impactos da modernização econômica e social principalmente as consequências de uma longa escolaridade e da atualização das qualificações profissionais.

Também Mörch (1999) vê a juventude como uma categoria social própria. Essa condição é realizável pelo fato de não trabalharem e viverem nas residências paternas. Assim, não são uma classe que deve ser vista como “em transição para” pois essa condição tornou-se uma importante categoria sociológica, prática e política em si mesma, haja vista o seu potencial mobilizador que não passa pelo trabalho, mas seu ativismo social que veremos um pouco mais à frente desse capítulo. Além disso, e como Mörch (1999) aponta, a condição juvenil não desaparece porque mudou seu “estado de

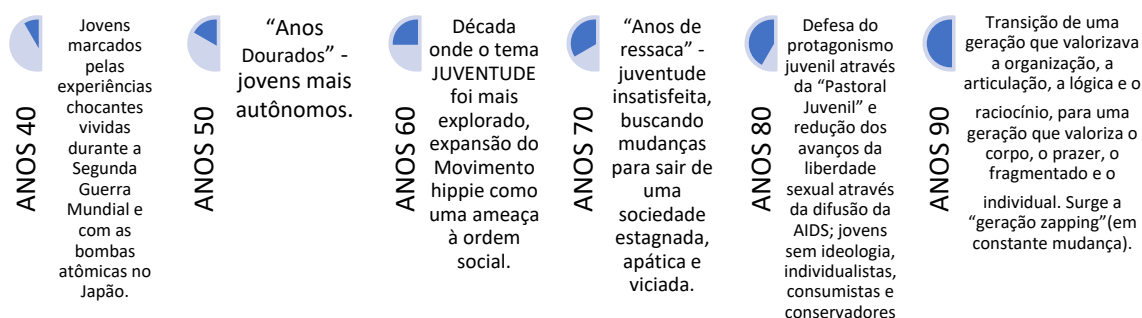
transição”, mas, ao contrário, é diversificada e institucionalizada. Em suma, "juventude" ou "condição juvenil" tornou-se uma forma de ser com características específicas que a diferenciam de outras categorias sociais como "infância", "idade adulta".

Para além das questões conceituais já colocadas, também nos dedicamos ao entendimento dos estudos de juventude na América Latina e Brasil para captar como esses conceitos foram se desenvolvendo e moldando os estudos na atualidade. Os marcos históricos principais do surgimento de estudos nesse sentido se dão nos anos 80 - notadamente marcado como um período de significativas mudanças e de novos ordenamentos no quadro político da sociedade vigente. O Brasil inicia seu processo de abertura política após um longo período de ditadura militar, possibilitando o surgimento de novas organizações da sociedade civil e da sociedade política. Nesse momento, um chamado a juventude é feito para contribuir na mobilização e participação do novo desenho de Estado incluindo um novo modelo educacional. Tal contexto estendido a quase toda a América Latina fez crescer uma crise dos paradigmas teóricos aplicados aos problemas das sociedades latino-americanas que tornava imperativo o surgimento de novas abordagens e teorias assim: Merton & Merton, (1968), Bendit & Miranda (2017), Abramovay (2009), Abad (2002) construíram novas linhas de pensamento da América Latina para responder a uma nova modalidade de pensamento e trabalho, focando-se na descrição e análise de aspectos particulares do desenvolvimento juvenil. Na ordem do discurso e com marcos importantes de foco de organismos internacionais as ações promovidas pelo “Ano Internacional da Juventude” das Nações Unidas em 1985 também contribuíram para florescer trabalhos e desenvolvimento de estudos de paradigmas da ação social.

As contribuições teóricas e analíticas de Alain Touraine segundo Gadea & Scherer-Warren (2005) em relação às realidades políticas, sociais e culturais da América Latina, ao apontar a dinâmica da modernidade latino-americana também foi vital. O sociólogo francês foi um dos poucos pensadores contemporâneos europeus que pensaram a democracia, a modernidade e os sujeitos sociais no contexto da América Latina. Sua visão da modernidade latino-americana permeada por uma inevitável tensão: a que se estabelece entre "universo instrumental" e "universo simbólico", aliado à sua análise da potencialidade política e social subjacente às ideias de "sujeito" e "ator social" incendiaram os estudos científicos da época e influenciaram estudiosos da juventude e de diversos outros campos das ciências sociais.

Avançando na retrospectiva, pode-se sintetizar as principais características relacionadas à juventude, nesse quadro apresentado por Dick (2003):

Figura 1 – Principais características dos jovens e sua representação nas décadas



Fonte: (Dick, 2003, p. 237 – 256).

Seguindo o mesmo panorama, durante os anos noventa, a pesquisa juvenil recebeu um forte impulso com a atividade de agências governamentais e multilaterais de cooperação e houve um florescimento de pesquisas com jovens em quase todos os países da América Latina desde a elaboração de diagnósticos, passando pelo desenho de políticas até o processo de difusão de conhecimento científico em revistas especializadas. No início dos anos 2000, a atividade acadêmica começou a ganhar uma independência que possibilitou o desenvolvimento de um campo de especialização universitária, para além das agendas e conjunturas das políticas públicas e sociais e frutificou-se trabalhos com maior profundidade teórica e analítica ligados a particularidades dos jovens da região (ABAD, 2002; MIRANDA, 2007; REGUILLO, 2000). Cabe, portanto, inserir mesmo o ENEM - Exame Nacional do Ensino Médio como uma das formas dessas novas políticas voltadas para juventude que envolvia desde buscas pela formação até a ideia de ampará-los em seu primeiro emprego.

De 2010 em diante e colocando em evidência trabalhos de organismos internacionais para a juventude e espaços mais amadurecidos de pesquisa fez surgir diferentes linhas que vão da juventude e saúde até protagonismo juvenil (ABRAMOVAY, 1999; DUARTE, 2006; CERBINO, 2012; URZUA MARTINEZ, 2015).

O objetivo maior em expor esse olhar sobre os pesquisadores e sua evolução é para firmar que o campo de estudos da juventude na América Latina é amplo, dinâmico

e possui uma história de mais de 40 anos de produção original e localizada. A riqueza dos trabalhos nas diferentes correntes e temáticas é evidente na participação de pesquisadores e especialistas em fóruns, congressos e publicações a nível regional e internacional.

1.3 QUESTÕES FUNDAMENTAIS PARA UMA CONSTRUÇÃO DE VISÃO DE JUVENTUDE

Dos gregos e suas paixões pela juventude como condição de sucesso de uma sociedade, passando por uma juventude massacrada pela guerra mundial até “os jovens do confinamento”, estudar a juventude é uma forma de construir rotas para o futuro. Nesse tempo tão sombrio, a juventude hodierna traz hoje as marcas do sofrimento psicológico e mora nos menores e mais superlotados apartamentos em busca de oportunidades nas grandes cidades. As atuais circunstâncias sanitárias e econômicas resultaram para eles na perda do emprego, na impossibilidade de frequentar a escola e se socializarem e são, cada vez mais, impulsionados para um futuro muito mais pobre e precário. Por tal quadro, medidas seminais são urgentemente necessárias na construção de um novo rumo para essa geração. Afinal, qualquer abordagem sobre jovens, mesmo as do senso comum, são enfáticas em ressaltar que eles são a promessa do futuro e que esse sacrifício pelo qual estão passando é grave para eles, é grave para a nação, é grave para o que estamos edificando como estrutura para a humanidade no porvir. Porque, ao invés de serem preparados para resolverem os grandes problemas do nosso século, sofrem o risco de serem uma “geração problema”. Em outras palavras, as consequências da pandemia dificultam a capacidade das juventudes de se projetarem no futuro e ampliam as fraturas da sociedade uma vez que eles espelham os valores do lócus em que vivem. Seguindo essa premissa, é factual entender em que espelho se perdeu a face da América Latina e as buscas constantes para que esses “narcisos do século XXI” não se afoguem nos espelhos dos seus smartphones ou considerem que a vida é um episódio de sua série preferida da *Netflix*⁵.

Em primeiro lugar, esse capítulo é, sem dúvida, um modo de buscar entender o jovem da América Latina em seus anseios sociais. Afinal, a pretensão é propor aqui um estudo no campo das ciências sociais como defendia Marx - produzir conhecimento

⁵ Netflix é uma provedora global de filmes e séries de televisão via streaming sediada em Los Gatos, Califórnia, e que atualmente possui mais de 208 milhões de assinantes.

verdadeiramente científico e, mesmo não tendo microscópio, estudar “pequenas partes”. Nesse caso, temáticas ligadas aos jovens para posteriormente entender esse jovem. Por isso, aparentemente fizemos, nessa parte da tese, um salto ou “mudamos rapidamente de assunto”. Isso ocorreu porque não é nossa intenção caminhar a passos lentos pelas teorias que compõem os estudos de Sociologia da Juventude. A apresentação feita nas páginas anteriores tinha o intuito mostrar sua rápida evolução entre não classificação juvenil para os jovens como parte integrante das políticas de um país para depois tratar das questões concernentes sobretudo sua participação na sociedade, seu modelo educacional, sua autonomia bem como a questão laboral juvenil dentro do novo contexto do mercado de trabalho no presente século.

1.3.1. Inserção Laboral Juvenil

Compreender a mudança no mercado de trabalho à luz da sociologia e da economia é crucial para quem pretende entender a inserção laboral. Da ideologia neoliberal, passando pela teoria crítica até a teoria keynesiana que criou os anos de ouro do capitalismo e uma leitura inovadora dos problemas e do desemprego é fulcral ver as concepções de mercado de trabalho.

É com a visão de Keynes (2012) de trazer de volta o Estado que o mundo sai da pós-guerra. No Brasil, a receita econômica aplicada durante a maior parte dos dois mandatos presidenciais de Lula, de 2003 a 2010 continha vários elementos dessa base teórica, apesar de sabermos também que a política macroeconômica, naquele período, seguiu várias proposições neoliberais. Sob o comando do ex-líder sindical, o governo brasileiro gastou, os consumidores consumiram, e a economia cresceu. Alguns anos depois, um golpe e o Neoliberalismo se impôs como regime destrutivo do país. Mas o que produzimos aqui não é o panorama econômico de governos, mas o panorama da juventude e nesse espaço o que mais pretendemos é entender a questão do trabalho para a juventude nas condições socioeconômicas em que estão inseridas.

Há muitos teóricos que se ocupam de explicar a questão do trabalho no século XXI. Eles vão da teoria do capital humano, passando pela concepção crítica da força de trabalho até a análise dessa nova razão do mundo proposta por Dardot e Laval (2016) que coloca o capitalismo como criador de sujeitos econômicos que tenta superar e ultrapassar os outros na descoberta de novas oportunidades de lucro. Os mesmos autores alertam também que nesse “novo mundo” o processo de mercado constrói seu próprio sujeito e nele os princípios éticos ou estéticos nada valem. Triste constatação para os que entendem

que o mercado precede o capitalismo e era, anterior a ele, um espaço de troca e não de geração de renda.

No atual contexto em que o coração do mercado de trabalho está sendo desmanchado e que a capacidade de trabalho transformou-se em mercadoria para depois a terra ser e agora o dinheiro em si mesmo, o olhar de Hayek (1991) sobre a divisão do conhecimento como um dos problemas centrais da economia numa sociedade estruturada pela fragmentação do trabalho em que ninguém sabe tudo e onde a dispersão informacional transformou-se numa condição constante criou uma economia de mercado que é uma economia de informação. Nela as motivações individuais impelem os indivíduos a fazer o que devem fazer sem que ninguém tenha que lhes dizer para fazê-lo utilizando-se dos conhecimentos que eles são os únicos a deter ou buscar (DARDOT; LAVAL, 2016)

A reflexão de Castel (2013) serve de alerta para essa condição:

Devemos levar a sério a presença em nossa formação social de um número crescente de indivíduos afetados pela nova situação que vem se desenvolvendo ao longo dos últimos trinta anos como consequência da transição para o novo regime do capitalismo. Esta constatação nos leva a questionar os limites da celebração geral dos méritos da promoção do indivíduo da ideologia dominante.

[...]Estamos de fato e cada vez mais em uma "sociedade dos indivíduos" [...] na qual a autossuficiência do indivíduo pode chegar até a postura solipsista de indivíduos tão bem-dotados de recursos e bens que, como os novos narcisistas, se fecham na cultura de sua subjetividade, a ponto de esquecer que vivem em sociedade. Poder-se-ia então falar de indivíduos por excesso. Mas outras pessoas não têm o apoio necessário para poder reivindicar um mínimo de independência social. (CASTEL, 2013, p. 78, tradução da própria pesquisadora)

Seguindo a visão do autor e pensando no mundo do labor juvenil, podemos classificar esse último de “indivíduo padronizado” para quem o direito a ter direitos e as conquistas históricas pouco interferem porque provam que a dinâmica da modernidade trouxe consigo a desqualificação do sujeito. Para ser mais contundente, as ruas cheias de jovens uberizados mostram que esses seres não pertencem a um lugar social que os trata como indivíduos. Portanto, apesar de terem sonhos, medos e desejos eles carecem de recursos para terem autonomia. Recursos para poderem retirar seus anseios dos mundos dos sonhos e realizá-los. Hoje, milhares de jovens que vivem nessas condições e apenas servem ao mercado não são pertencentes ao sistema, e eles, em alguns casos, se transformam em efeito colateral dele.

Há inclusive a culpabilidade analisada nos discursos dos jovens e que também esperamos ouvir em nossa pesquisa empírica de que são vistos como “vagabundos” ou “não trabalham porque não querem” e, portanto, pagam um preço alto por não conseguirem sair de determinados problemas por eles mesmos. Em outras palavras, a força do trabalho não é heterógena e não temos um só mercado de trabalho - o mercado de trabalho do médico é diferente do professor. Enquanto tem vaga para um não tem para outro. Tendo em vista essas diferenças é mister entender que as trajetórias possíveis de espaço são fluídas, que o trabalhador não controla o Mercado e que o Capitalismo escolhe quando vai ao Mercado mudar o limite e depois sair de um país para outro criando ao mesmo tempo desenvolvimento que traz prosperidade e precarização.

“O Mercado está em febre, o Mercado está nervoso”. Apesar de sua vida própria anunciada nas formas como os noticiários apresenta o Mercado qualquer estudo básico de economia sociológica revela que o homem não é um ser produzido para ser apenas “trabalhador”, mas que suas dimensões o trabalho existe como condição de outras conquistas sociais claramente amputadas num mundo onde o aumento das horas de labor e as reduções de ganho são medidas que se impõe a esse novo exército de trabalhadores. É certo que a força de trabalho não pode esperar o melhor momento do mercado de trabalho. A força de trabalho tem necessidades como a de se alimentar e se divertir e que quando não supridas enfraquece o humano em todas as suas formas e dimensões e dissolve seus direitos.

O capital, além de poder decidir quando entra ele pode controlar sua demanda. As crises do capitalismo são sempre crises de superprodução. A principal forma de distribuição do capitalismo deveria ser salarial. O capital nunca envelhece ele troca de tecnologia. O mercado é uma guerra produzida para diminuir os menores. Sobre o assunto em questão há tantos sujeitos a serem discutidos, mas nos ateremos ao jovem que serve de elemento renovador do exército de reserva do capitalismo que exige hoje qualificação não só para trabalhar outrossim para consumir e, nesse processo, se qualificar mais transformou-se numa competição entre trabalhadores não contra o Capital.

Apesar de medidas como cercar o mercado de trabalho criando conselhos profissionais, aceitar níveis mais elevados de exploração ou mesmo migrar para buscar melhores condições de trabalho, a globalização do Capital coloca as competições dos trabalhadores no mundo inteiro e essas estratégias individuais são tão frágeis que os trabalhadores entendem a necessidade de organizações coletivas. Como é o caso dos

motoristas Uber buscando fugir da sua primeira visão de empreendedor de si mesmo e construindo caminhos para criarem seus sindicatos.

Uberização, fragilização do Estado Social, teletrabalho, retirada de conquistas jurídicas que por décadas fortaleceram trabalhadores: novas conjunturas estão a transformar o mundo do trabalho. Nesse processo de mutação é importante o desenvolvimento de estudos para que leituras frágeis do atual contexto social não permitam que aceitemos que, sem políticas protetivas, milhões vivam em precariedade. Em outras palavras, é preciso um novo olhar político para o atual contexto a fim de compreender que a genuína política não deveria ser um processo para o crescimento do capital econômico, mas mola propulsora do desenvolvimento social.

Movido por esse ideário e tomando as reflexões Miranda (2016) e Borges (2007) como base ideológica do processo de desenvolvimento do pensamento é preciso, com um olhar para a história da América Latina e para o avanço do Neoliberalismo, não permitir que a história do trabalho – essa de exploração extrema - se apresente como a tragédia social desenhada na linha do horizonte dos jovens brasileiros e da América Latina que, pelas políticas vigentes, estão longe de alcançar o pleno progresso. É preciso lembrar também das visões de Bourdieu y Passeron (1964) que aplicam a essa equação a questão de que a Escola, quando movida por esses ideais, favorece o aluno que já possui capital cultural sem abrir espaço para desenvolvimento humano.

Como defende a OIT (2019) em suas reflexões sobre a necessidade de construção de uma Agenda de trabalho centrada no humano, é imperativo ações determinadas que melhorem a vida dos trabalhadores e das trabalhadoras, reduza as assimetrias de gênero, reverta os prejuízos causados pela desigualdade a nível mundial e que os avanços tecnológicos – inteligência artificial, automação e robótica, não sejam apenas veículos de retirada de postos de trabalho. Tal contexto desenhado pela Organização Mundial do Trabalho também é proposto na obra *“La inclusión laboral de los jóvenes: Entre la desesperanza y la construcción colectiva”* (2005) ao sugerir em seu panorama algumas políticas de trabalho efetivadas na América Latina ao mesmo tempo que produz reflexões sobre relevantes conceitos para esse novo contexto de trabalho.

O panorama da CEPAL (2020) revela que um número significativo de jovens deixa a escola e aceitam empregos informais bem como aponta a necessidade de melhorar as oportunidades de trabalho para os jovens de toda a América Latina. Isso porque não se trata de um problema de um determinado país, mas deve ser visto como uma questão que atinge a todos os países. No caso do Brasil, o que se tem visto é cada vez mais menos

oportunidades para os jovens exigindo uma necessária interpretação de uma nova forma social que não mais permita discursos de aceitação da exploração sob a égide do “empreendedorismo”, mas permita que os músculos, cérebros e nervos dos mais de 40 milhões de jovens brasileiros possam ser genuinamente sujeitos históricos e, no caso da Bahia, meu local de fala, que eles possam ser mais do que “cordeiros do carnaval” ou “Uber do Réveillon” que são mortos antes de terminar o ensino superior. Novas políticas para a juventude na sua transição para o mercado de trabalho é um imperativo para que jovens possam ter sua dignidade assegurada.

Para fazer essa mudança estrutural, é preciso entender como se metamorfoseia a sociedade e qual seu preço para que, de posse dessa visão, possa se produzir genuínas mudanças estruturais e não somente conjunturais. Em tamanha evidência, o trabalho no Brasil, que há décadas vem se precarizando, encontrou na reforma trabalhista espaço para discussão e, para ser sem rodeios, para ampliar os abismos que já eram desafiadores. As manchetes sobre “o fim do direito do trabalho”, sobre “a carteira verde amarela para os jovens” e do “trabalho intermitente” criou debates acalorados nos campos jurídicos, mas para produzir respostas eficientes e eficazes são necessárias perspectivas sociológicas já que os contextos de mudança produzem contextos de novas formas de educação. Nesse caso, as mudanças do paradigma do trabalho e de reestruturação e inovação tecnológicas criam exigências para uma formação em constante transformação (IBARROLA, 2004). Mais que isso, a precária inserção do jovem no desorganizado mercado de trabalho expressa um modelo excludente de organização social marcado por um cenário de precarização de políticas públicas e de proteção social que deram aos jovens um lugar em um mercado de trabalho em regressão (SANTOS & GIMENEZ, 2021).

Na atual conjuntura nacional em que o neoliberalismo eleva o capital financeiro acima dos valores humanos, a educação também entra numa lógica econômica cujo valor está definido na bolsa de valores e a produtividade é medida por lucros e não por formação para a melhoria da sociedade. A título de exemplificação dessa condição, o programa “Future-se” (cuja cartilha foi desenhada para que a gestão e governança das universidades públicas não sejam somente responsabilidade do Estado) junto às medidas de congelamento de investimento em educação deixam perceber que, nesse estado de barbárie, os governos estão cegos pelo entendimento de que precisamos transpor a responsabilidade educacional para a iniciativa privada por medo da tão famigerada corrupção. Assim, a nação esquece que a corrupção não se limita a desvios de verbas,

mas também se revela quando o governo não cumpre seu papel para com os jovens e seus futuros.

Na ordem do dia no nosso país, constam também o corte de verbas e a tentativa de fechar cursos superiores que não formam os “novos homens” – outrora os empregados para o modelo fordista, hoje os empreendedores prontos para a “uberização” e “servidão consentida”. Nessa circunstância de mudanças drásticas do Estado Nacional abarcativo e socializante para o Estado Neoliberal movido pela lógica do “*laissez faire, laissez aller, laissez passer, le monde va de lui-même*”⁶, entender a formação dos jovens como medida imperativa para a preservação da democracia e cidadania é fundamental para que as conquistas dos últimos anos não se esfaquem sob a égide do “necessário progresso” que desenvolve a economia, mas não a sociedade.

Esse olhar que aponta a falta de segurança econômica, as assimetrias de oportunidades e justiça social – e, em última instância, a fragilidade do tecido social da sociedade global, com um rasgo evidente na sociedade brasileira encontra na obra de Ricardo Antunes (2018) um importante ponto de reflexão pois, para o autor, bilhões de homens e mulheres dependem de forma exclusiva do trabalho para sobreviver e encontram, cada vez mais, situações instáveis que levam ao flagelo dos seus empregos.

Diante desse quadro assinalado pelo autor, o diálogo social pode desempenhar um papel fundamental para garantir uma gestão das mudanças em curso nos atores do mundo do trabalho. Como parte integrante desse grupo que pretende estar no palco dos diálogos está essa tese escrita como um convite a refletir sobre a condição de trabalho do nosso local para tornar a práxis aliada a teoria.

1.3.2. **Formação**

É factual, mas necessário pontuar que é através das instituições de ensino que a sociedade efetiva a sua leitura do mundo e cria as condições efetivas para aprimorar a transformação social e produtiva (AMORIM, 2017). Por tal importância, os processos de transformações sociais visam como crucial as instituições de ensino. No atual contexto, a nação brasileira possui um modelo educacional marcado por processos governamentais que produziram direcionamentos ideológicos distintos, mas terminou numa educação garantida por lei para todos os cidadãos com laicidade e acesso gratuito. Apesar dessa conquista jurídica, longos passos ainda precisam ser dados para que os milhões de jovens tenham educação e que os que recebem esse benefício sejam mais que números e possam

⁶ “Deixe-o ir, deixe-o passar, o mundo vai por si mesmo.” Frase símbolo do Liberalismo.

gozar de uma educação de qualidade. Essa entendida como um bem social e um direito de todos cuja medida qualitativa implica numa educação de qualidade para todos a fim de que todos possam dialogar num nível de igualdade com o mundo e ter assim, uma educação inclusiva e de qualidade propiciadora de autonomia (FREITAS,2019).

O papel do Estado - de ser responsável pleno pela educação e garantir mais do que acesso, condições plenas de aprendizagem - tem sido posto em xeque num país que remodela sistemas educacionais sem tornar o professor um dos protagonistas dessa mudança. Portanto, pilares de novas políticas educacionais precisam ser erguidos sobre as frágeis pontes que separam o Brasil da condição de país que assegura educação para todos de um país de torna a educação um apêndice do Estado e instrumento de lucro das empresas especialistas em educação para o lucro.

Segundo o Censo Educacional, o Brasil possui uma população de cerca de 2,5 milhões de professores para formar mais de 200 milhões de cidadãos. Para instruir um contingente tão substancial, o desafio de elevar os índices educacionais não pode ser vencido sem um avanço na política educacional para direcionar, qualificar e incluir os já existentes e os novos educadores do novo milênio. Tomar medidas ousadas e transformadoras para direcionar a educação nacional é essencial. Portanto, um plano de ação pautado em políticas de diálogo e da cooperação científica como fundamento para a mudança que o Brasil precisa é um passo crucial na construção das já assinaladas passarelas para o futuro de uma educação de qualidade.

Apesar do atual contexto em que o Neoliberalismo enfraquece o Estado de Bem-Estar Social, inclusive a educação que hoje serve aos interesses do mercado e apresenta qualidade para uma minoria que pode pagar por ela, não podemos nos esquecer que a mesma é responsabilidade indelegável do Estado e deve ser oferecida a todos os cidadãos de maneira eficiente de modo que esses consigam aprender aquilo que a sociedade considera valioso através de um sistema educacional eficiente.

Em outras palavras:

O Estado exerce seu papel de sujeito jurídico garantidor de direitos, ele também assume a obrigação de assegurar que a educação oferecida seja de qualidade. Em uma perspectiva integral, considera-se que a educação escolar de qualidade é aquela que consegue: cumprir os propósitos e objetivos definidos (eficácia); fazer uso adequado de recursos materiais e humanos (eficiência); eliminar desigualdades e injustiças em acesso, processos de ensino e resultados da aprendizagem (equidade); e distribuir conhecimentos considerados valiosos (pertinentes e relevantes) para a formação de indivíduos a serem educados. (UNESCO, 2016, p.72)

Não há dúvidas que, no processo de garantir educação de qualidade, a práxis docente é um desafio singular e os jovens são um dos que mais precisam desse suporte. Do seu percurso como do apóstolo ao profissional autônomo, muitas visões pedagógicas e modelos educacionais foram construídos, mas como em quase toda a América Latina, apesar dos avanços evidentes nas normas e dos pactos globais para uma educação de qualidade ainda estamos muito longe de alcançá-la. Essa constatação pode ser explicada pelas reflexões e pelos debates norteadores das pesquisas no campo da educação ao propor que produzir uma educação de qualidade implica não apenas equidade e eficácia na conquista dos resultados, mas também pertinência e relevância do conteúdo da educação escolar e da formação e contratação de bons professores, o que constitui um desafio enorme no Brasil sobretudo na rede pública. Essa condição fica bem desenhada na reflexão abaixo:

Não há dúvidas de que para atrair indivíduos mais qualificados para a carreira docente devemos melhorar os incentivos salariais e o status social da profissão. No entanto, compreender a eficácia dos cursos de formação de professores, tanto das instituições privadas como públicas, se faz urgente. Para isso, necessitamos de mais pesquisas que foquem nos desenhos curriculares e na capacidade que os distintos cursos têm de preparar os nossos futuros professores para o desafio das salas de aulas das escolas públicas brasileiras. (LOUZANO et al., 2010, p. 564)

Nesse contexto, a formação do professor também evidenciada na obra Políticas Docentes do Brasil: um estado de arte (2011) assinala o importante papel do professor como elemento chave da garantia de uma educação cidadã. Afinal essa só qualifica futuros jovens quando ocorre com professores presentes.

O caminho jurídico que enquadra a educação como direito no Brasil foi mais bem moldado desde a Constituição Federal de 1988 e tem em 1996 o importante marco da criação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação e, 18 anos depois, o Plano Nacional de Educação que determina diretrizes, metas e estratégias para a política educacional no período de 2014 a 2024. Vale ressaltar, porém, que essa conquista normativa secular foi citada pela primeira vez na Constituição de 1934 e até seu texto final em 1948 foram longos treze anos de debates. Sua publicação em 1961 pelo presidente João Goulart, deu sequência a uma nova versão 10 anos depois em plena Ditadura Militar, lei revogada apenas em 1996.

Portanto, na esteira da história dos marcos normativos que discorrem sobre a educação nacional, o Brasil passou pelo ensino jesuítico até a chegada das Aulas Régias em 1772, data da implantação do ensino público oficial no país. Nesses 300 anos até a

chegada de uma lei que foi produzida numa genuína democracia - a LDB de 1996 - o panorama da educação não mudou muito como será apresentado nas reflexões do capítulo 2 dessa tese.

Nesse contexto, cabe lembrar a reflexão de Maquiavel aplicada, por analogia, ao caso nacional: faltam políticas públicas para executar as leis e uma parte significativa da falta de ações e programas que transformem direitos assegurados em ações seminais se deve ao fato de que os políticos se comportam como “embaixadores” das suas regiões e, sem significativo preparo para o cargo, não são movidos pelo Bem Maior do país que resultaria em políticas eficientes e eficazes sobretudo numa área tão basilar para o progresso como é a educação. Outrossim, são movidos pela meta de obter recursos para seu grupo eleitoral e assim, a égide dos interesses privados sobrepõem-se ao interesse público, consolidando e afetando sobremaneira a agenda educacional. (MAINWARING & TORCAL, 2005).

As análises das políticas educacionais existentes na América Latina e a visão do Brasil dentro desse contexto são importantes a fim de entender a formação do jovem não como uma utopia ou distopia, mas como um ato possível que só depende da construção histórica e teórica para que ele não sirva a uma política de crescimento do capital econômico, mas seja formado para o desenvolvimento social do país e de si mesmo. Esta classe está hoje numa condição precária porque é reconhecida apenas como mercadoria e cada vez mais vive sem políticas protetivas recebendo enxurradas de comandos de “novos modelos educacionais” que escondem o risco sistêmico de uma educação que entra em colapso porque, como lembra Marx, as políticas fracassadas de maneiras de educar se repetem não mais como uma tragédia, que é a de ter milhões de analfabetos e outros milhões de graduados desempregados, mas como comédia já que temos em nossas mãos todos os instrumentos para produzir uma educação diferente.

A necessidade de interpretação de uma nova forma social para a formação juvenil aponta para uma ponte kafkiana entre o visível e o invisível que prediz uma formação mais consciente da condição humana desse ser que não quer mais ser explorado e nem aceitar a exclusão como sua culpa. Nessa nova forma social em que novos *corpora* teóricos precisam ser desenvolvidos para empreender leituras clínicas sobre transdisciplinaridade, formação continuada e que coloca mais em evidência a formação de sujeitos autônomos garante que não tornemos os sujeitos do Brasil em predicados diplomados. Numa melhor tradução, hoje, a escola contribui para tornar sujeitos históricos em predicados consumidores.

Diferentemente do discurso da ordem do dia de que a educação está em crise e que é necessária a ação interventiva da iniciativa privada para “salvá-la” de um colapso é preciso, cada vez mais, firmarmos no contrato social e, na busca pelo ideário de que o Estado deve manter uma educação pautada no desenvolvimento do indivíduo. Além dessa visão, este direito deve ser assegurado, sobretudo, de forma coletiva, como um direito a uma política educacional, a ações afirmativas do Estado que ofereçam à sociedade mecanismos para proporcionar uma educação inclusiva e equitativa e de qualidade. Nesse sentido, à luz do princípio da igualdade, o desafio de formar os jovens é um imperativo extremamente necessário para que a escola não esteja a serviço do controle social, mas do fortalecimento do tecido social.

Esses entendimentos revelam que, por muito tempo, estávamos apenas conectados e não antenados no que deve ser uma genuína política de formação para os jovens. Sem dúvida, o que queremos propor nesse trabalho é que devemos estar preocupados em formar bem os jovens se quisermos produzir indivíduos que não vivam num passado contínuo, mas conquistem um processo de serem seres críticos, atuantes e que possam viver sem tutela. Para ilustrar a perspectiva, nossos jovens estão presos numa ilha de formação empreendedora sem saber que há algumas milhas há um continente de possibilidades.

O primeiro desafio para alcançar tamanha capacidade de formação encontra-se no próprio modelo da sociedade brasileira. Num país em que as mobilidades históricas são vistas com estranhamento e a estrutura parlamentar está ligada a arranjos econômicos é quase impossível promover, com efetividade, políticas educacionais que envolvam uma construção dialogada e se consolidem nos contextos de diversidade, desigualdade e distinções ideológicas do Brasil.

Dito de outro modo, as políticas alicerçadas nos interesses dos que governam, quando conquistadas, equivalem às batatas machadianas. Alcançamos as metas, mas ao “jovem vencedor” o que resta? As batatas e quase sempre por ser uma conquista sem significância aceita-se a lógica do mercado na educação e essa lógica do sistema é sem moral porque não se pauta nas razões da democracia e de um ato de educar que deveria ser do povo e para o povo.

Assim, políticas educacionais genuinamente formuladas para apoiar o Estado de Direito e uma cultura de legalidade, formar jovens para se tornarem conscientes e modificarem os vieses, explícitos e implícitos, nas políticas, nos programas e nas práticas que não modelam o Estado de Bem-estar Social, bem como adotar uma abordagem

holística e inclusiva que envolva professores, pais, membros da comunidade e demais instâncias sociais para garantir que a aprendizagem ocorra dentro e fora das escolas, são propostas que servem como caminhos para a produção da educação que queremos.

Ainda nesse contexto, é imperativo um olhar para o mundo mergulhado num sistema econômico pautado em revoluções tecnológicas e o mercado, nesse contexto, em ampliação do lucro e rompimento de sistemas centrados no humano. Essa condição chegou à educação precarizando principalmente os sistemas educacionais de países subdesenvolvidos. É fato que a educação acompanha a sociedade, mas assim como a sociedade resiste a mudanças porque essas impactam em profissões, formações e estruturas de poder, novas formas de educação também encontram resistência e precisam de um contexto societário favorável para permitir avanços e mudanças de paradigmas. Como explica Laval (2019) o mercado toma o lugar do Estado e se torna a instância mediadora que estabelece o valor profissional dos indivíduos. Surge nesses contextos os discursos da “competência” como novas forma de gerir as formações que tem por trás do seu discurso a validação da pessoa pelo mercado profissional.

Ainda nessa equação cabe assinalar o panorama do mercado de trabalho no século XXI. As tecnologias, o avanço do neoliberalismo que permite a diminuição da industrialização para a ascensão do capital financeiro, bem como o surgimento de empregos mediados por aplicativos afetaram profundamente o mercado de trabalho e em especial os espaços de trabalho da juventude exigindo na formação do jovem mais conhecimentos e habilidades transversais e a inclusão de conteúdo para entender ferramentas específicas para o mundo do trabalho. Diante da realidade de subempregos e marginalização, os estudos propostos no capítulo 3 dessa tese servirá como ponte de compreensão das tais "lacuna de habilidades" na formação do jovem e como isso incide no seu futuro.

1.3.3. Regulamentos Oficiais para a Juventude: políticas de educação

Da Assembleia Geral das Nações Unidas que criou em 1985 o Ano Internacional da Juventude, passando pela Convenção sobre os Direitos da Criança até o surgimento da Carta Ibero-Americana de Direitos da Juventude, o mundo e a América Latina têm construído importantes condições de visibilidade para ações a esse peculiar grupo social que é pilar para uma sociedade genuinamente desenvolvida. Na esteira desse processo, o Brasil, nas últimas décadas, desenvolveu ações protetivas para os mais de 51 milhões de

jovens do país como a Secretaria Nacional de Juventude (SNJ) e o Conselho Nacional de Juventude (CONJUVE,2013).

Como em toda a América Latina, a ocupação da Agenda pública com políticas de inclusão dos jovens encontrou no Brasil ações como O PROJOVEM, Programa Universidade para Todos (ProUni), o Fundo de Financiamento Estudantil (Fies) e o Sistema de Seleção Unificada (Sisu) com vistas a ampliar o acesso ao ensino superior, sobretudo para populações em vulnerabilidade social como negros e índios.

Outras grandes frentes sociais foram o PRONATEC, cuja formação direciona o aluno fortemente ao mercado de trabalho, a PEC da Juventude em 2010 e o Estatuto da Juventude em 2013, que dispõem sobre os direitos dos jovens, sobre as diretrizes das políticas públicas de juventude e o estabelecimento do Sistema Nacional de Juventude tornando as políticas para pessoas entre 15 e 29 anos uma obrigação do Estado, independente da vontade de governos.

Apesar dessas conquistas, o Brasil ainda enfrenta um extermínio de mais de 30 mil jovens negros e pobres assassinados por ano, não possui uma Agenda Nacional de trabalho decente para a Juventude realmente efetiva e, apesar de estar ligado aos movimentos globais de Agendas para a juventude nas Nações Unidas, na Organização Ibero Americana de Juventude (OIJ), no MERCOSUL, na União das Nações Sul Americanas (UNASUL) e na Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), os caminhos para a garantia da educação e trabalho dos nossos jovens ainda são muito desafiadores.

Como aponta Dina Krauskopf (2003), embora os discursos recorrentes de que estamos envelhecendo e que idosos estão no centro de muitas políticas de Estado, a pirâmide demográfica ainda não foi revertida e, portanto, a população de adolescentes e jovens continua sendo uma janela de oportunidade para um vínculo demográfico ainda em vigor, base para a busca de um aumento dos investimentos e do resgate de capital humano jovem para resolver problemas de desenvolvimento em países, inclusive para contribuir com a população idosa que precisará ser amparada e sustentada.

Pensando nos direitos desse grupo social, é fundamental entender que não basta apenas construir marcos normativos, mas aumentar substancialmente a capacidade política e legal para garantir a conformidade. Em outras palavras, as leis não bastam, elas devem vir acompanhadas de planos e ações para alcançar perenidade e inclusão dos jovens nas políticas que lhes dizem respeito. Tal conjuntura impõe como medida o

imperativo político de que tais leis venham acompanhadas de instrumentos que acomodem explicitamente os setores da juventude.

Dentre as políticas para a juventude, o cuidado com a Educação e a busca por protegê-la na transição da formação para o mercado de trabalho é fundamental. No Brasil, país desafiado com uma das maiores populações carcerárias do mundo, um elevado índice de desigualdade social que afeta um número substancial de jovens segundo o IPEA e com uma educação ocupando os piores rankings da América Latina nas avaliações internacionais, os desafios para a construção de uma Agenda diretiva de oportunidades exigem uma coalizão de atores sociais para a conquista de tal feito. (CASTRO, AQUINO, ANDRADE, 2009)

Medidas como o Programa Regional de Novas Oportunidades de Emprego, lançado na Cúpula das Américas de 2012, com o objetivo de contribuir para a empregabilidade de jovens vulneráveis, devem colaborar para novos desenhos e até mesmo a criação de um banco de experiências que permita a construção de planos mais acertados, programas mais eficientes e leis que promovam melhores condições para a vida dos jovens na América Latina (MIRANDA & ALFREDO, 2018).

Considerando que as políticas públicas locais são instrumentos cruciais para a construção de uma sociedade participativa, democrática e de direitos, a política de juventude, desenvolvida nos contextos municipais e estaduais é importante na implementação de medidas que, de fato, abarquem os jovens, respeitando seus contextos, culturas e singularidades e, de igual modo, incluindo-os como atores participativos nas políticas que lhes dizem respeito.

Sérgio Balardini (2013) apresenta, através do exemplo da Argentina, experiências, modos de desenvolver diagnósticos e, principalmente, um clarividente olhar sob a necessidade de políticas para jovens serem desenvolvidas localmente já que é nesse território que as ações cumprem seus propósitos de atuarem em uma escala mais humana e abrangente de abarcar as genuínas necessidades e expectativas desse grupo social. Nessa linha, essas políticas devem ser articuladas com as nacionais e estaduais, mas serem adequadas para, sem desvencilhar-se da meta macro, ao mesmo tempo, responder claramente às necessidades e interesses territoriais reconhecendo as organizações locais como importantes atores. Também, os pactos sociais envolvendo Estado deve existir como uma articulação mais bem-sucedida e uma aliança eficaz para o bem da juventude.

José Saramago na obra “Ensaio sobre a Cegueira” nos convida à reflexão de que o excesso de visibilidade pode também provocar cegueira. Na pós-modernidade, tal

analogia aplica-se bem às inúmeras tentativas e múltiplas formas de tentar resolver uma questão tão fundamental: a formação e inserção social do jovem. Ao longo de toda essa pesquisa, foi possível construir uma visão menos embaçada, permitindo a compreensão de que para fazer mudanças estruturais a mudança precisa ser na estrutura e não só na conjuntura. Por isso, retomar o fio da história das políticas de juventude foi um passo importante nesse trabalho, acompanhado da visão de que a educação jovem sempre esteve atrelada a políticas partidárias e sem processo de perenidade (MÈSZARÓS, 2004).

As análises propostas no trabalho dessas políticas no capítulo da narrativa da educação brasileira nos seus 23 anos serão feitas à luz de Boaventura de Sousa Santos (2019) por conceber a educação como um ato possível que só depende da construção histórica e teórica para que ela não seja uma política de crescimento do capital econômico, mas para o desenvolvimento social do país e dos jovens. Diferentemente do discurso da ordem do dia de que a juventude está em crise e que é necessária a ação interventiva da iniciativa privada para “salvar” a formação dos jovens de um colapso é preciso, cada vez mais, consolidarmos o Contrato Social na busca pelo ideário de que o Estado deve manter uma política particularmente voltada para o desenvolvimento dos seus jovens.

Além dessa visão, este direito deve ser assegurado, sobretudo, como um direito a uma política educacional, a ações afirmativas do Estado que ofereçam à sociedade mecanismos para proporcionar à juventude inclusão e medidas equitativas fundadas no princípio da igualdade e do fortalecimento do tecido social. Além disso, é fulcral adotar uma abordagem holística e inclusiva, que envolva os jovens, suas famílias, membros da comunidade, e demais instâncias sociais no caminho para a produção da política para a juventude que queremos.

1.3.4. **Protagonismo**

Os movimentos sociais ao longo da história humana sempre tiveram a participação da juventude. A suposta inércia juvenil foi posta por terra nas manifestações sociais das últimas décadas impulsionadas pelas redes sociais que dá voz a jovens como Greta⁷ e lhe faz dialogar, ou melhor dizendo, “incomodar” presidentes como Bolsonaro⁸ e Emmanuel

⁷ Greta Tintin Eleonora Ernman Thunberg é uma ativista ambiental sueca. É conhecida por ter protestado fora do prédio do parlamento sueco, e por ser a líder do movimento Greve das escolas pelo clima.

⁸ Jair Messias Bolsonaro é um capitão reformado, político e atual presidente do Brasil.

Macron⁹ com sua sinceridade irreverente. A essa nova maneira de manifestação atribuiu-se o nome de 'ativismo na internet'. Os exemplos são cada vez maiores e mais abrangentes, por exemplo, contra a empresa Monsanto¹⁰ e os alimentos transgênicos que produz, além do caso de hackers brasileiros do grupo "BMPoC"¹¹ que alteraram endereços da web gerenciados pela NASA¹².

Mas, o que escrevo aqui não é um apanhado de notícias, mas uma tese, e, portanto, mais do que informação, o que se espera é a análise real dos fatos, as hipóteses testadas, os discursos analisados, e sobretudo, nesse caso, as implicações sociais de tal questão. Na exigência dessa profundidade, cabe dizer que não podemos ficar no conceito genérico basilar do termo “participar”, mas, entendendo sua natureza polissêmica cuja interpretação é mediada por interesses, por ideologia, por valores, por posição social como também por posição nas estruturas administrativas e organizacionais é recomendado compreender a ideia de participar tanto no que se refere à coesão social como, no aspecto não menos importante, à mudança social.

No desenvolvimento da democracia, mesmo em seu berço, a participação sempre foi a medida do desenvolvimento da sociedade. Para os atenienses, a atuação na pólis era uma exigência da democracia, independentemente do saber de cada um dos cidadãos sobre os assuntos de governo. Atualmente, a participação é uma das partes constituintes das relações que se tecem entre o Estado e a Sociedade. No entanto, apesar da abrangência da democracia como sistema de governo, é inegável seu significativo déficit no processo de participação cidadã nas políticas públicas, mas não aplicável a um número substancial de jovens.

Contrariando a lógica da mídia que insiste no enfraquecimento das ações taxando esse grupo social de “juventude Iphone” ou “cidadãos inertes”. Na contramão dessa visão, esses estão cada vez menos satisfeitos em votar e dar “carta branca” aos que os representam. Somando-se a isso, com a estrutura de sociedades altamente desiguais que

⁹Emmanuel Jean-Michel Frédéric Macron é um político, funcionário público e banqueiro francês, atual presidente do seu país.

¹⁰ A Companhia Monsanto é uma empresa multinacional de agricultura e biotecnologia detida pela Bayer. Sediada nos Estados Unidos, do grupo Bayer, é a líder mundial na produção do herbicida glifosato, vendido sob a marca Roundup

¹¹ Grupo brasileiro que utiliza seus conhecimentos tecnológicos para realizar ataques hackers com propósito e causa ligada a questões sociais.

¹² Agência espacial dos Estados Unidos, em protesto contra os supostos casos de espionagens da Agência de Segurança Nacional (NSA) contra líderes de outros países, entre eles, a presidência do Brasil.

se perpetuam sem formular políticas públicas autenticamente inclusivas eles querem que suas opiniões e interesses sejam levados em consideração de forma mais concreta e contínua e não delegam sua vontade, pelo contrário, estão no centro dessa mudança (IULIANELLI & FRAGA,2003).

Para nosso estudo e, sobretudo, para evitar generalizações, é preciso diferenciar a noção de participação cidadã. Segundo Ziccardi (2004), a participação social ou comunitária, é imperativa e, majoritariamente, refere-se às formas de inclusão dos cidadãos nos processos decisórios, incorporando os seus interesses particulares (não individuais) em relação a determinadas questões. Sobre isso, complementa Oszlak (2009) ao propor que há muitos nomes para designar um processo segundo o qual certos atores da sociedade civil se mobilizam. Se a participação é denominada de social, popular, comunitária, cidadã pouco importa a tipologia, o mais relevante é entender em que medida irrompem em um palco público e tentam influenciar as regras e processos que enquadram suas condições de existência e reprodução. Em particular, agem sobre as políticas de Estado e o modo de organização social.

Cabe como relevante também destacar que a problematização e análise da participação devem compreender a complexidade dos cenários em que elas ocorrem (quase sempre pré-existente) para determinar como operam os atores, seus interesses, redes associativas, causas e demandas. Essa análise pormenorizada não interessa a tese que aqui se tece, pois, nosso interesse é, nesse caso, muito mais em descrever os movimentos, não os dissecar, mas vê-los numa espécie de “microscópio social de varredura” para, no capítulo da análise empírica, “varrer” a superfície da amostra de jovens que terão voz nesse trabalho, interagindo com a matéria, gerando diferentes tipos de sinais que oferecerão informações sobre a morfologia e composição social da juventude brasileira nas duas últimas décadas.

Rodrigues (2013) ao descrever os movimentos juvenis da América Latina e apontar traços de tradição e inovação, destaca a impossibilidade de prever o surgimento de novos movimentos juvenis como aqueles que temos visto nos últimos anos e, muito menos, a politização como a dos estudantes chilenos e do movimento “Yo Soy 132” do México. A apatia esperada da inserção dos jovens na sociedade do consumo foi substituída pela força criada por um significativo grupo de jovens de classe média (“integrados”) que optaram por reconstruir (em novas fundações) movimentos clássicos e estratégias tradicionais e os jovens excluídos recorreram à formação de gangues mais ou menos violentas, que também tentaram influenciar a agenda pública, através de

mecanismos mais heterodoxos, mas igualmente relevantes, como é o caso do "pacto" promovido entre gangues em El Salvador. Aproximadamente, em termos mais metafóricos, os “belos adormecidos” apesar de terem sido picados pelos fusos da roca de seus smartphones, acordaram antes do esperado e a “apatia juvenil” tem sido substituída por constantes invasões sociais estreladas por movimentos de jovens cada vez mais inovadores. As gerações participam e apelam constantemente para o exercício dos direitos dos cidadãos, através de espaços e formatos atraentes e modernos, incluindo o uso intensivo das mídias sociais (PEREIRA,2018).

Entre os muitos casos apresentados no estudo que oferecem um painel desses múltiplos movimentos na América Latina, o Brasil se destaca sem dúvida por suas dimensões continentais mas também pela explosão de manifestações que vão das mais clássicas - movimentos estudantis, jovens políticos - passando por algumas "heterodoxas" - jovens ligados aos movimentos "sem-terra", grupos afro-brasileiros ou grupos LGBT – até novas demandas que exige uma visão mais iconoclasta, que não obstante expressam anseios antigos contra as múltiplas discriminações existentes na sociedade, ao mesmo tempo, incluem novas estratégias promovidas pelo próprio governo como a do Conselho Nacional da Juventude (BRAGA, 2015).

Sobre esse mesmo certame reflete Lúcia Rabello de Castro (2008) chamando atenção para um aspecto peculiar:

A participação política dos jovens não se faz no vazio cultural e histórico, mas em sociedades reais que carregam as marcas singulares de sua história e as dificuldades específicas de seu presente. No contexto das desigualdades sociais da sociedade brasileira, compreender como e por que os jovens brasileiros participam da construção e das decisões societárias põe em questão a forma como cada um reconhece-se como integrante desse conjunto tão desigual e como se vê implicado nos seus destinos. Assim, a participação política não pode desvincular-se das condições subjetivantes que darão forma ao sentimento de pertencimento à coletividade por parte de jovens e de crianças e de como essa coletividade é representada por eles. (CASTRO, 2008, p. 253)

Entendendo essa visão, é possível, nesse tecido argumentativo construído, reconhecer a estruturação dos laços sociais e de etapas da formação da participação cidadã juvenil que tem a ver com a responsabilidade social assumida, engajamentos em ações, movimentos da sociedade no qual se insere. Para além, muito se tem escrito, tanto na esfera acadêmica quanto na gestão pública, sobre a participação cidadã no quadro de diversas “crises”, entre as quais se destacam as ditas representativas, políticas,

institucionais e sociais. A proposta de certas formas de democracia direta ou participativa tornou-se partícipe do pensamento acadêmico e político sobre democratização. É fato que nos últimos 20 anos temos sido espectadores e protagonistas de diferentes “crises” que vai da política nos sistemas democráticos abrindo uma janela de oportunidades para renovar, reconstruir ou dar novos significados aos processos, até a crises econômicas que desconstruiu países como a Argentina e o Brasil nos últimos anos e alastra-se mesmo em Estados Nacionais mais desenvolvidos. Nessas situações extremas, grupos se organizam para colocar em cena novas formas de pensar, refletir e agir a favor da reconstrução dos laços sociais entre os diferentes atores. Nesse momento singular no que tange as sociedades, é que se viu presente o “estou aqui” da juventude colocando suas ferramentas a fim de ajudar a encontrar soluções para os problemas públicos e a fazer nascer novas formas de ação coletiva capazes de impulsionar novas coalizões sociais na esfera pública que podem ser “youtubers” que se transformam em deputados mais votados¹³ ou outras e outras excepcionais formas de demonstrar que “o novo sempre vem”¹⁴.

Em suma, como discutimos, a tentativa de conceituar participação tem gerado disputas sobre os significados (e sentidos) que lhe são atribuídos. A saber, a participação política partidária, a participação social e voluntária e mesmo a participação no quadro das políticas públicas. Para nós, da atual discussão disseminada sobre os jovens e sua participação na sociedade e a ideia cristalizada de que são uma “juventude sem causa”, “jovens que enxergam a felicidade no consumo” ou outras mais duras como “individualistas, egoístas e hedonistas” que desconhecem o sentido de comunidade e que se desencantaram com a política, estão longe de ser verdade. O que se observa é uma tendência de declínio das formas institucionais clássicas de participação, como as organizações e associações juvenis; casas ou clubes juvenis para o tempo livre; sindicatos; Partidos Políticos; participação nas formas tradicionais de fazer política (nas eleições; nomeação de candidatos, grupos de paróquias etc.). Essa tendência é erroneamente interpretada como “desencanto juvenil” ou “despolitização”.

O distanciamento dos modos tradicionais de participação é combatido pelo surgimento de novas formas de participação cultural, social e política, para que o político tradicional / convencional seja complementado ou superado pelo político informal. Em

¹³ Luis Claudio Fernandes Miranda é um político, youtuber e empresário brasileiro filiado ao Democratas. Em seu canal no Youtube, mostra as diferenças do padrão de vida e disparidade de preços entre produtos e serviços oferecidos nos EUA e no Brasil.

¹⁴ Referência a canção de Belchior “Como nossos pais.”

outras palavras, o político em sentido estrito é complementado ou superado por meio das novas práticas sociais, culturais e políticas dos jovens, novas ou desconhecidas para a geração adulta. Paralelamente a estas novas formas de participação muitos jovens estão envoltos em um “nascimento” de uma Coalizão Social Global Juvenil vista pelo crescimento do número de ONG’S e movimentos sociais nacionais e internacionais ligados a temas sociais e políticos cujo interesse passa pela destituição de regimes autoritários aos protestos em torno da Copa do mundo no Brasil e contra a crise financeira na Europa.

Resumindo, podemos observar que a baixa participação juvenil em relação à política tradicional / convencional é complementada ou compensada por uma maior participação juvenil na política informal e virtual ou numa multiplicidade de práticas culturais que dão sentido ao que se entendia tradicionalmente como "o político". Essas tendências mostram, que na percepção dos jovens, o conceito de participação tem sido cada vez mais associado ao de práticas cidadãs.

Bendit & Miranda (2017) chega a ver a caracterização do jovem como “apático” e “desinteressado” tanto nas questões sociais que lhes dizem respeito diretamente como na “res - pública” em geral como cristalização de preconceito que interessa aos que estão no poder e não querem a evolução da sociedade ou medidas para a equidade. Afinal, apesar de supostamente, seu maior interesse estar concentrado em seu próprio desenvolvimento e na dimensão meramente consumista, nos estudos desenvolvidos em muitas escolas de ciências sociais, incluindo a UCSAL nesse programa do qual faço parte, o debate aponta para o fato que essa discussão pública não corresponde aos resultados de pesquisas empíricas sobre os valores da juventude moderna e pós-moderna, bem como sobre sua participação social, política e cultural.

O surgimento das mobilizações e protestos do século 21 representam um cenário de tensões latentes nas democracias contemporâneas que estão cada vez mais fragilizadas na sua representação de Trump¹⁵ nos Estados Unidos ao Brasil de Bolsonaro¹⁶. Pelo potencial de unir vozes houve muitos históricos de imprecisão de objetivos ou participação sem engajamento movidas pela “emoção da repostagem do #” que

¹⁵ É um empresário, personalidade televisiva e político americano que serviu como o 45.º presidente dos Estados Unidos.

¹⁶ É um capitão reformado, político e atual presidente do Brasil. O bolsonarismo é um fenômeno político de extrema-direita que eclodiu no Brasil com a ascensão da popularidade de Jair Bolsonaro, especialmente durante sua campanha na eleição presidencial no Brasil em 2018, que o elegeu presidente.

terminaram deslegitimando ou tornando a manifestação um ato folclórico – para alguns, traço da nova juventude. Uma das críticas frequentes é a transitoriedade e a constante ameaça de dissolução dos movimentos na ausência de um compromisso sustentado dos militantes. Mas, na maioria das vezes, o debate gira em torno do parâmetro da efetividade dos resultados, aguardando uma intervenção que não só dê conta das demandas, mas também contribua para promover ações efetivas de mudança. Esse estranhamento e visão de ineficácia se deve ao fato de que a literatura sobre movimentos sociais tem antecedentes nas tradições mais clássicas da sociologia, vale ressaltar que já nos primórdios das ciências sociais - muito mais implícita do que explicitamente - a preocupação com a ação coletiva esteve presente, desde as tentativas de definir o social como propomos no início desse capítulo até as questões mais específicas de movimentos sociais ao longo da história humana.

A condição de viver numa aldeia global ou que Castells (2013) denomina de “viver em rede” também cria processos de formação da condição “Jovem” na maioria dos países do mundo moderno e pós-moderno. Globalização econômica, impactos tecnológicos e culturais - os países e as diferentes regiões dentro deles não podem mais ser vistos, nem podem se desenvolver, de forma absolutamente autônoma ou independente, mas sim integrados em diferentes contextos internacionais. É por isso que as condições de vida dos jovens - como as de outros grupos sociais - não são mais exclusivamente determinadas por fatores e situações locais, fatores regionais ou nacionais, mas sim devido à incidência de fatores supranacionais que muitas vezes são fontes de incertezas e inseguranças e que, por sua vez, geram uma necessidade permanente de adaptação à mudança. Se o pensamento for direcionado nessa dimensão, fica claro o caminho que essa tese constantemente tem traçado: de que não há uma só juventude, mas de diferentes “jovens” diferentes em aspirações e formas de manifestações de cultura, posicionamento político - mesmo dentro dos seus próprios países.

Algumas recentes literaturas se prestaram ao papel de mapear esses movimentos em destaque aqui o trabalho de décadas de Castells (2013) – considerado nos círculos acadêmicos como o mais importante filósofo do ciberespaço por suas obras que se prestaram a análise da Sociedade da Informação citada parágrafos acima. Nos últimos anos ele se propôs a produzir duas obras que se ligam a essas novas formas de análise da participação social e nas quais os jovens estão no centro.

Manuel Castells (2013) aos moldes em que Adam Smith explicou o Capitalismo e Karl Marx como ele funcionava, dissecou a fonte das sociedades contemporâneas e da

nova economia mundial que se sacra, mais ainda, no período da pandemia: a internet. Compara-a ao que foi a eletricidade na Era Industrial por distribuir a força da informação por todo o domínio da atividade humana e por ser a base tecnológica para a forma organizacional da Era da informação: a rede. Dentro desses “nós conectados” energizados pela internet, o surgimento de jovens protagonizando movimentos sociais é natural pois eles - nascidos numa sociedade em rede - tem a flexibilidade e a adaptabilidade como condição inerente.

Segundo Castells (2013), as redes estão, sem dúvida, proliferando- se em todos os domínios da economia e da sociedade, desbancando corporações verticalmente organizadas e burocracias centralizadas da mesma forma que as superando em desempenho e contribuindo para globalização do capital da produção e do comércio e, nessa rota, fazendo surgir uma sociedade em que os valores da liberdade individual e da comunicação aberta viraram supremos. Assim, a internet tornou-se uma alavanca para o que se vê com frequência: uma comunicação de muitos com muitos, num momento escolhido, em escala global, o que permite revoluções e mobilizações sem precedentes da história humana e por atores que não possuem um exército como César, mas um computador, não um grupo de militantes que se reuniram meses e anos para colocar em ação suas ideologias como as revoluções de 68, mas um “#” incendiário e um número de seguidores que repostem no Twitter. Se nos atentarmos para seu vertiginoso crescimento sem sucumbir a burocracia de governo, principalmente o americano, entenderemos que a internet é uma criação cultural e os jovens aprenderam a viver e construíram um novo modelo de sociedade.

Na verdade, os movimentos sociais organizados pela internet ocuparam inúmeras páginas desse trabalho, mas em descrever trajetórias das juventudes, principalmente pela consciência de que milhares não podem ser protagonistas de suas mudanças, cabe o destaque de outra interessante obra de Castells (2013) o já aclamado “*Redes de indignação e esperança Movimentos sociais na era da internet*” que traz inclusive um prefácio em que o próprio autor se manifesta sobre os movimentos que o Brasil vivenciou nos últimos anos. Nele o país aparece numa galáxia em expansão de novas formas de movimentos sociais. Também deixa claro que os movimentos sociais em rede, podem muito bem ser os movimentos sociais característicos da sociedade em rede, da estrutura social da era da informação e acrescenta que os jovens são o principal grupo a dizer “basta” a esse modelo social excludente e segregacionista.

Os que ainda insistem em não ver o “poder da juventude”, hoje não negam mais a existência desses movimentos, mas fazem uma pergunta que traz em seu cerne a mesma negatividade “E daí?”. Os cientistas sociais que veem a distribuição de sistemas sociais e o alastramento da desigualdade nos países que tiveram suas praças ocupadas como o Brasil, procuram em seus centros de pesquisa quais são os resultados específicos em termos sociais e onde está a resposta a essas reivindicações. Em outros termos, não viram quase nenhum impacto nos sistemas políticos e na formulação de políticas públicas. Mas será que o que se deseja não é que os sistemas tradicionais políticos alicerçados em séculos de desigualdades sejam transformados com a mesma rapidez com a qual se forma a nova sociedade do século XXI? Ainda há muitas páginas nessa tese para ensaiarmos tal resposta e os próprios jovens responderão à pergunta nesse trabalho.

Cabe, para entendermos a grandeza dessas manifestações, as palavras de Castells (2013) na explicação desses novos movimentos.

“[...] mais uma vez os indivíduos realmente se uniram para encontrar novas formas de sermos nós, o povo. De início, eram uns poucos, aos quais se juntaram centenas, depois formaram-se redes de milhares, depois ganharam o apoio de milhões, com suas vozes e sua busca interna de esperança, confusas como eram, ultrapassando as ideologias e a publicidade para se conectar com as preocupações reais de pessoas reais na experiência humana real que fora reivindicada. Começou nas redes sociais da internet, já que estas são espaços de autonomia, muito além do controle de governos e empresas – que, ao longo da história, haviam monopolizado os canais de comunicação como alicerces de seu poder. Compartilhando dores e esperanças no livre espaço público da internet, conectando-se entre si e concebendo projetos a partir de múltiplas fontes do ser, indivíduos formaram redes, a despeito de suas opiniões pessoais ou filiações organizacionais. Uniram-se. E sua união os ajudou a superar o medo, essa emoção paralisante em que os poderes constituídos se sustentam para prosperar e se reproduzir, por intimidação ou desestímulo – e, quando necessário, pela violência pura e simples, seja ela disfarçada ou institucionalmente aplicada. Da segurança do ciberespaço, pessoas de todas as idades e condições passaram a ocupar o espaço público, num encontro às cegas entre si e com o destino que desejavam forjar, ao reivindicar seu direito de fazer história – sua história –, numa manifestação da autoconsciência que sempre caracterizou os grandes movimentos sociais.” (CASTELLS, 2013, p. 78)

As manifestações mapeadas em pesquisas em todo o mundo, englobando o Brasil, nos leva a crença de que esse debate em tempo real e o discurso cidadão nos levou a origem da democracia. Produzimos, nesse novo tempo e como novos suportes, “Novas Ágoras”. Mas o percurso final das manifestações revela que diferente da “Eclésia” grega

que exigia a idade de 21 anos para participar da Assembleia da Democracia Ateniense a Nova Assembleia Popular, aberta a todos os cidadãos, independente de sexo e mesmo de idade hoje exerce poder no executivo, legislativo e judiciário. Para ampliar, quando essa rede não tem poder de fazer a mudança que desejam deixam o mundo virtual e ocupam as ruas e as assembleias gerais.

2. METODOLOGIA E RESULTADOS

2.1 CONTEXTO

À presente seção compete apresentar a natureza da pesquisa, o contexto e o perfil dos participantes. No primeiro momento, faz-se mister ambientar algumas questões antes de dividi-las. Afinal, ver o todo antes das partes contribui melhor para compreensão do processo. Conforme explicitado na introdução, o presente trabalho trata de um estudo de resgate de memória de jovens que não chegaram a mim como páginas em branco, mas como marcas históricas, sociológicas desde suas primeiras formações que ajudaram a compor o que são: jovens brasileiros que entraram na universidade nos últimos 23 anos com a ideia de - através dos estudos – estarem no caminho para o sucesso profissional.

Nesse percurso de busca, escolheram fazer parte de minhas oficinas de produção de texto e, como lembra Bondía (2002), construíram comigo momentos de experiências singulares. Foram tocados pelo meu discurso pautado na pedagogia de Paulo Freire (1996) de educar conectado ao cotidiano dos estudantes e às experiências que eles têm, trabalhando sempre no diálogo e buscando transformá-los em aprendizes ativos e autônomos. Nesse tempo em que viveram suas experiências de formação e de trabalho, construíram novas subjetividades, afinal:

[...] O homem é, sem dúvida um animal que se auto interpreta” e mais:
[...] O que somos ou, melhor ainda, o sentido de quem somos, depende em particular, das construções narrativas nas quais cada um de nós é, ao mesmo tempo, o autor, o narrador e o personagem principal [...] essas histórias pessoais que nos constituem estão produzidas e mediadas no interior de práticas sociais mais ou menos institucionalizadas. [...] (BONDÍA,1994, p. 48).

Tendo em vista a possibilidade de encontrar novamente esses sujeitos e, nesse encontro, construir através da minha e de suas vivências sociais, econômicas e educacionais um panorama da história vivida pelo Brasil é que optei por uma pesquisa metodológica mista, bastante usual em ciências sociais, uma vez que permite a apreensão do fenômeno e do objeto de estudo por prismas, por vezes, distintos. Isso será feito através da aplicação de um questionário e da produção de um texto com jovens que

fizeram o Exame Nacional do Ensino Médio e na narrativa da história do ENEM junto à minha como professora. Uma parte deste trabalho se compõe da narrativa de minha prática docente, uma vez que essa é, dentro da pesquisa em ciências sociais e educação, a melhor maneira de pensar sobre a própria experiência como objeto de pesquisa elucidada por (BOLÍVAR, 2002). O autor aponta que a narrativa contribui na reconstrução das trajetórias sociais não só do ponto de vista de revisitação de ações do passado e do presente, mas através desses relatos se constrói um pensar, sentir e atuar que contribui como meio do entendimento de panoramas sociais. Tendo em vista essa visão, proponho-me então a pesquisar a minha prática junto aos meus alunos, com o pensamento em meu processo narrativo como prática formativa, dando ênfase à voz dos alunos que serão ouvidos através de questionário e de uma produção textual.

Com base nos problemas de pesquisa formulados, identificamos que a compreensão das trajetórias das juventudes brasileiras seria alcançada através de uma pesquisa quantitativa uma vez que seria importante traçar a perspectiva dos jovens no seu percurso de formação e entrada no mercado de trabalho através de gráficos e tabelas, conforme são mostrados em relatórios do INEP, estudos da UNESCO, da OIT e IBGE que serviram de base a essa pesquisa. Por outro lado, vimos a necessidade do prisma qualitativo que nos permitiria, a partir dos dados coletados, compreender os significados e sentidos das atividades e escolhas desses sujeitos. Seguindo essa visão, a abordagem de coleta de dados deste estudo se deu a partir do método misto, caracterizado pelo uso simultâneo de estratégias quantitativa e qualitativa para, então, integrarmos as informações obtidas na interpretação e análise de dados apresentados nesse capítulo.

A pesquisa bibliográfica utilizada para compor o capítulo em que se traça a trajetória do Enem alinhada a trajetória da autora da pesquisa foi realizada visando conter o maior número possível de informações publicadas sobre o Exame Nacional do Ensino Médio e o contexto do Brasil nesse período considerando processos educacionais e sociais. Para o primeiro capítulo, utilizou-se os registros disponíveis decorrentes de pesquisas anteriores, documentos impressos como artigos, estudos de organismos internacionais, livros e teses. Nesse primeiro processo, utilizou-se dados de categorias teóricas já trabalhadas por outros pesquisadores e devidamente registrados os textos tornando-se fontes dos temas e trabalhou-se a partir dos autores dos estudos analíticos e das pesquisas e panoramas produzidos por órgãos de pesquisa (SEVERINO, 2007).

No segundo processo, utilizou-se a pesquisa participante – pesquisa popularizada na América Latina, na sua maneira particular, de "conhecer transformando" cujas origens

provém dos movimentos de Educação Popular, a partir dos anos sessenta através das ideias de Paulo Freire que enfatizaram a importância da Pesquisa-Ação; Pesquisa-Ativa; Investigação Comprometida; Investigação Participativa. Utilizando-se desse modelo, o capítulo foi construído levando em consideração a relação da autora com o objeto da pesquisa buscando construir um panorama do Enem e da sua trajetória como jovem e educadora fugindo da visão tradicional da pesquisa que exclui do campo educacional e sociológico o contexto social do objeto pesquisado, incorporando-o como mero dado condicionante (EGGERT, 2004).

Neste capítulo, em que se costura a história a partir de memórias recortadas da vida e do contexto, utilizou-se como norte a reflexão de Frigério (2018)

esses dados não se tornavam visíveis imediatamente, exigindo-me os cuidados próprios de quem pesquisa com o cotidiano, avesso às antigas fórmulas e técnicas de investigação e de coleta de dados. Mergulhar sem boia, virar o mundo de ponta cabeça, beber em todas as fontes são propostas exigentes e rigorosas, mas que permitem incursões mais amplas, visões mais apuradas, descobertas mais sensíveis, sem aprisionamentos de fórmulas e sem invisibilização das relações com os sujeitos da pesquisa. (FRIGÉRIO, 2018, p. 36)

Consciente de que a visão dos meus alunos não seria suficiente para a formação do panorama, procurei modos investigativos úteis para narrativas de prática docente no campo da educação que pudessem servir às ciências sociais. Nesse mergulho, refleti desde a crise das ciências proposta por Santos (2019) até o encontro com pesquisadores ligados ao campo da narrativa como Frigério (2018) e Alves (2010). Essa hibridização metodológica complementar exigiu reflexões como a separação entre o sujeito e o objeto e o entendimento de minha prática dentro dessa pesquisa enquanto sujeito educador e meus alunos, dentro da narrativa, enquanto sujeitos praticantes.

A pesquisa com o cotidiano, como afirma Alves (2001), exige compreensão de sua complexidade e, por isso, o capítulo ligado à narrativa da minha história não envolverá apenas informações memoriais sobre meu cotidiano, mas se baseará num olhar ligado à realidade social educacional brasileira para que a pesquisa não se transforme numa “pesquisa com o cotidiano” e que nela o olhar seja de uma narrativa sensível ao sentimento do ensinar ligado à legitimidade histórico-sociológica-educacional a que se dedica esta pesquisa. Também, neste capítulo, pretende-se fugir do que aprendemos com as ciências modernas - escolher uma teoria para produzir uma boa pesquisa. Essa decisão nasce da certeza de que o que vivemos no tempo de hoje não se explica com os métodos

do presente. Duvidar das teorias e entender suas limitações permitirá essa pesquisa responder a perguntas de um tempo não vivido. Assim, [...] “É preciso criar uma nova organização de pensamento e novos processos a partir daquelas lógicas sempre vistas como inferiores ou pouco lógicas, e mesmo não lógicas, perguntando até se são ou precisam ser lógicas” (ALVES, 2001, p. 18).

Do ponto de vista da abordagem qualitativa, nosso olhar foi guiado também por Rodrigues e Limena (2006, p. 90) ao buscar analisar nos textos produzidos pelos pesquisados e nos questionários, particularidades que ajudem a entender as trajetórias dessas juventudes e suas trajetórias até o mercado de trabalho empregando os dados coletados para encontrar respostas que os dados estatísticos não alcançam ou não representam. A abordagem qualitativa serviu principalmente a esse trabalho para nos guiar na interação e interpretação de dados e fatos privilegiando o estudo do material coletado de forma ampla e profunda buscando alinhar a análise à realidade social para melhor apreendê-la e compreendê-la, agindo com lisura, mas também com flexibilidade a fim de garantir um olhar social humanístico (MARTINS e RAMOS, 2013).

Além do trabalho proposto no segundo capítulo de panorama do Enem produzido através de uma Pesquisa-Ação, aplicamos um questionário online para estudantes brasileiros que fizeram o Enem em suas edições até 2021; e coletamos textos escritos pelos próprios participantes através de instruções para a produção dentro de critérios limites que serão mais abaixo explicitados.

Apresentamos, na sequência, mais sobre esses dois instrumentos de pesquisa.

Questionário online

Coletamos dados por meio de um questionário online criado no Microsoft Forms pela autora deste estudo em consonância com a sua orientadora. Antecedendo a aplicação do formulário e a obtenção dos textos, foi enviado à orientadora as perguntas e os processos a serem implementados durante a pesquisa. As propostas de modificações sugeridas foram, então, incorporadas. Observa-se ainda que foi preservada uma abordagem transparente nos contatos com os sujeitos que colaboraram com o questionário e com textos. O questionário foi composto de 43 questões distribuídas em cinco seções, a saber: Termo de Consentimento; Perfil dos participantes; Educação; Trabalho e Reflexões sobre suas trajetórias. O tempo de preenchimento ficou em torno de 21 minutos. O questionário completo está disponível no apêndice deste trabalho. O aceite do Termo de Consentimento foi requisito obrigatório para o acesso às questões da pesquisa. Os princípios norteadores do Termo estavam respaldados nas diretrizes éticas da

Universidade Católica do Salvador no referente à pesquisa feita no campo das ciências sociais.

A capilaridade - que permitiu análises comparativas importantes para um universo do tamanho do grupo de jovens que fazem o Enem no Brasil e estudaram com a pesquisadora foi possível por causa da distribuição do link do questionário por diversas redes de contato da pesquisadora.

O curso teve turmas no Estado da Bahia, nas cidades de Itabuna, Vitória da Conquista, Salvador, Ilhéus e Eunápolis. Recebia alunos de grande parte das cidades do interior baiano que tinham as referidas urbes como centros de estudo. A primeira turma data de 1998 e a última turma acontece no mesmo ano em que se escreve a tese, em formato online – por conta da pandemia e mudança para a França - no ano de 2021.

A empresa foi constituída no CNPJ: 117883390001-10 apenas no ano de 2010, porque a existência anterior das oficinas de redação ocorria em parceria com as escolas onde eu lecionava, a saber: Curso Ômega – Eunápolis; Colégio Fênix, Colégio Vitória, Colégio São Jorge dos Ilhéus, curso Pré-universitário e Curso Darwin – Ilhéus, Colégio Sistema, Colégio Galileu, Colégio AFI- Ação Fraternal de Itabuna – Itabuna; Colégio Oficina, Colégio e curso Sêneca – Vitória da Conquista, sendo o Colégio e Curso Sêneca a última instituição em que lecionei antes da criação da *startup* “Eu Quero Passar Empreendimentos Educacionais”, que marca, também, o nascimento da pequena Victória. Esta grande mudança conjuntamente ocasionou uma mudança geográfica e o nascimento de mais uma sede do curso, agora na cidade de Salvador, passando a ser, até o ano de 2019 o “Eu Quero Passar Empreendimentos Educacionais”, uma *startup* de educação que atuava com sede presencial nas cidades de Ilhéus, Itabuna, Conquista e Salvador. Seu formato não presencial ocorre com um volume muito menor de alunos apenas 40 e em apenas uma turma.

A *startup* tinha uma média anual de 300 alunos que recebiam uma formação em cultura, língua portuguesa e literatura, conhecimentos em cidadania, direitos humanos e técnicas de produção textual. A empresa nasceu com a visão de mudar trajetórias sociais de jovens vulneráveis do interior da Bahia que não tinham acesso a uma educação “considerada de qualidade” que lhe permitisse acesso ao ensino superior nas acirradas disputas por vagas principalmente nas universidades públicas e nos programas de acesso ao ensino superior, como o PROUNI e o FIES. Nesse entrever, o curso se dividia administrativamente em dois grupos sociais, os alunos não-bolsistas, que pagavam a mensalidade de forma integral e os alunos bolsistas, que passavam por um processo

seletivo levando em conta as suas vulnerabilidades sociais, e que, portanto, recebiam, além da bolsa, em alguns casos, ajuda financeira para aluguel, alimentação, compra de material escolar e pagamento de inscrições.

Para avaliação do perfil dos respondentes foram elaboradas questões sobre a faixa etária, origem, idade, sexo e condição de trabalho dos pais etc. Nas seções subsequentes, as perguntas permitiam a escolha de até 12 respostas, partido do pressuposto de que a investigação propunha se debruçar sobre as respostas mais recorrentes e não sobre a “mais verdadeira”. Nesse caso, os resultados foram agrupados por frequência das respostas. Outras perguntas possibilitaram a escrita de uma resposta aberta curta. Essas respostas abertas foram categorizadas para a inclusão dentro dos eixos temáticos definidos no trabalho, sendo apresentadas através de frequência e analisadas segundo o olhar da análise proposto por Bardin (2011).

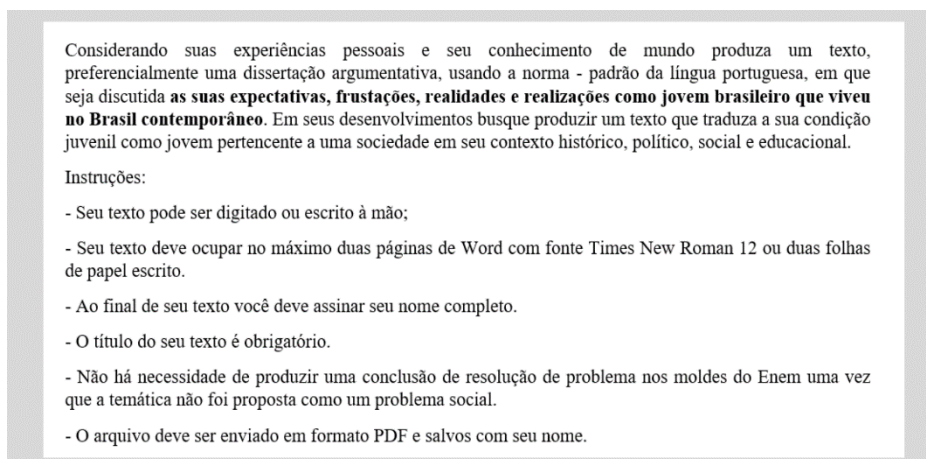
Na construção do roteiro, definimos perguntas baseadas inicialmente no questionário socioeconômico aplicado pelo Enem aos alunos no ato da inscrição do processo para poder comparar os dados da nossa amostra com o quadro nacional. Também utilizamos questões abertas, tratando de tópicos que acreditávamos necessários para a construção do nosso panorama. Tomamos essa decisão, porque nessas questões abertas conduziríamos os entrevistados a refletirem sobre sua condição e, caso a produção de texto não trouxesse essa expressão - por conta das dificuldades comuns que as pessoas enfrentam na produção textual, as questões poderiam trazer elementos de respostas que precisávamos para a pesquisa. Por isso, o questionário ficou longo e conscientizamos os sujeitos da necessidade de buscar responder ao máximo possível todas as questões.

Produção de um texto

Para apresentar um panorama das expectativas, realidades, realizações e frustrações dos jovens coletamos escritos produzidos pelos participantes do questionário numa amostra de 22. Não houve nenhum uso de critério de eliminação. Foram aceitos todos os textos enviados até o momento do fechamento da coleta de dados. Para chegar a nosso objetivo, produzimos um roteiro que orientasse os participantes sobre o que dizer no texto e sobre o formato e número de linhas. Na organização do roteiro, consideramos os objetivos específicos: apresentar um panorama das expectativas e realidades, frustrações e realizações dos indivíduos quanto ao ingresso na universidade e sua inserção no mercado de trabalho e compreender o autoconhecimento do jovem brasileiro na sua trajetória educação trabalho oferecendo insights sobre sua visão.

Assim, o roteiro foi composto por uma proposta de texto que orientou os participantes a considerarem suas experiências pessoais e seu conhecimento de mundo e discutirem as suas expectativas, frustrações, realidades e realizações como jovem brasileiro que viveu no Brasil contemporâneo. Na sequência, apresentamos o quadro com o roteiro proposto enviado para os participantes.

Figura 5 - Roteiro da proposta de texto enviada para os participantes



Fonte: elaborado pela autora

Conforme apresenta o quadro, eram esperados textos que podiam ser preferencialmente dissertativos, mas o participante foi deixado livre para escolher a voz que melhor lhe conviesse. A tentativa de não pedir um texto em primeira pessoa era para que ele fosse capaz de escrever não somente sobre si mesmo, mas para que se cumprisse o objetivo específico de apresentar um panorama da juventude que ele viveu.

Embora tenha-se tentado conduzir através do encontro no Google Meet um roteiro para a produção do texto, nem todos os participantes estiveram presentes na reunião e, portanto, escreveram conforme a orientação da própria proposta apresentada no quadro acima.

Em seguida, apresentamos como foi o procedimento de recrutamento dos jovens para questionário online e para o texto sobre juventudes.

2.2 FONTES DE DADOS

De início, estabeleceu-se como universo empírico da pesquisa alunos que estudaram com a pesquisadora no Eu Quero Passar Empreendimentos Educacionais, desde 2010 ou antes, nos ateliês de redação feito nas escolas onde ela lecionara. Com base nessa condição, a seleção dos participantes que responderam ao questionário online se deu dentro do universo de ex-alunos que a pesquisadora tinha contato. Foi definido que

ela enviaria mensagens de convite a participação da pesquisa àqueles que ainda mantinham contato mais próximo nas redes sociais.

Foi enviado o convite para 120 alunos, no qual foi explanado o objeto da tese, bem como os objetivos desta pesquisa e os instrumentos de coleta de dados, especificamente, o questionário online e a produção do texto. Algumas mensagens ficaram sem resposta, porque os e-mails já não eram os mesmos, e recebemos uma resposta positiva para possível participação de cerca de 86 pessoas. Após 4 semanas, um total de 44 pessoas acessaram e responderam ao questionário. Por conta da necessidade de também escrever um texto e do prazo que estabelecemos, relativamente curto entre o questionário e o texto, bem como a necessidade de participação de um encontro *Meet*, esse corpus foi reduzido e chegamos ao fim do processo com 22 participantes para a produção do texto. Acreditamos que esse número expressa uma diversidade significativa e, considerando a necessidade de análise de textos, o cruzamento de dados e o objetivo da pesquisa, essa quantidade mais reduzida permitiria um acompanhamento mais aprofundado uma vez que o foco sobre os textos é de trazer insights sobre o que pensam os jovens sobre “o ser jovem” no recorte da pesquisa.

Em 20 de fevereiro, terminamos os encontros no Google Meet, mas atendemos alguns sujeitos algumas semanas depois que tiveram dificuldades na produção do texto, seja porque não tinham mais o hábito da escrita, seja porque tiveram dificuldade de colocar em sua agenda temporal a produção. Terminamos levando a pesquisa até 20 de março quando recebemos o último texto que validamos para a análise.

O desenho metodológico de pesquisar jovens de distintas gerações, cidades e escolha profissional diferente foi, no momento da aplicação um entrave que precisamos contornar. Uma das pesquisadas de mais de 40 anos afirmou que desde que entrou na universidade nunca mais escreveu um texto nessa modalidade, outro manifestou que está, nesse momento, em seu doutorado e que não se sentia à vontade escrevendo dissertação. Por tais percalços foi preciso explicar que uma produção de texto é também um método de pesquisa e aceitar a não produção de uma parte dos participantes que não estava, inicialmente, prevista no trabalho. Ao mesmo tempo, para além dessas dificuldades pontuais, reconhecemos que a inserção da produção de texto e de ter utilizado o critério de selecionar pessoas de escolas diferentes, profissões e cidades distintas garantiu, na pesquisa, um ganho de diversidade e profundidade uma vez que permitimos aos pesquisados a oportunidade de se expressar por si mesmo, em seu próprio ambiente e sem a mediação de um entrevistador ou limitação de espaço de um questionário.

Em suma, do processo desse recrutamento, concluíram e enviaram os questionários 44 participantes, cujo perfil segue descrito na primeira parte da análise dos dados e deste grupo 22 produziram o texto.

Na sequência, explicamos como os dados do questionário online e dos textos foram analisados.

2.3 METODOLOGIA DE ANÁLISE

O questionário divulgado para recrutamento de participantes apresentava diferentes possibilidades de fluxo de respostas. Os jovens participantes, dependendo de sua condição (estudante sem ter entrado na universidade, estudante na universidade, trabalhador e sem ocupação) poderiam responder o questionário na sua totalidade ou parcialidade. Por exemplo, jovens que afirmaram não ter entrado ainda na universidade, ou que ainda estavam cursando, não responderam ao bloco específico ligado ao Trabalho. Essa escolha de não criar vários questionários de acordo com as realidades do trabalho fez com que fosse obtido um número diferente para cada seção do formulário, mas garantiu maior fidelidade entre os respondentes e os temas das perguntas. A opção por aplicar um questionário e escolher o grupo sem selecionar volume por faixa de realização de prova gerou também o volume maior de pessoas afirmado o período de 2011 a 2016 (um total de 24 participantes). Questão que será explicada mais adiante deste capítulo.

Isto posto, a análise realizada envolveu o uso de estatística descritiva dos dados gerados a partir do questionário, utilizando as perguntas fechadas como variáveis. Para esta pesquisa, apresentamos os dados que sobressaíram durante o detalhamento estatístico e, no que se refere as questões socioeconômicas e educacionais elaboramos infográficos sobre os principais dados obtidos em cada área. Os dados dos textos aparecerão como exemplos da realidade retratada nas respostas ao questionário online. Desse modo, a análise dos dados foi organizada para analisar e discutir as expectativas, realidades, frustrações e realizações dos jovens brasileiros que fizeram o Exame Nacional do Ensino Médio até 2021. A organização da análise também considerou a sequência das cinco seções do questionário. Assim, primeiro, são analisados o perfil das pessoas que participaram dos questionários e textos; para, então, discutir os objetivos desta pesquisa relativos à educação e trabalho.

Reconhecemos que, apesar dessa expectativa de ter no texto a “verdadeira” expressão dos alunos, durante a primeira leitura fomos percebendo que, em algumas situações, talvez pela falta de tempo ou pela necessidade de expressão – alguns

escreveram textos enormes e de cunho biográfico e outros responderam de forma genérica ao que é juventude. Esse aspecto será aprofundado durante a análise dos dados. Apesar dos entraves, o conjunto de textos e as perguntas abertas respondidas serviram bem ao propósito da criação do panorama sobretudo porque os 10 temas norteadores dos insights foram facilmente localizados nos textos.

Ainda em março iniciamos o trabalho de análise de questionário (parte aberta) e de textos. Os dois foram analisados de forma simultânea aplicando a proposta de Bardin (2011) seguindo as etapas de 1) pré-análise, 2) exploração do material e 3) tratamento dos resultados, inferência e interpretação. Dessa maneira, organizamos o material coletado com vistas a torná-lo operacional, sistematizando as ideias iniciais. Para isso, fizemos uma leitura flutuante dos questionários pela manhã e dos textos pela tarde durante a primeira semana, decidimos pelo uso de todos os questionários e textos e revisamos os objetivos da pesquisa para conferir se o material coletado estava em consonância com seu propósito. Depois começou-se a construção dos indicadores através de recortes de textos analisados, pré-montagem de infográficos e nuvem de palavras seguindo critérios de exaustividade, representatividade, homogeneidade e pertinência. As categorias de análise foram definidas e seu tratamento e interpretação serviram para a montagem do panorama que produz uma análise reflexiva e crítica das juventudes brasileira, no que se refere à transição entre a formação e o mercado de trabalho considerando suas visões sobre expectativas, realidades, frustrações e realizações no contexto social, econômico e político do Brasil nos últimos 23 anos 1998-2021.

A partir dessa estratégia, na análise dos dados que faremos a seguir, em algumas situações traremos dados dos questionários, mas trataremos sobretudo dos conteúdos apresentados na produção de texto através de infográficos e insights buscando cumprir os objetivos específicos de avaliar quanto e como mudaram as condições de vida, de educação e de trabalho das juventudes brasileiras entre os períodos estudados além de compreender o autoconhecimento do jovem brasileiro na sua trajetória educação trabalho e, através dos dados, apresentar um panorama das visões dos indivíduos quanto ao ingresso na universidade e sua inserção no mercado de trabalho.

Sendo um estudo qualitativo, não se almejou a precisão dos dados, mas buscou-se, através da via da profundidade e sensibilidade analíticas, entender de que forma os jovens de 15 a 29 anos pensam e vivem como geração. Os destaques da pesquisa, como já dito, estão refletidos em 10 insights (perspectivas/visões). Cada uma destas visões está ligada a um tema e se desdobra em pontos relevantes dentro do pensamento apresentado.

Ilustramos essas perspectivas através de depoimentos coletados em campo, com a intenção de trazer à tona o tom e a voz das juventudes.

3. O SURGIMENTO DO ENEM E SEU IMPACTO NA EDUCAÇÃO NACIONAL: UMA ROTA RUMO A UM HORIZONTE SOMBRIO

3.1. Do que não sabia e agora sei

Uma professora não nasce. Torna-se. Tomei a verdade emprestada de Simone de Beauvoir para explicar a transformação da filha de professora e herdeira de uma condição familiar – minha mãe e tias são professoras, meus 4 irmãos também - para a educadora que acreditava na transformação a partir da prática educacional. Para além, minha mãe que guarda, na memória, a minha avó lhe vestindo para ir à escola dizendo que ela seria professora do Estado da Bahia, transmitiu a mesma semente cultural ao dizer a mim desde pequena, na Escola Bíblica Dominical, que eu “era boa para ensinar crianças”. À primeira vista, esse capítulo é, um relato de vida, mas em ciências sociais, sabemos que as trajetórias não são percursos individuais como os menos esclarecidos pensam e, apesar de imaginar que fazemos escolhas individuais, mesmo estas, estão entrelaçadas por políticas, concepções ideológicas e formações que definem no tear da existência quem seremos.

Seguindo mais adiante, Aristóteles - um dos primeiros a entender que o homem é um ser político e que as primeiras relações começam na família foi um dos patriarcas de minha jornada como professora. Nela aprendi cedo com o grande mestre que educação é política e que não há boa política sem educação. Essa visão me levou a ser uma jovem, que ensina milhares de outros jovens e, enquanto ensinava era também testemunha de um momento singular pelo qual o Brasil passava: pela reforma educacional criadora do Exame Nacional do Ensino Médio – um dos exames transformadores das bases educacionais do país.

Minha trajetória-educadora começou como auxiliar de professora ainda aos 15 anos com a D. Marlene então diretora do Centro Educacional do Município de Uruçuca. Claro que, filha mais velha de 5 irmãos, eu terminaria, também, sendo a “professora” dos mais novos. O que eu não sabia é que ter sido professora no CEMUR, convivido com alunos da zona rural, conhecido as reflexões de D. Marlene sobre a diferença entre alfabetizar os meninos para ler “a casa é grande” e ensiná-los sobre “o que é uma casa” era uma condição emblemática para o resto de toda minha vida educadora. Depois, veio o magistério feito à noite nas salas “de meninas” e alguns poucos “meninos” cansados do

labor do dia que viam como “discurso fantástico” professora “Kita” fazer reflexões sobre o ato de ensinar, sobre Paulo Freire, sobre a necessidade de uma educação transformadora.

Figura 2 – Certificado de formação em magistério

Ano Letivo:	1995	1996	1997
Série:	1ª	2ª	3ª
Aulas Dadas:	80	80	80
Frequência:	98%	98%	98%

CERTIFICADO

Certificamos que Alana Rute dos Santos Lima, concluiu
3ª Série do Curso Médio no ano letivo de
1997, na forma das leis de Educação vigentes no País e do Regimento Escolar.

OBSERVAÇÕES: A aluna concluiu a 3ª série do Ensino Médio do curso de Magistério de Ensino do 1º Grau da 1ª a 4ª série, no ano letivo de 1997. Pnoe CEE 50988825. Parec CEE 021/2000 - Publ. D.O 0611/09/2000.
 P.C. 2931552295 MRS/L 1980/8A

Local: Almeida - Bahia Data: 05 de agosto de 2016

Espaço reservado para registro ou anotações da repar.

Fonte: documento da autora

O impacto daquelas aprendizagens não foi forte no momento, foram sementes que germinaram depois. Afinal, eu pertencia a uma juventude que não herdou da geração anterior o protagonismo político e que foi às ruas para o “Fora Collor”, impactada não pela necessidade de produzir uma reforma social, mas pelo pedido de Galvão Bueno e a emoção de sair de cara pintada como se fosse um carnaval. Acho importante traçar aqui um pouco do contexto político da época não porque eu sabia, mas porque agora sei que eu tinha pouca liberdade, a democracia estava esmagada e eu era filha dos filhos da ditadura. Isso explicava a atmosfera pesada que pairava em minha casa e o cuidado com o que eu deveria ler por parte de minha mãe. “Quem pergunta demais morre”, “vai ler a Bíblia e deixa de pensar besteira”.

Eu tinha três anos quando ocorreu o “Diretas Já” e doze no impeachment do Fernando Collor. Não obstante, para mim que tinha um irmão jovem em casa, foi a época de Indiana Jones e de vê-lo com seus colegas acharem o máximo a ideia do filme “Curtindo a vida adoidado” e “De volta para o futuro”. Naquele momento, eu também não sabia que as aulas noturnas que minha mãe ministrava na alfabetização para jovens e adultos (ela ensinava três turnos e à noite eu e eu a acompanhava) eram sementes

freirianas de uma educação popular em que as experiências de vida dos alunos contavam para que o conhecimento estruturado na escola fizesse sentido.

Já no meu próprio percurso, no último ano de magistério em 1997, enquanto eu montava meu kit de estágio (eu sou da geração que enfeitava a sala e montava lembranças), eu não sabia que a educação brasileira estava passando por substanciais reformulações. A fim de aprimorar os mecanismos que permitiriam diagnosticar a situação educacional do país, implantou-se, em 1996, o Exame Nacional de Cursos (ENC), conhecido como "Provão", voltado para os ingressantes e concluintes das escolas de ensino superior. No ano seguinte, introduziu-se modificações no Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB), fazendo com que estas abrangesse também o Ensino Médio. Também o Brasil adotava a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, 35 anos depois da promulgação da primeira e em substituição a outro projeto que tramitou no Congresso Nacional por oito anos (1988 a 1996), elaborada por educadores, entre estes, o Deputado Federal do Partido dos Trabalhadores (PT), Professor Florestan Fernandes (1920 – 1995), e a comissão de elaboração do Enem criava a matriz de referência curricular numa tentativa de tirar o Brasil do “atraso” vivendo apenas de reflexões políticas de educação e inseri-lo nas reformas educacionais de países em desenvolvimento que tinham objetivos claramente definidos: produzir um reordenamento das políticas sociais do Estado. No Brasil, estender o atendimento ao ensino fundamental, interpretado como educação básica foi a meta a ser conseguida (ALVES, 2001).

Dito de outro modo, a educação escolar no país consolidou uma tendência dos países em desenvolvimento que era de responder aos imperativos da associação submissa do país ao processo de globalização neoliberal. Para isso, o receituário da educação ideal era de um sistema redefinido para formar um novo trabalhador e um novo homem que contribuísse para amenizar a crise internacional capitalista” (NEVES, 1999).

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional sofreu várias críticas sobretudo porque não trazia em seu bojo um currículo mínimo comum às escolas, possuía omissões e retrocessos exemplificados pela ausência de menção a um sistema nacional de educação bem como a falta de um Conselho Nacional de Educação autônomo, o que eliminava as instâncias amplas de debate com a sociedade civil, como o Fórum Nacional de Educação que foram germinadores da criação da lei da mesma forma que o jogo de interesses que se refletiu no texto da LDBEN, limitando seus avanços. Em síntese, a LDBEN garantiu avanços nos direitos, nas políticas públicas educacionais e trouxe em

seu DNA algo que existe na educação brasileira desde nossa primeira carta magna: a instrução primária gratuita para todos.

Com os olhos do presente, as novas leis do Ensino Médio e o avanço de ideologias como as vistas na PEC 141 e nas mais de 40 reformas passadas pela lei nesses últimos anos, fica perceptível a não discussão democrática dessas reformas e a repetição, no presente, do que aconteceu há cerca de 20 anos atrás. É axiomático que, no concernente às políticas educacionais nacionais, os atores sociais não são ouvidos na construção de tecido regulamentador o que esfacela a ideia de uma educação consoante aos interesses e anseios da sociedade.

Por fim, ainda cabe assinalar, sobre a lei, que sua formulação seguiu longa trajetória de participação e conflitos por uma educação pública, democrática e de qualidade e seu percurso primus de várias conferências e fóruns como também as negociações e conflitos foi substituída pelo texto final de Darcy Ribeiro o qual propunha os pilares da flexibilidade na organização pedagógica, administrativa e da avaliação. Além disso, trazia profundas semelhanças com as diretrizes do Banco Mundial revelando que já havia o discurso de tal ajuste para o qual o governo nacional tivesse apoio de entidades internacionais as quais financiassem ou investissem na educação do país (DEMO, 1997).

No mesmo ano da aprovação da lei criou-se o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério (Fundef), assegurando aos municípios insumos para melhorar a remuneração dos professores, a infraestrutura das escolas, a aquisição de material didático e o fornecimento de transporte aos estudantes.

3.2. 1998 a 2002: As sementes da Reforma Educacional

Claro que não é objetivo deste capítulo traçar um perfil pessoal de cada ministro, todavia, para entender o contexto e as ideologias globalizantes que levaram à criação do Exame Nacional do Ensino Médio reservo os parágrafos abaixo para descrever um pouco a trajetória do ministro criador e os percursos políticos dessa escolha.

Em janeiro de 1995, Paulo Renato Souza foi empossado como ministro da Educação, permanecendo no cargo até o final de 2002. Antes de assumir como ministro e fundador do Enem ocupou diversos cargos públicos, entre os quais o de gerente de operações do Banco Interamericano de Desenvolvimento em Washington, de 1991 a 1994, o de secretário da Educação do Estado de São Paulo (1984-1986), o de economista

da Divisão de Desenvolvimento Econômico da CEPAL, o de consultor na Organização dos Estados Americanos (OEA) no Programa Regional do Emprego para a América Latina e o Caribe (PREALC) e na Organização Internacional do Trabalho (OIT). Também tornou-se professor do Departamento de Economia da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), em 1978, professor visitante do programa de pós-graduação em economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), em 1979, e do Departamento de Sociologia da Pontifícia Universidade Católica (PUC) de São Paulo, em 1981.

No documentário dos 20 anos do Enem, o Inep revela que no tempo que passou nos Estados Unidos, seus filhos haviam feito o SAT - Scholastic Aptitude Test – um exame independente de certificação feito nos Estados Unidos que se difere dos exames de avaliação feitos na Europa e que serviu para modelar sua visão de um exame nacional no Brasil. Com formação em Economia, passagem pelo Chile, Estados Unidos terminou por, fora do governo, constituir junto com seu filho Renato Sousa Neto, executivo da área de fusões e aquisições e finanças corporativas do Banco JP Morgan, a PRS Consultores, empresa especializada em temas estratégicos e econômicos relacionados à educação que se transformou atualmente na Prismapar.

Naquele momento, a tal “prova do Enem” tinha como objetivo avaliar os estudantes que concluíam o Ensino Médio brasileiro (chamado de 2º grau até 1996) e funcionava basicamente como um termômetro: permitia saber quais eram os pontos fortes dos alunos, os problemas de aprendizagem, quais regiões precisavam de mais incentivo à educação. Para os alunos, que manifestavam sua opinião em inúmeros meios de comunicação e que se interessavam pela prova, era uma forma de ensaiar como se sairiam no vestibular. Os primeiros exames do Enem continham 1 redação e apenas 63 questões, modelo que durou até 2008. As perguntas não eram divididas por áreas do conhecimento e havia 5 horas e meia para realizar o teste. Nessa época, o tema da redação virou discussão de todos – como aluna ainda sem entrar na universidade, lembro-me de ter feito a redação como treinamento no cursinho um ano depois. Na ocasião, sem ainda ter sido desenhado para ser um texto que, obrigatoriamente, deveria trazer em seu bojo os direitos humanos, escrevi, inspirada na canção de Gonzaguinha, que servia como texto motivador, que somos eternos aprendizes respondendo a questão “O que é o que é” direcionando-me para o “viver e aprender”.

Enquanto eu escrevia aquele texto, que não chegou as 23 linhas, não imaginava que estaria 23 anos depois redigindo não mais sobre viver e aprender, mas sobre o

resultado das minhas aprendizagens porque agora é um viver e educar. Enquanto a mão incerta e a falta de um domínio técnico, hoje comum aos jovens que fazem essa prova cheios de “dicas e esquemas”, uso um esforço de memória para tentar me lembrar do que exatamente escrevi. Não lembro do texto, mas das convicções de que a vida seria melhor quando eu passasse no vestibular, isso eu me lembro bem. Para além, enquanto meu texto era escrito letra a letra, palavra a palavra desenhava-se no Brasil uma nova política de educação que impactaria milhões de jovens poucos anos depois.

Voltando ao fio da história do Enem, este nasce depois da participação do Ministro Paulo Renato Souza no evento da UNESCO e UNICEF orquestrado também pelo Banco Mundial em Jomtien, Tailândia entre 5 a 9 de março de 1990 que aprovou a Declaração Mundial sobre Educação para Todos com um Plano de Ação para satisfazer as necessidades básicas de aprendizagem num momento em que mais de 100 milhões de crianças, das quais pelo menos 60 milhões são meninas, não tinham acesso ao ensino primário e igualmente cerca de 960 milhões de adultos eram também analfabetos. Foi um momento em que o analfabetismo funcional era apresentado como um problema evidente em todos os países industrializados ou em desenvolvimento. Ao lado dos desafios educacionais, o mundo saía de uma década em que os países sofriam de uma grande recessão econômica que dificultou, em muitos casos, o financiamento e a expansão da educação.

Apesar desse quadro, o planeta entrava na última década de um século e havia muitos diálogos, em âmbito global e local, que evocavam a necessidade de relembrar que a educação como um direito fundamental de todos e esta poderia contribuir para o progresso social, econômico e cultural. Tal visão se estabeleceu nesse plano da UNESCO no seu artigo primeiro, em que as necessidades básicas de aprendizagem foram explicitadas. A saber, instrumentos (como a leitura e a escrita, a expressão oral, o cálculo, a solução de problemas), e também conteúdos básicos da aprendizagem (como conhecimentos, habilidades, valores e atitudes), necessários para que os seres humanos pudessem sobreviver e desenvolver plenamente suas potencialidades, viver e trabalhar com dignidade, participar plenamente do desenvolvimento, melhorar a qualidade de vida, tomar decisões fundamentadas e continuar aprendendo (UNESCO,1990)

A Conferência propunha que cada país deveria estabelecer suas próprias metas para a década de 1990, levando em conta questões como acesso universal e conclusão da educação fundamental (ou qualquer nível mais elevado de educação considerado "básico") até o ano 2000 a ampliação dos serviços de educação básica e capacitação em

outras habilidades essenciais necessárias aos jovens e adultos, avaliando a eficácia dos programas em função de mudanças de comportamento e impactos na saúde, emprego e produtividade. Tanto quanto possível os países deveriam construir medidas para avaliação de níveis de desempenho como parte da eficácia de suas políticas e foi visando conhecer esses números que as avaliações nacionais da educação foram criadas. (UNESCO,1990).

Para a conquista de tal feito, a Declaração colocava que seriam necessárias inúmeras habilidades e especialidades para pôr em prática essas iniciativas. Naquele momento, os educadores que ouviam falar dessas renovações ocorridas e impactados pelo discurso do então Ministro Paulo Renato de que era preciso diminuir os deslocamentos dos jovens para prestar exames em vários vestibulares diferentes e seu apelo à urgência de criação de um instrumento de avaliação nacional foi grande. Nesse contexto, viu-se nascer no seio do governo de Fernando Henrique Cardoso, o SAEB - avaliação estruturada da educação básica e a primeira a ter uma matriz de competências e habilidades que mais tarde foi adaptada para o Ensino Médio por um grupo de professores recrutados por Maria Inês Fini que assumiu a coordenação e teve como equipe criadora da matriz Dalton Francisco de Andrade, Eduardo Sebastiani Ferreira, José Sérgio Fonseca de Carvalho, Leny Rodrigues Teixeira, Lino de Macedo, Luis Carlos de Menezes, Luiz Koshiba, Luiz Roberto Moraes Pitombo, Márcio Constantino Martino, Maria Cecília Guedes Condeixa, Maria da Graça Bompastor Borges Dias, Nilson José Machado, Raul Borges Guimarães, Regina Cândida Ellero Gualtieri e Zuleika de Felice Murrie uma das autoras da matriz de redação. Segundo relatos oficiais, esse era um grupo extremamente heterogêneo que modelou um conjunto de habilidades para a cidadania envolvendo aspectos práticos e culturais gerais e éticos associados às 21 habilidades¹⁷algumas com vocações científicas e matemáticas que tinham como objetivo maior servirem para construção de uma educação em contexto.

Na redação, parte da prova mais discutida e que gerou desde as pérolas apresentadas por Jô¹⁸ a fenômenos em redes sociais como Débora Aladim¹⁹ , o participante é considerado como autor de um texto que apresentará uma proposta de

¹⁷ Vide anexo das competências e habilidades.

¹⁸ Conhecido apresentador de Tv brasileiro que criou um quadro cômico para apresentar a visão dos jovens sobre o tema.

¹⁹ Participante do Enem que tirou a nota máxima e passou a compartilhar suas dicas e por isso ganhou milhões de seguidores. Mais tarde começou a opinar sobre as políticas educacionais e a criticar Jair Bolsonaro.

intervenção para um problema proposto. A prova exige a produção de um texto em prosa, do tipo dissertativo-argumentativo, sobre um tema de ordem social, científica, cultural ou política. Nela espera-se que cada participante selecione o recorte apropriado do seu acervo pessoal, reorganizando os conhecimentos de várias áreas do conhecimento já construídos com o apoio da escola para enfrentar o desafio proposto, transcrevendo-o em seu projeto de texto. A redação é avaliada por meio das mesmas cinco competências que estruturam a parte objetiva da prova, mas “traduzidas” para uma situação específica de produção de texto escrito e desdobradas, cada uma, em quatro níveis que determinam os critérios de avaliação em cada competência.

Uma das questões inovadoras do processo foi a de oferecer um único tema. Os alunos estavam acostumados a vestibulares com dois e até três propostas com inclusive diferentes gêneros textuais. Segundo o INEP em seu relatório de 1998, a proposta única foi construída para evitar que o aluno passasse muito tempo escolhendo e refletindo sobre a escrita dos possíveis temas já que a duração do exame era de, no máximo, quatro horas. Outra grande discussão veio da escolha do gênero dissertativo acompanhado de textos de apoio e comando limites e predefinições de projetos de texto. Para os elaboradores, esses limites eram essenciais para um exame nacional que pretendia ser reconhecido entre os grandes exames avaliadores do mundo e foram elaborados seguindo critérios comuns em processos avaliativos nas tarefas da escola e na vida.

Essa constante preocupação, de produzir uma prova que espelhe os desafios cotidianos do mundo contemporâneo, levou o processo a uma enorme mutação ao longo de suas aplicações, mas que manteve em seu DNA duas grandes tarefas aos milhões que vão realizá-lo todos os anos: a escrita e a leitura. Essa última, na interpretação dos textos de apoio e tema para entender o que está sendo proposto na redação, mas também ao longo de toda a prova fechada. Para alcançar tal feito, o INEP contratou uma equipe de professores, especialistas nas diferentes áreas de conhecimento, para construir um banco de questões que avaliassem as competências e habilidades do Enem que foi assessorada pelos autores da Matriz de Competências já citados em alguns parágrafos acima.

As questões organizaram-se em termos de situações-problema com características interdisciplinares e de contextualização. Os temas e assuntos veiculados foram selecionados não só nos livros didáticos, mas em jornais, revistas e periódicos. Os enunciados dos problemas obedeceram, também, às diretrizes anunciadas na Matriz de Competências para o uso da Língua Portuguesa. Outra característica essencial dos problemas elaborados é que trouxeram, em seus enunciados, o máximo de informações

necessárias para sua resolução, uma vez que a ênfase dessa avaliação recai na aferição da capacidade de transformar informação em conhecimento, não na simples retenção e repetição de um conjunto de informações já que o objetivo essencial da prova é ponderar como o conhecimento construído pode ser efetivado pelo participante através da demonstração de sua autonomia de julgamento, de valores e como suas decisões são tomadas diante de situações – problemas aproximados dos desafios de sua vida social, individual e de trabalho. Claro que essas “situações” não eram exatamente as que o Brasil tinha vivido em 1998. Nelas, não estavam a greve de três meses dos professores universitários, o desabamento de parte do Edifício Palace II, na Barra da Tijuca de propriedade do deputado Sérgio Naya, nem tampouco o leilão de privatização da Telebrás.

Sobre essa nova forma de avaliação por competências e habilidades o relatório produzido em 1998 aponta que:

As tendências internacionais, tanto em realidades mais próximas da nossa como nas mais distantes, acentuam a importância da formação geral na educação básica, não só para a continuidade da vida acadêmica como, também, para uma atuação autônoma do indivíduo na vida social, com destaque para sua inserção no mercado de trabalho, que se torna mais e mais competitivo. Esta formação deve ser compreendida como uma sólida aquisição dos conteúdos tradicionais das ciências e das artes associada ao desenvolvimento de estruturas capazes de operacionalizá-los no enfrentamento de problemas apresentados pela realidade social, cada vez mais complexa, e numa dinâmica de tempo progressivamente acelerada. A rapidez com que as mudanças sociais se processam e alteram nossa vida cotidiana impõe um padrão mais elevado para a escolaridade básica e o projeto pedagógico da escola deve objetivar o desenvolvimento de competências com as quais os alunos possam assimilar informações e utilizá-las em contextos adequados, interpretando códigos e linguagens e servindo-se dos conhecimentos adquiridos para a tomada de decisões autônomas e socialmente relevantes. (INEP, 1998, págs. 8/9)

A título de minudência, as competências são aqui entendidas como as modalidades estruturais da inteligência, ou melhor, ações e operações que se utilizam para a constituição de relações com e entre objetos, situações, fenômenos e pessoas que desejamos conhecer. Conseqüentemente, as habilidades decorrem das competências adquiridas e referem-se ao plano imediato do “saber fazer”. Através das ações e operações, as habilidades aperfeiçoam-se e articulam-se, possibilitando nova reorganização das competências (INEP, 1999).

Seguindo essa visão, a Matriz criada parte do pressuposto que a competência de ler, compreender, interpretar e produzir textos são cobradas para além da Língua Portuguesa, uma vez que se trata de uma competência necessária na aprendizagem escolar

holisticamente. Portanto, a interpretação de um problema matemático, a compreensão de um processo físico, químico ou biológico e a apreensão das transformações de espaço/tempo da história, da geografia e da literatura exigem também a competência leitora.

Essa visão surge nos anos 50 através da teoria chomskiana, uma teoria única que provocou nos anos 50 e 60 uma genuína revolução no campo da linguística e que a partir dos anos 70, passou a ser associada à qualificação profissional e utilizada na educação apontando a necessidade de a escola desenvolver uma matriz de avaliação mais efetiva. Foi através do Banco Mundial e da ONU, que nos anos 2000 essa concepção foi aplicada à educação e incorporada ao Brasil através de seus exames nacionais. Cabe aqui o adendo de que tal adaptação não veio de Chomsky e que o autor é ainda hoje uma das mais importantes figuras na luta pela democracia e contra o neoliberalismo e a transformação da educação nos interesses do mercado.

Em sua obra *Quem Manda no mundo?* (2017), o teórico elucida que mesmo nos Estados mais democráticos as populações exercem um impacto apenas limitado nas diretrizes políticas, como se vê nos novos arranjos educacionais descritos nesse capítulo em que a universidade e mesmo os articulars da LDB viram suas reivindicações serem ignoradas. Noam Chomsky denuncia que a Era neoliberal trouxe “mestres” como o ministro criador do Exame Nacional do Ensino Médio²⁰ que figuraram nos mais altos escalões de economias cada vez mais monopolizadas e em gigantescas e predatórias instituições financeiras e que se rodeiam de intelectuais não como Emile Zola que em questionar foi condenado a prisão e que no cenário nacional corresponde aos professores “anarquistas” que fizeram greve de fome contra as reformas da universidade da década de 90, mas assemelham-se aos acadêmicos que ao molde do que é “o correto” forjaram e forjam uma educação para as massas, em massa, mas que não expressa os anseios da massa.

Outra questão proposta no documento que também rege os princípios do Enem é seu ideal de universalizar a educação e torná-la equitativa diminuindo, através dela, estereótipos de qualquer natureza. No processo histórico do Enem, esse objetivo é contemplado quando se vê a construção do acesso a pessoas com deficiência e a questão do nome social amplamente difundido além da gratuidade do exame para pobres e a

²⁰ A inserção do exemplo é minha. Não consta na obra do teórico.

questão de os correios levarem as provas para as cidades mais distantes. De outro modo, esses milhões não teriam acesso à universidade.

Os jovens que fizeram o Enem de 1998 tinham, segundo a pesquisa do Inep, as expectativas e os objetivos individuais de ter um bom trabalho (98,5%), ser bem-sucedido na carreira (98,2%), ter emprego (98,1%), ganhar um bom salário (97,7%) e, conseguir diploma universitário (96,9%) tinha um grau de importância maior que constituir família, ter filhos (88,1%) casar-se, ou ter um parceiro (86,5%). (INEP, 1998).

Lendo os dados daquela época, sei que refletem, sem dúvida, meus anseios como jovem bem diferente dos jovens que anseiam ser *YouTubers* e influenciadores digitais do mundo contemporâneo. Minha geração queria um crachá e uma carteira de trabalho não para comprar uma casa, ter filhos e viver as agruras do casamento vistos nas novelas da Globo em que “os pecados capitais” levavam a morte e que casar era uma verdadeira “Torre de Babel”, mas para viajar o mundo e poder mudar as realidades econômicas de nossas famílias.

A verdade que movia os “jovens de 98” era a de saber que depois de nosso ano de formatura teríamos chances de conseguir emprego e um bom salário. Essa certeza está na minha memória, também nos números do INEP como fica demonstrado no relatório de 1998. 82,6% dos jovens que responderam ao questionário socioeconômico acreditavam que teriam boas chances de conseguir um emprego e 80,7% criam no sucesso em seu trabalho ou profissão (80,7%).

Naquele momento, a universidade era mesmo facultativa, o Ensino Médio não exigia continuidade, ele era um fim em si mesmo. À vista disso, dezoito anos não era um marco de estar na universidade, mas de encontrar-se no trabalho com carteira assinada. Soava estranho, por exemplo, que eu tivesse feito um curso técnico ao mesmo tempo que magistério, destarte, duas formações, e eu dissesse na minha rua que “queria estudar mais”. Naquela época, isso significava atrasar a ajuda da família, que precisava tanto, ou mesmo perder a vaga, porque “se você não pegar o emprego depois do estágio ficar mais difícil entrar”.

Tais axiomas eram tão cruciais que me fazem lembrar do valor da inscrição do vestibular da UESC a qual custava 45 reais e eu queria muito fazer, mas minha mãe que incentivou sempre a educação em casa, deixou claro que “faculdade não era sua obrigação” que se alguém quisesse fazer faculdade teria que trabalhar para custear,

inclusive a inscrição. Assim sendo, não participei da minha colação de grau na EMARC²¹ para pagar a inscrição do Vestibular da UESC. Na ocasião, a inscrição era feita manualmente e numa folha que era entregue no correio. O acesso era tão difícil ao processo de inscrição que na minha cidade não tinha como ser feito. Meu irmão mais velho foi a Ilhéus, preencheu a ficha e me inscreveu. Ainda me lembro da alegria que senti ao entrar no ônibus da cidade com os filhos dos ricos que estudavam nas escolas particulares da cidade vizinha para fazer a prova. Claro que a felicidade durou só isso. Meu irmão colocou francês como língua estrangeira e a prova era aberta. Mas acho que essa desculpa de não ter passado por causa do meu irmão assemelha-se mais a uma anedota familiar. Afinal, como eu poderia passar numa prova para a qual eu não tinha nenhum preparo? Estudei economia doméstica e magistério, não sabia nada de física, química ou matemática tampouco a lista de livros obrigatórios para serem respondidos em questões abertas. Acho que tinha um poema de Drummond ou talvez não. Mas essa dúvida não invalida a tese, nem a hipótese, apenas a memória do instante.

Tudo começou em 1998, mas ficou muito sério. Ao participar de um processo que convidava os jovens a intervirem em problemas que ao longo dos anos foram desde a violência contra mulher e intolerância religiosa até questões mais políticas como limites entre o público e privado e a ética nacional, sem dúvida, o Enem e suas redações passaram a ser um espelho do pensamento dos jovens em um momento em que o Brasil estava se abrindo democraticamente.

A prova era quase sempre um convite a um protagonismo juvenil e apelava aos jovens que eles participassem socialmente²². Não vi esse protagonismo quando os jovens nada fizeram e o Brasil reeleger em primeiro turno, com 53,06% dos votos válidos o mesmo Fernando Henrique Cardoso. Não houve também reação ao dia 02 de dezembro quando o FMI aprovou um empréstimo para que o Brasil não sucumbisse a crise alastrada pela Rússia, não obstante sucumbisse ao neoliberalismo avassalador. Para completar o pesadelo, o fenômeno Ronaldo teve um mal-estar (será que não era o Brasil que sentia?) e o Brasil perdeu a Copa do Mundo para a França. Mas foi perder a Copa ou perder o país? Sabendo a resposta que sempre vem na tecedura do tempo prefiro a minha melhor lembrança de 1998 que é mesmo Central do Brasil. Agora não sei mais se é a minha memória ou se é uma memória inventada fruto das vezes que que assisti a essa grande

²¹ Escola técnica que se transformou atualmente no IFBA-Baiano.

²² Como foi explicitamente o tema de 2002.

obra do cinema brasileiro para os vestibulares. Mas quero ficar com a Carta de Dora que talvez seja também a minha carta:

“No dia que você quiser lembrar de mim, dê uma olhada no retratinho que gente tirou. Eu digo isso porque tenho medo de que um dia você também me esqueça”.

(Trecho do filme Central do Brasil)

Não guardo retratos, mas tenho textos dessa época e, analogamente a Dora, tenho saudades da minha faculdade, tenho saudades da jovem que fui, até mesmo da minha ignorância de achar que aquelas provas e inovações não eram uma forma de vender de novo o país. Na venda da agora, não mais portugueses com espelhos, mas sociólogos e economistas com o neoliberalismo.

Em 1999, esperava-se “o bug do milênio” momento em que os computadores iam zerar e um novo século começaria, um século sem precedentes na história humana em que biotecnologia, inteligência artificial, Blockchain, Bitcoins e a internet das coisas não estariam num filme de volta para o futuro, mas no presente, bem presente. Sob o mesmo ponto de vista, vivíamos a era em que o dólar custava R\$ 1,55 e embalada pela incerteza e pelo silêncio da noite sonhando acordada²³ é que continuei tentando entrar para a universidade e fazer como os jovens mais ricos das cidades pequenas, um cursinho preparatório para o vestibular. Sem as condições econômicas, ganhei uma bolsa de estudos pela rádio no curso Fênix em Ilhéus para assistir aula de algumas disciplinas (ganhei uma bolsa parcial). Nessa ocasião, eu ensinava na escola em Uruçuca no turno da manhã e pegava um ônibus no turno da tarde com a ajuda de passagens dadas pelo prefeito. Para me manter no curso preparatório também contei com o subsídio de um dos meus irmãos que nessa época era como muitos uma geração de jovens nascidos nos anos 70: terminava o ensino médio e iria para o mercado de trabalho.

Esse curso pré-vestibular tinha em seu quadro o professor Dourado, Árleo, Marlene e, assinalar esses três educadores é muito importante em minha trajetória, porque eles não eram professores de um pré-vestibular comum, mas donos de escolas, professores na universidade para cursos de licenciaturas e estavam profundamente envolvidos com as reformas educacionais daquele período - o que se revelava em seus discursos que eu, como os outros jovens, entendíamos como “não falar do assunto”, “falar de coisa nada a ver”, “fica com discurso de pai da gente”. Mais tarde ensinei nas duas escolas em que o professor Dourado e Árleo eram diretores e aquela foi a primeira vez –

²³ Canção Sozinho de Caetano Veloso, a musica mais tocada de 1999

através da professora Marlene – que minhas habilidades de redação eram reconhecidas através dos recadinhos de que eu tinha feito um bom texto e foram cruciais para a construção da minha escolha primeira de ensinar produção textual.

Naquele ano, não tive nenhum aluno que fizesse o Enem, meus alunos estudavam no Centro Educacional do Município de Uruçuca – CEMUR em séries fundamentais, mas era forte propaganda de que essa era uma porta de entrada da universidade e mola propulsora de sonhos. Em muitos jornais, víamos anunciada a vantagem de poder estudar em universidades distantes graças ao fato de o aluno não precisar mais juntar dinheiro ou despende de grandes somas para sair da Bahia, por exemplo, para prestar vestibular em São Paulo ou Rio de Janeiro.

No contexto, o número de instituições de educação superior que utilizavam os resultados no Enem subiu de 2 em 1998 para 93 em 1999. Outro grande marco foi a parceria com a Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos. Foram sete mil agências habilitadas a realizar inscrições para o exame, o que permitiu a aplicação em 162 municípios para 346.819 pessoas sendo que o Enem de 1998 recebeu somente 157 mil inscrições, com um pouco mais de 115 mil comparecendo às provas. As provas de 1999 aconteceram na Bahia, nas cidades de Feira de Santana, Itabuna, Jequié, Paulo Afonso, Salvador e Vitória da Conquista.

Eis o texto oficial do relatório:

“O Enem é voluntário e tem por objetivo avaliar o desempenho global de cada ‘um dos participantes, oferecendo referenciais para o prosseguimento dos estudos, para o aprimoramento individual ou, ainda, para o ingresso no mercado de trabalho’.
(INEP, 1999, p. 3)

Do Enem desse ano, os dados coletados permitiram observar que boa parte dos participantes complementaram sua formação de nível médio através da realização de outros cursos que vai, numa escala maior de língua estrangeira (48,7%) passando por computação ou informática (48%) até os que realizam um curso preparatório para o vestibular (35%) e estes são instrumentalizações para melhor habilitá-los para o mercado de trabalho. Não podemos afirmar que há uma grande busca pela universidade, porque os 346.819 jovens que fizeram o Exame Nacional do Ensino Médio não representam os 28,6 e 31,1 milhões de pessoas na faixa dos 15 a 24 anos de idade de 1991 a 1996 que habitavam o Brasil. O crescimento do processo também não revela o crescimento de 2,5 milhões de jovens, cerca de 8,8% da população nacional nesse espaço de tempo. (IBGE 1999).

Em 2000, os brasileiros puderam ler a história do adolescente Harry Potter pela primeira vez, apesar da obra ter saído em 1997. Também, 248 milhões de pessoas tinham acesso à internet, o equivalente a 4% da população mundial. Atualmente, são quase 4 bilhões, mais da metade da população do globo. Para pesquisarmos utilizávamos sites como o Cadê, o Altavista e o Yahoo. Nesse ano, como todo jovem de 20 anos, estava cheia de expectativas sobre um século que começara e coloquei tudo isso dentro da minha mala para Eunápolis. Deixei para trás meus 4 irmãos, minha mãe, meu emprego, o magistério para ser aluna da primeira turma do curso de Letras da UNEB na cidade de Eunápolis onde também comecei a criar módulos de ensino baseados das competências e habilidades e a ensinar redação.

Nesta situação, tive a experiência de ensinar a alunos que iriam fazer vestibular no Rio de Janeiro e outros na Bahia que inclusive participam da pesquisa empírica desse trabalho. Os estudantes viviam um momento em que a redação era completamente diferente de um processo para outro. Em alguns casos, os alunos escreviam cartas, artigos, dissertações opinativas e o ensino de redação era multifacetado, para não dizer mais completo. Na minha universidade, professores de diferentes lugares da Bahia e de outros Estados vinham para construir o curso e uma ampla discussão sobre as mudanças da educação aconteciam entre as aulas de Língua Portuguesa e Filosofia da Educação.

Daquele tempo, guardo a reminiscência da produção dos primeiros módulos em que eu digitava colagens de provas e módulos de outros cursinhos. Naquelas longas horas frente ao computador, que me deixaram como herança – alargada com o tempo – minha tendinite, eu aprendi conteúdos de literatura, história e geografia e a criar provas que serviram ao longo de toda minha vida. Naquela sala, com minha conexão discada que fazia da pesquisa um exercício de paciência e minha enorme tela de computador com meu Word 2000 eu digitei os primeiros materiais sobre competências e tive acesso a variadas provas de vestibular. Também, naquele período, as provas e hoje estão disponíveis num clique no Google, não eram disponibilizadas e acessíveis. A empresa mais importante na produção de avaliações na Bahia era a CONSULTEC e, para ter acesso as suas provas era preciso ir presencialmente até sua sede em Salvador e trocar por latas de leite ou utilizar provas de alunos que fizeram o processo. Ter esse acesso e digitar todos esses textos contribuíram muito para uma visão sobre a avaliação em momentos cruciais da minha vida no ensino em que o ato de avaliar precisou ser posto em questão. Dessa forma, meus primeiros alunos do ensino médio fizeram o Enem do ano 2000. Meus primeiros alunos,

meus primeiros semestres na faculdade, meus primeiros passos numa jornada em que o Enem passou a ser meu objeto de trabalho.

Nessa sua terceira promoção, o Enem contou com 352.487 participantes e foi embalado por um movimento comum a muitos países na década de 90 no que se refere às reformas da educação que apregoavam uma mudança para que o ensino deixasse de ser da elite para ser de massa, propondo, pra isso, três desafios: etapa final da educação básica no desenvolvimento de competências essenciais ao pleno exercício da cidadania; como etapa intermediária no percurso escolar preparando o aluno para o ingresso no ensino superior; e, por último, como elo entre a escola e o mundo do trabalho, promovendo para esses a formação básica requerida pelo mercado, dentro de uma concepção orientada para a aprendizagem continuada. Esse é o momento em que as competências para o século XXI são amplamente difundidas e o ensino médio transforma-se numa verdadeira escola para a vida aos olhos dos arautos daquele tempo.

Segundo o relatório INEP do ano 2000, o Enem é o "caçula" entre os três sistemas nacionais de avaliação e, entre eles, trata-se do mais ousado e desafiador porque os dois primeiros, o Saeb é uma avaliação das redes de ensino básico, por amostragem, e o Prova, uma avaliação dos cursos de graduação, enquanto que o Enem — conforme já foi dito — avalia o desempenho individual no fim da escolaridade básica, com o objetivo de aferir o desenvolvimento das competências fundamentais ao exercício pleno da cidadania e é um dos instrumentos utilizados para a implantação da reforma do Ensino Médio. Foi considerado pelo Ministério da Educação e INEP, naquele momento histórico, como um indutor de mudanças, favorecendo a implantação da reforma curricular do ensino médio num contexto de expansão da matrícula, reflexo de um momento de exigência de elevação de escolaridade no mundo do trabalho.

Em 2000, nesse relatório, a grande discussão pedagógica, que gerou a criação inclusive de novas disciplinas no ensino médio, foi a formulação das questões exigindo “leitura de mundo” amplamente discutida nesse trabalho quando tratamos das competências. Nesse momento, eu comecei as leituras de teóricos como (MARCUSCHI, 2008; KOCH e ELIAS 2012, 2013; LEFFA,1996) e, através do olhar destes, consegui compreender que o propósito era que nas questões os participantes encontrassem nelas situações-problema contextualizadas na interdisciplinaridade das ciências, das artes e da filosofia, em sua articulação com o mundo a que ele pertencia. Apesar de já ter sido aplicado desde os primeiros processos, somente em 2000 as escolas e cursinhos começam

a criar avaliações que nomeavam de “testes para o Enem” e foi quando eu, também, comecei a criar minhas primeiras questões como autora.

A prova do ano 2000 trouxe um grande marco de ter 376 pessoas portadoras de necessidades especiais inscritas que puderam fazer provas ampliadas, em braile e ter acesso a outras medidas de inclusão como corretores especializados de redação. Ainda nesse ano recebi, em minhas salas de aulas, os primeiros alunos com necessidades especiais interessados em dar prosseguimentos aos seus estudos. Combinando com essa “onda de inclusão” o tema proposto foi sobre “os direitos da criança e do adolescente: como enfrentar esse desafio nacional?” acompanhado de uma charge do cartunista Angeli, do artigo 227 da Constituição da República Federativa do Brasil, e de um depoimento de um menino, publicado pelo jornal A Gazeta e um excerto do livro O cidadão de papel, de Gilberto Dimenstein. No questionário socioeconômico, quando solicitados a opinar sobre fatores ou condições consideradas importantes para conseguir “uma boa vida no futuro”, a maior parte dos candidatos assinalou a honestidade, o senso de justiça, a generosidade, a solidariedade, como os valores subentendido àquelas condições. Similarmente ser bom aluno, cursar uma boa escola ou faculdade, ter bons conhecimentos profissionais, ter cultura geral e ser trabalhador apareciam como fatores cruciais para a conquista desse povir pulsante.

Não se falava em outra coisa em Itabuna. A Universidade Estadual de Santa Cruz implantaria no ano de 2001 o primeiro curso de graduação em Medicina do interior do estado. O modelo pedagógico inovou ao implementar a exitosa experiência do Aprendizado Baseado em Problemas²⁴ e o curso seria o 3º do Brasil com esta metodologia ativa, e o 1º da Bahia, servindo como polo formador para as outras universidades estaduais baianas anos depois. Também não se falava em outra coisa. Uma concorrência de quase mil pessoas para uma vaga.

Enquanto eles falavam, eu fazia minha transferência de Eunápolis para Ilhéus. Apesar de já ter trabalhado num pré-vestibular e ter tido êxito nos estudos da faculdade, como muitos do meu tempo, não havia quase nenhuma ajuda do governo para jovens de baixa renda e eu, para cursar a faculdade morava “de favor” na casa do antigo pastor de minha cidade que havia assumido seu ministério lá. É importante não omitir que não fui cursar Letras por uma causa nobre, amar o curso ou coisa parecida²⁵. Fui para fazer

²⁴ Problem Based Learning - PBL, método inicialmente difundido no Canadá e na Holanda.

²⁵ Meu primeiro vestibular em 1998 foi para Direito e Comunicação Social.

companhia a uma colega de cursinho que iria tentar algo na área de saúde (não me lembro qual) e a oportunidade de viajar e conhecer Porto Seguro foi uma mola propulsora em minha decisão. Vale assinalar sobretudo, porque ao longo de minha trajetória como professora, vi vários alunos entrarem em cursos superiores “acidentalmente” e a falta de discussão sobre as profissões e o caminho acadêmico sempre foi um calcanhar de Aquiles na educação brasileira e um custo aos cofres públicos pelas entradas e desistências nos cursos superiores de turmas que entram com 50 alunos e formam 7.

Apesar de amar a universidade, a cidade, os novos amigos, eu fiz a transferência para a Universidade Estadual de Santa Cruz e voltei para morar em Uruçuca. Escolhi estudar à noite, porque já sabia que seria um imperativo para minha geração estudar e trabalhar. Do grupo que eu frequentava, os únicos que faziam faculdade era o filho do pastor, as duas filhas de vereador e o filho do prefeito. Ao resto, ficava os trabalhos em prefeituras e numa fábrica de borracha perto da cidade.

Escolher voltar e cursar a UESC não foi uma escolha, foi falta de opção. O cursinho que comecei a trabalhar não deu certo, minha mãe não tinha como me manter e como centenas de jovens pobres da época era para mim um grande desafio econômico e social mudar de localidade para ter “sucesso”. Não tive.

Mas a experiência de ensinar para jovens do ensino médio em Eunápolis me movia freneticamente e sonhando em continuar sendo professora de redação consegui uma moradia “de favor” na casa das filhas do vereador em Itabuna por 30 dias e fui procurar trabalho nas escolas em Ilhéus e Itabuna. Não consegui o emprego que eu esperava, mas eu sabia que a falta de professores e meu conhecimento sobre produção de provas e literatura eram trunfos. Continuei tentando até participar de um grande movimento de massa que estava acontecendo em Ilhéus liderado por dois jovens Mara (a outra Mara) e Raul Reis que coordenavam um pré-vestibular a preço popular que levava centenas de jovens do comércio, das escolas públicas e mesmo das escolas privadas a salas imensas a fim de se prepararem para o vestibular e Enem - eu entrei no desafio ensinando literatura pela primeira vez. A paixão pela leitura, a facilidade nascida de uma menina criada com o pão nosso de cada dia, mas também o livro nosso de cada dia, fez com que minha paixão Machadiana, minha lucidez clareada por Clarice e meu jeito meio gauche na vida Drummondiano fosse apreciado pelos então coordenadores.

Poucos meses depois, eles me indicaram para ensinar numa das escolas mais tradicionais do município: o Colégio São Jorge dos Ilhéus no qual passei as agruras do ensino de gramática, a falta de material didático e todos os desafios previsíveis para uma

menina estudante de escola pública, num quarto semestre da universidade ao ensinar para estudantes que tinham quase sua idade numa escola privada que ensinava nos moldes de uma educação ainda voltada para decorar/testar. Apesar das grandes nuvens sombrias desse tempo, lá, as trocas de livros com Luiza e o coordenador Bernard, que pensava no ensino revolucionário e adorava novas metodologias, levou-me poucos meses a uma outra escola que se tornou, em definitivo, meu primeiro lar: o colégio e curso Galileu.

Nesse período, meu irmão sofreu um acidente de moto e entrou em minha vida. Ele ficou sem andar, por quase um ano, e eu saía para jornadas de trabalho de manhãs e tardes em Itabuna e voltava à noite para trocar os curativos e limpar os ferros que prendiam suas pernas. Ele, em seu ano sabático, lia compêndios de economia, aprendia a caminhar e a ver o mundo mais devagar. Do meu lado, a seu lado, eu aprendia a dirigir, batia meu carro na árvore, reaprendia a viver com alguém e a ensinar o que eu ainda estava aprendendo.

Nesse momento de turbilhão e tantos desafios para mim, no Brasil, cerca de um milhão e 200 mil pessoas foram, num domingo de agosto para essa primeira edição do Enem que liberava a taxa de 32 reais para 82% dos jovens inscritos. Essa gratuidade, sem dúvida, foi o que fez triplicar o número de participantes em relação ao ano anterior e contribuiu para que os participantes das escolas públicas, segundo o relatório de 2000, saíssem de 25% para 60% bem como o aumento dos que se declararam pretos e pardos - 432 mil pessoas. Isso tornava o Enem uma substancial política pública de ação afirmativa eficiente que mobilizava mais de 120 mil pessoas na aplicação, correção e análise das provas e que trouxe, também, outra considerável mudança: um aumento de inscritos com idade acima de 21 anos, passando de 8,5% para 18,7%. Um começo de construção de pontes para o grande abismo que separava os pobres do ensino superior no Brasil e que passará, ao longo de seus anos, por aprimoramentos e reformas a fim de ser um pilar de inclusão pela educação.

O mundo viu a queda das Torres Gêmeas e o Brasil enfrentou a crise do apagão entre 2001 e 2002, que afetou o fornecimento de energia elétrica. Também perdemos a luz de nossa “malandra” Cássia Eller devido a um infarto do miocárdio e em 9 de janeiro de 2001, no governo do então presidente Fernando Henrique Cardoso, foi sancionada a Lei nº 10172, responsável pela aprovação do Plano Nacional de Educação (PNE) que traçava as diretrizes e metas para a educação em nosso país até 2010.

Das ações engendradas pelo Poder Público nesse período além do PNE, destacam-se, entre outras, a universalização do ensino fundamental com toda criança na

escola, o Fundef, o Bolsa-Escola, a melhoria do livro didático, a descentralização dos recursos com o dinheiro na escola, a família na escola, os Parâmetros Curriculares Nacionais, os parâmetros em ação, a Reforma do Ensino Médio e da Educação Profissional, a TV Escola e a implantação das políticas de avaliação. Essas mudanças foram propostas sob a etiqueta de "modernização nacional" e traziam em seu conteúdo a adequação do Estado às significativas mudanças que ocorriam no mundo capitalista.

As expressões correntes de "modernizar a sociedade", "inovação tecnológica", "erradicar a pobreza", "adequar a educação e o mundo do trabalho às novas tecnologias" e a "consolidar a nova ordem social" serviram como discurso para os modeladores desses projetos de lei, propostas de emendas constitucionais, medidas provisórias, decretos e portarias até a aprovação do Plano Nacional de Educação respondendo a exigências previstas na Constituição Federal de 1988, na Lei n. 9.131, de 24 de novembro de 1995 e na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

Numa leitura crítica, apesar do marco de ser o primeiro plano de educação nacional este não veio acompanhado de instrumentos que permitissem pôr em prática o que foi estabelecido em suas metas. Portanto, com o olhar do tempo, as 295 metas gerais que exigiam desdobramentos de acordo com cada especificidade local não encontraram planos em estados e municípios que acompanhassem sua implantação. Dito de outro modo, a esmagadora maioria dos municípios e estados não aprovou uma legislação que garantisse recursos, nem penalidade para quem descumprisse as ações previstas por ele. Ainda nessa opinativa, esse PNE recebeu vários vetos no que se referia principalmente ao financiamento das metas, o que inviabilizava sua realização.

No concernente ao trabalho, a flexibilização dos direitos trabalhistas no Brasil começa a ser desenhada a partir da alteração do artigo 618 da CLT, através do Projeto Lei nº 5.483/2001, em que os acordos celebrados entre os sindicatos de empregados e empregadores passam a prevalecer sobre a legislação, numa clara sinalização da falta de compromisso com a história de lutas e conquistas dos trabalhadores brasileiros. Nesse ano, segundo o relatório do INEP 2001, pouco mais da metade dos participantes do Enem já esteve ou estava inserida no mercado de trabalho (84%), com um trabalho cujo objetivo era contribuir com a renda familiar. Esses jovens eram a sua maioria empregados do comércio e já começavam a surgir os "empreendedores de si mesmo" que representava, nesse momento 16% dos trabalhos declarados no questionário socioeconômico.

O Enem 2001 permitiu confirmar algumas características claras sobre o comportamento dos jovens quanto às suas perspectivas profissionais e inserção social. Prestar vestibular era a principal meta para a maioria dos jovens participantes dessa edição. De acordo com as respostas dadas no questionário socioeconômico, para os jovens que ainda não haviam concluído o ensino médio, a maioria (57,6%) colocou a decisão prestar vestibular e continuar seus estudos como primordial; para 18%, a junção entre estudar e trabalhar. Nesse mesmo questionário, esses mais de um milhão de candidatos expuseram que o vestibular também está entre as suas principais preocupações. Para o conjunto total dos jovens, o futuro em geral ocupa o 1º lugar para quase 34%, e para 27%, a preocupação é ingressar no ensino superior.

Em 2002, eu cantava, dançava e não se cansava de ser criança e ir para a ala dos Tribaistas²⁶ para desfilar, fazer história, comemorar, escandalizar e namorar, mas também chorava a morte do nosso eterno Claudinho da dupla com Bucheca que nos fez dançar ao som de “fico assim sem você” e, no dia da criança, o Brasil inteiro viu, eu pela TV, dois artistas jovens realizarem um show sozinhos no estádio do Maracanã, a dupla Sandy e Junior. Naquele ano, assistíamos ao primeiro episódio do Big Brother apresentado por Pedro Bial sem saber que ele duraria e cresceria tanto quanto o Enem ou quem sabe mais que o próprio exame. Esse também foi o ano de mais uma vitória da copa do mundo sob as chuteiras de Ronaldo “o fenômeno” com 8 gols na competição, mas também víamos as juventudes da periferia que não tinham sucesso pelo rap ou pela chuteira nas lentes desnudas de Fernando Meirelles em Cidade de Deus e testemunhamos a morte do jornalista Tim Lopes assassinado em um morro do Rio de Janeiro, enquanto fazia uma reportagem sobre os bailes funk.

Com alegria, nosso mago entrou para a Academia Brasileira de Letras e na faculdade, já podíamos desejar escrever artigos e monografias sobre nosso escritor predileto²⁷. Também ouvíamos nos corredores do curso de direito, ao lado do nosso, outro aclamado - era o Miguel Reale por sua coordenação e elaboração do Novo Código Civil. O Brasil vivia uma crise econômica, mais uma que levava o dólar a quase 4 reais e víamos desaparecer, mesmo trabalhando muito, as condições econômicas para fazer algo além de comer. Foi nesse período que eu trabalhava para ajudar muito mais no sustento de meus irmãos e o dinheiro era para o aluguel e passagens.

²⁶ Grupo criado em 2002 por Carlinhos Brown, Marisa Monte e Arnaldo Antunes

²⁷ Referência a Paulo Coelho.

Nas disciplinas da faculdade falávamos dos programas sociais pioneiros de Fernando Henrique como o bolsa-escola, o vale-gás e o bolsa-alimentação. Os meus colegas de direito comentavam das mudanças amplas implementadas pelo presidente como a Advocacia Geral da União, da Lei de Responsabilidade Fiscal, do Ministério da Defesa e a implantação do PROER - programa de reestruturação do sistema financeiro brasileiro - concentrando e transformando os bancos brasileiros em instituições fortemente fiscalizadas, mas falavam também da dívida pública do Brasil que era de US\$ 60 bilhões em julho de 1994 e que saltou para US\$ 245 bilhões em novembro de 2002, principalmente devido as altas taxas de juros e pela absorção das dívidas dos estados da federação pela Lei de Responsabilidade Fiscal que ele mesmo criou.

Com os olhos dos meus 43 anos, vejo aquela época como um momento extremamente acalorado de discussões entre os estudantes em que as privatizações de empresas estatais entravam na berlinda e, apesar de Fernando Henrique ter sido considerado, pelas Nações Unidas, a autoridade mundial que mais se destacou naquele ano no campo do desenvolvimento humano, o Brasil, face à crise econômica de 2002, elegeu o ex-metalúrgico Luís Inácio Lula da Silva do PT como presidente da República vencedor em 25 estados + DF com 61,27% dos votos.

Era o partido que nasceu em 1980 junto comigo que tinha passado por três derrotas e oito anos de oposição quase sistemática a Fernando Henrique Cardoso que levava ao poder o ex-torneiro mecânico no dia do seu aniversário de 57 anos. Era na verdade o primeiro líder de um partido de esquerda eleito presidente e o primeiro civil sem diploma universitário – uma condição louvada nos meios acadêmicos que tinham escolhido o “sociólogo com passagem por Sorbonne” para o poder.

No último ano de Fernando Henrique Cardoso no poder, eu já residia em Ilhéus na Avenida Canavieiras, já era oficialmente professora do Ensino Médio do Colégio e Curso Galileu e já avançava nos meus estudos da universidade. Como professora, enfrentava o desafio de ensinar para salas de aulas de mais de 40 alunos com quase a mesma idade que eu e a formar em literatura brasileira para os exames da UESC e Enem – esse que já era reconhecido nacionalmente. Prova disso pode ser vista no fato que em 2002 o exame recebeu mais de 1.300.000 participantes sendo cerca de 73% provenientes de escolas públicas. Esse fato, aliado ao aumento significativo de Instituições de Ensino Superior que utilizam os resultados do Enem em seus processos seletivos (aproximadamente 400) e uma mobilização de aproximadamente 150 mil pessoas na aplicação, correção e análise das provas, dava ao exame a coroa de sucesso absoluto.

O ministro Paulo Renato Souza trouxe, em seu relatório de 2002, uma nota introdutória a respeito do filho que ele trouxe ao mundo, com tanto orgulho: a prova do Enem, e de quem tanto se despedia explicitando sua ideologia.

A sociedade contemporânea hoje nos impõe desafios enormes que pedem soluções muito sofisticadas. Cada vez mais tecnológica e globalizada, ao atravessar os portais deste novo século 21, convida à resolução de grandes problemas em virtude das contínuas transformações em todas as áreas do conhecimento. Exige ainda constantes atualizações, seja no mundo do trabalho ou da escola, seja no ritmo e nas atribuições que os homens enfrentam no cotidiano de suas vidas. Em outras palavras, as situações-problema colocadas pela sociedade atual exigem do homem contemporâneo uma outra qualidade de respostas, à medida que assumem características bem diferenciadas daquelas que anteriormente percorreram sua história. Em certo sentido, durante muitos séculos, o homem, para resolver problemas, contou com a possibilidade de se orientar a partir dos conhecimentos que haviam sido construídos e adquiridos no passado.

[...]

Mas, a partir do século 20, o avanço tecnológico desencadeou uma nova ordem de transformações sociais, culturais, políticas e econômicas, imprimindo ao mundo novas relações. A velocidade com que essas transformações acontecem atualmente nos coloca neste novo século com uma outra necessidade: a de pautarmos nossas referências não somente naquilo que o passado nos oferece como garantias ou tradições, mas principalmente naquilo que diz respeito ao futuro. Nesse sentido, a vida hoje nos pede a mobilização de recursos e a prática de ações que se organizem também a partir de um tempo futuro, tal é a velocidade com que somos surpreendidos pelas novidades tecnológicas, pelas descobertas científicas, pelos novos modelos teóricos e pela constante reorganização do cenário sociopolítico-econômico que se configura entre os diferentes países e nações.

[...]

Os novos tempos exigem-nos um outro modelo educacional que esteja voltado para o desenvolvimento de um conjunto de competências e de habilidades essenciais, a fim de que crianças e jovens possam efetivamente compreender e refletir sobre a realidade, participando e agindo no contexto de uma sociedade comprometida com o futuro. (INEP, 2002, p.5)

Pela primeira vez, também, um relatório assume pautar-se num teórico. Nesse caso, aparece que as competências gerais que são avaliadas no Enem estão estruturadas com base nas competências descritas nas operações formais da teoria de Piaget, tais como: a capacidade de considerar todas as possibilidades para resolver um problema; a capacidade de formular hipóteses; de combinar todas as possibilidades e separar variáveis para testar influência de diferentes fatores; o uso do raciocínio hipotético-dedutivo, da interpretação, análise, comparação e argumentação, e a generalização dessas operações a diversos conteúdos (INEP, 2002).

Como já afirmamos, a expansão do ENEM 2002 foi marcada pela ampliação da participação da escola pública, possibilitando construir um panorama mais preciso do sistema de ensino. As proporções mostram que o aumento do número de participantes

que cursou o ensino médio exclusivamente na escola pública deu-se em detrimento de uma redução considerável dos que combinaram o ensino público e particular: 73% dos participantes cursaram o ensino médio apenas na escola pública, enquanto apenas 6% combinaram as escolas pública e privada.

É fato consumado, a certeza que em 2002 a economia brasileira havia se modificado, bem como a política do Brasil assumiu uma identidade “liberal” ajustada em seus parâmetros ao longo dos últimos anos, através do receituário da economia internacional, que subsidiou expressivos recursos financeiros para o país. Mas esses ajustes foram efetuados, em termos concretos, pela política nacional. Essa mudança de visão reflete-se na forma de pensar dos jovens no questionário socioeconômico do Enem quando responderam que o trabalho é considerado como meio para adquirir independência financeira (48,5%) e como crescimento profissional (32,2%) colocando uma dimensão valorativa positiva que, se analisada em profundidade, releva o trabalho como limite da sobrevivência já que 36,2% dos que trabalharam durante o ensino médio foram motivados pela necessidade de ajuda aos pais, e 38% para o próprio sustento.

3.3. 2003 a 2008: o ideário de uma educação para todos

Em 2003, uma nova história política começava no dia 01 de janeiro. Nela também estava Benedita da Silva, Marina Silva e Gilberto Gil, negros que assumiam ministérios no governo e José Graziano que colocava em ação o programa Fome Zero e, anos depois, se tornaria o primeiro brasileiro presidente da FAO. Ainda em janeiro, Lula faz a sua primeira viagem oficial como presidente ao Equador para a posse de Lucio Gutierrez - a primeira das centenas de outras que faz dele um representante que visitou mais de 84 países, além da Guiana Francesa e da Palestina e o fez ser reconhecido por seu olhar para a África e América latina e, sobretudo, pela criação da força dos países do sul.

Nesse ano, nós erámos embalados pela canção “sorte grande” de Ivete Sangalo inebriados pela possibilidade de construir um novo país. O Brasil “levantava a poeira” e colocava em ação o Estatuto do Desarmamento como medida para conter a violência que matava mais de 40.000 por ano e abarcava todos os programas sociais no “Bolsa-Família”.

Seguindo o projeto de interiorização do curso de medicina que foi inaugurado na capital em 1908, a Universidade Estadual de Feira de Santana ofertou vagas para sua primeira turma. Nesse mesmo ano, minha irmã passou no vestibular e, contrariando meu desejo de que cursasse direito, quis tornar-se historiadora, do mesmo jeito que Letras

entrou na minha vida. Anos depois, foi a primeira da família a ter um doutorado (e antes dos 30) e a viajar para o exterior onde mora hoje e faz seu pós-doutoramento.

Para a educação, os passos para sua melhoria estavam sendo dados pela criação do Programa Brasil Alfabetizado (Decreto nº 4.834, de 8 de setembro de 2003), com a finalidade de promover a alfabetização de jovens acima de 15 anos e adultos excluídos da escola antes de aprender a ler e a escrever. O Programa Nacional de Livro Didático (PNLD) foi ampliado para atender, além do ensino fundamental, estudantes das escolas da educação especial, tanto as públicas quanto as privadas com fins filantrópicos e na luta pela igualdade, a Lei 10.639, de 9 de janeiro de 2003 entrava em vigor tornando obrigatório o ensino da temática História e Cultura Afro-Brasileira no currículo oficial das escolas públicas de educação básica.

Na época em que o debate corrente era “ensinar para quê?”, as discussões sobre a necessidade de reformular o currículo continuavam nas aulas de metodologia da faculdade e nas crises das reuniões de professores em que não sabíamos qual deveria ser nosso foco, especialmente no 3º ano do ensino médio no qual ensinar centrava-se na luta pelo resultado. Como professora, eu já não tinha mais um cronograma de assuntos a seguir senão os dos manuais dos vestibulares e as aulas se reduziam a fazer questões dos processos seletivos. Era um período em que o valor das escolas não era mais medido por formar o aluno para a vida, oferecer-lhes ferramentas para entender-se como cidadão, mas a escolha da escola estava ligada ao número de aprovações do vestibular que ela era capaz de conseguir, especialmente em direito em medicina. Começou a era da propaganda do outdoor e as escolas eram vendidas por agências de marketing e slogan com foco na aprovação. Desaparece a pedagogia, o professor, a causa e aparecem os alunos, seus nomes e suas notas.

Os professores desaprendiam a ensinar e trabalhavam na nova “pedagogia dos resultados”. Mas, havia naquele exército alguns soldados rebeldes como Piligra²⁸ que ensinavam nas escolas do ensino médio e na universidade filosofia e discutia – sem medo de dizer o que os outros não eram capazes de ver - como o neoliberalismo estava invadindo a formação educacional e, talvez, por essa voz crítica ao meu lado, eu não tenha sucumbido aos seminários sobre a necessidade de escolarização como panaceia para a economia. Esta ideologia intimamente atrelada ao investimento em capital humano em que as relações de poder, de dominação e exploração cedem lugar à ideologia do

²⁸ Atualmente escritor e professor de filosofia da Universidade Estadual da Santa Cruz.

mérito, do esforço do indivíduo, da racionalidade e do dom dominavam as salas, os jovens e as políticas durante toda a década (FRIGOTTO, 2001).

Nessa efervescência de um “*Novo Brasil*”, inscreveram-se para realizar o Exame Nacional do Ensino Médio 1.882.393 estudantes. A expansão do Enem desde 2002 foi marcada pela ampliação da participação da escola pública, possibilitando construir um panorama mais preciso do sistema de ensino. As proporções mostram que o aumento do número de participantes que cursou o ensino médio exclusivamente na escola pública deu-se em detrimento de uma redução considerável dos que combinaram o ensino público e particular: 70,4% dos participantes cursaram o ensino médio apenas na escola pública, enquanto apenas 6,5% combinaram as escolas pública e privada. Aproximadamente 80% dos jovens cursaram o ensino médio em três anos, indicando uma proporção significativa de alunos que conseguem realizar a formação básica em um ciclo regular.

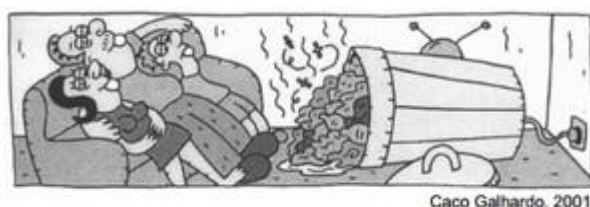
O que chama a atenção é a mudança na mentalidade que tinham os jovens de 1998 como eu sobre a percepção da própria capacidade para ingressar no mercado de trabalho. Enquanto naquele ano 82,6% dos jovens que responderam ao questionário socioeconômico acreditam que teriam boas chances de conseguir um emprego e 80,7% criam no sucesso em seu trabalho ou profissão (80,7%). Em 2003, 41% do total de participantes ponderava-se despreparados para conseguir um emprego ou exercer alguma atividade, dos quais 21,5% consideram a má qualidade do ensino como causa do despreparo. Em uma avaliação global, é preocupante que apenas 33,6% dos participantes avaliem que o conhecimento adquirido no ensino médio está adequado às demandas do mercado de trabalho e menos ainda que esse conhecimento esteja relacionado à profissão escolhida (20,8%). Esses dados revelavam a ponta do iceberg dos problemas educacionais que tínhamos e que nenhuma reforma foi capaz de resolver.

Em 2004, milhares de pessoas em todo o mundo, incluindo o Brasil, esperaram para lotar as salas de cinema e testar seu coração na obra cinematográfica de Mel Gibson em que o ator James Caviezel vive as últimas 12 horas do martírio de Cristo numa punição repleta de detalhes que vão do corte na carne, passando pelo abscesso no olho, aos pregos entrando vagorosamente nas mãos e nos pés. Também fomos ao mesmo cinema para ver o massacre de Ruanda que fazia, em 2004, 10 anos. As escolas e professores (incluindo eu) se mobilizavam para discutirem com os alunos e criarem projetos para o Ano Internacional de Comemoração da Luta contra a Escravidão e sua Abolição. Como professora, propus debates críticos, principalmente sobre o massacre de Ruanda num ano em que o Brasil vencia sobre a Itália a final da Copa do Mundo de 1994. Os milhões de

corpos de ruandeses e as reflexões do filme contribuíram para uma importante discussão em 2004 que foi as cotas que seriam implementadas pela UFBA inaugurando a política de ações afirmativas na instituição. Em julho, a medida foi aprovada pelo Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CONSEPE) e publicada na resolução nº01/04. Também a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), reservava vagas para estudantes de escolas públicas fluminenses, negros e pardos e a UNB adotava a política afirmativa em seu vestibular. Essas universidades foram vanguardistas já que a Lei de Cotas, conhecida também como Lei 12.711, só foi aprovada em 2012. Com ela, todas as instituições de ensino superior federais do país precisaram, obrigatoriamente, reservar parte de suas vagas para alunos oriundos de escolas públicas, de baixa renda, e negros, pardos e índios.

Também foi um ano em que a discussão da manipulação da informação estava em evidência. Globalmente, debatia-se a questão das notícias falsas que sustentaram a guerra do Iraque e que mais tarde Bush admitiu a Televisão Americana NBC que o presidente iraquiano Saddam Hussein não possuía armas de destruição em massa. Nacionalmente a mídia era acusada pelo tema do Enem de ser difusora de notícias falsas e de produzir a desinformação da sociedade como pode ser vista da charge abaixo vinculada no tema.

Figura 3 – Charge utilizada na redação do Enem em 2003



Fonte: Relatório pedagógico Inep 2003

Por falar em mídia, ainda não sabíamos de sua importância, mas em fevereiro de 2004 Mark Zuckerberg e alguns colegas da faculdade criaram o Facebook. Atualmente essa é a maior rede social do mundo com poder de difundir notícias falsas - as chamadas fakes News e interferir em eleições por todo o globo. Essa manipulação dos meios de comunicação voltou a ser tema de redação do Enem 2018 e a ser alvo de uma CPI em 2020 no governo do presidente Bolsonaro. Ele foi acusado de um esquema de notícias falsas criado durante as eleições para beneficiar sua candidatura.

Um ano depois da grandiosa vitória eleitoral de Lula e do PT o partido enfrentava a sua primeira crise que terminou com a expulsão de deputados e da senadora Heloisa Helena que protestaram contra a flexibilização do partido divulgando inclusive um vídeo dos anos 1980, mostrando imagens do próprio Lula e do PT combatendo o que estava

sendo apresentado como a “Reforma da Previdência” (centrada especialmente na contribuição dos inativos e na elevação da idade mínima para a aposentadoria).

Além do marco das cotas, já tratado, esse ano é marcado pelo fim do provão e início do ENADE. Cria-se o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (SINAES) com o objetivo de assegurar o processo nacional de avaliação das instituições de educação superior, dos cursos de graduação e do desempenho acadêmico de seus estudantes (Lei nº 10.861, de 14 de abril de 2004). Os alunos ingressantes e concluintes são avaliados por meio do Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes.

Um outro marco, desse mesmo ano, foram as manifestações do ministro da educação Tarso Genro sobre a baixa classificação do Brasil no ranking do Programa Internacional de Avaliação de Alunos (PISA). O ministro considerava que os problemas do ensino persistiram e a avaliação desmascarava a ineficiência da política “virtuosa” e das reformas feitas e já debatidas ao longo desse capítulo pelo ex-ministro Paulo Renato Souza - que inclui, inclusive, a criação do Exame Nacional do Ensino Médio. O resultado do Programa Internacional de Avaliação de Alunos (PISA-2003) deixou o país mais uma vez entre os últimos colocados num ranking internacional de matemática, leitura e ciências.

Também foi criado o Programa Universidade para Todos (ProUni), que concedia bolsas de estudos (parciais e integrais) a jovens de baixa renda (Lei nº 11.096, de 13 de janeiro de 2004). O programa também define que um percentual das bolsas deve ser destinado à implementação de políticas afirmativas de acesso ao ensino superior de portadores de deficiência ou de autodeclarados indígenas e negros. As instituições que aderem ao programa recebem isenção de tributos. Nesse mesmo ano houve a determinação da utilização do Enem como instrumento de seleção dos jovens que desejassem concorrer às bolsas.

Além desse salto nas políticas de inclusão, nesse ano foi também instituído o Programa Nacional de Apoio ao Transporte Escolar (Pnate), com o objetivo de oferecer mobilidade aos alunos da educação básica pública, residentes em área rural, por meio de assistência financeira, em caráter suplementar, aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios e foram também regulamentados artigos da LDB referentes à Educação Profissional, com vistas à integração entre o ensino médio e o ensino fundamental e o ensino fundamental técnico (Decreto nº 5.154, de 23 de julho de 2004). Com esses novos marcos regulatórios os estudantes passam a poder concluir a educação básica junto ao aprendizado de uma profissão.

O Exame Nacional do Ensino Médio de 2004 recebeu 1 552 316 inscritos e um aumento de mais de 600 coordenadores de ensino médio das secretarias de Educação como principais interlocutores do Enem dando apoio nos períodos de inscrição e ajuda na gestão local. 2004 também foi marcado pela inclusão do número do CPF do participante na ficha de inscrição, essa medida criou a possibilidade de acompanhamento da trajetória dessa população ao longo dos anos, permitindo estudos valiosos a continuidade de estudos e a inclusão no mercado de trabalho.

Na Bahia também houve um aumento substancial do número de inscritos como revela a tabela abaixo:

Tabela 1 – Distribuição dos inscritos, segundo região, UF e ano de realização do Enem (2004)

Unidades da Federação	Inscritos						
	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004
Brasil	157.221	346.953	390.180	1.624.131	1.829.170	1.882.393	1.552.316
BA	180	6.211	5.803	108.223	146.045	174.102	157.173

Fonte: INEP - Relatório pedagógico 2004

Não houve mudança significativa no perfil socioeconômico dos participantes do Enem 2004 em relação ao ano anterior. Mais da metade dessa população declarou-se branca, com idade entre 17 e 18 anos e acima de 60% eram do sexo feminino. Como também mais da metade dos participantes informou ter como atividade extracurricular cursos de computação ou informática e 45% participaram da prática de esportes ou atividades físicas. Apenas um pequeno contingente, 20%, teve acesso a cursos preparatórios para vestibular.

Em 2005, as escolas menores passavam por uma crise frente ao crescimento das instituições que tinham junto a elas o pré-vestibular e ofereciam o ensino médio nos moldes de “pré-Enem”. Elas, em crise, e eu também. Foi um ano em que recebi duas demissões. A primeira por causa de uma tatuagem falsa e a outra por um conflito após a separação da disciplina literatura/leitura - a professora de literatura viu crescer meu trabalho de interpretação de texto e imaginando que os alunos não estavam dando importância para sua disciplina pediu a incorporação das duas. Aliada a isso a escola tentava diminuir o volume de pessoal e sobreviver.

Na ocasião, foi difícil aceitar o discurso de que eu deveria ser demitida, porque tinha outro trabalho e não tinha filhos, isso não fez bem a minha cabeça. Passei meses

pensando no primeiro caso: uma mãe pediu minha demissão porque seu filho chegou em casa querendo fazer uma tatuagem porque eu mostrei na sala (a pedido deles) e na segunda, porque os alunos davam tanto valor a minha disciplina que estava atrapalhando outra. Essa crise afetou-me profundamente a ponto de eu perder quase um ano na faculdade. Mal conseguia acompanhar as disciplinas.

Como fuga, comecei a escrever um livro chamado “*Mara Rute, 20 anos, ex-professora*” inspirado em Christiane F. drogada e prostituída e a trabalhar em outros projetos que não de ser professora. Levei quase um ano e meio para voltar a me interessar pela faculdade. Acho que não era um problema somente meu. A minha turma tinha apenas metade dos alunos e o desinteresse em ser professor era crescente, porque ensinar e ter sucesso não exigia credenciais. Os professores que ocupavam os outdoors não possuíam diploma.

Com o olhar de hoje, sei que os jovens são os números do desemprego sobretudo nos momentos de crise e que eles, apesar de todos os alertas e estudos, ainda não possuem verdadeiras políticas protetivas que lhes garanta um trabalho justo. Outra questão nessa equação, como deseja a Agenda 2030 na sua recomendação visando o jovem, é que é preciso desenvolver e operacionalizar uma estratégia global para o emprego dos jovens pois eles são os primeiros a serem descartados, como eu fui. Essa visão da Agenda já está nos documentos do Organismo desde 1948 quando os Estados Membros ratificantes se comprometeram a garantir serviço público de emprego e garantir políticas especiais de acesso ao trabalho a jovens. Cabe destaque nesse percurso histórico de visão aos jovens o documento de 2012 que destacou os elevados níveis de desemprego e subemprego dos jovens e do abismo entre a formação e mercado de trabalho cada vez mais sem políticas de transição entre a formação e o emprego digno – o que resultou numa resolução que exige ações direcionadas e urgentes para combater a denominada “crise global do emprego jovem”.

Convém dizer que mesmo com as respostas oferecidas pelas políticas públicas mais direcionadas, ainda não foram encontradas soluções satisfatórias e há pelo menos meio século, as estatísticas disponíveis apontam reiteradamente que a inserção dos jovens no mercado de trabalho não é efetiva. Em termos numéricos os melhores indicadores disso são certamente os que destacam que a metade dos desempregados e subempregados na América Latina são dos jovens, apesar de estes representarem apenas um quinto da população economicamente ativa (PEA), de acordo com as cifras oficiais¹.

Cabe destaque ainda nesse ponto o relatório “Tendências Globais de Emprego de 2017”. Nele a OIT afirma que os jovens têm 3 vezes mais probabilidade de, no contexto atual, está desempregado que um adulto e que são duas vezes mais propensos a encontrarem precário. Ainda destaca a Comissão de Perito para Aplicação das Convenções e Recomendações que a busca pelo trabalho sustentável para jovens encontra ainda o entrave maior entre jovens mulheres e jovens deficientes. Tais números seguiram uma tendência ascendente. No relatório, as Tendências Globais de Emprego para a Juventude 2020 mostra que em 2016, havia 259 milhões de jovens classificados como Neet - fora da educação, emprego e formação profissional. Este número, passou para cerca de 267 milhões em 2019 e a previsão é de que continue subindo para 273 milhões em 2021. Cabe destaque ainda que dois terços, ou 181 milhões desses jovens sem emprego, educação ou formação são mulheres jovens.

O que eu não sabia naquele momento é que eu pertencia a um grupo de milhões de jovens em subempregos e que passaria por muitos deles até chegar à idade adulta porque a flexibilidade do emprego se transformaria numa constância e a globalização desestabilizaria a esfera tradicional do trabalho e pouco seria feito em meu país para construir um equilíbrio entre a preservação do direito de um empregador despedir um trabalhador por motivos válidos e a garantia de que esta dispensa fosse justa.

No olhar de hoje, sei que o que me afetou foi a falta de formação suficiente para entender as agruras do mercado de trabalho e como o mundo mudava sem eu ter tempo de entender e sem um receituário. No meu processo aprendi ensinando e não entendia que “ser professora” era uma profissão como qualquer outra. Naquele afastamento da faculdade, passei a dar mais valor as lições dos colegas. Não posso deixar de me lembrar como aprendi com “Naldo”²⁹ como sua amizade, seus conselhos sua forma de ensinar impactou a minha: aprendi a teatralizar, a contar anedotas, a envolver os alunos na participação, a arrumar a sala de forma diferente para garantir autoridade no espaço. Mas também aprendi com Buiú³⁰ a manter uma distância dos alunos para que eles me admirassem. Confesso que da faculdade não levei quase nada. Talvez por isso o desinteresse. Eu aprendia a ensinar no espaço que ensinava, com os colegas, com minhas leituras ensaios e erros.

²⁹ Professor de física e diretor de pré-vestibulares e escolas em Itabuna.

³⁰ Professor de Geografia.

No Brasil, vivíamos a expectativa do aumento do salário-mínimo que veio em maio de 2005. O valor passou de R\$ 260,00 para R\$ 300,00. O aumento do valor não diminua a necessidade de imensas cargas de trabalho para pagarmos as contas e eu trabalhando três turnos em cidades diferentes e sem muita experiência em direção tive um acidente de carro dormindo no volante – condição que levou eu e meu irmão a mudarmos para Itabuna. A estrada era perigosa, o ritmo era perigoso e era tempo de trazer meu irmão mais novo para tentar sua chance na cidade grande. Nesse momento, entra também o amor na história. Mas o amor não entra na tese porque amor não é teórico demais, mas soma quando pensamos para além das ciências e entendemos o social como parte da equação da vida.

Estava apaixonada de novo pela vida, pela faculdade, por Gramsci e entendia melhor que minha história não era singular, mas fruto de um processo histórico. Portanto, o meu carro não era sucesso meu, mas de uma geração que estava “chegando lá”. Em cada leitura de Gramsci eu começava a desenhar uma educação humanista e oferecia uma formação para além do Enem. Ele era acrescentado a minha formação aristotélica de “*homo universalis*” e eu ampliava o horizonte do ensino não dando apenas um repertório de conhecimentos para responder a prova, mas buscava estimular meus alunos à reflexão, ao exercício crítico e criativo diante do referido repertório. Nesse momento, com a ajuda do meu irmão, eu começava meus passos nas oficinas de redação e criava meu curso “fora da escola”.

A concepção de Gramsci (2002) de que todo mundo é educado e que isso é uma condição inerente foi como receber um “sim” para algo que eu já sabia de um rei da sapiência. Essa convicção de que o processo de formação humana possui correlação com forças sociais presentes no contexto vivido me fez aceitar sua visão de que a educação não é um processo mecânico reflexo de uma estrutura social. É preciso ver que a estrutura social e a educação mantem entre si uma relação dialética. O impacto dessa verdade que destaco abaixo fez renascer uma professora que tinha sido demitida e modelada, nos últimos meses, para servir aos interesses dos resultados em uma professora que criaria uma sala mágica para garantir uma semente de transformação social:

. [...]. O indivíduo não entra em relação com os outros homens por justaposição, mas organicamente, isto é, na medida em que passa a fazer parte de organismos [...] o homem não entra em relações com a natureza simplesmente pelo fato de ser ele mesmo natureza, mas ativamente, por meio do trabalho e da técnica. E mais: estas relações não são mecânicas. São ativas e conscientes [...] daí ser possível dizer que cada um transforma a si mesmo,

modifica-se, na medida em que transforma e modifica todo o conjunto de relações do qual ele é o centro estruturante. (GRAMSCI, 2002, p. 413).

Quando começamos as primeiras turmas da oficina de redação e interpretação de texto ensinávamos redação e literatura através de gincanas, reprodução de ágoras gregas seguindo os moldes de ensinar para que eles fossem pertencentes a um presente atuante ligado ao passado, na sua “tradição” (mesmo que eles a ignorassem) e que essa junção de passado e presente eram os instrumentos de condição para o futuro. (GRAMSCI, 2002, p. 422).

Também, as transformações desenhadas em 2003 continuavam a ser efetuadas pelo governo. Em 2005, os livros didáticos de português e matemática foram distribuídos para alunos do ensino médio de escolas públicas do Norte e do Nordeste e em 2006 para todo o Brasil. Vimos pela TV a emoção de presidente ao anunciar o Programa Escola de Fábrica (Lei nº 11.180, de 23 de setembro de 2005), com o objetivo de capacitar jovens de 16 a 24 anos para o ingresso no mercado de trabalho por meio de cursos de iniciação científica profissional. Ele não continha sua alegria ao falar da concessão de bolsas de permanência aos bolsistas do Programa Universidade para Todos (ProUni) e o Programa de Educação Tutorial (PET), destinado a fomentar grupos de aprendizagem mediante a concessão de bolsas de iniciação científica a estudantes de graduação e bolsas de tutoria a professores tutores. Era a criação de uma rede de proteção aos que estavam avançando na educação sem ter amparo econômico senão do Estado.

Conjuntamente, a Língua Brasileira de Sinais (Libras) passou a ser inserida como disciplina curricular nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério, em nível médio e superior e o espanhol era ensino obrigatório por parte da escola. Como entrada no universo da Internet, o ministro da educação anunciava a plataforma Web do Sistema de Acompanhamento da Frequência Escolar do Programa Bolsa Família (Projeto Presença), com o objetivo de monitorar o acesso e a permanência dos alunos na escola e para otimizar o repasse de recursos públicos calculados com base no número de matrículas.

Não podemos nos esquecer que, em maio de 2005, Fernando Haddad assume a direção do Ministério da Educação e se transforma numa das figuras emblemáticas do PT chegando mesmo a concorrer à presidência contra Jair Bolsonaro.

O Enem cresce junto com essas novas políticas educacionais abarcativas e nas tabelas abaixo é possível ver a ampliação do número de inscritos em 2005 tanto no Brasil quanto na Bahia.

Tabela 2 – Distribuição de inscritos por ano de realização (1998 – 2005)

Unidades da Federação	Inscritos							
	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005
Brasil	157.221	346.953	390.180	1.624.131	1.829.170	1.882.393	1.552.316	3.004.491
TO	48	1.107	749	11.538	12.352	13.798	12.899	19.152
Nordeste	17.623	28.761	23.945	401.097	491.280	515.756	389.427	732.879
AL	164	1.252	918	8.328	10.192	10.634	9.548	17.166
BA	180	6.211	5.803	108.223	146.045	174.102	157.173	321.107

Fonte: INEP – Relatório pedagógico de 2005

Em 2005, houve alteração significativa em relação a alguns aspectos do perfil socioeconômico dos participantes do Enem em relação aos anos anteriores. Diminuiu o quantitativo daqueles que se declararam brancos, aumentando o número dos que se declararam negros e pardos/mulatos. No quesito idade, a participação dos jovens de 17 anos diminuiu de 34,8% em 2004, para 21,3% em 2005. Coerentemente, diminuiu o número de participantes mais jovens (até 19 anos) e aumentou os das faixas mais elevadas de idade, tendo passado de 5% com mais de 26 anos em 2004, para 14,2% em 2005 impactados pela possibilidade de entrada na Universidade através dos programas de bolsa e sistema de cotas. Por conta do mesmo impacto, baixou muito o contingente de participantes que realizou o Enem para testar seus conhecimentos. A maioria declarou ter realizado o Exame com o objetivo de entrar em uma faculdade ou obter pontos no vestibular. Outro aumento significativo nesse ano foi dos que declararam ter renda até 5 salários: de 66,6% em 2004 e 81,8% em 2005, dados segundo o relatório INEP de 2005.

Comecei o ano de 2006 com a leitura de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*³¹. Sei disso não porque me lembro, mas porque está na minha agenda daquele ano. Lia o livro pela segunda vez e agora em que estou atando as minhas pontas da vida tentando ver naquela professora de 2006 algo do que sou em 2022 me lembrei que escrevia nos livros como escrevo até hoje. Talvez fizesse isso para deixar rastros do que pensava para a Mara de hoje, talvez pela pressa cotidiana de ler em qualquer lugar e sem um caderno adequado. Nunca fui organizada, essa tese é também uma colcha de retalhos de anotações teóricas das primeiras aulas de minha orientadora, mesclada com leituras fichadas em

³¹ Livro clássico da literatura brasileira escrito por Machado de Assis.

notas de celular e em todos os papéis possíveis. Dizer isso não a torna menor. Torna-a minha tese, minha condição de escrita.

Com Machado de Assis aprendi sobretudo a ver as almas através de sua lente. Agora já não tinha a inocência de uma professora “querida”. Já sabia nadar com tubarões, mesmo não me tornando um. Já não aceitava a alcunha de professorinha ou tia e já tinha meu curso além de ser professora respeitada com mais de 500 alunos.

Na vida familiar, para além da minha, meu irmão já tinha trocado de rota e foi nesse ano um dos primeiros estudantes negros a ser beneficiado com o sistema PROUNI começando o curso de direito numa universidade privada junto com a esposa de um grande distribuidor do comércio e a esposa do atual prefeito de Ilhéus. Com filhos de médicos e pessoas influentes ele se torna depois advogado do PT, assessor político, procurador e atual secretário de Administração de municípios e criador de leis para melhoria social e inclusão digital. Tudo isso porque, como afirma, ele pode entrar na faculdade de havaianas.

Comecei com Machado porque também nesse ano o tema do Enem foi o poder de transformação da leitura e, mais do que um tema que eu trabalhei, a leitura foi um marco no meu curso que era voltado a formar leitores ativos que aprendiam a ler João Ubaldo Ribeiro não somente para passar na UFBA, mas para entender suas raízes como Povo.

Aparentemente eu e minha geração tínhamos vencido. Mas essa vitória vinha com o crescimento de políticas para abrir caminhos como foi o caso da criação do Sistema Universidade Aberta do Brasil com o objetivo de ampliar a formação de professores da educação básica e, com isso, qualificar o ensino. Também o ministro revelava que a quantidade de pessoas fazendo o Enem não era suficiente. Ainda sofríamos muito com o analfabetismo e as pessoas não deveriam escolher entre estudar ou trabalhar e qualificar-se, por isso foi criado o Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica, na Modalidade de Ensino de Jovens e Adultos (Proeja) para que os alunos das turmas de EJA aprendessem uma profissão enquanto concluíam o ensino fundamental ou médio.

Também ganhamos mais 50 reais em nosso salário em abril que ajudaria na mesada que eu dava aos meus irmãos, mas descobri (junto com muitos outros brasileiros) que o aumento da mesada dos congressistas era muito maior. Apesar de tudo, Lula, novamente candidato, compete com Geraldo Alckmin e ganha a eleição com 61,27% dos votos, uma diferença não tão grande de sua vitória em 2002 com 61,27%. O Brasil

aprovava o caminho que estava sendo traçado, mesmo com cuecas, malas e mesadas na estrada.

Na Bahia, os ventos também mudam. As décadas de poder de ACM é avassaladoramente substituída pela vitória de Jaques Wagner com 3.242.336 votos 52,89% e uma diferença de 604.121 votos de uma total de 9.109.353. Estávamos nas nuvens com esses novos ventos políticos e olhávamos todos para o céu para ver Marcos Pontes ³²tornar-se o primeiro astronauta brasileiro a ir para o espaço e o mundo também olhava para nós ao ver entrar em vigor a lei que foi fruto de uma sanção dada ao país por negligência a Maria da Penha e a outras milhares de mulheres que sofriam violência doméstica. Essa vitória anunciada pelo presidente Lula teve um forte impacto nas nossas vidas. Eu que tinha lido o Livro “sobrevivi posso contar” (1996), que tinha assistido em 1998 a repercussão mundial do caso quando ele foi denunciado na Corte Interamericana de Direitos Humanos via agora concretizar-se um manto de proteção para as outras mulheres e de reparação para essa pesquisadora e militante na defesa da mulher.

O mundo estava mudando e sentíamos esse impacto de tal modo que não somente a UFBA convidou naquele ano os jovens a pensarem sobre isso em sua redação, mas também a UESC propôs a ideia de aprendizagem contínua como fórmula para sobrevivência e convidava os jovens a não serem coadjuvantes do momento político que vivíamos – que era dar ao PT mais 4 anos no poder.

Figura 3 – Tema de redação do vestibular da UESC (2006)

Tema I

[...] Aprende-se aos dois anos, aos 15, aos 40, aos 80 anos. E isso serve para indivíduos, casais, grupos, empresas, corporações, governos. Quando se instala o faz-de-conta, a consequência, cedo ou tarde, é o inevitável emburrecer. Ou seja: faz de conta que somos o centro do mundo, faz de conta que somos os reis da cocada preta, faz de conta que não erramos. E junto com a burrice vem a sua inseparável parceira, a arrogância.
(MELLO, Hélio Campos. O ser, o ter e o parecer. Isto É. São Paulo: Três, n. 1879, p. 19, 19 out. 2005.)

Tomando como ponto de partida suas reflexões sobre as idéias do fragmento em destaque, construa um texto argumentativo a respeito do tema:

Em um mundo de mudanças constantes e cada vez mais rápidas, o ser humano precisa estar voltado para a aprendizagem contínua.

³² Atual Ministro da Tecnologia e Ciência

I

Bengalada

Nenhum cidadão patriota, por mais que esteja chispando ódio com o estado de putrefação em que se encontra o Brasil, é favorável à prática da violência, por mais que o bandoleiro mereça. O episódio em que o escritor Yves Humblet brindou uma velha figura política com uma bengalada é mais uma prova de indignação do povo brasileiro. Não obstante, percebo que os caras-pintadas, em plena era da internet, estão prostrados, perdendo a capacidade de se indignar, aceitando essa indecência com naturalidade. E o pior é ver o STF interferir nos trabalhos da Comissão de Ética da Câmara dos Deputados, estuprando, assim, a Constituição, relativamente à independência dos poderes. Ufa, cada macaco no seu galho.

(VASCONELOS, Vasco. Bengalada. A Tarde, Salvador, 3 dez. 2005. Opinião, p. 2. Espaço do leitor)

II

Frestão ou Fristão

O escritor Yves Humblet desferiu algumas bengaladas em José Dirceu, aos gritos de "Fristão! Fristão!". Há um curioso sentido simbólico na escolha do nome. Miguel de Cervantes, autor de "Dom Quixote", refere-se por duas vezes ao sábio Frestão (no texto cervantino, Frestón), um sábio inimigo que teria levado embora os livros do bravo cavaleiro andante, envoltos numa nuvem de fumaça (livro 1, cap. 7) e, mais tarde, teria transformado gigantes ferozes em moinhos de vento (livro 1, cap. 8), para tirar de D. Quixote a glória de vencê-los. Mais ou menos como José Dirceu manchou a glória do PT vencedor. Há também um personagem Fristão (em espanhol, Fristón), fingido autor do livro "Dom Belianis de Grécia", de modo que o ilustre escritor teria acertado referindo-se tanto a Frestão quanto a Fristão.

(RAMOS, Mário Amora. Frestão ou Fristão. A Tarde, Salvador, 3 dez. 2005. Opinião, p. 2. Espaço do leitor)

Analise a opinião de cada um dos leitores do jornal sobre a realidade política do Brasil nos últimos meses. A partir dessa análise, produza um texto argumentativo em que você opine sobre a bengalada, os gritos do escritor e a idéia de que os jovens estão omissos à realidade do país.

Fonte: www.uesc.br/vestibular2006

2006 também dava ao Enem mais um degrau. Pela primeira vez, os participantes com renda familiar de até dois salários-mínimos passaram da metade do público que fizeram a prova, somando 53,7%. Mais de 700 universidades utilizavam os resultados do Exame em seus processos seletivos, além disso, mais de 2,8 milhões de alunos participaram da 9ª edição. Foi a maior participação em números absolutos desde a implantação do exame, em 1998, e o menor índice de abstenção desde a primeira edição, em 2000. O perfil socioeconômico dos dois anos anteriores se manteve com uma leve diminuição dos que se declararam brancos e os participantes com 17 anos continuou diminuindo: 34,8% em 2004, 21,3% em 2005 e 19% em 2006. Seguindo a mesma tendência aumentou os das faixas mais elevadas de idade, tendo passado de 5% com mais de 26 anos em 2004, para 14,2% em 2005 e 16,6% em 2006.

Em 2007, não olhávamos para o céu para admirarmos nosso astronauta, mas para vermos as tragédias que marcaram a aviação. Os mortos do avião da Gol que caiu no Mato Grosso, os mortos do acidente em Congonhas juntavam-se as tragédias como a da morte do menino João Hélio arrastado por um carro dirigido por criminosos em fuga no subúrbio do Rio de Janeiro para demonstrar que igualdade, justiça e liberdade eram apenas palavras não perspectivas. Nesse percurso de insatisfação generalizada, jovens da faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP invadiram a reitoria protestando contra as reformas universitárias que limitavam autonomia e marcaram a

memória nacional com a desocupação ao som da música “pra não dizer que não falei das flores” de Geraldo Vandré.

Todos os jornais focaram os jovens com caras pintadas de palhaço cantando alguns emocionados, outros enfurecidos “vem vamos embora que esperar não é saber. Quem sabe faz a hora não espera acontecer”. O impacto dessas imagens lembrando-nos que ainda não estávamos completamente numa democracia e que faltava muita luta veio acompanhado do quase fim das cotas – que mal tinha começado – por conta da notícia que ocupava as páginas de jornais de todo o país colocando em xeque essa nova forma de seleção do programa de cotas feito pela UnB por esse ter rejeitado um aluno e aceitado outro sendo dois filhos de pai negro e de mãe branca, os irmãos gêmeos univitelinos Alex e Alan Teixeira, de 18 anos.

A notícia não foi maior que o desejo de igualdade. Assim, apesar das controvérsias, o Conselho Universitário da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) aprovou a implantação de uma política de cotas raciais e sociais na instituição, a Universidade Estadual de Maringá e a Universidade de Santa Maria, como muitas outras no país, disseram sim ao sistema de cotas aplicando-o durante cerca de dez anos.

O Brasil continuava na luta pela melhoria dos resultados da Educação e na avaliação do PISA o país conseguiu 370 pontos em matemática, contra os 356 obtidos em 2003. Já no ranking de leitura, a queda foi dez pontos: em 2003, o Brasil tinha 403 pontos e passou a ter 393 no relatório desse ano.

Estava finalmente terminando a graduação. Sete anos depois de começar a jornada pela universidade. Minha irmã que entrou bem depois, terminará também como aluna regular e já foi aprovada no mestrado em Feira de Santana em História das Ciências. Ela que trabalhou no programa Universidade para Todos durante sua graduação se sente segura, porque em Feira de Santana será bolsista também.

Ao finalizar o curso, não senti quase nada, a minha vida era efervescente demais e o que a universidade poderia me dar eu tinha alcançado antes... trabalho, carro, estabilidade. Ao som de Pitty³³, num dos únicos Peugeot da cidade eu não queria viver em “nenhuma estante” e estava dando um passo a mais na vida. Era o fim da faculdade e eu decidi deixar a casa dos meus irmãos, aquela casa mágica onde todos moravam juntos e lutavam por seu lugar ao sol para morar definitivamente com meu esposo numa fazenda de cacau. Um ciclo terminava. Cada um para seu lado.

³³ Cantora Baiana de Rock.

Aqui comecei, com a ajuda do meu irmão, a crescer o nome Eu Quero Passar. Criamos um programa de TV que inicialmente foi apresentado numa TV local e depois passou para TV Record News. Eu aprendi a editar, gravar, a trabalhar frente as câmeras e a fazer caravanas nas cidades do interior e, sobretudo, a trabalhar em outra coisa que não numa sala de aula. Eu gostava da “vida na TV” e de ter trocado a escola em que ensinei por muitos anos por outra que era o colégio Sistema. Nele eu não tinha “começado”, não era uma aprendiz e me considerava uma profissional. Fui recebida com pompas de celebridade de TV e tive meu primeiro contrato de trabalho assinado com 27 anos. O que eu não sabia é que vivia naquele momento o que Marx chamava de “fetichismo da mercadoria” as características sociais do trabalho estavam envoltas numa visão de características materiais e propriedades sociais inerentes aos produtos do trabalho. Essa condição me coisificava enquanto eu achava o máximo ser “esse produto”. Marx (2008, p. 92)

Meu irmão mais novo passou em Direito em Vitória da Conquista e quando eu e Bento (o que fazia direito) fomos visitar a cidade aproveitamos para entregar currículos. Para minha alegria conheci a primeira grande escola da minha vida: o colégio Oficina. Não fui professora dele antes de 2008, mas através de Magali Mendes, Andréa Abade e Cristiane Machado conheci um dos lugares mais importantes no meu percurso como professora. Na mesma cidade, o pré-vestibular Sêneca me convidou para fazer algumas revisões e foi onde minha história como professora em Vitória da Conquista genuinamente floresceu e na qual conheci genuínos amigos como Flávio e Alcides, militantes da causa da educação quando estávamos numa era de “performance”, “resultados”.

Eu dava um salto e o Brasil continuava também sua trajetória de melhorias. Minha família – exceto o irmão mais velho – estava toda na universidade e muitas outras famílias estavam e precisavam ficar. Assim surgiu, em 2007, o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), com o objetivo de ampliar o acesso e a permanência na educação superior, no nível de graduação, pelo melhor aproveitamento da estrutura física e de recursos humanos existentes nas universidades federais buscando garantir vagas para as outras “Maras” que viriam depois de mim como uma chance de melhoria social através da entrada no ensino superior. Não posso deixar de considerar que apesar de se apresentar como essa ponte para as outras como eu, essa política social de ampliação que complementava o projeto de acesso ao ensino público se pautou pelos ditames do capital expressos nas diretrizes do Banco

Mundial e, apesar do inegável crescimento do acesso, isso não impediu o direcionamento do fundo público para a lógica reprodutiva do capital.

Numa pesquisa em ciências sociais o objetivo não é relato de caso, mas entender essas histórias que conto como memórias sociais atreladas a uma política de governo. Nesse sentido, mais do que relatar, ter uma visão crítica é, sem dúvida, uma preciosa ferramenta para a racionalização das políticas públicas, em ambientes democráticos (CASTRO,2008). Desse modo, é preciso avaliar que o REUNI faz parte de uma medida da política do governo começada em 2003 de expansão da educação superior num momento em que a lógica mercantil invadia um conjunto das atividades e modos de pensamento que dinamizam as relações sociais. Foram diversas as transformações articuladas em prol desse processo de produção e acumulação de capital. Nas áreas da educação, da saúde, e do emprego foram estabelecidas as condições necessárias para o fortalecimento de tal processo, em que a promoção de políticas públicas concretizava a flexibilização e a desregulamentação, submetendo “todos os campos da vida social, sem exceção, [...] à valorização do capital privado” (CHESNAIS, 1996, p. 25).

Depois dessa pausa para colocar os “acentos na história”, seguimos desenhando as políticas daquele ano. Em 2007, também foi regulamentado o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (Fundeb). Assim, toda a educação básica, da creche ao ensino médio, com duração de 14 anos, passou a ser beneficiada com recursos federais (Lei nº 11. 494, de 20 de junho de 2007). Na mesma perspectiva, foi instituído o Programa Mais Educação, que visava fomentar a educação integral de crianças, adolescentes e jovens, por meio de apoio a atividades socioeducativas no contraturno escolar (Portaria Normativa Interministerial nº 17, de 24 de abril de 2007) e lançado o Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE) como uma política que reforça a visão sistêmica da educação, com ações integradas com o objetivo de melhorar a educação no Brasil, em todas as suas etapas, em um prazo de 15 anos, com prioridade para a educação básica.

No ano de 2007, o Exame recebeu 3.584.569 inscrições e manteve-se no aumento do número de inscritos em partes por conta de o exame ser um pré-requisito para obtenção de uma bolsa do PROUNI, mas também por ter se tornado parte do ritual final do Ensino Médio no Brasil.

Com as políticas do governo de acesso das minorias à universidade, houve um aumento do número dos que se declararam negros e pardos/mulatos que outrora não tinham acesso ao ensino superior. No quesito idade, o percentual de participantes com 17

anos continuou diminuindo: 34,8% em 2004, 21,3% em 2005, 19% em 2006 e 18% em 2007. Coerentemente, diminuiu o número de participantes mais jovens (até 19 anos) e aumentou os das faixas mais elevadas de idade, tendo passado de 5% com mais de 26 anos em 2004, para 14,2% em 2005, 16,6% em 2006 e 18,1% em 2007.

A trajetória escolar dos participantes do Enem em 2007, assim como ocorreu em 2006, é um pouco diversa daquela encontrada em anos anteriores. Em 2007 apenas 33% dos participantes do Enem, contra 36% em 2006, 40% em 2005 e 60% em 2004, eram concluintes do ensino médio, sendo que nesse ano quase 13% declararam que iriam concluir esse nível de ensino após 2007 e cerca de 14% que já haviam concluído antes de 2000, ou seja, já haviam saído da escola há mais de sete anos.

Mais de 80% dos jovens que participaram do Enem 2007 cursaram o ensino médio na modalidade de ensino regular e aproximadamente 10% cursaram o ensino técnico ou profissional e educação de jovens e adultos, o que exige um olhar para as atuais políticas do EJA seja para buscar avaliar se os jovens estão realmente finalizando e entrando no mercado de trabalho ou se será preciso garantir mais pontes protetivas para que eles anseiem seguir até a universidade.

Como nos últimos questionários, os jovens reconheceram o seu resultado do Enem como meta para ingressar no ensino superior (79%). Decresce, a cada ano, o reconhecimento do Exame como uma ferramenta legítima para teste de conhecimento e capacidade de raciocínio, apenas (13%).

Um dado interessante do relatório de 2007 é o de apontar o papel da educação no processo de mobilidade social e superação das divisões da sociedade brasileira. É fato que o acesso a um ensino de melhor qualidade, com mais recursos, contribui para a diminuição de desigualdades socioeconômicas estruturais. Tais possibilidades são ilustradas pelas médias de notas dos jovens negros participantes do Enem 2007, corroborando o que já havia ocorrido em 2006: a média obtida na prova objetiva pelos negros que realizaram o ensino médio na escola particular é maior que as médias obtidas por todos os outros segmentos que cursaram o ensino médio na escola pública. Essa mesma tendência repete-se com os jovens índios. Esses dados indicam que as possibilidades limitadas desses segmentos historicamente marginalizados das melhores condições de ensino podem ser ampliadas no âmbito da escola, em busca de sua superação.

O ano de 2008 foi marcado por uma crise econômica global que colocava o Brasil entre os sobreviventes. Essa recessão, fruto da crise americana, foi gerenciada, no país,

por estratégias que se concentraram na redução de impostos a favor das indústrias de automóveis, de eletrodomésticos e no crescimento dos Brics. A frase de Lula de que o Tsunami que atingia os Estados Unidos seria uma “marolinha” para o Brasil foi reproduzida em grande escala e tornou-se verdade - o que colocou o presidente como um dos que melhor gerenciaram a grande crise. Apesar desse lado positivo, Lula enfrentava escândalos que derrubavam centenas de funcionários públicos – juízes, membros do Congresso, policiais e membros de ministérios. O tsunami aqui era político.

Com preço do barril do petróleo chegando aos US\$ 100, pela primeira vez na história, impulsionado pela queda do banco Lehman Brothers, os Estados Unidos dão um novo passo em sua democracia elegendo Barack Obama – primeiro negro a presidir os Estados Unidos - numa vitória histórica e esmagadora. A história política nesse ano também é marcada pela saída de Fidel Castro da direção de Cuba, no poder de 1959 até 2008.

Numa tese em que a história é a de um Exame Nacional, as memórias registradas não podem ser aleatórias e, evidentemente, o espírito científico luta fortemente contra a memória comum não seletiva. Portanto, qual foi o critério de lembrar-se? Houve a construção de uma lista de acontecimentos e uma análise de recorrência para decidir o que entra na tese? Se a pergunta existe significa que o propósito do capítulo de metodologia não se cumpriu em sua plenitude. Não há problema. Para conquistas parciais há sempre mais uma possibilidade.

Assim, para não correr o risco da tese se entesar acho prudente pausar para um poema:

O preço do feijão
não cabe no poema.
O preço do arroz
não cabe no poema.

Não cabem
no poema o gás
a luz o telefone
a sonegação
do leite
da carne
do açúcar
do pão

O funcionário público
não cabe no poema
com seu salário de fome
sua vida fechada
em arquivos.

Como não cabe no poema
o operário
que esmerila
seu dia de aço
e carvão
nas oficinas escuras

— porque o poema,
senhores,
está fechado:
“não há vagas”

Só cabe no poema
o homem sem estômago
a mulher de nuvens
a fruta sem preço

O poema, senhores,
não fede
nem cheira.
(Ferreira Gullar)

Não preciso dizer que nas teses que se produzem na ciência do hoje, também, “não há vagas”, porque elas se ocupam quase sempre de um recorte tão pequeno e criterioso que quem a produz não é capaz de produzir uma paisagem. As academias, mesmo a de ciências sociais, tanto se especializaram que os doutores são operários fordistas da ciência cada um com seu pedaço sem nenhuma capacidade de “ver o todo”. Em um outro tempo, quando Augusto Conte nos positivava, éramos artesãos que produzíamos nossos objetos científicos e íamos, nós mesmos, para o mercado dizer nosso valor. Hoje, produzimos cotidianamente para alimentar nosso insaciável Lattes e sobrevivemos de poucas bolsas regidos pelos critérios do “mercado de produção”. Esse mesmo mercado não tem vaga para o que ele não considera importante e os temas que regem a “ordem da pesquisa” não serve para resolver a “desordem social” em que nos encontramos submergidos. Mas essa tese não é alimentada por bolsa nem Lattes por isso, ela tem espaço para a memória como memória que por séculos foi uma forma de produzir ciência. As narrativas que outrora fazia de Homero um imortal entrou em desuso e seu desvalor nos trouxe ao que somos hoje: um mundo em retrocesso que lembra menos e se “futuriza” demais.

No fim da pausa para poesia justifico que as olimpíadas ocuparam aulas e aulas e, nesse momento, eu era professora e apresentadora de TV. Vivia escrevendo roteiros de programas, escolhendo roupas para looks, aprendendo a usar maquiagem e a ser uma personalidade. A vida de salão, encontros com pessoas que via atrás das câmeras me encantava e ainda não sabia que o navegador Google - que entrou no ar em 2008 –

mudaria completamente nossa forma de busca na internet, mas eu começava a aprender a deixar meu nome na história. Essa experiência melhorou minha performance como professora para o grande público, tirou a marca da menina que usava boné e havaianas para uma mulher que aprendia a combinar peças a se importar com fotografias. Essa mudança impulsionou muito meu curso que ganhou o nome Eu Quero Passar – nome do programa e sua logomarca. Apesar da beleza da experiência como professora enfrentava uma crise salarial em Itabuna que colocava em xeque minha permanência na escola e o programa não tinha a rentabilidade esperada pela TV.

Enquanto eu parecia rica, sendo pobre, depois de lutas, os professores comemoravam nas salas de professores a instituição do piso salarial profissional nacional para os profissionais do magistério público da educação básica (Lei nº 11.738, de 16 de julho de 2008). O valor não me concernia, mas era sem dúvida uma condição que alegrava meus colegas. Também em 2008 a lei 11.741 alterava os dispositivos de redação original da LDB para redimensionar, institucionalizar e integrar as ações da educação profissional técnica de nível médio, da educação de jovens e adultos e da educação profissional e tecnológica. Nesse mesmo ano, em dezembro, é efetivada a lei 11.892 que instituiu a Rede Federal de Educação Profissional, científica e tecnológica criando os institutos federais de educação, ciências e tecnologias e, com grande repercussão, o governo lançou a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (PNEEPEI), que confirmou a Educação Especial como uma modalidade de ensino, que perpassa todos os níveis, etapas e demais modalidades. Também era instituída a lei 11.788, que dispõe sobre o estágio de estudantes.

Diferente de tudo que conhecíamos como proposta de redação feita na prova, o Enem de 2008 trouxe como desafio para os alunos entenderem a relevância da região amazônica para o meio ambiente e para a economia brasileira e que para manter essa “máquina funcionando” era preciso três possíveis ações: suspender completa e imediatamente o desmatamento na Amazônia, que permaneceria proibido até que fossem identificadas áreas onde se poderia explorar, de maneira sustentável, madeira de florestas nativas; efetuar pagamentos a proprietários de terras para que deixem de desmatar a floresta, utilizando-se recursos financeiros internacionais; aumentar a fiscalização e aplicar pesadas multas àqueles que promoverem desmatamentos não-autorizados.

O participante deveria escolher uma dessas ações e redigir um texto dissertativo, ressaltando as possibilidades e as limitações da ação escolhida. Um desafio que os alunos

tiveram enorme dificuldade de realizar, mas que coroou nosso trabalho com muitas redações novecentos incluindo um mil.

Nesse ano, o exame recebeu 4.018.050 inscrições. O número de inscritos aumentou, se comparado com o ano anterior, quando 3.584.569 alunos se inscreveram.

A tabela abaixo apresenta o número de inscrito desde sua primeira edição.

Tabela 3 – Distribuição de inscritos por ano de realização (1998 – 2008)

Unidades da Federação	Inscritos										
	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008
Brasil	157.221	346.953	390.180	1.624.131	1.829.170	1.882.393	1.552.316	3.004.491	3.742.827	3.584.569	4.018.050

Fonte - INEP – Relatório pedagógico de 2008

Em 2008, não houve alteração significativa do perfil socioeconômico dos participantes do Enem em relação aos anos anteriores. O percentual daqueles que se declararam negros permaneceu o mesmo de 2007 e houve pouca variação dos que se declararam brancos e pardos. No quesito idade, o contingente de participantes com 17 anos permaneceu praticamente igual ao dos últimos 3 anos: 19% em 2006, 18% em 2007 e 19,2% em 2008. O número de participantes com mais de 26 anos foi, também, praticamente igual ao de 2007 representando cerca de 18% dos participantes.

Em 2008 apenas 34,5% dos participantes do Enem eram concluintes do ensino médio, sendo que, nesse ano, quase 12% declararam que já haviam concluído o ensino médio antes de 2001, ou seja, estavam fora da escola há mais de sete anos. Cerca de 50% eram egressos desse nível de ensino.

Entrar para a faculdade e conseguir pontos para o vestibular continuava sendo o motivo para cerca de três milhões dos realizadores fazerem o exame. Segundo o relatório INEP de 2008, mais de 70% dos participantes responderam isso como motivo. Valor crescente: em 2004, 44,7% dos participantes declarou ter participado do exame para testar seus conhecimentos e 42,7% para entrar na faculdade ou conseguir pontos para o vestibular, em 2005 os valores foram, respectivamente, 21,4% e 67,1%. Em 2006, aumentou um pouco mais o contingente daqueles que realizaram o exame buscando a oportunidade de uma vaga no ensino superior: 71,4%. Em 2007 este quantitativo já chega aos 72% e em 2008, 74%.

A grande maioria (78,5%) cursou o ensino fundamental somente em escola pública e cursou ou estava cursando o ensino médio somente em escola pública (82,5%). Importante ressaltar que apenas 19,6% tiveram acesso a cursos preparatórios para vestibular.

A identidade com a profissão foi um dos fatores apontados como primordiais na definição da escolha profissional. As informações gerais e aquelas fornecidas por jornais, revistas e TV, além da facilidade para obter emprego, também foram indicados pelos participantes como fatores que teriam influenciado suas escolhas.

Praticamente 60% dos jovens declarou estar trabalhando e cerca de 30% desses jovens trabalhadores afirmaram ter trabalhado durante todo o ensino médio, com jornada de mais de 40 horas semanais. Os motivos mais apontados para o fato de trabalharem durante a realização do ensino médio foram para ajudar os pais, sustentar a família e para serem independentes, nenhuma variação do que se declarou nos relatórios anteriores.

Interessante observar que as mulheres apresentam melhor desempenho na redação e os homens na parte objetiva da prova, também corroborando os resultados dos anos anteriores.

3.4 – 2009 a 2016: Uma nova prova, o mesmo projeto ideológico

Começamos 2009 com a chegada do Novo Acordo Ortográfico e o mundo conhece a primeira biblioteca digital mundial lançada pela UNESCO. Barack Obama inicia seu primeiro ano de governo e é laureado como o Nobel da Paz quase como um presente de “boas-vindas” à casa Branca, mas, ironicamente, foi o primeiro presidente a finalizar duas gestões com tropas de seu país em combate ativo. Por falar em ironias, a cidade do Rio de Janeiro foi escolhida como sede dos Jogos Olímpicos. Naquele momento de intensa alegria do presidente ninguém imaginava que sete anos mais tarde, o Brasil estaria sendo comandado por um presidente interino (Michel Temer - PMDB) quando a presidente Dilma Rousseff seria afastada da presidência, no que se configurará depois como um golpe de Estado articulado pelo presidente em exercício.

Também em 2009 o mundo vivia a 1ª pandemia do século XXI e do 3º milênio, a chamada gripe suína. Apesar dos desafios enormes, o Brasil tinha seus olhos voltados sobretudo para os anos de prosperidade econômica desenhados pelo pré-sal, descoberto anos antes. Agora, o Brasil fixava as regras para a exploração do seu ouro negro e em cerimônia simbólica o presidente Luiz Inácio Lula da Silva recebia o primeiro litro de óleo da camada pré-sal da Bacia de Santos e levou Dilma Rousseff aos 62 anos depois de

militante presa e torturada a uma vitória com 56,05% dos votos válidos em segundo turno, superando José Serra. Era também, a primeira mulher no cargo no Brasil assinalando que mais uma vez a democracia brasileira fazia novos capítulos em sua história.

Nós, professores, estávamos ouvindo a voz de Mandela:

“A educação é o grande motor do desenvolvimento pessoal. É através dela que a filha de um camponês se torna médica, que o filho de um mineiro pode chegar a chefe de mina, que um filho de trabalhadores rurais pode chegar a presidente de uma grande nação”. Era um momento de estado de graça embalado pela ONU que decidiu, em novembro de 2009, iniciar a comemoração do Dia Internacional Nelson Mandela como reconhecimento à contribuição dessa figura ícone na resolução de conflitos e na promoção do relacionamento inter-racial. Os tributos comemorados em temas de redação, em trabalhos escolares foram inesquecíveis.

2009 também foi um ano de surpresas. Eu era professora do colégio Oficina, do Curso Sêneca em Vitória da Conquista, do colégio Sistema em Itabuna e, depois de ter feito um trabalho de literatura no ano anterior sobre o escritor Cyro de Mattos fui convidada pelo mesmo para fazer parte de sua equipe como diretora financeira. Meu primeiro trabalho como “não professora” porque mesmo na TV, como apresentadora, o programa era voltado para o vestibular.

Ainda me lembro de minha mesa, a primeira sem cadeiras à frente para me escutar e sem um quadro negro/branco atrás para escrever. Eu fui apresentada a equipe Genny Xavier, Fred, Dalvani³⁴ e tantos outros que formaram um grupo fantástico. Entre eles e com eles começou meu amor pelos projetos culturais e minha militância pela causa da leitura deixou de ser somente nas salas de aula. No cotidiano, tive a oportunidade de conhecer atores, projetos e viver uma experiência transformadora. Conviver um escritor também foi um presente. Mas o ritmo de 2009 era frenético: meu esposo batalhava num projeto de revitalização de uma fazenda de 9000 hectares e tentava implementar turismo e eu ensinava em Itabuna, tinha uma pequena turma do meu curso³⁵, viajava para Vitória da Conquista toda quinta à tarde, dava aula sexta-feira de 7:30 da manhã às 8:00 da noite quando pegava o ônibus e retornava.

Como muitos professores viajantes eu conhecia somente as escolas e o caminho da rodoviária das cidades em que ensinei. Mas em Conquista – sobretudo com o desafio

³⁴ Equipe de Trabalho da Fundação Cultural de Itabuna.

³⁵ – Nesse momento o colégio em que ensinava passava por uma série crise e tinha poucos alunos. Meu curso ainda era constituído de ateliers voltados para os alunos da escola

da diferença cultural e climática, enfrentei algumas situações que me conduziram a conhecê-la melhor como, por exemplo, ter que comprar urgente um casaco para suportar um frio intenso e inesperado que caía no meio do dia. Isso me deu a oportunidade de desvendar a cidade, conhecer suas gentes e tornar-se meu segundo lar. Vivi Conquista de 2007 a 2019, por anos a ladeira do Marçal, o nascer e pôr do sol foram meus companheiros toda semana por dois e até três dias da semana. As curvas dessa estrada viram minhas lágrimas, incertezas e alegrias. Viram as contrações de minha filha, meu primeiro carro quitado, viu Victória andar e falar e, por certo, foi testemunha da vida de uma centena e por que não dizer milhares? de professores que viajavam como eu para fazer seu salário e viver.

O que eu não sabia é que esses milhares como eu que estavam vivendo em vínculos de empregos flexíveis e contratos precários (minha carteira foi assinada para eu receber a licença maternidade do governo) sem garantias e com longas jornadas de trabalho eram os precursores da precarização do trabalho educacional. Freitas (2016) explica essa “charterização e a uberização” como formas destruidoras de profissões, se aproximariam dos professores – inclusive a conversão de seu trabalho vivo em trabalho morto, dentro de plataformas de aprendizagem online que, com ajuda de tecnologia interativa, procurariam copiar e eternizar a atuação dos profissionais da educação. Eu estava começando minhas primeiras videoaulas.

Nesse mesmo ano comecei uma especialização em Arte, Educação e Novas Tecnologias. Depois de levar tanto tempo na graduação o novo ambiente me desafiava. Eu comecei a conhecer uma universidade além da UESC, a participar de congressos e a querer estudar mais. Apesar do curso ser à distância, estudar na UNB foi sem dúvida uma ampliação de horizontes. Em 2010 apaixonada pela condição de estar me saindo bem na especialização e, sobretudo, por causa da Fundação e seus novos desafios; cheguei a prestar a seleção para o mestrado de Cultura e Turismo e fui aprovada fazendo parte da turma 2010-2012 que foi também a última turma do programa.

Eu sempre me interessei pelos projetos políticos educacionais. Na especialização tinha feito um levantamento sobre a formação de estudantes em turismo e quis fazer o mesmo no mestrado. Mas, nesse ritmo frenético de conquistas, em maio de 2009 recebi a notícia que estava grávida e que esse passar mal era na verdade a necessidade de um repouso. A primeira filha que veio ao mundo como os filhos de professor passou seus nove meses embalada pelas aulas e trabalhos ouvindo Machado, Drummond e aprendendo como captar recursos para produzir festivais de arte.

Como lembra a canção, eu era uma professora latino-americana, sem dinheiro no bolso e sem parentes importantes. Não tinha a opção de “não trabalhar” então, a bebê Victoria contou com a alteridade de toda a equipe da Fundação e suas tias que me ensinaram como “ser mãe” e eu subia a ladeira da Conquista ora de ônibus, ora de carro até dia 20 de dezembro. A princesa nasceria dia 28. No fim ela nasceu dia 07 de janeiro de um parto cesáreo programado para dois dias antes da revisão de véspera do vestibular. Meu irmão que organizou o evento contou com a ajuda de colegas da escola e eu, Victória e Raphael saímos da maternidade direto para o Centro de Cultura Adonias Filho para explicar a público de 500 pessoas o que cairia na prova um dia depois.

Uma semana depois pegava, o carro e subia a ladeira para Vitória da Conquista a fim de fazer a mesma revisão. Morando em casa alugada, sem carteira assinada e sem licença maternidade – a Fundação pagou 6 meses graças ao contrato da prefeitura e a alteridade de Cyro de Mattos³⁶ e dos colegas. Sem ter renda do curso e com um marido que recebeu sua demissão no dia do nascimento da filha eu tinha mesmo que subir ladeira para ter a esperança de não ser substituída depois da licença. Com Victória nos braços, uma TV e alguns móveis deixamos a casa da fazenda que não era nossa e a primeira filha nasceu sem o famoso quarto de primeiro filho porque ela veio ao mundo em meio a uma guerra. A guerra da sobrevivência. Naquela época não sabia que eu pertencia a um grupo de jovens precarizados que chegam aos 30 anos com anos de trabalho, mas nenhuma proteção. Eu ainda não conhecia Antunes (1999), Borges (2007) nem a tendência a uberização do trabalho docente da qual eu era vítima enquanto considerava ser protagonista de meu próprio destino.

Com seis meses dedicados a Victória e a reflexão sobre a vida voltei a FICC – não por muito tempo - como era um cargo comissionado o prefeito precisou retirar alguns dos contratados. Meu nome estava na lista, mas também estava na lista dos aprovados do Mestrado em Cultura e Turismo. Com um dinheiro de um processo eu comecei a minha empresa diferente de tudo que eu fazia e um caminho novo: uma loja de produtos da Hering ao lado da universidade. Em 2010 nascia Victória, nascia minha empresa, nascia a vontade de não mais ensinar. Não durou muito. A universidade entrou em greve por meses, a loja era ao lado da universidade e, em dívidas não houve outra opção senão fechar. Comecei 2009 em ritmo frenético, em meados de 2010 eu era empresária e mestranda e no fim de 2010 parte dos números da falência como centenas no Brasil.

³⁶ Presidente da Fundação Itabunense de Cultura e Cidadania e escritor.

Eu deixava a juventude com uma filha, um apartamento para pagar, as dívidas e a força de trabalho para servir a alguém que pudesse me ajudar a não perder o apartamento. Eu precisava reinventar o que sabia fazer, mas o momento era propício já que também o ENEM sofria um processo de transformação sem precedentes para assumir critérios avaliativos importantes além da mudança de consórcio aplicador. Nessa transformação, a prova foi roubada, cancelada e reaplicada com prejuízos materiais e imateriais ao governo, famílias, estudantes e aos milhões ligados diretos e indiretamente ao processo. Na época, o prejuízo com a confecção de novas provas chegou a R\$ 45 milhões, prejudicando mais de 4,1 milhões de estudantes inscritos. Algumas universidades que aceitariam as notas do Enem para ingresso em 2010 abandonaram o uso do exame. Foram os casos da Universidade de São Paulo (USP) e da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), que não puderam usar as notas do Enem em seus vestibulares em virtude do atraso na divulgação do resultado.

Também 2009 e 2010 foram marcados por outras mudanças educacionais como por exemplo a implementação da Filosofia e da Sociologia no currículo do Ensino Médio, a partir da edição da Lei nº 11.684/2008, que alterou a Lei nº 9.394/1996, de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). Conjuntamente, em maio de 2009, entrou em vigor a resolução CNE/CEB nº 2 que fixou as Diretrizes Nacionais para os Planos de Carreira e Remuneração dos Profissionais do Magistério da Educação Básica Pública e em setembro, o governo instituiu o Sistema Nacional de Informações da Educação Profissional e Tecnológica (SISTEC) em substituição ao Cadastro Nacional de Cursos Técnicos de Nível Médio (CNCT), definido pela Resolução CNE/CEB nº 4/99. Além disso já quase do fim do ano, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil foram fixadas.

Como medida de preparação para a unificação de entrada da universidade que aconteceu em 2010, o ministro Haddad anuncia – e provoca estudantes do Brasil todo – a lei que visava proibir que uma mesma pessoa ocupasse, na condição de estudante, 2 (duas) vagas, simultaneamente, no curso de graduação, em instituições públicas de ensino superior em todo o território nacional. Em continuidade, em janeiro de 2010, o Sistema de Seleção Unificada (SISU), sistema informatizado e online gerenciado pelo MEC e que permitia às instituições públicas e privadas ofertarem vagas para seus cursos de graduação aos candidatos que participaram da edição anterior do Enem foi efetivada.

Retrocedendo a 2009 é importante salientar que naquele ano as provas foram totalmente reformuladas para que o exame se tornasse o principal meio de entrada nas

instituições federais no ano seguinte. Assim, o Enem aumentou de 63 para 180 questões, além da redação, e passou a ser aplicado em dois dias (sábado e domingo). O processo de divisão da prova passou a ser em quatro áreas do conhecimento: Ciências Humanas; Ciências da Natureza; Linguagens e Códigos; e matemática. Cada prova continha 45 questões, além da proposta de redação. As questões ficaram mais complexas, com enunciados mais longos e com caráter ainda mais interdisciplinar. Outro ponto importante na mudança foi a possibilidade de utilizar as notas de qualquer ano para a entrada na universidade considerando o ano que o aluno teve o melhor resultado tanto no sistema SISU como no ProUni.

Uma outra mudança substancial que ocorreu em 2009 foi a implementação do cálculo das proficiências dos participantes do Exame com base na TRI e também uma reformulação das Matrizes de Referência para o Enem, tomando como base as Matrizes de Referência do Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos (Encceja), estruturado em quatro áreas do conhecimento e seguindo os princípios dos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (2000) de estruturação por áreas de conhecimento visando assegurar uma educação de base científica e tecnológica, na qual conceito, aplicação e solução de problemas concretos são combinados com uma revisão dos componentes socioculturais.

As novas Matrizes de Referência para o Enem apresentam os seguintes eixos cognitivos comuns a todas as áreas:

I. Dominar linguagens (DL): dominar a norma culta da Língua Portuguesa e fazer uso das linguagens matemática, artística e científica e das línguas espanhola e inglesa.

II. Compreender fenômenos (CF): construir e aplicar conceitos das várias áreas do conhecimento para a compreensão de fenômenos naturais, de processos histórico-geográficos, da produção tecnológica e das manifestações artísticas.

III. Enfrentar situações-problema (SP): selecionar, organizar, relacionar, interpretar dados e informações representados de diferentes formas, para tomar decisões e enfrentar situações-problema.

IV. Construir argumentação (CA): relacionar informações, representadas em diferentes formas, e conhecimentos disponíveis em situações concretas, para construir argumentação consistente.

V. Elaborar propostas (EP): recorrer aos conhecimentos desenvolvidos na escola para elaboração de propostas de intervenção solidária na realidade, respeitando os valores humanos e considerando a diversidade sociocultural.

(INEP, 2009, p. 79)

Além desses eixos cognitivos, as Matrizes do Enem passaram a ser estruturadas por Competências de área. Assim, a Matriz de Referência de Ciências Humanas e suas Tecnologias é constituída por seis Competências; a de Ciências da Natureza e suas Tecnologias é formada por oito Competências; a de Matemática e suas Tecnologias é

composta por sete e a de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias apresenta nove. Em cada área do conhecimento, as Competências estão distribuídas em trinta Habilidades.

Assim, o Exame passou a ser constituído por quatro provas objetivas, contendo cada uma 45 questões de múltipla escolha, totalizando 180 questões, e uma redação, com o objetivo de avaliar as seguintes áreas de conhecimento do Ensino Médio e os respectivos componentes curriculares:

Figura 4 – Quadro com a nova distribuição da prova do Enem (2009)

Área do Conhecimento	Componentes Curriculares
Ciências Humanas e suas Tecnologias	História, Geografia, Filosofia e Sociologia
Ciências da Natureza e suas Tecnologias	Química, Física e Biologia
Linguagens, Códigos e suas Tecnologias e Redação	Língua Portuguesa, Literatura, Língua Estrangeira (Inglês ou Espanhol), Artes, Educação Física e Tecnologias da Informação e Comunicação
Matemática e suas Tecnologias	Matemática

Fonte : INEP – Relatório pedagógico Enem 2009

Nas edições 2009 e 2010 do Enem, a construção dos itens focalizava situações práticas ou atuais, relacionadas a problemas do cotidiano e a vivências de mundo típicas dos estudantes da Educação Básica no Brasil. Com essa perspectiva, os itens do Enem estruturam-se de modo específico, apresentando uma situação-problema contextualizada; um enunciado claro e objetivo e cinco alternativas de respostas, dentre as quais uma é o gabarito e as demais são plausíveis, porém incorretas. Os contextos e situações-problema abordados pelos itens possibilitam explorar, de modo significativo, conceitos, procedimentos e habilidades tidas como básicas e instrumentais. A singularidade dos itens do Enem provém do fato de que estes representam tarefas cognitivas de tipo transdisciplinar, ou seja, envolvem conceitos e temas que atravessam e combinam diferentes contribuições disciplinares.

O tema de redação de 2009 espelhava um contexto de política, escândalos e mesmo o roubo da prova. Convidada os mais de 4 milhões de jovens inscritos a dissertar sobre “O indivíduo frente à ética nacional” refletindo na imagem proposta por Millôr Fernandes abaixo:

Foto 1 – Charge de Millôr presente na prova do Enem (2009)



Fonte: INEP – Relatório pedagógico Enem 2009

Além do texto de Millôr Fernandes, o candidato tinha o ponto de vista de Lya Luft em que a escritora discute sobre a acomodação e a reclamação que todo mundo faz a voz baixa como se fosse errado indignar-se. A autora externa seu cansaço do discurso de riqueza do Brasil e se pergunta sobre o que anda acontecendo com o povo brasileiro e no que nós estamos nos transformando.

Em 2010 o tema é um convite a escrita sobre “O Trabalho na Construção da Dignidade Humana”. Os textos de apoio apresentavam dados sobre a escravidão contemporânea apresentando as mazelas associadas a esse tipo de regime ilegal de trabalho. O segundo texto, uma imagem, retrata um trabalhador de regime escravo e o terceiro era um excerto de reportagem que aborda o futuro do trabalho por meio de previsões para 2020, acrescentando uma fórmula que conjuga os elementos pretensamente presentes no trabalho do futuro.

Em 2009 e 2010, inscreveram-se no Enem, respectivamente, 4.148.721 e 4.626.094 pessoas, o que corresponde a uma variação positiva de 12%. O número de participantes, ou seja, aqueles que realizaram as quatro provas objetivas, subiu de 2.426.474 em 2009 para 3.242.776 em 2010, correspondendo a um aumento de 34% do número de participantes. Observou-se, também, uma redução de 12% na taxa de abstenção entre as duas edições: em 2009, 41,5% dos candidatos inscritos se abstiveram do Exame, enquanto, em 2010, 29,9% dos inscritos não realizaram as quatro provas objetivas, como demonstra a Tabela.

Tabela 4 - Inscritos e participantes que realizaram o Enem 2009 e 2010

Grandes Regiões e Unidades da Federação	2009				2010			
	Inscritos	Participantes	% de presença	% de abstenção	Inscritos	Participantes	% de presença	% de abstenção
Brasil	4.148.721	2.426.474	58,5%	41,5%	4.626.094	3.242.776	70,1%	29,9%

Fonte: INEP – Relatório pedagógico Enem 2009/2010

O público feminino constituiu maioria no Enem de 2009 e 2010. O percentual de inscritos, assim como o percentual de participantes, foi composto por aproximadamente 60% de mulheres,

A certificação de conclusão do Ensino Médio com base nos resultados do Enem foi validada nessas edições e destinava-se às pessoas que não concluíram essa modalidade de ensino em idade apropriada, conforme o parágrafo primeiro do art. 38 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB – Lei nº 9.394, de 20/12/1996). Destinava-se, também, às pessoas privadas de liberdade que estão fora do sistema escolar regular.

O relatório de 2009/2010 ressalta também que a promoção dos direitos das pessoas com deficiência era um dos aspectos basilares do exame que concebia desde sua fundação que a diferença corporal, funcional ou intelectual é reconhecida como um direito e não uma falha ou algo a ser corrigido. Desse modo, medidas voltadas a garantir inclusão e acessibilidade constituíram sua concepção e aplicação. Para isso, as provas eram planejadas em espaços em que as barreiras urbanísticas, arquitetônicas ou de mobiliário bem como as barreiras culturais, comunicacionais ou atitudinais fossem quebradas. Para além, o Inep ao longo das aplicações incluiu a temática na capacitação das equipes de elaboração e seleção dos itens, confeccionou provas adaptadas, realizou leitura sensível das provas, controlou a diagramação e a impressão dos cadernos de prova, capacitou coordenadores e equipes de aplicação, financiou a formação de profissionais especializados para atuarem no âmbito dos exames além de ter exigido uma seleção cuidadosa das unidades de aplicação de prova e promovido a correção diferenciada das redações.

Também o relatório aponta que o exame passou a ser pensado em sintonia com o Estatuto do Idoso, de modo que garantiu que o participante idoso pudesse receber atendimento prioritário imediato, por exemplo, ser o primeiro na fila de identificação.

Em síntese, o Enem passa a ter 180 questões com dois dias de aplicação e uma nova matriz com quatro áreas de conhecimento. Além disso, cria-se o Sistema de Seleção Unificado (SISU) que modificou profundamente o processo logístico de entrada na universidade, a nota passa ser usada para a certificação do Ensino de Jovens e Adultos e começa a correção pela metodologia de Teoria de Resposta ao Item (TRI). Em 2010 também o Enem passa ser um requisito para a solicitação do FIES. Essas mudanças todas podiam ser enviadas via WhatsApp – aplicativo que surgiu em 2009 e já revolucionava nossa comunicação em 2010.

Somos 7 bilhões. Essa é a constatação de 2011 e com ela comecei a minha nova jornada como professora criando com os alunos reflexões sobre o futuro do planeta e qual era o papel do Brasil nessa equação. Os alunos participavam propondo que o país poderia despontar como centro de provisão alimentícia, do fornecimento de energia e da preservação dos recursos naturais e criar um modelo de consumo como um farol para produzir, de forma urgente, um mundo mais consciente e igualitário.

O Começo de 2011 foi morando em meu próprio apartamento em Ilhéus com um mestrado para terminar, com dívidas da loja que não deu certo e uma filha de um ano com toda uma vida para viver. No segundo semestre, já cansada das ligações do banco, da falta de possibilidades de trabalho, com meu programa de mestrado passando por um processo de fechamento eu viajei para a França pela primeira vez. Na viagem, minha primeira pesquisa de mestrado, um casamento e a visita de Paris pela primeira vez como presente dos pais de meu esposo que queriam ver seus dois únicos filhos juntos nesse momento singular.

Tudo para quem nasce nas condições que nasci – mãe assalariada, pai com trabalho sem carteira assinada que só sabia assinar o nome e responsáveis por criar 5 (cinco) filhos – vem tardiamente. Não é preciso explicar que para as “Maras”, antes de atravessar a ponte elas precisam construir uma e, às vezes, com materiais tão precários que ela se rompe antes de nós atravessarmos. Ansiosos pelo anunciado banquete que existe do outro lado, reciclamos o material e tentamos construir outra. Assim, eu estava ali diante do sonho do apartamento próprio, de estudar uma pós-graduação sem ter que trabalhar três turnos ou viajar tanto e ter tempo para criar minha filha, vi a ponte se romper e eu pegar os pedaços que sobraram para tentar não cair no abismo social de onde vim.

Na França, presenciei o casamento do irmão de Raphael³⁷ ainda encantada com o casamento de Kate e Willian - eu me sentia num casamento real. Também recebi na França minha segunda chance: Pierre Yves um dos amigos de meu marido nos emprestaria uma quantia que quitaria uma parte das dívidas da loja. Voltei para o Brasil e imediatamente liguei para Antônio do cursinho Sêneca pedindo para voltar a dar aulas. Ele me aceitou de volta como professora e, mas que isso, garantiu as condições para que eu abrisse uma turma de redação cuja renda seria minha e me permitiria quitar a outra parte da dívida. Em menos de um ano e meio eu voltei à vida frenética de ter vários empregos para conseguir sobreviver.

A volta ao ensino agora veio com a entrada no colégio Ação Fraternal – um bálsamo poder conhecer, conviver e aprender com a irmã Margarida. Meu curso agora tinha dois novos lares o Colégio AFI e o curso Sêneca. Eu voltei a estrada e tudo voltou ao que era antes, Mara Rute professora, sem tempo para estudar que vivia de sala em sala, de cidade em cidade acreditando estar mudando a vida das juventudes quando, na verdade ao receber a transferência de parte do gerenciamento do trabalho para mim mesma e a incorporação de meus saberes e competências na gestão para meu curso estava tornando-me um sujeito neoliberal que se engajava e se administrava como um empresário de si em um mundo atravessado pelas lógicas da concorrência em diversas esferas da vida (DARDOT; LAVAL, 2016).

Ao ritmo do filme Velozes e Furiosos que esse ano estreava no cinema com a operação Rio eu começava a operação salvação do meu futuro. Nela dediquei mais horas ao meu curso, comecei a montar a equipe dos “anjos” jovens vulneráveis que recebiam bolsa para cursar meu curso, cestas básicas e ajudas financeiras e que em troca, me ajudava a ajudar os que tinham dificuldade em redação através de suas experiências. Precariedade, flexibilização, informalização são termos complicados quando tratamos de um mercado de trabalho historicamente assentado na profunda desigualdade social, na informalidade, na predominância de trabalhos de baixas remuneração e qualificação, mas na verdade eu era uma professora precarizada que tentava ajudar a passar pela ponte jovens precarizados como eu.

No Brasil, uma mulher estava tomando o curso da história (era o que achávamos na época). Logo em janeiro, Dilma Rousseff toma posse como 36º presidente do Brasil e torna-se a primeira mulher a assumir o cargo no país e ainda recebe a visita prestigiosa

³⁷ Raphael Hercelin. Esposo da autora da tese.

do presidente dos Estados Unidos, Barack Obama e torna-se a primeira mulher a fazer o discurso de abertura da Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas.

2011 também foi um ano de perdas que marcaram a nação e os debates em sala. A depressão, ansiedade e anorexia, lutas públicas da cantora britânica Amy Winehouse bem como o uso de antidepressivos e ansiolíticos virava tema de redação. Como também discutíamos a morte do Oscar Niemeyer no mesmo ano em que as curvas que ele eternizou inspiradas no Rio de Janeiro recebe a visita de milhões. O Rio volta a ser a sede de um dos maiores eventos globais na luta por um mundo possível - o Rio + 20 e a cidade foi também eleita paisagem cultural do Patrimônio da Humanidade pela UNESCO.

A maçã também perde seu criador. Morre Steve Jobs um dos mais importantes ícones da propagação do acesso a facilidade a tecnologias e criador da Apple e, no ano seguinte, somos confrontados no Brasil a duas polêmicas que dividia as salas de aula e nos levava a uma discussão mais acalorada do que é público e privado, da ética na era da internet e de como os jovens estavam propensos a novos perigos movidos pelo caso ocorrido com a atriz Carolina Dieckmann.

Em maio de 2011, um hacker invadiu o computador pessoal da atriz, possibilitando que ele tivesse acesso a 36 fotos pessoais de cunho íntimo. De acordo com a denúncia, o invasor exigiu R\$ 10 mil para não publicar as fotos. Como a atriz recusou a exigência, acabou tendo suas fotos divulgadas na internet. Isso criou uma grande discussão popular sobre a criminalização desse tipo de prática, e resultou num projeto de lei sancionada em 2012 que tipificou os crimes cibernéticos, tendo foco nas invasões a dispositivos que acontecem sem a permissão do proprietário.

A outra polêmica foi envolvendo a brasileira Ingrid Migliorini que leiloou a sua virgindade pela internet por US\$ 780 mil, o equivalente a R\$ 1,5 milhão. O vencedor do leilão foi um japonês na casa dos 50 anos que na verdade tinha comprado a virgindade para a filha que rejeitou a consumação do ato no final, porque considerou que encontraria uma moça meiga e que na verdade achou uma menina interessada no dinheiro. Por meses, a discussão da falta de limite ao consumo do corpo como mercadoria e da objetificação feminina ocuparam as aulas em todas as escolas que também viam nas mãos das jovens a obra 50 tons de cinza como um bestseller.

Nas universidades, o tema era outro, era a educação brasileira sendo colocada em xeque e protestos aflorando pela reestruturação da carreira dos docentes e reajuste salarial. Uma greve é deflagrada e ocupa 56 das 59 universidades federais e 32 institutos tecnológicos por um período de cerca de quatro meses. Por falar em greve, em 2011,

Salvador vivia o caos de uma greve de policiais e meu irmão que estava se formando em direito naquele ano entra no Centro de Apoio Jurídico aos Policiais Militares Associados LTDA – AJUPM e começa a sua carreira. Nesse mesmo ano meu irmão já policial militar na cavalaria desde 2009 retorna a Salvador para a escola de Tenentes. O primeiro na família – e único até o momento – a passar num concurso público.

É nesse período que também conhecemos a Comissão Nacional da Verdade criada através da Lei 12528/2011 e instituída em 16 de maio de 2012. Os debates para apurar as graves violações de Direitos Humanos ocorridas entre 18 de setembro de 1946 e 5 de outubro de 1988 e os debates em torno desse período histórico ocupou as aulas de redação, os projetos do curso como também o julgamento dos primeiros 38 réus acusados de participar do escândalo da compra de apoio político no governo Lula.

Na educação em 2012, a presidente Dilma Rousseff sancionou a lei das cotas nas universidades federais designando que até 2016, as universidades teriam de reservar 50% das vagas para alunos de escola pública, criou em 2011 o Ciência sem Fronteiras financiado pela Capes, CNPq e empresas parceiras com objetivo de expandir e internacionalizar a ciência, a tecnologia e a inovação, além de promover a competitividade brasileira a partir do intercâmbio. Também foi um período de grande mobilização para o debate do Plano Nacional de Educação que teve vigência durante 2001-2010 e resultou no Projeto de Lei (PL n. 8.035/2010) propondo o Plano Nacional de Educação para o decênio 2011-2020.

Prova de que a música rompe qualquer barreira linguística, o cantor coreano Psy emplacou em 2012 o grande hit, “*Gangnam Style*” uma música que trazia, para além de sua coreografia hilariante, uma crítica social a um bairro nobre de Seul. O vídeo se tornou o mais assistido do YouTube e superou a marca de 1 bilhão de visualizações e transformava os intervalos das escolas em arenas para a dança.

Também era o ano do último vestibular da UESC e eu já sentia a nostalgia e a certeza de que as formas de ensino estavam mudando muito rápido. Com o Enem sendo a grande prova não havia mais livros obrigatórios ou filmes para ensinar em quase nenhum processo seletivo. Empresas criadoras de módulos didáticos dominavam o mercado e não eramos mais autores de nosso material, mas reproduzíamos um modelo de ensino com frentes das matérias acompanhadas de gabaritos comentados e simulados que não podíamos mudar. Tinha chegado o momento em que alunos e professores eram avaliados e controlados e as escolas e cursinhos comprados por grandes nomes nacionais da educação que “colonizavam” as escolas do interior. Agora todo mundo aprendia com

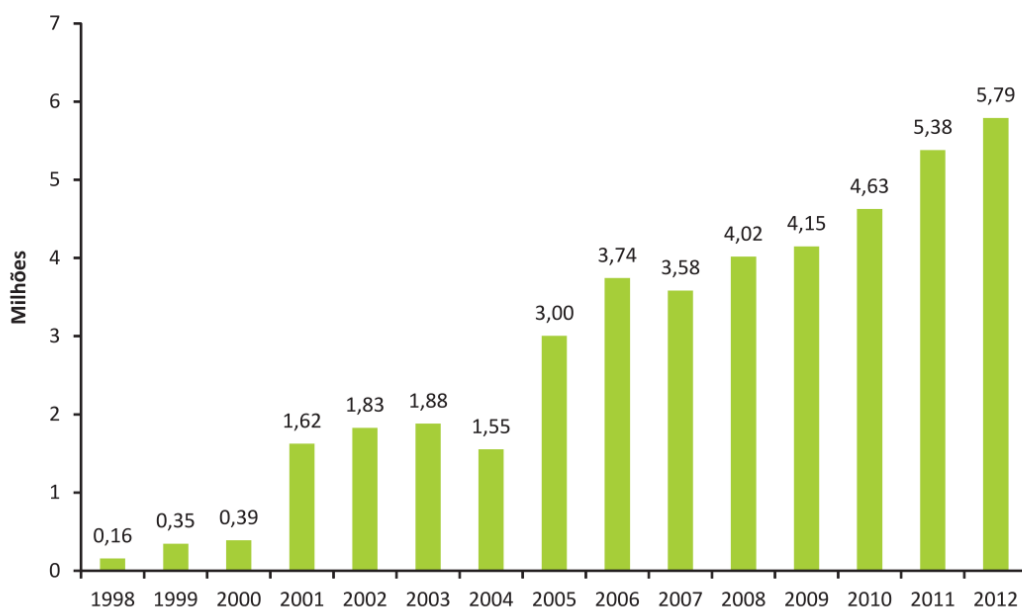
métodos Poliedro, Bernoulli, SAS, Positivo e os professores apenas precisavam, tal qual os alunos, estudar o conteúdo antes de fazer sua aula. Desaparece o professor que ensina e aparece o reprodutor de um modelo de ensino.

Portanto, eu estava integrando um novo modelo de ensino pertencente a era da avaliação em larga escala que se desdobrava mais fortemente desde 1996, mas que existia - se refletirmos bem – desde os anos 80. Essa fixação pelo ranking da escola nascida da avaliação do Enem por escola vendida como “medida de qualidade” instituiu novos parâmetros de ensino. É factual dizer que essas avaliações não serviam a outro motivo que o de cumprir estratégias de educação para resultados dirigida por padronização de áreas, indicadores e critérios presente nos instrumentos de coleta de dados que suprimia a autoidentidade do professor, da escola e transformava os sujeitos educadores em predicados de um novo ensino universalizante e unificador. Lima (2002) explica esse cenário definindo-o como um neo taylorismo manifesto nas estratégias de políticas educacionais atuais.

No relatório desses dois anos, o Enem apresenta um dado novo que é o do número de matrículas do Ensino Médio no Brasil baseado em dados do censo escolar. No primeiro, ano foram feitas 8.400.689 matrículas no ensino médio; no ano seguinte, 8.376.852. A rede estadual concentra a maior parte das matrículas: em 2012, as escolas estaduais congregaram mais de 7 milhões de matrículas, correspondentes a 85% do total. A rede privada somou pouco mais de um milhão de matrículas (cerca de 13%). Já as redes federal e municipal reuniram 1,5% e 0,9% do total de matrículas em 2012, respectivamente.

Em 2011 e 2012, inscreveram-se no Exame, respectivamente, 5.380.856 e 5.791.065 pessoas, com participação nos dois dias prova mais de 3,8 milhões em 2011 e cerca de 4 milhões em 2012. Conforme se observa no Gráfico abaixo, o crescimento no número de inscrições entre 2011 e 2012 reflete, em realidade, a tendência histórica de aumento na quantidade de inscritos ao longo das edições do ENEM.

Gráfico 1 – Quantidade de inscritos ao longo das edições do Enem (1998-2002)



Fonte: INEP – Relatório pedagógico Enem 2009-2010; Microdados ENEM 2011-2012

Também foi apresentado nesse relatório um crescimento do número de inscritos em alguns Estados como é o caso de Sergipe. Segundo o relatório, esse fenômeno pode ser explicado pela adesão, no ano de 2012 da Universidade Federal de Sergipe ao Enem como mecanismo de seleção de seus ingressantes como é também para a UESC na qual muitos alunos prestariam vestibular. A UESC a partir de 2013 não teria mais vestibular.

Outro aspecto relativo às características individuais dos inscritos e participantes do ENEM 2011 e 2012 é a faixa etária, calculada com base na idade completa no ano de aplicação da prova. Os dados do relatório apontam que a maior concentração de inscritos residiu sobre os indivíduos que tinham 17 anos de idade (mais de 870 mil), seguidos por aqueles de 18 anos (mais de 800 mil) e 19 anos (mais de 570 mil). Ademais, houve em torno de 425 mil inscritos com até 16 anos de idade e outros 420 mil com 20 anos. Dessa faixa etária em diante, vê-se quantitativos decrescentes de inscritos diferindo-se do que se via em relatórios anteriores já apresentados e discutidos nessa tese.

Também é importante pontuar que a maior quantidade de inscritos é proveniente parcial ou exclusivamente do Ensino Médio na rede pública de ensino: mais de 4,4 milhões e de 4,8 milhões em 2011 e 2012, respectivamente. Entre aqueles que estudaram parcial ou exclusivamente nas escolas particulares em nível médio, pouco mais de 800 mil realizaram o ENEM em 2011; no ano seguinte, mais de 900 mil. Já os participantes

oriundos de escola indígena ou situada em comunidade quilombola não superaram a marca de dois mil. Também neste ano, participantes que se declaram negros e pardos foram a maioria, totalizando 53% dos 5.366.949 inscritos. O Nordeste, região na qual se localizou os alunos que servem na amostra empírica desta tese congregam junto com a região Sudeste quase 70% das inscrições.

No que se refere à inclusão, além do cuidado com oferecer assistência aos deficientes o relatório de 2011 e 2012 ressalta o respeito aos participantes sabatistas que tem o direito de, no primeiro dia do Exame (sábado), iniciarem as provas às 19 horas de Brasília (DF), mas acessam o local de prova no horário comum aos demais participantes.

Compete lembrar, ainda, que, em 2012, o Enem disponibilizou, de forma inédita no país, 4,2 milhões de redações para vistas pedagógicas, na qual os participantes puderam verificar a avaliação em cada uma das competências. Tal procedimento não é feito por nenhum outro exame no país até hoje.

Em setembro de 2012 cerca de 139 milhões de brasileiros foram às urnas para escolher prefeito e vereadores em 5.568 municípios e na vitória de Claudevane Leite em Itabuna, a convite do meu colega professor Roberto José que assumiu a direção da Fundação Cultural de Itabuna, eu volto no ano seguinte para a instituição agora com a responsabilidade de acompanhar sua gestão.

33 anos. Eu tinha uma filha, um carro, um apartamento financiado e três empregos. Também tomava consciência que não era mais jovem, que o fato de ter um mestrado não garantiria um emprego melhor e, ao pegar o diploma nada mudou, nem o salário, nem as condições de trabalho. Victória, agora com 3 anos tinha uma mãe que trabalhava em Itabuna, Vitória da Conquista e na Fundação Cultural. Nesse ano, 2013, ansiosa pela possibilidade de poder viver não somente para pagar as contas decidi acompanhar meu irmão a Salvador. Era seu último ano como estudante para tenente e eu já atendia alguns alunos que faziam o vestibular para a Bahiana de medicina que faziam meu curso no interior. Troquei uma viagem para a Disney por passagens de ônibus para Salvador e o aluguel de uma sala de hotel na Pituba para atender meus primeiros 10 alunos. No começo esperava meu irmão na rodoviária que me levava ao hotel – eu não sabia sequer pegar um ônibus em Salvador. Sou da geração que nunca viajou para lugar nenhum senão pela leitura. A única coisa que conhecia da capital era a porta de um hospital quando ainda pequena, quando minha mãe (havia sofrido um AVC) teve que fazer consulta. Então, tudo era descoberta.

Depois de uma semana inteira de trabalho, eu pegava um ônibus na sexta-feira à noite, me trocava no banheiro da rodoviária, aguardava meu irmão que me levava até a Pituba onde eu sentava na recepção às 7:30 da manhã e aguardava a chegada dos alunos. Naquela época a comida ia na mala, um sanduíche para meio dia, uma garrafa de água e alguns biscoitos acrescentados da alegria de poder, no fim do dia, ir ao Shopping da Bahia com meu irmão comer um Mc Donalds ou coisa parecida antes de pegar o ônibus de volta para casa.

Meu trabalho na Fundação crescia, eu virara pregoeira, alguns dos projetos que ajudei a desenhar Agentes de Cultura e Cidadania tomaram forma, mas a carga de gerenciar um curso – no qual eu era professora, corretora, administradora - de viajar e cuidar de uma filha pequena pesava muito nos meus 33 anos. Além disso, eu não tinha tempo para o social que os projetos políticos exigem. Eu entrava e saía e não tive, nessa gestão, o mesmo apoio dos colegas da gestão anterior.

Nesse ano, como todo professor, aceitei o conselho de um colega e entrei na pirâmide. O Marketing multinível estava em todo lugar sobretudo como ocupação dos mais de 9,6 milhões de jovens, ou seja, um em cada cinco nessa faixa etária que nem estudava e nem trabalhava segundo os dados do IBGE baseados na Pnad 2012. Erámos uma geração com estudos que tinha que navegar no maior índice de inflação da década. A pirâmide não tinha um bom faraó e logo esse dinheiro fácil não pôde complementar nossa renda. Acho que por isso nos revoltamos.

O peso de uma vida de trabalho e a falta de condições de sobrevivência fez com que os tais 0,20 centavos do aumento da tarifa de ônibus fosse a gota d'água, a faísca para o incêndio de 2013. Como nos mobilizamos! Nós ocupamos o congresso, as redes sociais, as universidades. Fizemos, em nossa revolta, nascer formas inéditas de manifestações e isso virou tema de redação e debatíamos intensamente esse protagonismo juvenil. Nesse momento, mais do que a instituição do Estatuto da Juventude (Lei nº 12.852) dispoendo sobre os princípios e diretrizes das políticas públicas específicas para os jovens, nós queríamos o reconhecimento do papel da juventude no desenvolvimento do país.

Em tal época eu deixava de ser jovem e ajudava fortemente na mobilização dos jovens inicialmente para a Jornada Mundial da Juventude que marcou muitos dos meus alunos pelo discurso do Papa sobre a singularidade da forma como se tem acesso ao imenso coração do Povo Brasileiro, mas também pela inserção de estudos da obra de Roberto DaMatta, Bauman, Milton Santos e Eduardo Galeano. Eu ousava ensinar além dos módulos dos cursinhos. Não tendo mais nenhum compromisso com as instituições de

ensino que lutavam pelo seu ranking eu chegava em 2013 com uma formação baseada em Gustavo Bernardo (2000) e ensinava aos meus alunos que escrever se aprende escrevendo e que essa ideia de dom e de domínio da técnica não tem nenhum valor se eles não fossem seres pensantes. Desenhava minhas aulas tentando vencer a dicotomia do ensino da produção de texto baseada no certo e errado oferecendo a meus alunos a visão de que o texto é a materialidade física do discurso e que eles, para escreverem claramente, precisariam ter o que dizer, a quem dizer para somente depois saber como dizer (MARCUSCHI, 2008).

Entre as memórias que tenho, estava a do trabalho começado desde que estudávamos a Comissão da Verdade sobre esse período sombrio da história nacional. Nesse ano, ensinava os alunos a usarem música como estratégia argumentativa na redação que rendeu, durante alguns anos, resultados fantásticos no processo do Enem.

“Nova-mente”

O Brasil ainda é torturado pelos resquícios da ditadura. Desde o final do Governo Militar, discute-se a fomentação de instrumentos que possibilitem uma relativa conciliação entre o passado ditatorial e o presente democrático do país. Nesse contexto, questiona-se as limitações das medidas legais adotadas pelo Estado, a fim de garantir os direitos do cidadão e promover a efetivação da máxima Justiça.

Na busca pela plena execução dos seus direitos, no atual sistema republicano e democrático, o cidadão se manifesta assim como outrora. No entanto, a atual Constituição, diferente da anterior, assegura, pela legislação, a responsabilidade do Estado em esclarecer à sociedade, as informações acerca dos acontecimentos decorrentes desde o Golpe de 64 ao final do Período Militar. Nessa perspectiva, medidas como a criação da Comissão da Verdade e o reconhecimento da legitimidade da Lei da Anistia surgem como tentativas de pacificação social, união nacional e, sobretudo, efetivação da mudança nos métodos de regimento do país.

Em contrapartida, os instrumentos que respaldam as questões da Anistia no Brasil são controversos, visto que, ao tentarem atender as famílias das vítimas da crueldade, apagando dos registros oficiais os crimes políticos de seus entes, asseguram aos torturadores e assassinos desses, o perdão político pelas suas atrocidades. Dessa forma, a sociedade torna-se cética no que tange ao cumprimento - ou não- da plena Justiça nacional.

Para John Locke, filósofo iluminista, a finalidade do Direito não é abolir nem restringir, mas preservar e ampliar a liberdade. Desse modo, o direito à verdade exigido pelas famílias das vítimas constitui pressuposto de exercício democrático. Portanto, enquanto restarem impunes torturadores e assassinos não se efetivará o pleno conceito de Justiça. Assim, mesmo que legislações apaguem registros políticos, as novas gerações têm o dever de guardar na memória social a importância histórica conciliando-a com o presente, em busca dos seus direitos. Isso é renovação democrática.

(Gabriel Gomes)

Simplesmente justiça

Dos Tribunais da Inquisição, passando pelas ditaduras militares até os prisioneiros de Guantánamo, a humanidade consolidou seu curso

histórico entre torturas de muitos e glórias para poucos. Tendo em vista tal égide, a sociedade capitalista construiu sua estrutura com base na relativização do certo e do errado segundo os interesses dos indivíduos que detêm o poder político ou econômico. Diante dessa conjuntura, o Brasil apresenta-se como uma metonímia na qual os cidadãos não compreendem os próprios direitos e deveres essenciais.

Para James Froude, o homem é a única criatura para quem a tortura e a morte, dos seus semelhantes, são divertidas por si. Partindo desse pressuposto, os torturadores perpassam toda a história, inclusive, na pós-modernidade, modificando, apenas, o tempo histórico-social em que se localizam e a forma de se torturar. Logo, das supostas bruxas queimadas vivas nas fogueiras da Idade Média a mais de sete milhões de mulheres brasileiras, segundo projeções da OMS no Brasil, violentadas e agredidas dentro dos seus lares em 2011, as violações aos direitos humanos básicos converteram-se em um meio de imposição e consolidação de domínio sobre o outro.

Diante dessa realidade, a sociedade capitalista propulsionou a disseminação do relativismo de valores visando privilegiar um seletivo grupo que almeja manter sempre o poder em suas mãos. Desse modo, dos militares, durante a ditadura militar no Brasil, que torturaram para obter informações dos cidadãos que apenas lutavam pela democracia ou Hitler que promoveu o holocausto, pois visava purificar a população alemã, são práticas que encontraram justificativas e apoio de indivíduos dentro de sua configuração social, cultural e histórica. Além disso, tais acontecimentos inspiram a inversão de valores na contemporaneidade observada desde o surgimento de grupos de skinheads até a criação de leis como a da Anistia, que inocentam também os agressores.

Para além disso, a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, em consonância com a Declaração Universal dos Direitos Humanos, já delimitava que nenhum homem deve ser molestado pelas suas opiniões. Em contrapartida, os torturadores ignoram tal premissa e se perpetuam propulsionados por uma sociedade pós-industrial movida pela fusão do certo e do errado. Sendo assim, torna-se essencial a formação de um Estado, que cumprindo com seu caráter abarcativo, seja capaz de aplicar leis claras, simples e baseadas nos parâmetros éticos das verdadeiras vítimas, dessa forma, será feita justiça para com a geração torturada.

(Lucas Vianna)

Meus alunos escreviam inspirados na Tropicália, nas canções de Chico Buarque e, em plena revisão para os vestibulares, todos nós vivenciamos um momento singular na história. Era uma sessão solene em que ouvíamos inebriados o hino nacional cantado na voz Fafá de Belém para nos lembrar de 2 de abril de 1964 - dia do afastamento do presidente João Goulart da presidência que abriu o caminho para que se instaurasse a Ditadura Militar no Brasil. Em sessão solene, o Congresso Nacional, com a presença da presidente Dilma devolveu de maneira simbólica o mandato de presidente da República a João Goulart. Ao lembrar desse acontecimento, é impossível não pensar que a presidente, provavelmente, passará um uma sessão parecida se alcançarmos a condição de trazer de volta ao nosso país a democracia.

Foto 2 – Sessão solene do Congresso destinada à devolução simbólica do mandato presidencial do ex-presidente da República João Goulart



Fonte: Pedro França/ Ag.Senado

Mas, essa pausa na memória é balanceada pelo caleidoscópio que se iniciou com a prisão dos condenados do Mensalão, processo que coloca em evidência o negro, filho de pedreiro que queria “consertar” a corrupção do Brasil com sua capa de Batman Joaquim Barbosa que dividia - e ainda divide – opiniões.

No processo do governo do PT, os projetos sociais continuavam e recebiam novos nomes: Minha Casa Minha Vida, Brasil sem Miséria, Brasil Carinhoso etc. Nesse ritmo, o Brasil ganhava a Copa das Confederações colocando a seleção de volta no coração dos brasileiros que alimentavam a esperança de vencerem a Copa do Mundo de 2014 e a Olimpíada de 2016. Apesar desse ineditismo e oportunidade para o Brasil, esses dois eventos contribuíram para os protestos por conta dos gastos com os preparativos e o atraso nas obras que levou a acidentes e mortes em alguns dos estádios. Importa lembrar também que 2013 foi o ensaio de uma revolução colorida dirigida pelos EUA, através de ONGS com o intuito de criar um olhar hostil dos jovens para a política. Como lembrava minha orientadora em suas intervenções: o discurso circundante era “nem partido nem sindicatos”. Não é preciso ser cientista social para saber que onde não há partido e nem sindicatos há, sem dúvida, um enfraquecimento da Democracia. Para além, o império estava multiplicando revoluções coloridas para provocar uma mudança de regimes genuinamente democráticos a fim de criar novos submissos aos EUA. O golpe da Ucrânia foi em 2014, o do Brasil em 2016 e a história não se finda.

O momento histórico de recebimento do presidente americano em 2011 e o discurso histórico da presidente Dilma na ONU são apagados pela denúncia do ex-colaborador da NSA (Agência Nacional de Segurança) Edward Snowden denunciando um grande esquema de espionagem no qual agências de inteligência monitoravam secretamente milhões de telefonemas, e-mails e outras mensagens de cidadãos incluindo dezenas de chefes de Estado, entre eles a presidente Dilma Rousseff. Por conta de tal revelação, a presidente cancelou a visita de Estado que faria a Washington e usou o discurso na abertura da Assembleia Geral da ONU para fazer duras críticas a espionagem.

Entre as leis que foram instauradas para a educação nacional, nesse período, se destacam-se a Lei nº 12.796 que alterava a LDB n. 9394/96, assegurando que as crianças com 4 anos deveriam ser matriculadas na Educação Infantil, tornando a obrigatoriedade do ensino no Brasil não mais a educação fundamental, mas desde a educação básica. Também se discutia a criação da Comissão Especial destinada a promover estudos e proposições para a reformulação do ensino médio e, depois de ampla discussão, entrava em vigor a lei Nº 12.858, destinando para as áreas de educação e saúde parcelas da compensação financeira pela exploração de petróleo e gás natural. Similarmente foi marcante as alterações de lei para ampliar o rol de beneficiários e ofertantes da Bolsa-Formação Estudante, no âmbito do Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego – PRONATEC.

A partir de 2013, o Enem deixa de produzir o relatório anual pedagógico disponibilizando apenas sinopses estatísticas. Nesse ano, o Enem contou com 7.173.574 participantes superando o número recorde de inscritos para a prova que foi de 2012, com 5.971.290 candidatos numa ampliação de 1.382,242 candidatos sendo, como em 2012, as regiões Sudeste (36%) e Nordeste (33%) as regiões com maior número de participantes.

No que se refere à faixa etária, a maior parte dos candidatos 2.219.460 (30,94%) estavam na faixa de 21 a 30 anos. Seguidos de 1.072,905 (14,96%) sendo maior de 30 anos e 14,71% com a idade de 17 anos, o que corresponde a 1.055,350.

Pela primeira vez na história do processo, quase todas as instituições federais adotariam o Enem como critério de seleção. Esse é um dos motivos da participação de mais de 7 milhões de candidatos. A nota do exame passa a ser utilizada na concessão de bolsa de estudos do Programa Ciências sem Fronteiras, mas também é um momento em que a forma de avaliação da redação é colocada em xeque graças à nota mil, sendo dada às redações que continham erros de ortografia, bem como textos com receitas de miojo e hinos de times de futebol. Do mesmo modo, foi um ano de tentativa de fraude que tirou

do exame mais de 1000 candidatos do direito de fazer a avaliação, mas não levou a sua anulação.

Para conter esses problemas, o ministro Aloizio Mercadante anunciou algumas mudanças que incluíam a ampliação de colaboradores chegando a um total de mais de 700 mil, a um modelo mais seguro de impressão de prova com padrões de vigilância e controle eletrônicos nos moldes da Casa da moeda e, no que dizia respeito a redação, foi constituída uma banca formada por nove professores doutores com notório saber em avaliação textual com o fito de realizar estudos e pesquisas específicos sobre a matriz de correção da prova e participarem da capacitação dos corretores. Além disso, foi publicada a cartilha do participante com as novas regras de correção de redação que incluía a regra de que para tirar nota 1000 as redações seriam submetidas a uma terceira correção numa banca de doutores que deveriam atestar se os textos tinham realmente os critérios para alcançarem a nota máxima – o que explica a redução do número de redações com nota máxima nos anos seguintes. Na edição de 2012, o Enem teve 2.084 redações com 1000 pontos, 481 em 2013, 250 em 2014, 104 em 2015, 77 em 2016, 53 em 2017, 55 em 2018, 53 em 2019, 28 em 2020 e 22 em 2021.

Outra modificação apresentada no processo de correção é que a discrepância entre as notas dos dois corretores independentes não poderia ultrapassar 100 pontos (em 2012, a discrepância era de 200 pontos e, em 2011, era de 300 pontos). Se houvesse discrepância maior de 100 pontos, a redação passaria, de agora em diante, por terceiro corretor. Caso a discrepância permanecesse, a correção seria feita por uma banca de especialistas. Redações com discrepâncias maiores que 80 pontos entre as competências avaliadas também seriam corrigidas por um terceiro corretor. Também o Inep apresentou um aumento no tempo de formação e no valor pago pela correção da redação conforme tabela abaixo:

Tabela 5 – Evolução da correção das redações do Enem

REDAÇÕES ENEM			
Exame	Total de corretores	Capacitação	Valor da correção por prova
2008	1.936	08h - presencial	R\$ 0,75
2009	3.500	08h - presencial	R\$ 1,00
2010	2.829	08h - presencial	R\$ 1,00
2011	3.643	08h - presencial	R\$1,65
2012	5.694	100 h – presencial e a distância	R\$ 1,90
2013	8.400	136 horas - presencial e a distância	R\$ 3,00

Fonte: www.inep.gov.br

Em 2014, meu marido acabava de perder mais um emprego e, como muitos que moravam no Brasil, nesse ano, que viam as condições econômicas se modificarem e a palavra crise se transformar em assunto “da mesa”, decidimos usar seu dinheiro dos tempos de trabalho para que ele pudesse ser “dono de si mesmo”. Francês, conheceu um outro francês que tinha uma cabana de praia e facilitou a venda. Assim, começamos uma nova aventura na busca da nossa independência econômica. Eu trabalhava durante a semana nos meus múltiplos empregos e no fim de semana – período de maior fluxo, na cabana - no atendimento e na cozinha. Victória aos 4 anos teve a alegria de passar muitos fins de semana brincando na praia enquanto eu me dividia em cuidar dela, trabalhar na cabana e corrigir redações.

Na batida de Anitta, aprendi a cozinhar em grande escala, criar um cardápio, preparar comandas. Aliei esse trabalho ao trabalho do meu curso. No fim de semana, os garçons eram estudantes bolsistas do curso de redação, que vinham ganhar dinheiro para pagar suas inscrições. A música era feita pela coordenadora de comunicação e no verão aluguei um apartamento do lado do meu e alunos, principalmente do curso de Vitória da Conquista, vieram por quase três anos trabalhar, comer camarão pela primeira vez e ver o mar. Esse foi um momento mágico de nossas vidas. Os anjos fizeram um trabalho fantástico e, com o dinheiro conquistado, alguns conseguiam mesmo pagar um ano de

aluguel, cursos de inglês, mensalidades do cursinho e modificar seus destinos. Essa nova fonte de renda nos permitiu ampliar muito o volume de alunos bolsistas.

Hoje, quando reescrevo essa história tenho certeza de que muitos não teriam conseguido alcançar a medicina ou outros cursos que ansiavam sem esses meses na “cabana”. Quando vejo suas fotos com carros maravilhosos e viagens para o exterior e, muitas vezes, a falta mesmo da lembrança desses dias sinto a dor de ter escolhido a magia da transformação social que sempre acreditei e não a exploração do trabalho que eu poderia ter realizado. Esse arrependimento dura o tempo de um conto:

Estavam nisso, quando a costureira da baronesa pegou o pano, pegou a agulha, pegou a linha, enfiou a linha na agulha e entrou a costurar.

Entre os dedos da costureira, uma e outra iam andando orgulhosas, pelo pano adiante, que era a melhor das sedas. E dizia a agulha:

– Então, senhora linha, ainda teima no que dizia há pouco? Não repara que essa distinta costureira só se importa comigo? Eu é que vou aqui entre os dedos dela, unidinha a eles, furando abaixo e acima...

A linha não respondia nada. Ia andando. Buraco aberto pela agulha era logo enchido por ela, silenciosa e ativa, como quem sabe o que faz e não está para ouvir palavras loucas.

A agulha, vendo que ela não lhe dava resposta, calou-se também e foi andando. E era tudo silêncio na saleta de costura. Não se ouvia mais que o plic-plic-plic da agulha no pano. Caindo o sol, a costureira terminou o trabalho.

Veio a noite e, enquanto a baronesa vestia-se para o baile, a linha, para caçoar da agulha, perguntou-lhe:

– Ora, agora, diga-me, quem é que vai ao baile, no corpo da baronesa, fazendo parte o vestido e da elegância? Quem é que vai dançar com ministros e diplomatas, enquanto você volta para a caixinha da costureira? Vamos, diga lá. Parece que a agulha não disse nada. Mas um alfinete, de cabeça grande e não menor experiência, murmurou à pobre agulha:

– Ande, aprende, tola. Cansaste de abrir caminho para ela e ela é que vai gozar a vida, enquanto aí ficas na caixinha de costura. Faze como eu, que não abro caminho para ninguém. Onde me espetam, fico. Conteí essa história a um professor de melancolia, que me disse, abanando a cabeça:

– Também eu tenho servido de agulha a muita linha ordinária!
(Trecho do conto a agulha e a linha de Machado de Assis)

Passado o momento de “professora de melancolia” posso afirmar que não há ninguém que tenha passado pela cabana, pelo curso ou pela minha casa que não tenha continuado seus estudos, recebido melhor e sido contaminado pela crença na educação. Claro que quem escreve a história tem o poder sobre a história e, por certo, no percurso que essa tese poderá tomar, haja vozes contestatórias. Mas a convicção daquele momento

era que eu precisava oferecer aos outros a chance que eu tinha tido. Se eu vivia num mundo de fantasia? Disso não tenho dúvida. Eu quis fazer uma mudança social que nem meu país conseguia fazer na época e minha família pagou, anos depois, o preço da não acumulação de capital.

Outras mudanças também aconteceram nesse mesmo momento. Meu curso em Itabuna acontecia no Colégio Ação Fraternal e em Conquista no Curso Sêneca. Como já explicitado em outras partes da tese, as aulas do curso de redação eram uma espécie de ateliê complementar para quem fazia as aulas normais nas escolas em que ensinava. Mas em Conquista eu era professora de Literatura e tinha excepcionalmente assumido a disciplina de redação para tirar a licença de uma colega que agora voltaria ao trabalho. Foi um momento doloroso ter que retirar meu curso – eu amava trabalhar lá, mas pensava na minha colega e dos conflitos que seriam criados se eu permanecesse. Assim, com a ajuda de Janaína de quem eu alugava um apartamento pequeno nos anos em que ensinei em Conquista, consegui alugar um apartamento maior e transferir minha turma para ele. Para pagar por essa mudança, eu desisti de ensinar no Sêneca, porque precisava ampliar as turmas especialmente porque o número de estudantes que agora estavam ligados a mim, na luta por seus sonhos e que não tinham ajuda de pais, era maior.

No entanto, não esperava que tivesse, no mesmo ano, que também assumia responsabilidade também em Itabuna. Descobri que meu curso dentro do Colégio AFI era um motivo de extremo problema para a irmã Margarida, que tinha aberto essa sala como oportunidade para mim. Tive que, às pressas, transferi-lo para um hotel, o que também me obrigou a ampliar o número de turmas para garantir sua sobrevivência. Outrossim, foi um momento em que deixei a Fundação, o motivo ainda desconheço ou conheço e não quero admitir. Novamente, sentindo-me como em 2010, mas sem vontade de voltar a falência que tinha atravessado naquele ano, usei todo meu tempo e conhecimento para me transformar em empresária com responsabilidades de uma equipe de mais de 20 pessoas no curso e em uma cabana.

Não escolhi ser empresária, mas não posso deixar de considerar, numa tese que avalia trajetórias, que ao longo de minha vida como professora vi os empresários da educação sempre ricos enquanto nós professores empobrecíamos. Foram incontáveis os “donos de escola” que escolhem educação como segmento de mercado triplicarem suas rendas enquanto professores fantásticos não conseguem finalizar suas trajetórias sendo donos de um apartamento. Nessa estrada, os que vieram das escolas privadas sofreram mais, com a chegada da idade eram demitidos sem nenhuma proteção social e, em partes,

acho que a falta de organização de classe contribui para o enfraquecimento. Mas isso é assunto para outros anos que virão. Nesse momento eu ainda não sabia.

O curso em Salvador cresceu e, frente à saída de Fundação troquei para uma terça-feira. O que me permitia ter os fins de semana para a família – na verdade para a cabana. Também me dava a oportunidade de aproveitar alguns preços de passagens aéreas baratas e poder voltar para dormir em casa. Saía pela manhã cedo e voltava no voo de (23:30hmin). Foi um período em que o governo criava uma política de barateamento de passagens aéreas. Claro que não podia pagar sempre, mas fazer essa viagem uma vez por mês já garantia um descanso de menos de quase 20 horas de deslocamento.

Nesse período, criávamos um projeto de debate no curso sobre a crise do Sistema Prisional que vivíamos no Brasil especialmente no Maranhão e analisávamos o filme ganhador do Oscar: 12 anos de escravidão. Os alunos fizeram trabalhos de textos memoráveis que foram também alimentados pela grande campanha nas redes sociais iniciada pelo jogador Neymar em solidariedade ao acontecimento com o jogador brasileiro Daniel Alves que gerou o “#somostodosmacacos”.

Ocupamo-nos em discutir o Marco Civil da Internet e agora realizávamos mesas redondas sobre o tema, como também falávamos dos 50 anos do golpe militar, do centenário da 1ª Grande Guerra Mundial ao mesmo tempo em que discutíamos a reeleição de Dilma e o Brasil sediava a Copa do Mundo, que deu a Alemanha a vitória e nos marcou pela fatídica derrota de 7X1 nas eliminatórias.

Era também o começo da Operação Lava-Jato que deu a Sérgio Moro notoriedade nacional e o fim da rede social que começou essa moda no Brasil, o Orkut. Nesse mesmo período, víamos pela TV a reaproximação de Cuba e Estados Unidos depois de 50 anos de rompimento de relações e escrevíamos sobre o direito à educação impulsionados pela jovem Malala, de apenas 17 anos, que ganhou o Nobel da paz em reconhecimento à sua luta pelo direito das meninas e mulheres terem acesso à educação no Paquistão.

Foi um ano de perdas irreparáveis para a literatura e muitas aulas dedicadas a Gabriel Garcia Marques, a Rubem Alves, a poesia de Manoel de Barros, a literatura militante de Ariano Suassuna e a um olhar singular para o Brasil de João Ubaldo Ribeiro. Ao falar sobre esses ícones, os alunos leram, aprenderam a usar em suas redações o escritor Manoel de Barros e seu “olhar azul” levou muitos alunos a um excelente resultado na Bahiana de medicina com direito a textos de “Médicos com olhar Azul” e ao crescimento das turmas em Salvador.

Surfando nessa possibilidade de apenas fazer aulas para o meu próprio curso – assim como Gabriel Medina que foi o primeiro brasileiro a ganhar o mundial de Surf – eu chegava em 2014 como “dona” do Eu Quero Passar com direito à logomarca, equipe e salas próprias e a projetos extremamente diferentes como o uso do cinema na redação e a ser a primeira professora de minha geração que tinha um curso de redação com mais de 300 alunos sem ser professora de nenhuma instituição de ensino.

Os alunos assistiram ao filme Malévola e aprenderam a usar a ideia dos contos de fadas nos textos e a criarem uma bagagem cultural para melhorar seus textos. Eles tinham alunos aprovados que lhes inspiravam e nossas salas eram como ágoras gregas e talvez, por isso, comecei a aprimorar a metodologia da cópia: os alunos aprendiam a estrutura, mas assim como em física e química ou matemática eles não inventavam a fórmula para responder a questão, mas aplicavam a fórmula mais adequada segundo os problemas eles começaram a ver colegas que haviam obtido bons resultados para ajudarem na formulação de seu modelo. Começávamos a partir do princípio de que não era o espírito criativo o que o Enem esperava deles, mas a competência para resolverem o problema que estava sendo proposto.

Nesse ano, o Enem cresceu tanto que recebeu “um twitter” da presidente Dilma comemorando os quase 9 milhões de inscritos. O ministro da Educação, Henrique Paim, acrescentou ainda que 85% dos inscritos estão na faixa etária de 15 a 29 anos e que houve um acréscimo de mais de 1 milhão no número de negros, levando o Enem a ser a prova que garantia genuinamente acesso.

Ainda nesse ano, as Universidades de Coimbra e Algarve, em Portugal, passaram a aceitar o Enem, marcando o início das parcerias com instituições de ensino superior de Portugal, autorizadas a utilizarem as notas do Enem em seus processos seletivos. Neste mesmo ano, passou a ser permitido o uso do nome social do participante. As provas aconteceram em 1.752 municípios sendo, como nos anos anteriores o Sudeste seguido do Nordeste as regiões com o maior número de inscrições. Foram ofertadas 205.514 vagas em 5.631 cursos de 128 instituições públicas de educação superior na primeira edição do Sistema de Seleção Unificada (Sisu) e 55.571 vagas para 72 instituições públicas de ensino superior na segunda edição.

Em 2014 houve uma queda na média de redação em relação aos anos anteriores justificada pelo ministro da educação como sendo ligada ao fato que o tema “Publicidade infantil” não ser um tema de ampla discussão. No que diz respeito à redação foram

corrigidas mais de 5 milhões de redações por 7.121 avaliadores que passaram por processo de capacitação, com duração de 136 horas.

Esse Enem também foi marcado pelo atraso na entrega dos resultados, falha no sistema que foram justificados pelo INEP em seu relatório da gestão do ano de 2014 como problema ligado ao número reduzido da força de trabalho. O Inep também destacou que em 2014 0,70% dos participantes se identificaram como portadores de necessidades especiais. Com vistas a atender esse público, o órgão definiu regras claras e imprescindíveis para a aplicação do exame, de forma a contemplar a política pública de inclusão, tentando abarcar todos os diversos tipos de deficiência a fim de assegurar em igualdade de oportunidades com as demais pessoas. Como exemplo disso destaca-se a tradução do edital para a Língua Brasileira de Sinais (Libras), e o site do Enem teve uma versão do edital incorporada a um sistema de computação acessível a cegos, chamado Dosvox.

Apesar de não ter tido grande repercussão, estávamos num momento de transição política, e a velha presidente assumia o poder por mais quatro anos com suas medidas de forte intervenção governamental na economia e a impossibilidade de fechar as contas públicas era também o problema que tínhamos. Terminei o ano pedindo empréstimos e participando de um seminário sobre a Lei 13.005/14, que tratava do Plano Nacional de Educação para os próximos 10 anos e comecei minha jornada – tão esperada – como professora. Com a indicação de minha irmã, que já havia terminado o doutorado e ensinava na mesma universidade, passei a ser professora da FAINOR, do curso de arquitetura.

2015 foi o ano mais quente registrado na história, ultrapassando o limite que estudamos ser o máximo na era pré-industrial. A COP 21 é realizada e o Acordo de Paris assinado por 192 países. O Brasil, tendo vivido a tragédia de Mariana e por ser um país importante no concernente às suas reservas naturais, é um dos mais esperados no evento. A presidenta Dilma fala em seu discurso da necessidade de adoção de um acordo global contra as mudanças climáticas que seja "legalmente vinculante" e ressalta a importância do papel da sociedade civil e das autoridades locais no processo da conquista das metas. Também reapresenta as metas de reflorestar 120 mil km² e zerar o desmatamento ilegal até 2030 – objetivos apresentados pela mesma durante a viagem aos Estados Unidos em que encontrou o presidente Barack Obama para selar a paz depois que as relações entre os dois países ficaram abaladas em 2013. Além disso, nesse ano, a presidente assinou a Lei Nº 13.186 que instituía a Política de Educação para o Consumo Sustentável com o

objetivo de estimular a adoção de práticas de consumo e de técnicas de produção ecologicamente sustentáveis.

Outros marcos importantes no âmbito das leis foram a sua sanção para a regulamentação da lei dos empregados domésticos, a lei de combate ao Bullying e o primeiro Código de Processo Civil brasileiro publicado em regime democrático e cuja tramitação legislativa se deu totalmente em regime democrático. Igualmente, foi um ano de lutas femininas. As mulheres brasileiras foram às ruas protestarem por seus direitos, a lei do feminicídio foi assinada e se transformou em tema de redação: “a persistência da violência contra a mulher”. Em outros países do mundo, as mulheres também ganhavam marcos, na Arábia Saudita elas foram autorizadas a votarem deixando o país de ser o último no mundo a não dar às mulheres os mesmos direitos dos homens ao sufrágio universal. Nesse ano, foram quase mil mulheres candidatas nas eleições municipais do país.

Apesar desses inegáveis avanços, não podemos esquecer que o primeiro ano do segundo mandato da presidente parecia ter saído da série *House of Cards*. Michel Temer se aproximava cada vez mais da oposição, houve vários conflitos com o presidente da Câmara dos Deputados Eduardo Cunha e sua escolha por Kátia Abreu criou a fúria de muitos partidos. Por todo o país, protestos foram organizados com uma participação quase semelhante ao Diretas Já.

Enquanto o Brasil via sua democracia virar cenas de ficção, os alunos e o mundo voltavam suas atenções para a maior crise migratória que a Europa enfrentava e nas aulas refletíamos sobre a questão à luz de estudiosos como Bauman (2013) e escrevíamos textos que mais tarde serviriam como base a muitos processos seletivos incluindo a Bahiana de Medicina que chegou a cobrar o tema diretamente.

Enquanto eu escrevia essa memória, lembrei-me dos trabalhos que esses alunos faziam de criar dossiês sobre o assunto, debates e como conseguíamos produzir textos que ultrapassavam a “escrita para uma prova” e revelava que esses jovens estavam realmente construindo uma nova visão de mundo. Não resisti e coloquei trechos de dois textos: um de uma aluna que participa dessa pesquisa e outra de um aluno que, em 2015, tinha tentado pelo quinto ano entrar na faculdade.

Exodus pós-moderno

O termo “refugiado” significa retirar-se para lugar em que haja segurança, e ir para um abrigo onde haja proteção. No presente século essa tem sido a alternativa de milhões de refugiados. No entanto, a ideia de receber os que precisam em nossas “casas-países” resolve apenas uma

parte do problema. É necessário construir um futuro melhor para todas as pessoas, incluindo as milhões às quais foram negadas as chances de levar uma vida decente, digna e gratificante e de alcançar seu pleno potencial humano em qualquer lugar do planeta. A viabilidade de tão ambiciosa ação dar-se-á pelo envolvimento de governos, do Sistema das Nações Unidas e outras instituições internacionais, autoridades locais e sociedade civil em projetos concretos de melhorias não para uma parte da sociedade, mas para a sociedade humana - priorizando especialmente ações de diminuição da desigualdade, erradicação da fome e melhoria da saúde e pacificação dos povos. Afinal, o ideal não é termos “novos Moisés” guiando o povo no meio do deserto, como se viu ao longo da história humana, mas um mundo que seja ele, por completo - uma Terra Prometida.

(Jordyr)

#SomosTodosImigrantes

Os países europeus participantes do espaço Schengen devem abrir fronteiras e permitir a livre circulação de pessoas entre eles. Contudo, a crise dos refugiados, principalmente os egressos da guerra civil que se desenrola na Síria, tem mostrado que a utopia da liberdade de ir e vir dos povos limita-se aos pares, e não aos ex-patriados ou ex-colonizados, que cobram agora um espaço no banquete do capitalismo. Assim, numa espécie de reviravolta histórica, novos corpos se lançam ao mar na busca por um novo horizonte, mas suas mortes podem comover a opinião pública internacional, mas não são suficientes para que a compaixão impere sobre as razões de Estado. Nesse processo, mesmo com “meninos kurdís” mortos nas areias, as “portas” continuas fechadas para os “Omrans”.

Parafraseando o Papa Francisco, um dos defensores da ideia de civilização global igualitária, a humanidade precisa destruir os muros de indiferença, rejeição e ódio, construindo em seu lugar pontes de comunhão, fraternidade, solidariedade e amor. Partindo dessa verdade, é preciso repensar a civilização não em fatores econômicos, mas sobretudo políticos e sociais. Isso concretizar-se-á quando o Estado Social, entendido em termos globais, com a ajuda de Estados Nacionais, Organizações internacionais e a própria comunidade produzirem projetos concretos de melhorias não para uma parte da sociedade, mas para a sociedade humana - priorizando especialmente ações de diminuição da desigualdade, erradicação da fome e melhoria da saúde e pacificação dos povos. Afinal, não se deve aceitar a fome e morte como efeito colateral para povos que vivem ou morrem à margem por falta de políticas para a garantia do alimento, da paz e sobretudo da dignidade humana.

(Lucas Marciel)

Também foi um ano em que os resultados do curso eram expressivos. Tivemos mais de 100 redações acima de 900, uma redação nota mil e um dos nossos alunos provenientes de uma escola pública tinha passado em todos os vestibulares da Bahia e no Enem e foi convidado a participar do programa Encontro da rede Globo. Administrativamente a equipe crescia e meu esposo começou a viajar comigo toda terça-feira para Salvador, porque eu já não conseguia dar aula e lidar com as questões

administrativas da cidade. Nesse período, já vivíamos o drama da Cabana com conflito com os vizinhos, problemas na reforma e uma profunda decepção por todo o dinheiro que tínhamos investido num momento de extrema fragilidade econômica e tantas outras adversidades que passava a região e o país, incluindo a onda de roubos nas cabanas de praia em Ilhéus.

Em 2015, como todos os anos, escolhemos uma temática diferente para finalizar o curso e os anjos escolheram Alice no País das Maravilhas. Como se trata de um período curto – a duração do curso é de, no máximo, 9 meses, e sabemos que essa reta final é extremamente difícil em suas vidas, pensamos sempre nas dimensões para além da prova para ajudá-los a atravessar a jornada até a universidade. Assim, preparamos camisas para que eles pudessem vestir no dia do exame, diferente daquelas distribuídas em cursinhos, que quase sempre tem caráter ofensivo e ensinamos que essa identificação os ajuda a encontrar amigos – muitas amizades foram feitas nesse “reconhecimento de armadura”. Por exemplo, dois alunos estavam fazendo vestibular da USP em São Paulo; um de Salvador e outro do curso em Itabuna e, através da camisa, se identificaram e ficaram juntos. Também preparamos reuniões com os pais em que eles pudessem externar o que sentiam e conversarmos sobre como poderiam ajudar os filhos nesse momento final.

Foto 3 – Turma do curso de Salvador vespertino com a camisa do curso



Fonte: Acervo da autora

Foto 4 – Turma noturna do curso de Vitória da Conquista com a camisa do Curso



Fonte: Acervo da autora

Foto 5 – Reunião de pais em Itabuna da temática Alice no País das Maravilhas



Fonte: acervo da autora

Conhecendo os desafios epistemológicos e metodológicos relacionados ao estudo empírico da experiência em primeira pessoa, considero importante pontuar que os elementos acima colocados não têm por objetivo a exaltação do que fazíamos, mas sobretudo assinalar que práticas como essas eram essenciais para o bom resultado. Não é

o foco desse trabalho, mas as dimensões psicológicas e emocionais e esse tratamento de aproximação dava aos alunos – principalmente àqueles que vieram de uma longa jornada de resultados negativos – a oportunidade de ter bons resultados e de trilhar a jornada com mais leveza. Quando conversavam com os “anjos”, viam que eles tinham sido aprovados recentemente e que haviam passado por situações semelhantes a que eles estavam vivendo se sentiam mais convictos. Há várias ciências que estudam esse fenômeno, em especial a psicologia, mas é certo dizer que as salas com 200 alunos cujas mensalidades ultrapassavam mil reais, a política de educação para o desempenho e, acima de tudo, a falta de um norte pedagógico era, e ainda é, claramente, a condição de falibilidade desses jovens.

Para dizer de modo mais profundo, é preciso criar uma aliança terapêutica entre Escola e Família, pois são essas duas instituições sociais que possuem as condições de auxiliarem os jovens minimizando os possíveis transtornos na trajetória de suas vidas. Portanto, quando pensamos somente nos resultados, esquecendo-nos das dimensões da aprendizagem e da necessidade de desenvolvermos habilidades para lidarmos com as situações de estresse e ansiedade por parte dos jovens ou quando o ato de educar não considera as múltiplas dimensões que esse momento representa, estamos fragilizando seu futuro e contribuindo para o desenvolvimento de doenças cada vez mais comuns a essa fase: depressão e ansiedade e mesmo distúrbios alimentares são cada vez mais frequentes nesse grupo e liga-se a essa situação de estresse que o vestibular traz (PELUSO et al.,2010).

Nesse período, a taxa de inscrição foi reajustada. Passou de R\$ 35 para R\$ 63 com o fito de repor as perdas com a inflação e teve 7.746.436 milhões de candidatos inscritos, mas somente 5,8 milhões compareceram às provas nas datas previstas, resultando numa abstenção de 1,9 milhões, ou, cerca de 25% do total, menor índice dos últimos sete anos. A diminuição dos participantes isentos por conta da mudança dos critérios de isenção foi, sem dúvida, um dos fatores que contribuiu para essa mudança. Também houve um aumento de participantes declarados negros, passando de 441 mil para 1,6 milhão entre 2002 e 2015, uma ampliação de quase quatro vezes. Em 2018, os negros já constituíam a maioria dos alunos nas universidades federais do Brasil e há estudos que discutem as políticas afirmativas como verdadeira construção de pontes de t a prova teve também o menor número de eliminações dos últimos anos (743 candidatos), mas foi marcado por locais com provas suspensas por conta das chuvas e inundações no Sul do país e por falta de energia em muitos outros municípios.

Também nessa edição, a luta pela garantia de uma educação para todos passou pela alteração da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional para dispor sobre a identificação, o cadastramento e o atendimento, na educação básica e na educação superior, de alunos com altas habilidades ou superdotação como também da criação da Lei Nº 13.163 modificando a Lei nº 7.210 para instituir o ensino médio nas penitenciárias em obediência ao preceito constitucional de sua universalização, o Enem reafirmava em 2015 o direito de travestis e transexuais solicitarem o uso do nome social, após a inscrição pela internet. A possibilidade foi criada em 2014, porém era preciso solicitar o uso por telefone.

Além dessas reformas, a presidente também sancionou a lei que acrescenta § 2º ao art. 44 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 dispondo sobre a matrícula do candidato de renda familiar inferior a dez salários-mínimos nas instituições públicas de ensino superior. Com a sanção, no caso de empate no processo seletivo, as instituições públicas de ensino superior darão prioridade de matrícula ao candidato que comprove ter renda familiar inferior a dez salários-mínimos, ou ao de menor renda familiar, quando mais de um candidato preencher o critério inicial. A presidente também sancionou a Lei 13.174, que insere inciso VIII no art.43 na Lei de Diretrizes e Bases da Educação para incluir, entre as finalidades da educação superior, seu envolvimento com a educação básica mediante a formação e a capacitação de profissionais, a realização de pesquisas pedagógicas e o desenvolvimento de atividades de extensão que aproximem os dois níveis escolares. Sanciona também a Lei 13.168 alterando a redação do art. 47 da mesma LDB designando que as instituições informarão aos interessados, antes de cada período letivo, os programas dos cursos e demais componentes curriculares, sua duração, requisitos, qualificação dos professores, recursos disponíveis e critérios de avaliação.

Cid Gomes, Luiz Claudio Costa, Renato Janine Ribeiro, Aloísio Mercadante. O Enem de 2015 envolveu 4 ministros da educação e, com uma proliferação de cursos preparatórios em linha e de dicas para a prova cada vez mais dadas por youtubers. Com a publicação de cartilhas e espelhos e a proliferação de notícias falsas, precisávamos garantir uma organização melhor do curso e da educação de Victória - agora com 5 anos. Deixamos nosso apartamento em Ilhéus, que serviria para a sala do curso naquela cidade, a cabana que ficou com um dos anjos que tinha passado pelo PROUNI na Faculdade de Ilhéus e nos mudamos para Salvador a fim de que nossa filha pudesse estudar numa escola bilíngue e fosse alfabetizada em francês e que, como família, tivéssemos mais tempo para

nós mesmos, porque a fadiga das viagens e o estresse dos últimos processos havia sido muito grandes.

O primeiro contratempo veio do fato de que eu e Raphael não tínhamos emprego fixo. O apartamento que iríamos alugar mobiliado não foi fechado. Acabamos contando com a solidariedade do hotel, onde ministrávamos aula, de nos ceder, a um preço de aluguel, a hospedagem por um período de quase dois meses. Às pressas, conseguimos outra moradia e eu queria começar uma nova vida já consciente de que estávamos vivendo um tempo de mudança, a prova do Enem estava incerta, diferente e a situação da cabana nos colocava vulneráveis. Vivíamos bem, mas vivíamos de um serviço prestado que se renovava mês a mês. Raphael começou a procurar trabalho e eu comecei o curso de Relações Internacionais que mais tarde troquei para o curso de Direito que era meu sonho.

Moramos por um ano num pequeno apartamento mobiliado em Salvador e os planos de ter uma vida menos agitada, ter tempo para nossa filha se transformou num turbilhão de muito trabalho. Numa cidade grande, onde tudo é mais difícil, sobreviver foi um desafio. Na tentativa de diminuir minhas idas para o interior, abrimos uma turma no bairro Campo Grande. Não encontramos sala e a própria lógica do curso de funcionar apenas um dia na semana não justificava o pagamento de um aluguel mensal. Optamos pelo hotel Sheraton nos mesmos moldes do Hotel Golden Park na Pituba. A receptividade não foi a mesma. Na verdade, foi surpreendente receber a negação de poder alugar a sala porque o hotel considerava que um projeto de educação era algo não interessante. Em anexo, segue a carta enviada ao hotel que depois nos recebeu e onde trabalhamos numa parceria respeitosa até o ano de 2019.

2016 veio junto com o vírus Zica enquadrado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como emergência sanitária mundial. O PT e seu principal representante (o ex-presidente Lula) lutam para manter a presidente no poder e, numa das estratégias de articulação, Lula é nomeado a Ministro da Casa Civil. Decisão anulada uma hora depois por um juiz federal e mais tarde acatada pelo ministro Gilmar Mendes que julgava no ato a intenção de fraudar as investigações ligadas a Operação Lava Jato. Meses depois Dilma sofre impeachment e passa a ser a primeira mulher na presidência da República e a primeira também a sofrer impeachment no país. Michel Temer assume a presidência e Mendonça Filho o Ministério da Educação.

Nesse ano, a partir da lei 13.278/2016 as artes visuais, a dança, a música e o teatro foram incluídos nos currículos dos diversos níveis da educação básica e também foi o ano da criação da Lei 13.185/2015, de combate ao bullying instituindo o Programa de

Combate à Intimidação Sistemática. A data de sua criação foi escolhida para lembrar que em 7 de abril de 2011, um ex-aluno invadiu a escola municipal Tasso da Silveira, no bairro de Realengo, no Rio Janeiro, e atirou contra os alunos, deixando 12 mortos e 20 feridos. O atirador, que havia sido vítima de bullying, quando aluno daquela escola em sua adolescência, cometeu suicídio logo após a ação. Também em 2016, votou-se a lei 13.306 a fim de fixar em cinco anos a idade máxima para o atendimento na educação infantil e a Lei Nº 13.049/2016 para dispor sobre a reserva de vagas para pessoas com deficiência nos cursos técnico de nível médio e superior das instituições federais de ensino.

Nesse ano, o Enem contou com 8.627.327 inscritos sendo 3.081.767 no Sudeste e 2.816.054 no Nordeste. Maria Inês Fini, uma das criadoras do Exame que atuou no Inep de 1996 até 2002 assume novamente o Inep e o dirigirá até 2018. A taxa de inscrição subiu de R\$ 65 para R\$ 68. Duas novidades desse ano foram a criação do aplicativo "Enem 2016" para que o participante acompanhasse o cronograma e os avisos feitos pelo ministério e uma ferramenta online chamada "A Hora do Enem" que trazia simulados, videoaulas, planos de estudo, exercícios e resumos direcionados ao Enem em resposta ao crescimento vertiginoso de plataformas preparatórias que tinham donos que chegavam a faturar mais de 2 milhões por mês com videoaulas e conteúdo para o Exame. Nessa modalidade oferecida pelo governo, os resultados dos simulados também serão enviados aos diretores de escolas, para que pudessem monitorar o desempenho dos alunos em cada área de ensino.

Entre os programas que começavam a ter uma desaceleração de crescimento ou mesmo o fim estava o Ciências sem fronteiras. O aluno que alcançasse 600 pontos na nota do Enem poderia conseguir bolsas para estudar no exterior. No Enem desse ano, o governo anunciava que não teria fundos em 2016 para esse programa. Não sabíamos ainda, mas era o fim de uma era de políticas protetivas e a educação brasileira que tinha recebido ventos para rumarem para a qualidade e inclusão voltava a rumar em mares sem bússolas, mapas ou astrolábios. Era quase o fim da Expansão Educacional.

3.5. 2017 a 2021 – De um coração partido a um Brasil sem partido: nadando sobre águas sombrias

Quando mudei para Salvador, imaginava estar construindo uma arca para navegar rumo a novos horizontes, mas quando coloquei meu barco no mar da capital os ventos mudaram e as tempestades políticas, as conjunturas econômicas e de saúde transformaram

as condições de navegação numa verdadeira tormenta. Acho que o barco era bem-preparado e moldado pelos anos de aprendizagem e dedicação. Mas quase nenhum barco de educação sobreviveu a essa tempestade. Eu sobrevivi, porque, como náufraga, encontrei socorro num cargueiro estrangeiro que me levou para o outro lado do oceano, mas os meus amigos que ficaram contam os corpos, as dívidas e os sonhos perdidos nas águas de um país que tinha um oceano de possibilidades com mapas para melhor educar, escolas de navegação rumo à universidade e políticas de acesso que mesmo não perfeitas convidavam seus jovens a navegarem. Eles recebiam a “mensagem” e inspirados pela Alma Grande de Fernando Pessoa de que tudo valia a pena se houvesse uma causa, construía suas naus em busca de um horizonte melhor para si e para suas famílias.

Não havia mais certezas, cada Enem era marcado por mudança de ministros, possíveis desmarcações de provas e falhas no processo de produção. As universidades particulares ampliavam vagas, as públicas eram sucateadas e não entendíamos muito as manchetes de jornais que sinalizavam o que era falso como verdadeiro e as verdades desapareciam dos jornais. Por isso, essa última parte capítulo é curta e não foi dívida entre o que aconteceu com o Brasil, comigo e com o Enem porque esse é um período de “tudo junto e misturado”. Não há metodologia no caos. Passamos apenas a sobrevivermos na espera do que viria depois dele.

Começamos 2017 com a reunião de pais em todas as cidades, com os depoimentos dos aprovados, incluindo mais uma redação nota mil, o lançamento de uma Agenda, do Livro Lição dos Aprovados e da Caravana Lição dos Aprovados que visitava cidades onde os Anjos tinham nascido e oferecia aula pública de redação, depoimentos inspiradores e módulos e outros materiais que arrecadávamos de ex-alunos. Num dos encontros dos pais, entre um dos depoimentos, estava de uma aluna que confessou me respeitar porque antes “eu andava de boné e havaianas e agora eu era uma professora que andava de avião e morava em Salvador”. Essa memória é importante, e porque por muitos dias fiquei estarecida. A medida do que eu ensinava, não era medida pelo que ensinei, mas pelo que eu portava e pela geografia. Apesar de estar no topo do meu projeto de vida, eu não sabia – ainda – que começava o fim.

Foto 6 – Depoimento de uma aluna nota (mil) 1000 em 2017

EM 2017 TEMOS MUITO A CELEBRAR

Aprendendo com Mara Rute

No limiar do século XXI, o sonho de ser aprovado no vestibular é um desafio complexo que requer preparo e paciência. Por um lado, a pressão externa que o tempo, o próprio indivíduo e as pessoas que o circundam mesmo que indiretamente exercem sobre si é o Calcanhar de Aquiles na vida dos vestibulandos. Do outro, a realidade cada vez mais palpável de finalmente alcançar seu objetivo impulsiona e motiva o jovem a acreditar que a tão sonhada aprovação é, de fato, possível.

Do ensino fundamental, passando pelo ensino médio ao(s) ano(s) de cursinho, os estudantes vivem uma vida muitas vezes estressante - guardadas as devidas proporções- em que o medo de falhar e repetir toda sua vida escolar mais uma vez assusta e desencoraja. Nesse sentido, o desejo insaciável de ser aprovado cresce diariamente e com ele cresce também a tensão e a responsabilidade. Dessa forma, cegos pelo medo da reprovação, os novos Aquiles vão perdendo gradativamente a fé e correm o risco de se deixarem levar por uma insegurança leviana.

Contrariando essa tendência, o curso de Mara Rute surgiu no intuito de fazer com que os alunos acreditassem que o primeiro passo para alcançar o impossível, é acreditar que é possível. Partindo dessa perspectiva, nossa seguidora de Aristóteles, juntamente com toda a sua equipe, optou por conduzir suas aulas de maneira fora do convencional, conseguindo em apenas duas horas semanais ser o que todo estudante precisa: o motor propulsor de confiança e fé. Portanto, o que antes parecia irreal e distante, tornou-se tangível e iminente. Eis a fórmula do meu mil.

Marcela Araújo, uma das 77 estudantes a serem melhores entre milhões e aprovada duas vezes em medicina em 2017.



METODOLOGIA DO CURSO
APROVADA PELO INEP.
Com redação **nota 1000** e mais
de **100 redações acima de 900.**

Fonte: acervo da própria autora

O meu país vivia uma caça às bruxas e todo mundo aprendia que o combate à corrupção estava na ordem do dia e se prologou por dias. O mundo viu Trump vencer as eleições dos Estados Unidos, um jovem de 39 anos assumir a presidência da França e o presidente Lula ser condenado à prisão e, alguns meses depois, assistimos ao vivo seu encarceramento enquanto milhares estavam à sua volta na luta pela democracia. Um ano depois, víamos um candidato atingido por uma facada e com um discurso de luta contra a corrupção ascender ao poder “pelo Brasil e pela Família”.

De apagão à greve de caminhoneiros que terminou com intervenção de forças do Exército Brasileiro e Polícia Rodoviária Federal para desbloquearem as rodovias, os anos de 2017 e 2018 pareciam ter saído de páginas de uma novela com episódios de incêndios de museus, de catedrais e da floresta amazônica. Perdas, muitas perdas. Algumas reconhecidas no momento mesmo, outras na veracidade do tempo. Perdemos muitas Marisas, muitos Joãos Gilbertos e muitas Marielles, porque perdemos muitos dos nossos Direitos inclusive o da liberdade de expressão num período em que a polarização e a intolerância eram condição “*sine qua non*” nas nossas mesas de jantar, bares, escolas e igrejas. Ganhamos um presidente honesto e um ministro da justiça (o Juiz Sérgio Moro)

escolhidos por 55% dos brasileiros que foram as urnas para garantir “O Brasil acima de tudo e Deus acima de Todos”. Não sabiam que estávamos ganhando um presente de grego e que pastores seriam ministros da educação demitidos por desvio de verbas, que viveríamos o pior crescimento econômico desde a “década perdida” (de 1980) ou mesmo que fariam um movimento “ForaBolsonaro”. Já que evocamos prisão e Grécia assinalamos também que nesse momento histórico o ex-presidente Michel Temer também é preso, mas isso não significava que estávamos a caminho da justiça, igualdade e fraternidade e rumo a um país genuinamente democrático. Pelo contrário vivíamos numa tragédia grega e não numa democracia grega.

O tema de redação em 2018 foi “Manipulação do comportamento de usuário pelo controle de dados na internet” e isso era uma condição permanente no Brasil. Das eleições à crise da Covid-19, a desinformação ocupou o espaço nas redes e milhões naufragavam nas suas decisões políticas orientadas por algoritmos e por viverem de verdades de influencers que ceifaram a vida de milhões na maior crise pandêmica da história moderna.

Em 2019, a ativista do clima, Greta Thunberg fez milhões de jovens se juntarem à sua iniciativa "Sextas-feiras pelo futuro" e, em 2020, é indicada ao Nobel. Seus atos inspiraram jovens no mundo todo incluindo nossos alunos que começaram a discutir melhor a Agenda 2030 da ONU e a sentir o impacto da pobreza, desigualdade, fragilidade democrática e clima não mais como assunto a ser discutido num texto argumentativo, mas em suas vidas.

Começamos a ver um exílio nacional de brasileiros que decidiram como Jean Wyllys renunciaria a cargos, mandatos legislativos, empregos e mudar de moradia, indo embora do país. Junto a eles começamos a ver no curso um crescimento de alunos que tinham mais condições indo estudar em Portugal e nos Estados Unidos, e os com menos condições indo fazer medicina na Argentina. Víamos acontecer um fenômeno que sempre aparece em momentos de desesperança como foi esse saldo negativo na movimentação de brasileiros no exterior na década de 1980 e 1990. Segundo o IBGE em 2021, foram registrados 437 mil movimentos de saída de brasileiros de janeiro a maio, mas 305,5 mil voltaram dias ou semanas depois. Assim, o saldo líquido acumulou a saída de 131,5 mil pessoas o que nos permite afirmar que um a cada três que embarcou rumo a outro país não voltou para casa e esse é um fenômeno que se inicia desde 2017, quando as pessoas sentiram as crises de 2015 e 2016 e optaram por deixar o país.

No Brasil, as meninas colecionavam LOL e, diferente das figurinhas de nossa geração que comprávamos com moedas, essas bonecas custavam mais de 100 reais e o

prazer delas era apenas de abrir as embalagens embaladas pelas novas influencers para crianças. A vida em Salvador era de uma turista que trabalhava. Cada centavo que sobrava usava para descobrir uma cidade que conhecia dos livros de Jorge, dos poemas de Gregório e cujas gentes eu conhecia das canções de Gil e Caetano. Tomei sorvete na Ribeira, comi a acarajé da Irene, fui ver o pôr-do-sol na Barra e a desigualdade em Pau da Lima.

Vivi 2018 e uma parte de 2019 como eu gostaria de viver. Com um olhar clarividente, desde meus 17 anos esses foram os únicos anos que tive um fim de semana sem trabalhar. Comecei o curso de direito na UNINASSAU – um sonho de uma vida e me preparei e passei no doutorado da UCSAL, comprei uma máquina de costura e reaprendi a costurar e as agulhas de tricô serviam para modelar as roupas das bonecas que nunca pude fazer para Victória. Por essa parte que parece ser uma nostalgia que em nada serviria a tese eu preciso, com certeza, de um poema de Drummond:

Tenho apenas duas mãos
e o sentimento do mundo,
mas estou cheio de escravos,
minhas lembranças escorrem
e o corpo transige
na confluência do amor.

....

Os camaradas não disseram
que havia uma guerra
e era necessário
trazer fogo e alimento.
Sinto-me disperso,
anterior a fronteiras,
humildemente vos peço
que me perdoeis.

Quando os corpos passarem,
eu ficarei sozinho
desfiando a recordação
do sineiro, da viúva e do microscopista
que habitavam a barraca
e não foram encontrados
ao amanhecer

esse amanhecer
mais noite que a noite.

Sentimento do mundo [Carlos Drummond de Andrade]

Peço perdão porque vivi nesses dois anos uma viagem para Europa como presente dos pais de meu marido, o casamento do meu irmão, a leitura de tratados de direito, as tardes da copa do mundo, o sonho de comprar um apartamento em Salvador, a montagem da sede de minha empresa no Salvador Prime, a viagem de aniversário para Recife para conseguir um visto para os Estados Unidos e a descoberta que eu estava grávida de gêmeos e que eu não poderia mais viajar de avião para Itabuna e Conquista.

Em junho de 2018, perdi um dos bebês e em junho também aprendi a verdade de Salomão. É na alegria que conhecemos os amigos e nas adversidades os irmãos. Os anjos de Itabuna e Conquista e as equipes se transformaram em guerreiros e entraram na arena fazendo com que o curso de 2018 até 2019 acontecessem de uma forma fantástica. Em Conquista, um grande golpe, porém. A colega com quem eu tinha a maior turma e que foi minha parceira por anos não aceitou meu trabalho à distância e não confiou nas videoaulas ou anjos. Perdi mais da metade da turma. Essa perda não representava uma questão isolada, mas a condição que enriqueceu muitas escolas ao longo da minha jornada. A falta de solidariedade entre professores enfraquece a classe e fortalece o sistema.

Em fevereiro de 2019, Gabriel nasceu e 15 dias depois eu estava na sala de aula em Salvador tentando não perder mais alunos do que já tinha perdido. Mas o fim do curso, grávida, levou uma grande parte dos alunos a acreditarem que eu não voltaria “à tempo da preparação da Bahiana” que aconteceria em maio. O que ouvi de um número expressivo de alunos é que tinham recebido desconto de 50% em outros cursos ou que não imaginavam que eu voltaria logo às aulas, por isso não cursariam aquele ano comigo.

As salas estavam vazias, mas eu começava minha jornada no doutorado e nele eu descobri tanta coisa. Nas aulas da professora Kátia, eu descobri o que era a vida de um professor em Salvador e revisitava os clássicos da educação, incluindo Paulo Freire que reli e me re-apaixonei. Lembro-me de ter chorado em uma das aulas ao ouvir uma colega e suas angústias de professores de escola pública, as políticas frágeis a ausência de quase tudo. Nas aulas da professora Julie, eu entendia o que era uma política pública e as facetas de uma cidadania amputada que vivíamos. Com a professora Maria de Fátima eu redescobria o amor por pelas políticas de assistência e com a minha orientadora eu aprendi o que era pobre, uberizada e que meu país viviam uma crise sem precedentes. Entendia que faltava aos professores e à educação brasileira uma compreensão do que era luta de classes, que eu pensava que era empresária, mas vivia no trabalho intermitente e que compreendia as crises cíclicas do Capitalismo pela voz do professor Carlos.

Eu não tinha feito o mestrado no mesmo programa e o meu mestrado tinha sido em 2012, portanto 7 anos antes, e num programa completamente diferente, o que para meus colegas era debate, para mim era mergulho. Eu mergulhei em Marx, Antunes, Harvey e quando saía do rio eu não era a mesma e a condição social do país também era diferente.

A continuidade dessa descoberta se deu quando o irmão de meu marido veio conhecer Gabriel e quando me viu dando aula, nosso modo da vida, o preço do carro, do aluguel e da gasolina tivemos uma conversa comparativa entre viver na França e viver no Brasil. Não havia o que ser discutido. O Brasil não era viável.

21 anos de sala de aula e a certeza de que era hora de parar. Não sei nesse momento se o desejo de parar era cansaço pessoal ou descoberta que não havia nada depois da caminhada. Descobri depois que não era eu que sentia. Era minha geração que sentia seus sonhos frustrados. Na minha memória daquela época, estou certa que pesei que as noites não dormidas num volante de uma cidade a outra não mudariam o Brasil e as realidades como eu pensava e não faria a vida de Gabriel e Victória melhor. A escola era cara, o pão era caro e a vida insustentável.

O que eu sabia aos 21 anos como professora e que não sabia quando comecei a história da minha vida e a história do Enem é que essa prova não transformaria a educação. Sei hoje que não é uma avaliação que muda o ato de educar. Na verdade avaliar é o fim de um processo e nós mudamos o fim criando para ele um nível internacional, nomes fantásticos e métodos de alta performance, mas não mudamos o começo e, apesar de mais pessoas fazerem as provas, os resultados não são exatamente melhores. O Brasil tinha ficado na 36ª posição em leitura na avaliação do PISA de 2000 entre 40 nações avaliadas e apesar de o exame ter sido adiado de 2021 para 2022 outras pesquisas como um estudo elaborado pelo *IMD World Competitiveness Center* que comparou a prosperidade e a competitividade de 64 nações, em uma pesquisa que analisou como estava o ambiente econômico e social do país para gerar inovação e se destacar no cenário global mostrava, no eixo que avalia a educação, o Brasil com a pior avaliação entre as nações analisadas, alcançando a 64ª posição.

Quando refleti há alguns anos e cheguei a escrever um livro sobre a história dos aprovados, eu cometi o erro de achar que suas histórias singulares poderiam fazer alguma diferença, mas colocar um número de jovens na universidade e exponenciar suas histórias em redes sociais criou fenômenos e deu aos jovens o pensamento que poderiam – em seguindo esse receituário - alcançar uma trajetória parecida. Mas, na verdade, os que

alcançam não representam os milhões que ficam à margem e as pesquisas provam que “apesar de termos feito tudo que fizemos, ainda somos os mesmos e vivemos como nossos pais”.

Quando eu arrumava a mala deixando para trás Salvador e decidia trabalhar somente em Itabuna e Conquista para cuidar mais do meu pai que estava com câncer e da minha mãe e conseguir sobreviver a avalanche econômica que nos assolava, eu considerava que talvez ter escolhido ser uma professora genuína era o que me levava a ter que retroceder. Eu não ensinava para ter nenhum título, minhas aulas e minhas produções não entravam no lattes e eu não ensinava em lugar algum.

“*Educationem sine fine*”. Eu ensinava para ajudar a entrar na universidade, mas principalmente para formar mesmo. Essa condição de ensinar para quem quer aprender não tinha mais valor. Confesso que foi um momento em que aquilo para que vivi era banal. Os alunos agora buscavam cada vez mais um modelo pronto e as dicas dos vídeos recheados de macetes. O mercado da informalidade educacional crescia alavancado pelas redes sociais que gerava cada vez mais cursos de redação e pessoas sem nenhuma credencial ou experiência, o domínio dos recursos visuais valia mais que a gramática ou a linguística. Seguidores e likes mais do que conhecimento. Na era da superficialidade, não havia mais interesse em mergulhar profundamente.

Eu fiz minha última aula em Salvador em novembro. Eu não sabia que seria a última. Não houve lágrimas, mas houve um aperto num coração daqueles que a gente sente na Bahia. Acho que senti também um pouco de decepção de ter sido uma das primeiras a ter uma banca de redação na Avenida Manoel Dias e de ter visto chegar o Curso Único, o Curso e Colégio Bernoulli e tantos outros que vieram depois, acho que sentia também uma amargura por ter presenciado o rompimento da CONSULTEC, o começo da STRIX e ter visto uma geração entrar na Bahiana, mas sair sem fazer história, sem escrever um poema e triste por não ter tido tempo para terminar meu doutorado, minha faculdade de direito, escrever um artigo ou mesmo poder tomar banho na praia de Itapuã.

Quando entrei na UCSAL e que dei adeus à professora Maria de Fátima eu estava escolhendo, ao som de Elba Ramalho, voltar para meu aconchego e levar na mala o restinho de professora que não foi gasto nas madrugadas de correção de redação. O peso dos dois filhos, das contas e dos sonhos que não se realizam podem até não arrancar suas asas, mas na certeza de que elas são de cera e você não ousa mais, como Ícaro, voar alto. Aliás nem era tempo de sonhar era tempo de acordar e acordar as dívidas no banco, do

carro, da casa e do cartão. Era tempo de beijar o pai que sofre, a mãe que sua e os irmãos que somam.

Nesse meu último ano em Salvador, o Enem já começou com o drama do atraso ou anulação porque a gráfica que imprimia o exame faliu e, por meses, discutiu-se que não haveria prova. Depois de troca de ministros e muitas brigas e comissões o exame ocorreu com o maior percentual de presentes na história: 72,9%, superando a edição de 2015 — 72,67%. Nesse ano, também a participação dos candidatos que já tinham concluído o ensino médio em anos anteriores e que representavam mais da metade dos participantes do Enem tinha saído de 4,9 milhões em 2016 para cerca de 3 milhões em 2019, uma diminuição de 38,8%. Pouco mais de 1 milhão de inscritos (1.024.907) prestaria o Enem pelo terceiro ano consecutivo. Um dos fatores para a redução das inscrições desse público pode ser atribuído à conquista de vagas nas instituições de educação superior privadas. Dessa forma, dos cerca de 5,1 milhões de participantes, 2,4 milhões farão o Enem pela primeira vez, o que representa 47% dos inscritos. A prova foi distribuída para 10.133 locais de aplicação, em 1.727 municípios brasileiros, em 147 mil salas de aula e envolveu 385 mil colaboradores diretos, apenas nos dias de provas.

Assim como nos anos anteriores, a maioria dos candidatos eram do público feminino, 59,5% do total de inscritos. Entre as regiões do Brasil, a maior parte dos inscritos estavam no Sudeste (35,2%), seguido pelo Nordeste (34,2%), Norte (11,7%), Sul (10,6%) e Centro-Oeste (8,3%).

A inscrição agora era mais interativa e personalizada, porque as informações eram solicitadas por meio de um robô de internet, em um formato similar a um chat. Os personagens da “Galera do Enem” comandavam a inscrição e apresentavam as perguntas de acordo com a resposta do participante. A prova, por conta da troca da editora teve uma nova diagramação para economizar papel e as folhas de rascunho personalizadas foram substituídas por espaços em branco nos Cadernos de Questões que serviriam de apoio aos candidatos na hora de elaborar os cálculos e a redação. Além dessa medida, o Instituto preparou outras mudanças para gerar uma economia de R\$ 42 milhões na aplicação de exames e avaliações incluindo uma alteração na forma de obter os dados biométricos dos estudantes. A partir do Enem 2019, foi adotada uma pequena esponja que permitia a coleta da digital mais de três mil vezes substituindo uma lâmina de grafite, individual. Outra frente de ação para redução dos custos foram as capacitações de todos os colaboradores envolvidos com a aplicação. O volume de capacitações presenciais foi reduzido e as capacitações no formato de Educação à Distância (EAD) foram colocadas

como medida de redução de gastos com passagens aéreas e terrestres, hospedagem, aluguel de salas e auditórios em diversas partes do País.

Nesse momento, os estudantes de família de baixa renda que estivessem inscritos no Cadastro Único para Programas Sociais do Governo Federal (CadÚnico) tinham o direito à isenção da taxa de inscrição além dos que já recebiam esse benefício: os que tivessem cursado todo o ensino médio em escola da rede pública ou como bolsista integral na rede privada e tivessem renda per capita igual ou inferior a um salário mínimo e meio e os estivessem cursando a última série do ensino médio no ano corrente, em qualquer modalidade de ensino, em escola da rede pública declarada ao Censo da Educação Básica.

Todas essas mudanças e talvez por conta delas prejudicaram alunos que solicitaram refazer a prova por inconsistências nas notas dos participantes em algumas cidades incluindo a cidade de Alagoinhas, na Bahia, críticas à falta de preparo das equipes acolhedoras cujas informações prejudicaram muitos candidatos e uma discussão nacional sobre a necessidade do cancelamento do processo, o que não ocorreu.

Também nesse ano, a Advocacia-Geral da União reverteu uma decisão judicial que obrigava o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) a modificar a divulgação dos resultados do Exame por um colégio particular do Recife (PE) que ajuizou uma ação para determinar ao Inep a divulgação dos micro dados do Enem 2019, considerando apenas o quantitativo dos estudantes regularmente matriculados no 3º ano do Ensino Médio da escola. Segundo a instituição, ao contabilizar a totalidade dos alunos que fizeram o Enem, o Inep não fazia distinção quanto ao ano letivo, incluindo no resultado final o desempenho dos alunos do 1º e dos 2º anos. Isso teria provocado a “redução do ranking da escola”. A discussão que ganhou manchetes e revelava o que já sabíamos - o Exame tinha se transformado em um modelo de propaganda para as escolas que chegavam a criar mecanismos para alcançar esse resultado, teve uma resposta negativa da procuradoria ao defender que o INEP não gerava, não validava e não apoiava a criação de rankings de escolas utilizando os resultados do ENEM, justamente pela inadequação do instrumento cuja finalidade é de avaliação individual do desempenho dos participantes para melhor execução da política pública de educação no país

Deixei Salvador depois do Carnaval sem nunca ter ido a um Carnaval e acompanhando os resultados de 2019 com essa série de polêmicas.

Em fevereiro de 2020, vi meu pai e meus filhos viverem alguns meses juntos em Itajuípe até que nos mudamos para Itabuna para nosso apartamento no qual eu começaria

tudo de novo. Engraçado que reli Saint-Exupéry (2009) e estava feliz de não ser uma contadora de estrelas e ter voltado para aquilo que me cativava. Sentia-me afortunada de entender que andar devagar é a forma mais segura de ir longe e de não pensar como “pessoas grandes”. Todavia também li que minha geração possuía bases frágeis de construção da política social, sobretudo, porque elas estavam desacopladas das dinâmicas de proteção pertinentes à seguridade social e ao mundo do trabalho (LANZARA, CANTU, 2013; ANTUNES, 2020; HARVEY, 2020).

Matriculei os alunos em Itabuna e Conquista e os alunos de Salvador ficaram numa turma à distância. Tudo certo na Bahia! A vida voltada a ser mais simples. Os anjos estavam prontos para desenharem novos cursos e mesmo rumarem para uma formação longe do Enem. O processo em si já não interessava a muitos alunos que não viram as vagas das públicas se ampliarem, mas viram em cada cidade de médio porte da Bahia abrir uma faculdade de medicina. Direito, qualquer um já podia fazer e quase ninguém se interessava mais por pertencer a mais de um milhão de advogados que agora usavam seu carro como Uber enquanto esperavam uma vaga de concurso. Fazer faculdade perdia um certo sentido. Também a educação como política era quase inexistente num país em que a história da educação e do Enem se conturbaram.

Os relatórios deixaram de ser produzidos, os ministros eram transitórios e mais um novo modelo educacional estava sendo colocado. Nesse, todos os estudantes do Brasil, de escolas públicas e particulares, passariam por uma formação comum e por uma formação específica, que poderia ser em linguagens, matemática, ciências da natureza, ciências humanas ou ensino técnico. Nesse período, o MEC também entregou ao Conselho Nacional de Educação a chamada Base Nacional Comum da Formação de Professores da Educação Básica e uma proposta para revisão da estrutura dos cursos de pedagogia.

No novo apartamento e começando as aulas presenciais, de 2020, as notícias que chegavam para nós eram de um vírus que assolava a China, a França, a Itália e, apesar do que víamos no Brasil (é só uma gripezinha), os jornais da Europa apontavam que as mortes de globalizavam. Em 27 de abril de 2020, eu lembro de minha mãe, esta que queria tanto que eu fosse professora e me via professora, ver no meu sorriso de “parabéns para você” minha angústia. Não conseguia mais esconder as conversas da família de meu esposo e da embaixada francesa convidando-o a deixar o país. Mas como considerar partir deixando meus alunos matriculados, meu pai, minha mãe e o que poucos entendiam: meu país que eu amava de verdade?

Nunca tinha pertencido a nenhum partido, nunca tinha ocupado um cargo público em que minha cara fosse a foto, só recebi durante três anos da minha vida um salário ligado ao público e não aceitava o glamour de ser “empresário”, “empreendedor”, “startupper”. Eu era como minha geração foi, uma sobrevivente. Eu ganhava meu dinheiro todo mês sem saber se ia e quanto ia entrar exatamente, mas a causa era maior que o preço. As histórias e as possibilidades que o trabalho nos dava de mudar vidas diretamente sem ter que criar uma lei, ou precisar da assinatura de um prefeito era algo que me moveu durante minha jornada, mesmo nos momentos mais sombrios que eram os dos últimos anos em que para passar além do Bojador eu tinha que passar além da dor.

Enquanto comia a minha última fatia de bolo de aniversário no Brasil minha mãe disse que era tempo de deixar de ser a irmã, a filha, a professora e ser a mãe. O bolo perdeu o sabor de festa.

Eu sempre interpretei literalmente a ideia de “aprender com a vida”, não tive horas de aulas de qualidade, nem trabalhos expressivos em congressos e nem mesmo os convites para participar de banca disto ou daquilo. Eu aprendi na vida com os mais velhos e os mais novos que eu. Sempre olhei para frente perguntando aos professores que haviam passado na estrada antes, como seria pisar na estrada e foi assim que aprendi o valor de estudar pelos livros, da disciplina em sala de aula. Com os que estavam atrás de mim e que parei de andar para escutá-los eu aprendi a mudar de estrada, a pisar diferente e a criar pontes com outros materiais. Mas agora eu voltava àquela Mara que não conhecia nada e aceitava o conselho da mulher que mais admirei na vida. Por isso, quando ela disse que eu deveria partir apagou-se a sala que tinha acabado de montar, meus móveis montados a menos de 30 dias no novo apartamento e todos a decoração que nem terminei de colocar e surgiu a corrida para preparar as malas. O que levar para um país que você não sabe quanto tempo vai ficar?

O que eu não sabia quando eu entrei naquele avião é que eu estava deixando para trás mais de meio milhão de mortos irmãos meus, que eu não veria meu pai pela última vez em seus momentos de maior dor e, imagino que minha mãe também não tivesse pensado, que eu também não veria minha mãe por tanto tempo e que eu nunca mais seria professora. “*Je suis en France aujourd'hui*” e não tenho mais casa, não tenho mais carro, os móveis e alguns livros serviram para alimentar essa tese. Também não tenho mais alunos. A minha última turma de 2021 à distância serviu apenas para fechar o ciclo dessa pesquisa e o que fica é a certeza de que combati um bom combate, terminei minha carreira e construí uma tese. Talvez frágil como a flor no asfalto de Drummond, presa à minha

classe e a algumas mensalidades, escrita num tempo em que não há completa justiça e onde há poucas pesquisas. Um tempo pobre e de pesquisadores pobres.

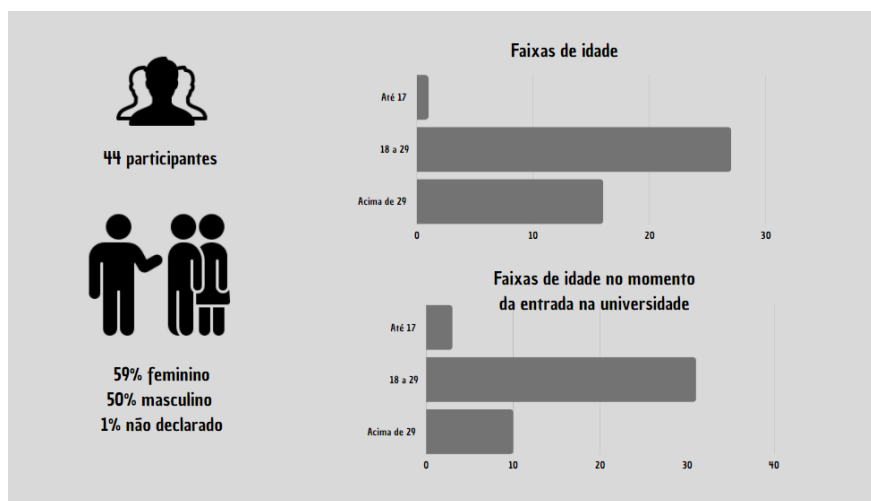
Sei que é vão tentar explicar e que a pele das teses deve ser feita com cifras e códigos e não com história e poesia. Sei que tenho 40 anos e uma esperança mínima, mas uma tese nasceu da pandemia! É uma tese desbotada, frágil nascida no asfalto da educação, mas garanto que é uma tese. Sua metodologia não se percebe, sua criadora não está no rol dos melhores alunos, é estranha, é feia, mas é uma tese.

4. NO MEIO DA CAMINHO TINHA UM SONHO: as expectativas, frustrações realidades e realizações das juventudes do Brasil nos últimos 23 anos do Enem

4.1 – ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO

O formulário aplicado obteve 44 respostas de jovens brasileiros e brasileiras. Desse total, 97,73% eram maiores de 18 anos - com especial destaque para o grupo compreendido entre 18 e 29 anos (61,36%).

Gráfico 2 – Infográfico do Perfil dos participantes da pesquisa



Fonte: Pesquisa de campo. Elaboração da autora

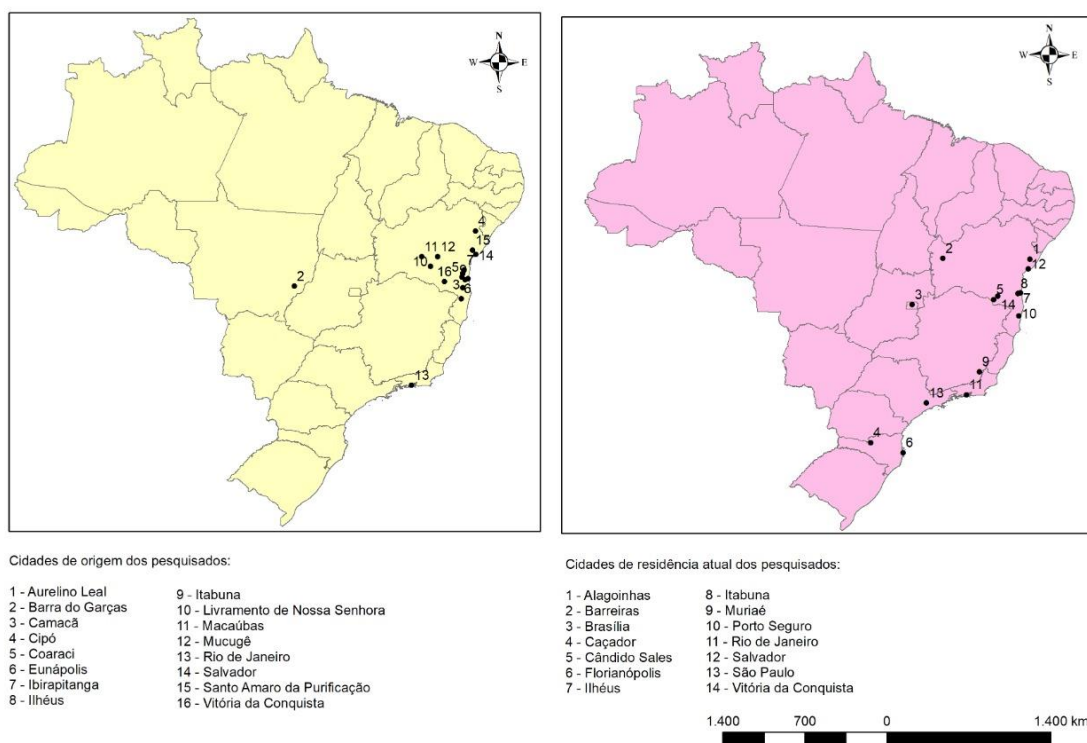
A idade dos participantes alcançados nesta pesquisa pode se relacionar a variados fatores. Destacamos aqui: a menor participação dos menores de 18 diz respeito ao fato de que a pesquisadora em 2021 teve, por conta da pandemia, apenas uma turma online com menos de 20 alunos, a alta quantidade de alunos na faixa dos 18 aos 29 anos relaciona-se ao período de maior volume de alunos nas turmas de redação e ao fato de que alguns dos

participantes que fizeram Enem desde essa época até hoje consideraram, no questionário, pertencerem a esse período e não ao grupo de 2017-2021.

Um número expressivo dos jovens consultados prolongou sua vida de estudos. Essa visão é contrária ao objetivo do Inep na criação do Enem discutido no capítulo 2 dessa pesquisa de facilitar o acesso porque o aluno teria um resultado positivo para aplicar em várias universidades. Eles tendem a realizar cursos preparatórios e prolongarem por anos seus estudos até encontrarem a possibilidade de acessar o curso ideal. Dos entrevistados apenas 3 entraram na universidade com até 18 anos e dois desses trocaram de curso ao longo de suas trajetórias. 31 entraram na faixa entre 19 e 29 anos correspondendo a 70,45% do grupo que responderam ao questionário. Nesse grupo, 43 conseguiram entrar na universidade, sendo que 7 não terminaram por conta do trabalho ou porque não passaram no curso desejado.

A igualdade de gênero na pesquisa foi alcançada sem a eliminação de participantes para chegar ao dado. Os questionários foram enviados a todos os possíveis participantes e todas as respostas coletadas estão apresentadas neste trabalho. Os dados de participação por sexo da amostra da pesquisa não correspondem aos dados dos relatórios do Enem, uma vez que em todas as suas edições do Exame Nacional do Ensino Médio teve uma quantidade maior de mulheres participantes do processo.

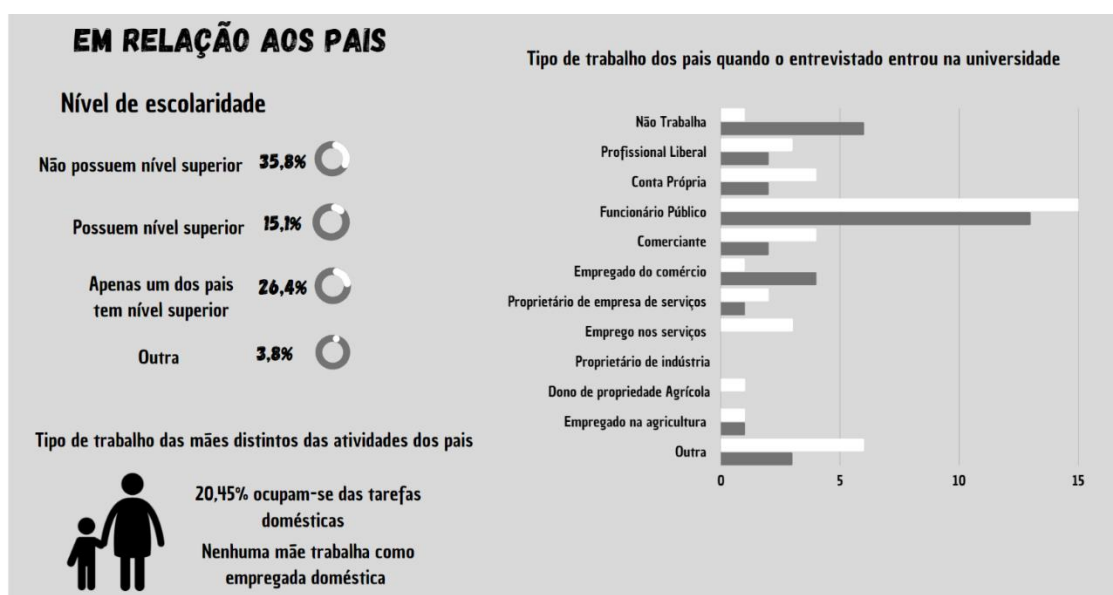
Mapa 1 – Trajetória dos pesquisados



Fonte: Pesquisa de campo

Segundo o Mapa da Juventude (2021) estamos convivendo com a maior população jovem da história nacional (47.8 milhões). Segundo o mesmo estudo, os jovens apresentam uma necessidade constante de circulação e experimentação que deve ser incorporada no desenho de estratégias tanto de ensino como nas dimensões do trabalho e aprendizagem. Apesar dessa visão, o mapa acima e o questionário que inquiria aos entrevistados se eles aceitariam mudar de país deixa claro que, no grupo participante, a mudança geográfica aconteceu apenas dentro do país e que mais de 50% dos participantes permaneceram no próprio estado de origem.

Gráfico 3 – Infográfico do Perfil dos pais dos participantes da pesquisa



Fonte: Pesquisa de campo. Elaboração da autora

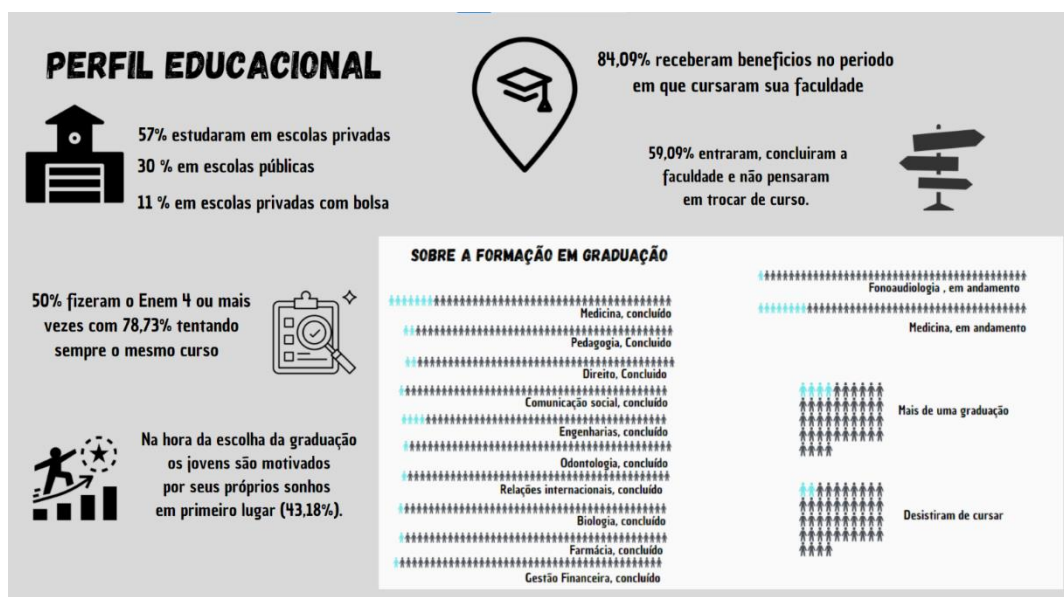
Seguindo o perfil da análise vista no questionário socioeconômico do Enem, que detectou em 1999 a semelhança de escolarização e uma variação entre três ou quatro perfis ao longo das suas edições, na nossa amostra percebe-se a mesma categorização a saber: não possuem nível superior, apenas um dos pais possuem, todos os pais concluíram a universidade.

Na classificação dos setores de atividade e formas de inserção do pai e da mãe, as respostas apresentaram um perfil semelhante com 29,55% das mães como funcionárias públicas e 34,04% dos pais também na mesma posição. No que se refere às mães, alguns dados se destacam: é grande a proporção de mães que os filhos declaram ocupar-se das tarefas domésticas (20,45%), não houve registro de nenhuma mãe como empregada doméstica, a ausência de mães na indústria e o número das que estão sem trabalho seguiu uma média nacional³⁸ (13,64). Nas respostas relativas à ocupação do pai, a opção que aponta o funcionalismo público apresentou o maior percentual, seguida das ocupações no comércio e de trabalho por conta própria na mesma proporção (9,09%). Cabe destaque a proporção um pouco mais elevada dos que classificaram a atividades dos pais como “outra” de (13,64%). Diferente do questionário socioeconômico do Enem que propunha uma média de 8 atividades, o produzido nessa pesquisa propôs, além da opção “outra”, 12 ocupações, o que leva a uma divisão maior no número das atividades e não nos permite fazer uma direta comparação com os dados nacionais.

³⁸ Com base nos dados do IBGE criando uma média dos anos em que o Enem foi aplicado.

Identificados os perfis que envolvem os respondentes desta pesquisa, passamos a um dos focos da investigação: seu perfil como estudante e suas trajetórias de estudos. Inicialmente, os jovens responderam a 8 questões sobre o Enem, sua graduação, seu percurso como estudante e sobre as políticas governamentais de auxílio a educação. Os resultados e suas análises estão apresentados abaixo.

Gráfico 4 - Infográfico sobre o perfil dos estudantes e suas trajetórias de estudos



Fonte: Pesquisa de campo. Elaboração da autora

Em relação aos dados do perfil educacional, o infográfico acima apresenta a representação do grupo por curso e mostra que os entrevistados pertencem a todas as áreas do conhecimento. Além disso, a maior parte dos participantes estudaram em escolas privadas 68%. Destes, 11% são ou foram beneficiários de auxílios - condição que será mais bem detalhada na análise feita no próximo parágrafo.

Quanto à tentativa de entrada na universidade, a pesquisa demonstra que a maioria dos entrevistados perseveraram na tentativa de fazer o curso desejado chegando a realizar o Exame Nacional do Ensino Médio até 07 vezes. Nesse percurso de tentativas, algumas são marcadas por entrada em cursos não desejados e/ou abandono. Em outros casos, percebe-se a finalização da faculdade atreladas a realizações de Enem. A que se considerar nesse número de tentativas que, por alguns anos, o Enem não tinha a divisão entre treineiros e participantes e, alguns alunos faziam, a título de treinamento, o Enem desde o 1º e 2º anos do Ensino Médio. No caso do grupo participante da pesquisa,

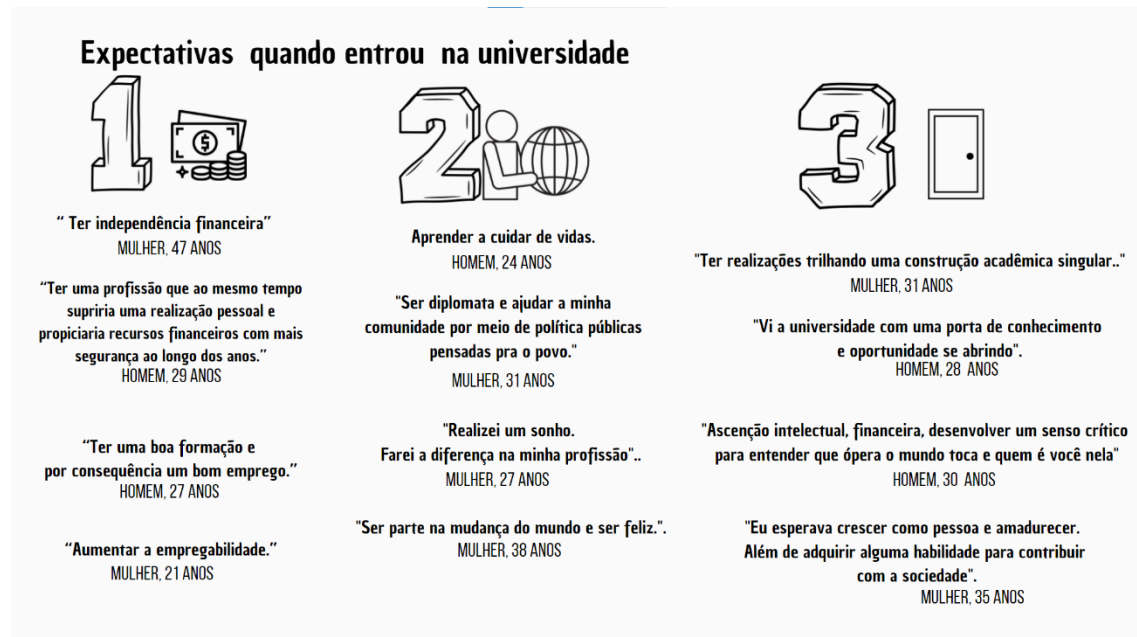
considerando o dado já apresentado de diferença entre o fim do Ensino Médio e entrada na universidade essa constatação não pode ser amplamente aplicada.

Quanto à motivação na escolha da graduação, é importante definir que diversas das motivações listadas pelos jovens respondentes reaparecem nos seus textos. Nas respostas coletadas, os jovens surpreendem por nenhum considerar, na sua escolha, “o sonho familiar somente”. Essa resposta contradiz algumas das informações que estão sistematizadas e disponíveis no capítulo teórico desta pesquisa em que se discute o perfil dos jovens no século XXI e em especial o seu protagonismo. Destaca-se em primeiro lugar a escolha “pelo meu sonho somente” com 43,18%, acompanhada de “pelo seu sonho e sonho familiar” com 25% e 13,64% que aponta o mercado de trabalho como premissa da escolha profissional.

Sobre a troca de curso, observamos tanto nos resultados dos questionários quanto nos textos dos participantes que a maioria terminou as graduações. Apenas três fizeram duas graduações, e três desistiram de cursarem faculdade e foram trabalhar em outros setores. Não foi feita, nessa pesquisa, uma pergunta direcionada ao motivo da desistência. No referente à troca de curso alguns descrevem “Pensei, mas acabei me envolvendo com a faculdade, enxerguei novas possibilidades e optei por continuar o curso”; “Fiquei na dúvida muitas vezes, mas não troquei”. A condição preponderante de finalização do curso na amostra observada nos direciona a entender que o fato de a maioria ter passado por mais de dois anos em cursos preparatórios e terem escolhido cursos competitivos como medicina os direciona à finalização da graduação, às vezes, durante o percurso preparatório para entrarem no curso desejado. Numa análise aprofundada das trajetórias, fica evidente que os que responderam sobre troca de percursos fizeram cursos como arquitetura e trocaram para medicina, fizeram enfermagem e depois medicina, cursaram direito e depois prestaram concurso para tenente da Polícia Militar ou cursavam uma graduação numa universidade particular e trancaram quando foram contemplados com uma aprovação numa universidade pública.

No quadro abaixo, apresentamos as respostas de alguns dos participantes organizadas em três pilares: visão de melhoria de vida sobretudo ligada ao econômico; visão de melhoria de mundo e como uma porta de oportunidades.

Figura 6 - Expectativas quando entrou na universidade



Fonte: Pesquisa de campo. Elaboração da autora

Quando perguntados sobre suas expectativas em relação à universidade 30% dos que responderam ligaram suas expectativas a questões financeiras, 27,50% a sonho e realização e outros a uma mescla de visões como “fazer a diferença” e mesmo “encontrar seu lugar no mundo”. O discurso sobre suas expectativas em relação a entrada na universidade é um unísono entre eles. Independentemente de suas origens e história, para eles, entrar na universidade significa uma ferramenta capaz de executar inúmeras mudanças nas suas vidas e oportunidade para a conquista de outras coisas. A ideia do estudo na universidade para o jovem também espelha seus sonhos e ambições. Alguns revelam sua ambição material, mas um número substancial deixa claro a vontade de criar impacto no seu mundo e como uma grande realização para além das questões econômicas.

A questão “descreva em uma frase qual era sua(s) expectativa(s) quando entrou na universidade.” Também serviu de insumo para a criação da nuvem de palavras abaixo cujo objetivo é traduzir o pensamento mais global desses jovens no que se refere a sua visão/expectativa de entrada na universidade. As palavras em mais destaque são as que mais apareceram na resposta.

Figura 7 – Expectativas quando entraram na universidade (nuvem de palavras)



Fonte: Pesquisa de campo. Elaboração da autora

Essa visão, em partes, foi construída pelos discursos de que somos medidos pela nossa formação tornando o avanço na educação uma condição para a melhoria de vida. Esse olhar foi fortemente acentuado de 2003 a 2015, período em que se ampliou e se criou políticas de inserção de jovens na universidade cumprindo o ideário do acesso como premissa de que isso seria o ponto de partida para a ampliação dos seus horizontes e crescimento da sociedade (SANTOS e ALMEIDA FILHO, 2008). Essa visão, amplamente discutida no capítulo em que apresentamos o panorama da educação, deixa claro que o Diploma de Nível Superior se tornou, nas últimas décadas, essencial no discurso de garantia de acesso ao mercado de trabalho e como condição angular para diminuição de desigualdades e ascensão social (LEHER, 2004).

Os avanços foram visíveis e os números do acesso, reais, não obstante, isso não se transformou na mudança social esperada, inclusive porque – apesar de não ser o objetivo desse trabalho – precisamos assinalar que a entrada na universidade não previu, em muitos casos, que há diferenças entre esses jovens que tiveram trajetórias diferentes e mesmo formas distintas de caminharem na faculdade, como é o caso de um dos participantes da pesquisa que prevê passar em medicina mas já vê as dificuldades de pagar transporte e sobreviver sem poder trabalhar ao lado de colegas que ganham um carro, porque passaram.

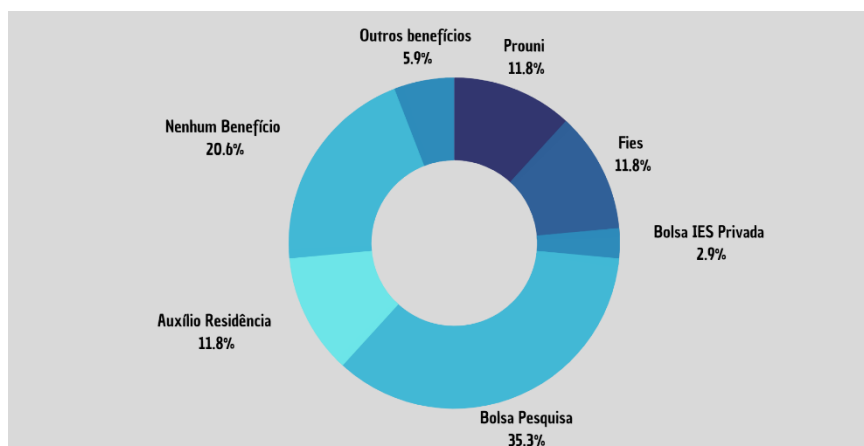
Pensando na realidade nacional, a desigualdade explicita-se primeiro no analfabetismo entre as pessoas de 15 anos ou mais, em 2019. O analfabetismo alcançou 6,6% dessa população (11 milhões de analfabetos), atingindo 6,9% para os homens e 6,3% para as mulheres (IBGE, 2020) – mais do que a população que fez o Enem (3,9 milhões fizeram a prova em 2019). Soma-se a esse quadro o fato de que entre os brasileiros de 14 a 29 anos, 20,2% não completaram alguma das etapas da educação básica em 2019 segundo a mesma pesquisa do IBGE.

Outro ponto a se refletir é sobre a própria participação do jovem no Enem. O Exame nunca chegou à marca de 10 milhões de participantes, o que representaria $\frac{1}{4}$ da população jovem brasileira. A verdade é que há desigualdades para entrar na universidade, uma vez que a oferta de vagas não chega a 40% dos que fazem exame. Menos ainda para cursos que não tiveram ampliação de vagas desde sua criação como é o caso de medicina nas universidades públicas que não acompanhou a ampliação das vagas dos particulares, mas é o curso de maior concorrência do SISU de acordo com os dados do INEP. Para melhor ilustrar essa visão, em 1997, o Brasil possuía 85 escolas médicas, em 2019 já eram 305, a maior parte pertencendo a conglomerados educacionais como o Grupo Afya, que adquiriu o centro universitário UniRedentor, do Rio de Janeiro, por R\$ 225 milhões e abriu seu capital na Nasdaq, onde a empresa captou R\$ 1,1 bilhão. Esses números são extratos de estimativas que apontam que os cursos privados de medicina no Brasil movimentem cerca de R\$ 9 bilhões por ano (HOPER,2019).

Como defendemos no capítulo em que traçamos a história do Enem e da educação brasileira, as políticas desde a criação do exame, e até antes deste, seguem o receituário do Banco Mundial e as preocupações estão muito mais dirigidas aos dados do que à qualidade e tipo de ensino além da facilidade do crescimento do setor privado impulsionando o crescimento das IES e transformando o acesso e à educação superior numa mercadoria. Segundo os dados do INEP, nos últimos anos, cerca de 80% das vagas oferecidas no nosso Sistema de Educação Superior pertencem ao setor privado. Essa discussão não é foco desse trabalho, mas não podemos deixar de considerar, diante desse quadro, a desigualdade na distribuição geográfica das Instituições, demonstrando que estamos longe de uma genuína democratização de acesso ao Ensino Superior.

Apesar de não ser para todos, muitas ações já foram realizadas no âmbito da educação em nível nacional. Destacamos algumas no infográfico apresentado abaixo, que vão desde o Programa Brasil Alfabetizado (2004), passando pelo Programa Universidade para Todos (2005) até outros mais específicos como Programa Bolsa Permanência (2013). Na pesquisa desse trabalho, os respondentes assinalaram se foram beneficiados com alguma política de auxílio no período em que cursavam sua faculdade. Quanto a essa questão, 84,09% receberam auxílio. O gráfico abaixo ilustra as respostas obtidas.

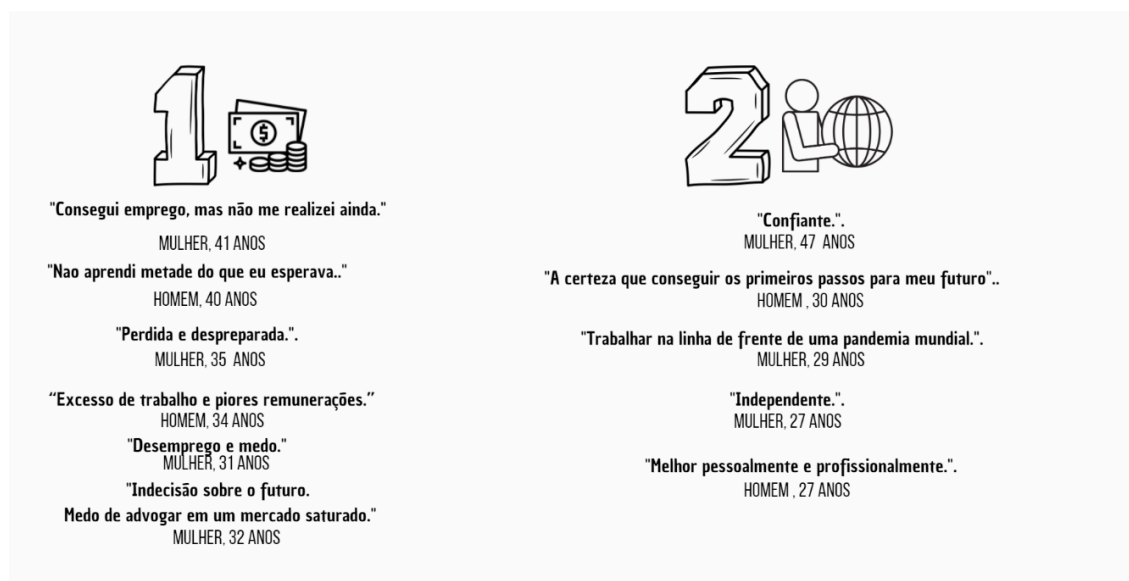
Gráfico 5 - Tipos de benefícios no período em que fizeram faculdade



Fonte: Pesquisa de campo. Elaboração da autora

Para alcançar a linha que objetiva esse trabalho, expectativa X realidade, foi feita também, no questionário online, uma pergunta relativa à realidade dos jovens na sua saída da universidade. Utilizamos o mesmo critério de análise da pergunta que apresenta a visão da expectativa. Classificamos as suas visões em duas condições: frustrados X realizados e apresentamos de forma categorizada no infográfico abaixo as principais respostas. Para essa questão, 31 dos entrevistados participaram. A menor quantidade de resposta pode ser explicada pelo fato de que, no que se refere à expectativa, os alunos que ainda não terminaram a universidade poderiam responder, mas a “realidade” só diz respeito a quem já concluiu.

Figura 8 - Visões das realidades encontradas na saída da universidade



O conjunto de respostas dadas a essa pergunta nos permite desenhar um quadro que se divide sobretudo entre um certo positivismo daqueles que fizeram medicina e as

incertezas ligadas aos que escolheram direito. Os primeiros veem a saída da universidade como a certeza de que terão que aprender para além do que o que foi ensinado na universidade. Por exemplo: “aprendi a ser bacharel em medicina, médica é no dia a dia” descobrem que o “sistema corrói até os que tem bom coração” e enfrentaram “o desafio de trabalhar na linha de frente da pandemia”. Os que cursaram Direito responderam apontando questões como o medo de advogar, a indecisão sobre o futuro que chega a ser um traço comum em suas visões sobre o fato de que o curso de direito exige passos a mais depois do diploma, como montar um escritório e escolher uma linha de especialidade. Na resposta, também colocam o mercado saturado e revelam uma visão tão pessimista como essa “posso ocupar muitos lugares no mundo, mas alguns jamais estarão reservados para mim.”

Esse sentimento também aparece para outros profissionais, bem como o prolongamento da dependência econômica familiar. Um dos participantes que terminou odontologia afirma: “Sei que o mercado de trabalho para dentista autônomo recém-formada é complexo e difícil, por ter apoio financeiro familiar optei por continuar os estudos e ir construindo a carreira clínica aos poucos”. Em síntese, o encontro com a realidade do mercado de trabalho, a consciência de não estar preparado ou não ter aprendido suficientemente superam a visão de confiança e de dever cumprido. Para finalizar essa análise, retiramos palavras que se sobressaem nas respostas criando uma nuvem que sintetiza as suas visões.

Figura 9 - Visões das realidades encontradas na saída da universidade (nuvem de palavras)

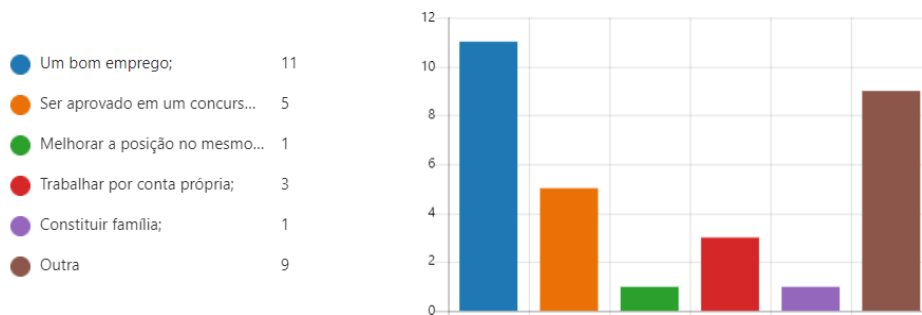


Fonte: Pesquisa de campo. Elaboração da autora.

Ainda em complementaridade a essa realidade, formulamos a pergunta também com múltiplas opções de resposta oferecendo situações concretas de conquista pós-

universidade. Dos entrevistados 30 responderam à pergunta cujas respostas estão apresentadas no gráfico abaixo:

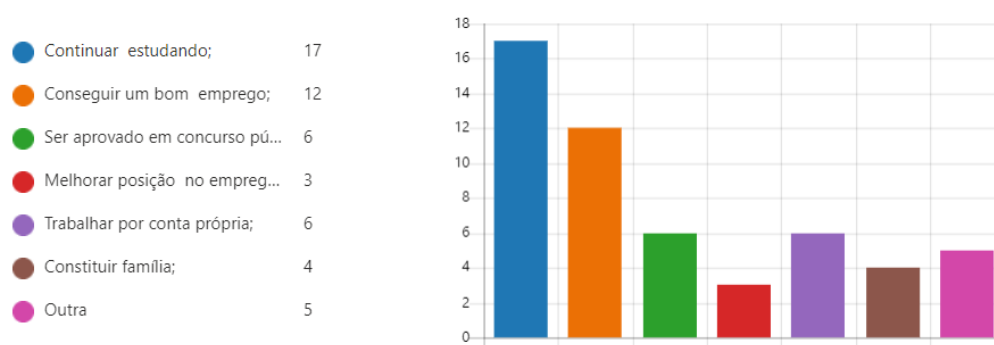
Gráfico 6 - Conquistas após a conclusão da Graduação



Fonte: Pesquisa de campo. Elaboração da autora

O que será do amanhã? Cada vez mais a ideia de responsabilidade de construção de futuro repousa sobre os jovens, que tiveram durante séculos a responsabilidade de desenharem seus futuros (ABRAMO, 1997) e que nas últimas décadas, são cada vez mais convidados a repensarem os modelos sociais, suas trajetórias, mas também o planeta (REGUILLO, 2012). A partir da nossa análise de dados, verificamos que os jovens anseiam conseguir emprego ou seguir estudando e que um número substancial almeja uma vaga na carreira pública. Chegamos a essa visão ao propor, na pesquisa, a questão nº 46 com uma lista de metas que foi respondida por 29 participantes colocando a continuidade dos estudos em primeiro lugar com (58,62%), seguida de conseguir um bom emprego (41,38%). Trabalhar por conta própria e ser aprovado em concurso público ficaram com a mesma percentagem (20,69%) chamando a atenção aos que classificaram viajar o mundo na categoria “outras” e a baixa quantidade dos que consideraram o diploma como melhora no emprego. Essa última resposta pode ser explicada pelo fato de que a maioria dos entrevistados não trabalhavam quando fizeram a faculdade.

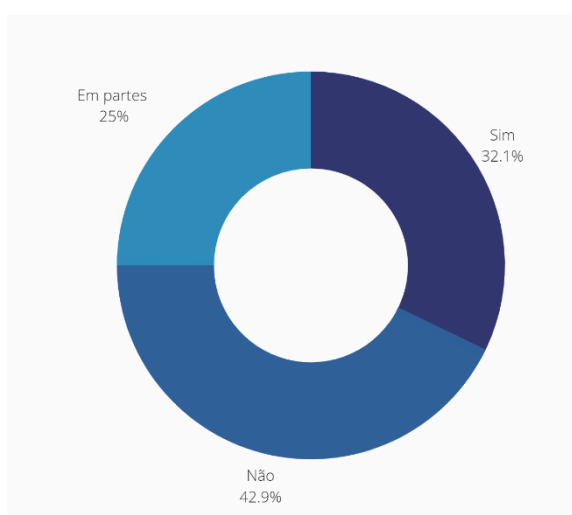
Gráfico 7 – Metas alcançadas na saída da universidade



Fonte: Pesquisa de campo. Elaboração da autora

Apesar de estarem incluído no grupo social que alcançou a mais alta escolaridade, na pesquisa, fica evidente a insatisfação dos incluídos na amostra com a remuneração bem como com os ganhos obtidos com o diploma e no fato de “continuar estudando” aparecer como a “meta fim” dos que chegaram à universidade e não o emprego. Vale ressaltar que essa resposta considera apenas os que já concluíram o curso.

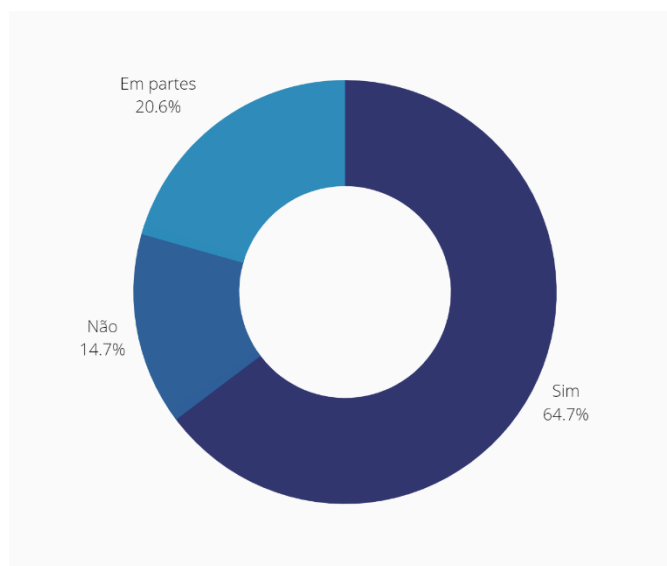
Gráfico 8 – Correspondência entre satisfação salarial e expectativa quando escolheu a profissão



Fonte: Pesquisa de campo. Elaboração da autora

No que se refere à remuneração, 43% responderam que seu salário não correspondia a expectativa de quando escolheu a profissão, 25% respondem em partes e 32% respondem que sim.

Gráfico 9 – Contribuição do diploma de nível superior para a independência financeira



Fonte: Pesquisa de campo. Elaboração da autora

Na questão 46, quando questionados sobre a contribuição do seu diploma para sua independência financeira e de suas famílias, dos respondentes, 65% consideram que o diploma contribuiu para a sua independência financeira e de sua família, questão ligada ao fato de que a maioria teve um intervalo muito curto de tempo entre a formação e o trabalho. Apenas 15% consideram que não há uma correlação e isso inclui os que participaram da pesquisa e desistiram da faculdade.

Quando à questão “Você encararia uma nova formação ou uma mudança radical em sua profissão? Por quais motivos?”, 38 jovens entrevistados responderam e foram divididos em três categorias: os que não trocariam (38,54%), os que trocariam (34,09%) e os que tem dúvidas ou colocam questões não limitadas ao sim e ao não. A maior parte dos que responderam “não” o fizeram sem apresentar justificativa. Quanto aos que responderam sim, colocaram a condição da constante mudança como condição de evolução, a condição financeira e outros requisitos apresentados na tabela abaixo.

Tabela 6 – Justificativas para uma mudança radical de profissão ou de formação

Sim	Não	Outras respostas
Se fosse me garantir saúde emocional, estabilidade, dinheiro e aprendizado.	Eu sou feliz com a escolha que fiz e sou encantada pelo meu curso.	Talvez. Mas, falta coragem.

Se fosse necessário	Sou completamente realizada com o que faço, penso apenas em me especializar e estudar mais dentro da área	Já encarei, foram tempos difíceis, porém hoje me sinto recompensado
Conhecimento e dinheiro é PODER.	pois gosto do curso que estou fazendo e é uma área que ainda está crescendo.	Já estou cursando nutrição. As Portas têm se fechado na minha área.
Para melhorar de vida e da minha família e talvez morar fora do país	Amo minha formação e o que faço.	No Brasil, muito provavelmente, não. Em outros países talvez sim.
Por motivos financeiros.	Apesar de um cenário não muito positivo, tenho investido bastante na carreira atual.	
Por buscar estabilidade financeira.		
Por acreditar que posso me realizar pessoal e profissionalmente em outras áreas além do direito.		
Busca por melhores oportunidades, melhores condições de emprego e salário. Além disso, desejo por maior liberdade.		
A vida é feita de mudanças. Para melhor qualquer mudança deve ser levada em consideração.		
Porque a adaptação é imprescindível para a sobrevivência.		

Fonte: Pesquisa de campo. Elaboração da autora

Ao ouvir os jovens, percebe-se um quadro desenhado de falta de capacitação, oportunidades e orientação em seu percurso. Somam-se a isso os anos sombrios da instabilidade política e o enfrentamento global do Covid-19 que elevou a taxa de desemprego entre os jovens de 18 a 24 anos para 27,1% no primeiro trimestre de 2020 -

bem acima da média geral de 12,2% do país no período (IBGE, 2020). Esses números são um dos instrumentos de constatação de que os jovens são os mais afetados no período da pandemia.

Numa pesquisa com mais de 68 mil jovens em todo o Brasil organizada pela (UNESCO, 2021), concluiu-se que houve uma redução dos independentes financeiramente e um aumento dos totalmente dependentes nesse mesmo período. Além disso, os efeitos da pandemia sobre a vida profissional das juventudes têm marcado não apenas a renda e as formas de trabalho, mas também o ingresso no mercado de trabalho: 4 a cada 10 jovens que estão trabalhando estão em seus primeiros trabalhos, subindo para 5 a cada 10 entre aqueles com 18 a 24 anos. Jovens que estão trabalhando, em sua maioria são estudantes e se dividem principalmente entre aqueles que são dependentes financeiramente e aqueles de quem o domicílio depende de seu salário. Entre respondentes que estão trabalhando, as principais atividades de trabalho exercidas continuam sendo empregos com carteira assinada (principalmente mais velhos) e aprendizes. Trabalhos autônomos são mais comuns na faixa dos 25 a 29 anos e em áreas urbanas. Ajuda doméstica sem remuneração é mais comum na faixa dos 15 a 17 anos e em áreas rurais.

Tabela 07 – Efeitos da Pandemia da vida profissional dos jovens

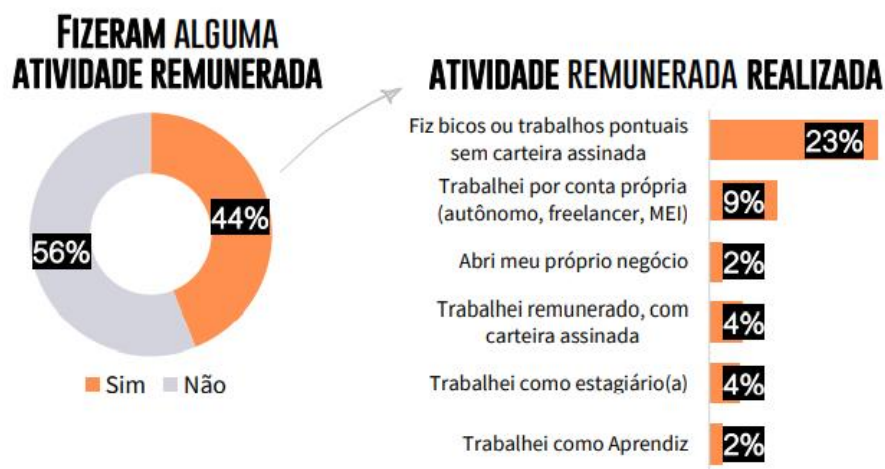
EM 2020, ANTES DA PANDEMIA, TRABALHAVAM COM:	EM 2021, UM ANO DEPOIS DO INÍCIO DA PANDEMIA, ESTÃO TRABALHANDO COM:						
		15 a 17	18 a 24	25 a 29	Rural	Urbano	
Trabalho remunerado, com carteira assinada	40%	36%	7%	24%	57%	23%	37%
Trabalho como Aprendiz	28%	30%	65%	46%	0%	35%	29%
Trabalho remunerado por conta própria (autônomo, freelancer, MEI)	15%	12%	4%	7%	22%	7%	13%
Trabalho como estagiário(a)	12%	10%	5%	14%	6%	6%	10%
Faço bicos ou trabalho em atividades ocasionais sem carteira assinada	10%	9%	12%	9%	8%	13%	8%
Tenho meu próprio negócio, sou empreendedor	5%	5%	4%	4%	7%	7%	5%
Ajudo meus pais ou familiares no trabalho deles, sem receber dinheiro	4%	5%	11%	5%	3%	11%	4%
Outros (ex: voluntário, etc)	9%	8%	7%	6%	11%	12%	8%

Fonte: pesquisa juventudes e a pandemia do coronavírus, 2021

Entre jovens consultados que não estão trabalhando, 3 a cada 10 não estão estudando. A maior parte deles estão procurando trabalho, sendo que 4 a cada 10 estão nessa busca pela primeira vez. A dependência financeira é a realidade da grande maioria deles, mas 7% contribuem para sustentar o seu domicílio total ou parcialmente. Entre

jovens consultados que não estão trabalhando, quase 6 a cada 10 não fizeram atividades remuneradas neste período. Dos 4 a cada 10 que tiveram uma renda, a informalidade e o trabalho autônomo foram as principais atividades: 2 a cada 10 fizeram trabalhos pontuais sem carteira assinada e 1 em cada 10 trabalharam por conta própria ou abriram um negócio. 35% desses jovens tiveram sua primeira atividade remunerada durante a pandemia, principalmente aqueles com 18 a 24 anos.

Gráfico 10 – Tipo de atividades realizadas pelos jovens pesquisados durante a pandemia



Fonte: pesquisa juventudes e a pandemia do coronavírus, (UNESCO, 2021)

A realidade do Brasil e do mundo é, portanto, a de uma juventude que enfrenta uma crise global do emprego jovem e, embora as suas características sociais e econômicas variem consideravelmente em dimensão e natureza de um país para outro e de uma região para outra, a condição em que se encontra as economias em escala planetária ameaçam o princípio da igualdade de oportunidades entre gerações criando um abismo para a juventude em todos os países. Entre as principais abordagens que a pesquisa quantitativa e qualitativa deste trabalho se debruçou, destaca-se a preocupação de que a gravidade da questão do emprego para jovens não esteja atrelada somente aos níveis e a duração do desemprego, outrossim ao evidente declínio da qualidade dos empregos disponíveis para os jovens. O que se percebe, é uma tendência estrutural prescribente que torna o ideário de trabalho decente letra morta para os milhares de trabalhadores em serviços de entrega

gerenciados por plataformas que trabalham em regimes flexíveis de jornada sem nenhuma proteção social.

Conforme levantamento do Atlas da Juventude de 2020, dois em cada cinco jovens brasileiros em idade de trabalhar ou estão desempregados ou trabalham em empregos que não pagam o suficiente para superar a pobreza (NERI, 2021). Durante a pandemia de Covid-19, 1 em cada 4 jovens gostaria de trabalhar, mas não está empregado e deixou de procurar emprego (IBGE, 2020). Na nossa pesquisa quantitativa, a maioria que não trabalhou no período em que cursou a universidade eram estudantes do curso de medicina (57%). Os outros trabalharam contribuindo para o sustento familiar e próprio (21%). Apenas 4% trabalharam diretamente para ajuda aos pais. Seguindo o quadro geral de desemprego no Brasil 59,04% trabalham atualmente, mas poucos possuem carteira assinada (23,33%). O estudo do PNAD (2021) tece um comparativo entre os anos 2019 e 2020 das ocupações por nível de instrução e revelou como os efeitos deletérios da pandemia de COVID-19 no mercado de trabalho impactaram os grupos populacionais mais vulneráveis e com menor escolaridade – que não é o caso do nosso grupo de estudo que nenhum dos entrevistados vivenciou situação de desemprego na pandemia.

Na amostra, o período mais longo de desemprego foi de um ano e meio seguido por seis e sete meses. O registro de desemprego, na maior parte, foi após o período de formatura e não entre um trabalho e outro. 80% trabalham na área em que se formou com 26,67% sem carteira assinada, 23,33% com carteira assinada e a mesma percentagem como prestador de serviços. A menor taxa é de funcionários públicos (10%) que segue o perfil nacional de retração de trabalho no setor público. Dos entrevistados que declararam estar trabalhando, 52% deles afirmam ter mais de uma ocupação, com 76% em jornada permanente de trabalho desde o momento em que se formou.

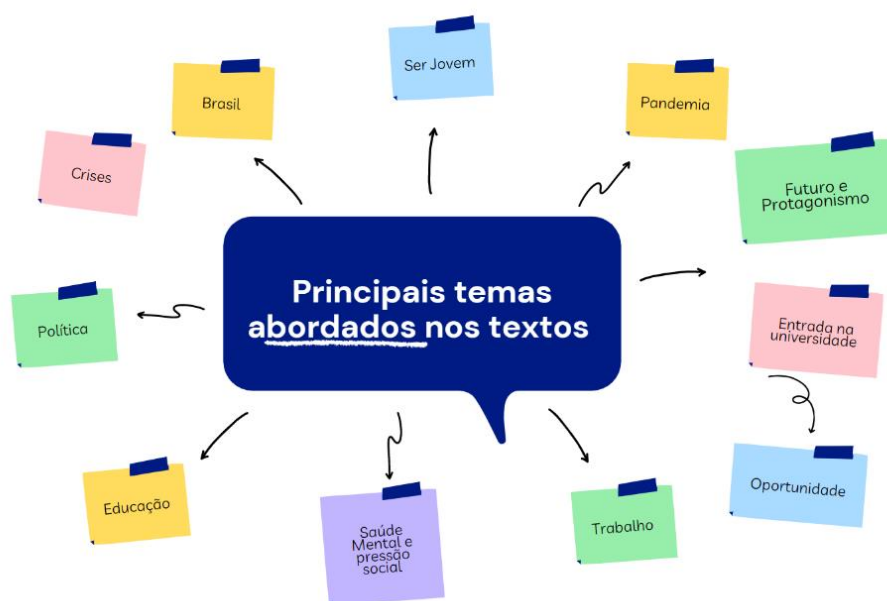
A renda dos jovens brasileiros também é afetada por desigualdades regionais, de escolaridade, de raça e de gênero. Grupos tradicionalmente excluídos, como pessoas negras, moradores das regiões Norte e Nordeste e pessoas analfabetas, apresentaram reduções de renda pelo menos duas vezes maiores que a média geral, entre 2014 e 2019. De acordo com a etapa de análise de dados do Atlas da juventude (2021), a perda de renda observada foi cinco vezes maior entre jovens de 20 a 24 anos e sete vezes maior entre os jovens de 15 a 20 (NERI, 2021). Diante do aumento do desemprego e da desigualdade decorrente do cenário econômico vivido nas últimas décadas, novas soluções foram criadas e uma das principais foi a de criar mecanismos para que os jovens permanecessem mais tempo estudando e criando melhores condições como estratégias para participarem

ativamente no mercado de trabalho de maneira decente. Não podemos considerar que essa afirmação seja verdadeira, porque os estudos desse fenômeno de expansão e a própria pesquisa aqui apresentada revelam que há muitas barreiras para a inserção decente dos jovens no mercado de trabalho, e a educação não é o único obstáculo a ser transposto.

4.2 ANÁLISE DOS TEXTOS

A proposta de texto escrita convidava os participantes a considerarem as suas experiências pessoais e conhecimento de mundo para produzirem um texto, preferencialmente uma dissertação argumentativa, em que discutissem as suas expectativas, frustrações, realidades e realizações como jovem brasileiro que viveu no Brasil contemporâneo. Foi sugerido, para uma posterior análise, que esse texto traduzisse a sua visão da sociedade levando em consideração o contexto histórico, político, social e educacional. A figura abaixo apresenta os principais tópicos tratados nos textos pelos participantes:

Mapa 2 – Mapa mental com as principais temáticas abordadas nos textos dos participantes



Fonte: Pesquisa de campo. Elaboração da autora

Apenas 50 % do corpus que constituiu a pesquisa cumpriram a parte dois que consistia na produção do texto. Entre os motivos apresentados para a não produção em tempo hábil esteve a falta de tempo, a perda de entes queridos e a troca de cidade por conta de aprovação em processo seletivo.

Foi pedido, nas instruções, um título obrigatório. A intenção era construir, através desta frase, uma imagem síntese da condição jovem sintetizada por eles. Encontramos em alguns textos uma real visão de juventude como:

Título - A juventude por um triz

Sou fruto de um tempo com melhores perspectivas para quem veio de onde eu vim, é incontestável, e não quero soar ingrato ou por demais insatisfeito, mas concluo a minha reflexão dizendo aos jovens que eu, você, todos, todas, todes (olha eu aqui fazendo a generalização que, de partida, critiquei – posso colocar a instabilidade na conta da juventude ou a gente carrega isso por toda a vida?) estamos, como disseram jovens de tempos outros: por um triz. Sempre. (trecho do texto do participante 3)

Título - Viver e não ter a vergonha de ser feliz

Seja do ponto de vista social e político, seja do ponto de vista humanitário, percebe-se que a juventude, como sempre, se mostra como a base para se fazer a diferença. As modificações no viver se fazem diárias, e parafraseando Gonzaguinha, é necessário viver sem ter a vergonha de ser feliz bem como se manter sempre como um eterno aprendiz. (trecho do texto do participante 1)

Título – O medo cega

O medo das frustrações limita a criação de novas expectativas e a realidade do dia a dia acaba por frear sonhos que deveriam incentivados. Dessa forma, parafraseando Saramago quando se diz que o medo cega e fará continuarmos cegos se com ele permanecermos, a coragem e a ambição de continuar crescendo é imprescindível para que possamos contemplar as expectativas antigas e continuarmos renovando os sonhos e a vontade de realizá-los com o passar dos anos. (trecho do texto do participante 6)

Título - O poder do sonho

Passada essa fase, já na universidade, os desafios serão outros. As desigualdades se acentuam, diversos perfis sociais estarão dividindo uma mesma classe. Enquanto uns gozarão da dependência paterna, outros terão que sustentar sua própria família. Assim, seguirão suas jornadas, quebrando as barreiras inerentes a cada situação, porque assim escolheram e mantiveram-se determinados a concluírem suas missões, na expectativa de formar-se e então dar continuidade aos sonhos de suas vidas. Afinal, não atoa foram sonhados, senão para se tornarem realidade. (trecho do texto do participante 13)

A partir da leitura dos textos dos participantes, chegamos a esses temas como os mais recorrentes em suas construções e, com base nessas temáticas, produzimos os insights de suas visões. Os insights que apresentamos aqui refletem as expectativas, frustrações, realidades e realizações de jovens brasileiros ouvidos nessa pesquisa. Os textos que originaram esse estudo foram analisados de modo qualitativo conforme descrito no capítulo de metodologia e buscou-se - através desses insights - destacar pontos

relevantes do pensamento apresentado ilustrados com trechos de seus textos com a intenção de apresentar não uma voz que fala sobre jovens, mas dar os jovens seu direito de expressão sobre suas trajetórias.

Figura 10 – Insights – Visões das juventudes – análises dos textos



Fonte: Pesquisa de campo. Elaboração da autora

1. Os jovens sonham, mas seus sonhos são limitados pela conjuntura econômica, política e social do país.

Alguns marcos históricos são destacados nos textos como marcas profundas na trajetória desses jovens. A visão da chegada de Lula ao poder como o símbolo do primeiro metalúrgico ou “figura do povo” aparece junto com a crença de que, nesse momento histórico, o Brasil e a sociedade tiveram melhorias, incluindo um melhor acesso à educação. Também os jovens apontam a chegada da primeira mulher à presidência da República e a presença do golpe como elementos da sua história e classificando, quase que recorrentemente, o atual momento político como polarizado e caótico.

“Amadurecer dentro de um cenário de criação de políticas públicas voltadas para o amparo social, que incentivavam constantemente a inserção da população dentro de um padrão de vida digno, com ações voltadas principalmente para a qualidade de ensino e educação profissional, atrelada aos esforços em diminuir a pobreza no Brasil, tornou possível ao jovem buscar sonhos que às gerações anteriores não era possível, mesmo que as razões que tornaram esses sonhos realizáveis não fossem reconhecidos conscientemente àquela altura.

Num contexto mais amplo, minha juventude se iniciou num cenário político de notáveis avanços: vi o país sair do mapa da fome, vi os resultados das políticas de cotas raciais nas universidades públicas, vi a primeira mulher ser eleita presidenta imediatamente após dois mandatos de um homem outrora metalúrgico ter sentado na mais alta cadeira do Poder Executivo, vi a expansão do poder de compra de pessoas historicamente marginalizadas, vi o fortalecimento de programas sociais da maior importância. Isso alimentou sonhos e expectativas, sobretudo profissionais, de um mundo mais aberto à diversidade e menos conservador e violento, mais maduro intelectualmente e mais empático. Havia em mim o anseio de receber também o convite para essa festa que em nenhum outro tempo tinha tido tantos parecidos comigo na pista de dança: pessoas de cidadania periférica, oriundas da classe trabalhadora, que andavam a pé ou de ônibus, que eram as primeiras de suas famílias a iniciarem ou a concluírem um curso de graduação”. (participante 3)

“Amadurecer dentro de um cenário de criação de políticas públicas voltadas para o amparo social, que incentivavam constantemente a inserção da população dentro de um padrão de vida digno, com ações voltadas principalmente para a qualidade de ensino e educação profissional, atrelada aos esforços em diminuir a pobreza no Brasil, tornou possível ao jovem buscar sonhos que às gerações anteriores não era possível, mesmo que as razões que tornaram esses sonhos realizáveis não fossem reconhecidos conscientemente àquela altura. A possibilidade de escolher seu futuro, entre ser engenheira, musicista ou médica, viajar o mundo ou simplesmente construir uma vida em algum lugar que te acolha, expectativas sustentadas por um ambiente fértil para sonhos: a abertura de diversas universidades federais de qualidade, com programas de assistências sociais, projetos como Ciência Sem Fronteiras, programa Mais Médicos, tornou o irreal algo palpável e alcançável.

[...]

O choque entre o que se foi possível sonhar há 20 anos, com o claro retrocesso político e ideológico que se vivencia no Brasil contemporâneo torna a realidade algo que pode ser desconfortável e até assustador.” (participante 6)

“[...] com o período das políticas de inclusão advindas do governo Lula, vivia-se, pela primeira vez, tempos de esperança.

[...]

Politicamente programado para uma polarização de mundos, ideias e ideais. Dessa forma, tornando-se um animal político com conhecimentos rasos diante de um Estado

completamente ausente e excludente no que diz respeito aos seus direitos e deveres como cidadãos”. (participante 19)

“Vivi um período ótimo do primeiro governo da era Lula sem greves de funcionários e professores, políticas afirmativas com bolsas de permanência, científicas e estágios os quais participei para ajudar com as cópias dos capítulos dos livros, alimentação e transporte.

[...]

Em 2016 a primeira presidenta foi deposta e tudo começou a dificultar: empregos não tinham mais tantas ofertas, concursos públicos cancelados, acesso a faculdades reduzidos sem ampliação de vagas e o aumento da concorrência que logo depois começou a ser nacional.” (participante 18)

“o debate a respeito da situação regressiva das políticas educacionais e das políticas sociais no Brasil, no contexto da crise e da ruptura política, tem ressaltado com veemência tanto a condição geral de ameaça, quanto as erosões, desconstruções e anulações de aspectos de tais políticas que eram entendidos não só como avanços e conquistas pontuais, mas também um novo patamar histórico, um “marco de não retorno” para a juventude da nação verde-amarela.” (participante 10)

“É verdade que muitas políticas vieram para ajudar os jovens, mas é importante lembrar que haviam jovens que estavam numa condição tão precária e frágil que não tiveram tempo de alcançar essas políticas. Por exemplo, quando eu consegui terminar a minha faculdade as chances já estavam no que estamos hoje.” (participante 12)

“Muitas dessas condições atuais de país que estamos vivendo, devemos ao avanço do extremismo, de ambos os lados, no campo da política brasileira. Tal ação, faz com que os opostos não consigam conversar civilizadamente e construam um ponto em comum para o bem da sociedade. Toda essa dicotomia política respinga nos grupos sociais, nas famílias e nas diversas classes constituintes da nação.” (participante 11)

2. As políticas de acesso à educação aparecem como condição de acesso à universidade.

As transformações nas políticas educacionais e no próprio Enem aparecem em 50% dos textos. Essas mudanças são citadas por alguns apenas como pano de fundo de suas escritas e outros chegam a centrarem seus textos nessa condição, ressaltando os benefícios da mudança. Entre as imagens destacadas, pode-se assinalar a seleção pelo Enem afetando os cursos superiores no Brasil, a singularidade de poder ter acesso ao ensino superior, os benefícios recebidos nesse período como também o fim desses benefícios afetando diretamente suas vidas. O Enem é nomeado como “chave”, “porta” e alguns apontam que sua entrada na universidade só ocorreu por conta do favorecimento através dessas políticas.

“Descobri, que assim como eu, muitos outros egressos do semestre de 2014.1 seguiam o mesmo plano, não entendíamos naquele momento o reflexo desse novo processo seletivo para a universidade. No primeiro ano do curso, muitos professores referiam a turma como desinteressados e ausentes. A taxa de desistência foi altíssima. De 60 alunos egressos em 2014.1, formamos apenas 22. Os perseverantes desses 5 anos de curso foram posteriormente considerados como de alta qualidade e entendiam de fato seu papel dentro da universidade.

[...] decidi aproveitar ao máximo o curso, realizei diversas monitorias, fui bolsista de iniciação científica por 3 anos, fiz diversos estágios, cursei disciplinas optativas além do solicitado. (participante 7)

“O Enem tornou-se a chave principal para que essas portas sejam abertas e associadas aos programas do SISU, PROUNI e FIES aumentou as chances de ingresso nesses espaços, até mesmo de âmbito privado.

[...]

nos últimos 5 anos em que os cortes orçamentários estão cada vez mais presentes, ameaçando assim o fechamento desses locais, como foi o caso recente da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), em 2021. Além disso, com os cortes nos programas assistenciais estudantis, participar das atividades acadêmicas torna-se dificultoso uma vez que não há investimento/retorno financeiro para o estudante sendo que o mesmo precisa de renda para manter-se. Dessa forma, a realidade transforma o sonho em pesadelos diários. (participante 2)

3. A visão do Brasil mergulhado numa crise econômica, política e social e os efeitos dessas crises na saúde mental.

Conforme estudamos no capítulo teórico que sustenta essa tese, os jovens do século XXI se veem mergulhados numa condição de crise global e nacional recorrente. Nos textos, os jovens deixam antever seu ponto de vista sobre as crises do Brasil e como estas afetam diretamente suas vidas e seus sonhos chegando à sua saúde mental. Muitos participantes também associam os cenários de crises como entrave para que eles alcancem plenitude no trabalho e em seus projetos. Na mesma linha, outros dissertam sobre as crises ideológicas e apontam a crise da pandemia como parte da crise política que vivíamos.

A saúde mental, em seus discursos, liga-se à pressão da chegada à idade adulta e as cobranças da sociedade e da família com seus desempenhos. Quando discorreram, em seus textos, sobre expectativas, a maioria que tratou da temática, colocando as expectativas que a sociedade tem deles como a mola propulsora de suas ansiedades e a pandemia como um dos elementos desencadeadores desse quadro. As questões “será que consigo?”, “o que devo fazer do futuro” e a visão de estar “sempre por um triz” revelam a pressão das expectativas sociais sobre esses jovens.

“A maior parte da minha vida adulta passei entre uma crise econômica e outra – 2008, seguida de 2010 e 2014. Agora, vivo a crise sanitária e econômica causada pela COVID-19. Essas crises significam

para minha geração atrasos bastante difíceis de serem superados, como o aumento do número de jovens Sem emprego e Sem trabalho (Sem-Sem).

Alinhadas com as exigências por excelência, as dificuldades econômicas e políticas que temos enfrentado têm ocasionado o aumento de doenças mentais entre nós. Assim como eu, praticamente todas as pessoas jovens que conheço, tomam ou já tomaram algum tipo de medicamento para produzir mais ou para diminuir a ansiedade causada por essas pressões.

[..]

Eu sou diplomata? Ainda não – as adversidades da vida adulta, com uma macroestrutura social e política perversa, têm um peso enorme nisso.” (participante 15)

“É fato que o Brasil se encontra mergulhado em diversas crises, não apenas, a mais evidente que é a da pandemia provocada pelo Coronavírus, mas também uma crise política e de segurança. Desde o golpe sofrido em 2016, ocorre uma massiva retirada e ataque aos Direitos Humanos, que muda a percepção do cidadão para com o futuro e para com o próprio presente. Desse modo, desde a perspectiva de trabalho, passando pela qualidade de vida e chegando à saúde mental, todos esses aspectos são afetados nos brasileiros devido a situação contemporânea”. (participante 14)

“No Brasil, a instabilidade política envolvendo crises ideológicas e econômicas a partir da segunda década do séc. XXI, o golpe político 2016 e todos os problemas que o antecederam, mostra a fragilidade política no país e coloca o jovem brasileiro como protagonista em um cenário de insegurança. Além disso, a vida dentro da universidade e todos os problemas psicológicos que ela pode trazer, como ansiedade e depressão, faz romper parte da idealização de como poderia ser percorrer todo esse caminho. (participante 6)

4. A educação é vista como instrumento de transformação e janela de oportunidade e os jovens lutam por ela, mas também reconhecem elementos de sua limitação.

Revelando, em seus relatos, o despreparo sentido em suas formações nas escolas públicas, e mesmo a inutilidade de determinados conteúdos que julgam não servirem nas suas trajetórias, esses jovens questionam sobre o que devem aprender e o porquê de aprender. As suas lutas individuais e familiares para ter acesso à educação de qualidade são assinaladas como cruciais em suas jornadas e visualizam, em alguns casos, a educação como única forma de ascensão social e sua falta como condição para uma vida de pobreza e violência. De forma quase unânime, veem o acesso à educação que receberão como forma de transformar realidades e reconhecem esse acesso como uma condição particularmente de sorte num país em que muitos ainda não possuem essa oportunidade. Muitos contam dos sacrifícios familiares para garantirem uma boa educação ou mesmo

da jornada de estudo e trabalho como esforço individual para pagarem cursos que lhes preencham as lacunas educacionais.

“Observamos uma maior prevalência da violência entre pessoas com menos acesso à educação já que a perda de vidas está diretamente conectada à falta de oportunidades educacionais e de inserção no mundo do trabalho”. (participante 20)

“ A educação é a única ferramenta que jovens como eu possuem para mudar sua realidade e, conseqüentemente, a realidade do seu país.

[..]

Espero , logo, poder mudar a minha vida e a vida de minha família através do ensino superior.”(participante 17)

“ venho de um período em que mesmo não havendo um equilíbrio entre estudo e trabalho ainda assim acreditávamos que só através da educação poderíamos construir um mundo melhor.

[...]

Cultivávamos a certeza que seria apenas através da educação recompensada que poderíamos assegurar o futuro tanto profissional quanto financeiro.” (participante 22)

“Com tantas instabilidades conseguir ter acesso a uma educação de qualidade ou ousar buscar o que se sonha é quase impossível no Brasil de hoje. Nessa ótica, a desesperança é o que me representa em alguns momentos; sou filha de uma mãe solteira que criou a mim e mais dois irmãos sozinha sendo professora; sempre estudei em escola da rede pública e terminei o ensino médio com muitas lacunas, mesmo assim quando senti brotar em mim o sonho de ser médica eu busquei isso mais que tudo. Inserida nesse cenário, percebo o quanto a educação ainda não está ao alcance de todos, vejo na prática o quanto o Brasil é desigual, mas sou grata por ainda ter condição de lutar para mudar a minha realidade e até de outras pessoas futuramente”. (participante 16)

“Resolvi fazer curso pré-vestibular com o dinheiro de um estágio realizado no ensino médio, pois sabia que não tinha conhecimento e treinamento necessário para ser aprovada na Federal. (participante 18)

“Ainda no ensino médio, aos jovens são apresentados uma série de disciplinas, assuntos, fórmulas que ecoarão em suas mentes até o dia do vestibular, sem que em algum momento tenha sido ensinado como viver a vida adulta. Dessa forma, as frustrações tornam-se evidentes: “e se eu ainda não souber o que fazer?”, “e se eu não passar no vestibular?”, “e se eu não quiser entrar numa universidade?”. São tantas as indagações que se passam na mente de um jovem nessa fase. Ademais, não encontram na escola suporte para essas dúvidas.”

(participante 13)

“O caminho da academia é quase sempre o destino comum dos que são criados por pais e mães que veem na educação a alternativa do sucesso dos seus filhos. Apesar disso, essa não é a realidade de uma grande maioria de jovens que são arrastados para o mercado de trabalho e que como eu, tardiamente, tem a oportunidade de realizar seus estudos. (participante 12)

5. No processo de valorização da educação, os jovens compreendem a entrada na universidade como um grande desafio.

A universidade aparece como instância de afirmação social, caminho comum para os que querem galgar melhores espaços no mercado de trabalho e alcançarem projetos de

vida. No entanto, na análise das vozes juvenis percebe-se o reconhecimento da dificuldade de acesso, mesmo com as políticas colocadas em vigor – principalmente para os cursos mais concorridos. Os jovens manifestam, em seus discursos, que partes de suas frustrações se encontram na saída da universidade - em que as realizações do mundo do trabalho e da vida, prometidas depois do acesso ao ensino superior, não se realizam. É interessante perceber em suas expressões que eles reconhecem que a não entrada no curso desejado diz respeito muito mais às questões sociopolíticas que as suas capacidades. Alguns chegam a considerar claramente a educação pública precária e não garantidora do acesso ao ensino superior, mesmo com as políticas produzidas para melhorar essas assimetrias entre os estudantes das escolas públicas e das escolas privadas do Brasil. Há outros destaques em seus discursos que devem ser assinalados como a necessidade da saída de suas cidades de origem para a busca de melhor formação em centros maiores e o da escolha profissional como um peso que a sociedade e família lhes transmitem.

“É visível que a frase ‘educação e universidade é para todos’ é apenas um mito escrito com letras bonitas, já que existem poucas formas de incentivar e tornar realidade tal frase.

[...]

Vindo de um ensino extremamente defasado – que é a realidade de muitos que estudaram e estudam no ensino público brasileiro – não fui preparado para o Enem ou qualquer outro vestibular.

É extremamente difícil e exaustivo estudar anos a fio e perceber que você não conseguiu entrar no curso que tanto sonhava porque não tinha um simulado específico ou então teve algum déficit em matemática, física, química ou redação – por não ter tido essas matérias no seu ensino médio – e isso ter impedido de você ter acessado a Universidade. E o desafio fica ainda maior sabendo que, quando eu conseguir entrar na instituição, terei, também, pequenos recursos para me manter num curso tão caro e que demanda tanto tempo e recurso – sim, para comprar materiais, livros e, também, para me alimentar e ter o transporte até a universidade.” (participante 17)

“A conquista do diploma é uma das realizações dos jovens que buscam ou tentam buscar, uma segurança a mais dentro do mercado de trabalho, mesmo essa busca estando cada vez mais difícil dentro da nação verde e amarela. Nessa direção, o jovem espera que seu futuro depois da universidade seja cheio de conquistas profissionais e maior conforto financeiro para si e para sua família.” (participante 5)

“é esperado que após a maioridade e o término da educação básica, que eles encontrem empregos, se iniciem na faculdade, e se projetem a vida adulta. (participante 4)

“Concluído o ensino médio, e tendo decidido pela jornada acadêmica, os jovens se submetem ao vestibular. Nesse momento, encontra-se mais um obstáculo no caminho da juventude: o acesso à universidade na maioria das vezes se dá por um modelo de competição – conquista a vaga quem obtiver as maiores notas. E dessa forma serão reveladas as desigualdades socioeducacionais do país.

[...]

No intuito de dirimir essas desigualdades foram criados os programas de cotas, que, apesar de aumentar o número de alunos de escolas públicas nas universidades, não resolveu o problema em seu cerne.” (participante 13)

“Diante disso, mesmo com todos os percalços financeiros e sociais de uma família pobre conquistei uma vaga de medicina em uma universidade pública no curso mais concorrido do país.” (participante 20)

“Desde o êxodo do interior da Bahia, há 10 anos, para estudar em cidades maiores e poder conquistar o sonho da universidade, cruzei com pessoas incríveis que me escupiram e me fizeram perceber que o mundo é e deve ser muito maior que a nossa bolha pessoal.” (participante 15)

“Ao longo da minha vida, convivi com o sonho em cursar Medicina. Não foi fácil. Na sucessão dos acontecimentos, a caminhada até a aprovação foi cheia de sinuosidades, em um embate entre expectativas e frustrações. Os abismos de um país que pouco investe em educação, enquanto pilar e sustentáculo de muitas nações, impactaram direta e indiretamente no meu ingresso à universidade. Em muitas circunstâncias, me fiz o mesmo questionamento autorreflexivo da socióloga alemã, Hannah Arendt: ‘O que eu estou fazendo aqui?’”. (participante 10)

“Toda criança um dia já brincou de ser adulto, talvez tenha imaginado uma casa, um trabalho, uma família, e com o tempo essas imaginações amadurecem e tornam-se planos, metas, expectativas. Na maioria das vezes esses planos começam a partir de uma formação, que de fato costuma ser o primeiro passo para a vida adulta. Na infância, ainda inocentes, muitas são as opções – policial, astronauta, jogador de futebol, bombeiro, médico – mas com o passar do tempo e com a influência da sociedade as opções se afunilam e surge uma cobrança precoce por uma decisão que será carregada por toda a vida”. (participante 13)

6. Os jovens compreendem seu lugar na sociedade e entendem as diferenças de classes, raça e grupo social bem como os impactos disso nos seus futuros.

Os jovens discutem seu espaço social definindo-se como “do interior” e de como essa condição é um entrave nas oportunidades. Apresentam seus percursos até o acesso aos grandes centros e dos esforços pessoais e dos familiares para o rompimento com a pobreza, com as assimetrias e com os preconceitos relacionados a classe, gênero e raça. Reconhecem que as orientações sexuais, a cor da pele, a pobreza e as condições geográficas são instrumentos definidores de sucesso social e como a base familiar e econômica já são, por si só, garantias de sucesso.

“No limiar do século XXI, a condição da grande maioria dos jovens no Brasil no que diz respeito as suas expectativas, frustrações, realidades e realizações trazem á tona sua trajetória de ser apenas aquele “rapaz latino-americano sem dinheiro no bolso, sem parentes importantes e vindo do interior.” (participante 19)

“Ser mulher, preta e periférica te faz alvo num sistema racista e classista. Havia em mim o anseio terminar o ensino médio e ingressar diretamente na faculdade e ver pessoas de origem periférica, oriundas da classe trabalhadora sendo influência direta na sua família e para outros jovens, esse era o cenário ideal.

Passados alguns anos e uma série de vivências acumuladas permaneço experimentando a juventude – pelo menos é o

que a sociedade me faz acreditar já que aos 27 anos sem estabilidade financeira e sem filhos, ainda assim me categoriza, mas com as expectativas um pouco mais arrefecidas. O que de certa, forma segue a ordem natural das coisas, já que no Brasil as oportunidades serem ofertadas apenas as pessoas que possuem uma ou mais graduações.” (participante 21)

“Entre realidades e realizações, nos defrontamos com um cenário de assimetrias sociais e estruturais transfiguradas em verdadeiras pedras em nossos caminhos.” (participante 10)

“Eu sempre acreditei que cada geração tinha uma oportunidade de transformar a sociedade e que essa era é a minha. Eu só não sabia, quando era mais nova, como ser uma agente de transformação – porque com pouco dinheiro e longe de grandes centros urbanos, as oportunidades se esvaíam rapidamente.” (participante 15)

“Como um jovem que faz parte dos 51% dos integrantes da classe média baixa no Brasil, minha principal expectativa é, de fato, poder acessar os lugares que, por muito tempo, tem sido espaços ocupados por quem detém recursos e faz parte de uma camada social que foi e tem sido favorecida ao longo dos anos em meu país.” (participante 17)

“Ser jovem no Brasil é compreender que a renda familiar gera impacto direto na permanência de crianças e adolescentes na escola, visto que muitas acabam evadindo devido as condições de pobreza, vulnerabilidade ou necessidade de ajudar a complementar a renda familiar.” (participante 20)

“Os jovens do mundo contemporâneo são os reflexos da constante busca por uma sociedade livre, isonômica e, principalmente, democrática, porém sem divergir da sua base familiar.

[..]

Destaca-se que, normalmente, filhos de empresários, advogados, médicos, funcionários públicos, etc. tendem a herdar as características, ânsia por estabilidade, entre outros aspectos dos seus ascendentes.” (participante 8)

“Eu, posso dizer que aprendi com a vida. Em cada loja que trabalhei, em cada vitrine que arrumei, em cada venda feita fica uma lição. De cada trabalho para pagar as contas da casa sustentada por mãe que é mãe e pai, às jornadas de gestão de eventos por todo o Brasil aprendi a ler o mundo sem ler muito o mundo das palavras. (participante 12)

7. O preconceito ainda é uma barreira na vida dos jovens.

Apesar de não ser colocado como uma temática em muitos textos, nas definições do serem jovens e na construção histórica dos seus percursos e mesmo em textos em que a voz textual não foi feita em primeira pessoa, eles assumem serem filhos da Era da Internet e protagonistas das lutas pela diversidade muito mais que a geração que os antecedeu. Consideram que as causas LGBTQIA+, o feminismo, o antirracismo e a defesa do meio-ambiente são lutas que marcam a seu tempo. Assentem pertencer a determinadas minorias e a lutar por elas, mesmo conscientes de que ainda não alcançaram a igualdade e equidade desejada. A sexualidade, na construção das suas identidades, quase

não aparece nos textos, mas quando assinalada vem como bandeira abraçada pela geração de forma bastante ampla e transversal. A questão racial, pronunciada em primeira pessoa por apenas um dos participantes, aparece como uma luta pela conquista de espaços que não são normalmente ocupados por seu grupo social.

“Há, por outra parte, as exceções, como por exemplo em meu lar, em que sempre tive o apoio financeiro, educacional e suporte psicológico dos meus pais para que me dedicasse exclusivamente aos estudos. Diante disso, mesmo com todos os percalços financeiros e sociais de uma família pobre conquistei uma vaga de medicina em uma universidade pública no curso mais concorrido do país. É importante lembrar, que a origem mais humilde e a cor da pele foram utilizadas como pretexto ao longo da minha trajetória para desencorajarem a busca pelo meu sonho, tanto por parte de colegas, como de professores e familiares.” (participante 20)

“Sou uma mulher cis, nordestina do interior, parda, com uma deficiência auditiva, filha de uma família de classe média, e parte da comunidade LGBTQIA+. Essas definições sociais, agora postas de maneira clara, na época da minha infância e adolescência, não eram tão fáceis de significar.” (participante 15)

“É realidade que a sexualidade do ser humano se transformou ao longo das gerações, ou ao menos, se tornou melhor discutida e reconhecida. Hoje, a sigla LGBTQIA+ (lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, queer, intersexo, assexual e outros) que um dia era apenas GLS (gays, lésbicas e simpatizantes), integra mais do que apenas letras e conceitos, mas um movimento político e social para inclusão das questões de sexualidade e gênero no cotidiano de todos. Diante dessa luta por direitos de reconhecimento, os jovens desempenham papel fundamental, seja fazendo parte dessa parcela da população, seja sendo base para gerações futuras, uma vez que o preconceito e dificuldade de entendimento sobre esses conceitos ainda estão fortemente presentes, principalmente partindo das gerações passadas.” (participante 1)

8. Os jovens entendem o seu papel na conquista do mundo, mas também se posicionam sobre sua incapacidade de resolver problemas estruturais.

Apesar de os estudos teóricos nesta tese apontarem para um grande crescimento do protagonismo juvenil, as juventudes concebem que deveriam ser mais participativas e assinalam, inclusive, de que maneira poderiam contribuir para as mudanças sociais. Cabe ressaltar que o que aparece, de forma unânime em seus textos, são muito mais as dificuldades do que as oportunidades para essa transformação. Seus discursos são marcados por imagens como abismos, falta de espaço para serem ouvidos, definições sobre o país sem meritocracia, a corrupção institucional e, recorrentemente, a luta diária para tentarem, mesmo frente a esses cenários, produzirem uma transformação social.

“Percebo o quanto a educação ainda não está ao alcance de todos, vejo na prática o quanto o Brasil é desigual, mas sou grata por ainda ter

condição de lutar para mudar a minha realidade e até de outras pessoas futuramente. (participante 16)

“Fomos nós, também, a geração que começou a ser pressionada por uma exigência de produtividade (tóxica, em grande medida), por uma necessidade de destaque disfarçada de “empoderamento”, “protagonismo”, “Forbes Under 30”, “independência”, “inovação”, “metas e entregas constantes”, “destaque”, etc. Para as gerações anteriores, um trabalho estável e uma família heteronormativa já eram os sinônimos de sucesso necessários para aceitação social, já significavam o “venceu na vida”.

Ao mesmo tempo que me sinto orgulhosa por fazer parte de uma geração tão transformadora, preocupada com a sustentabilidade e com a melhoria da comunidade, me sinto bastante frustrada com a maneira com que essas exigências sociais foram colocadas em nós, sem que nos fossem oferecidas oportunidades para alcançarmos esses patamares de sucesso democraticamente. No Brasil, não existe meritocracia.” (participante 15)

“Saber que somos o futuro da nação, que podemos transformar a sociedade em um mundo melhor com todas as nossas habilidades, experiências e vivências e que estamos conquistando cada vez mais o nosso espaço, é uma resposta à nossa luta diária por soltar o nosso grito de independência.” (participante 9)

9. A falta do trabalho digno como barreira para a conquista dos sonhos.

As palavras, falta, ausência, precariedade são recorrentes no discurso dos jovens no que se refere ao trabalho. Há, sem dúvida, uma visão generalizada da falta de perspectiva para os que já estão no mercado de trabalho e de ansiedade de conquista de todos os sacrifícios enfrentados no processo educacional pelos que ainda não chegaram a ele. A sensação da falta de oportunidade afeta as duas trajetórias: a educacional e a laboral. Além disso, revela a falta de acesso à internet, a uma educação de qualidade e ao trabalho decente. Em seus discursos, tanto no questionário quanto nos textos, os jovens concebem que chegar ao mundo do trabalho é um desejo ligado ao sucesso e ao fim dos estudos. As barreiras apresentadas em seus textos não se relacionam as suas capacidades ou percursos, mas as condições que o país e o mundo se encontram. Nas suas trajetórias, fica evidente que alguns trabalham desde cedo, outros trabalham para estudar e muitos, conscientes dessa guerra por um trabalho digno, buscam um, dois, três diplomas e uma parte significativa, uma mudança de trajetória profissional.

O trabalho é visto como um instrumento de melhoria da sua condição atual e a de seus próximos e, para os que revelam viver no presente em situação de vulnerabilidade, a busca pelo emprego estável servirá, no futuro, como medida de melhoria do seu entorno.

“Após anos tentando contínuo insatisfeita com a profissão de farmacêutica, mas tentando medicina como tábua de salvação para uma realização profissional. Difícil está no país que os sindicatos estão desvalorizados pela atual política, profissões enfraquecidas, esquecidas,

substituídas ou sobrecarregadas e o pior jovens formados desempregados ou no mercado uberizado”. (participante 18)

“A expectativa da maioria dos jovens ao terminar a faculdade é poder conseguir um emprego e usufruir do suor do seu trabalho. Chegamos ao mercado de trabalho cheios de sonhos e com o sangue fervendo para colocar em prática tudo aquilo que aprendemos durante longos anos de abdições e estudos”. (participante 9)

“Vale pontuar as dificuldades entre conciliar extensas jornadas de trabalho com os estudos, uma vez que o Estado não desenha políticas públicas que diminuam, por meio de leis, as extensas jornadas de trabalho que os jovens são obrigados a enfrentar, o que diminuiria evasão dentro das universidades e criaria um cenário mais adequado para o desenvolvimento intelectual desse grupo em questão”. (participante 5)

“Essa realidade é dificultada pela pobreza e desemprego crescente e por exigências trabalhistas que impedem a permanência em empregos já conquistados, seja por jornadas trabalhistas excessivas ou por baixa remuneração. Dessa forma, a frustração é comum quando se trata da vida do jovem brasileiro e suas expectativas.” (participante 4)

10. A tecnologia é vista como instrumento imprescindível para acesso ao mundo.

Nascidos na era da instantaneidade e conscientes do poder da informação, os jovens manifestam a importância do acesso aos recursos tecnológicos para a melhoria de suas condições. Os que escreveram em primeira pessoa apontam que parte de suas frustrações ou ausência de sucesso dizem respeito à falta de seu poder de acessar as “melhores informações” e assim competir com outros jovens. Outro, manifesta que sua oportunidade de acesso foi um dos elementos que garantiu sua entrada numa universidade pública. Os que escreveram sobre a juventude também assinalaram os abismos de acesso à tecnologia como uma das barreiras para que os jovens conquistem uma vida plena.

“É muito complicado você ter acesso a conteúdo de qualidade sem internet, celular ou um notebook – eu mesmo só fui ter acesso à internet e notebook aos meus 24 anos, quando fui presenteado por minha mãe que, com muito esforço e trabalho, me ajudou”. (participante 17)

“Diante das condições tecnológicas que nos deparamos no mundo capitalista e globalizado, o jovem que tem esse suporte familiar, consegue se especializar mais e se inserir melhor no mercado de trabalho. Por conta disso, tenho grandes expectativas sobre o futuro, tanto relacionado ao mercado de trabalho, quanto de qualidade de vida e no meio acadêmico.” (participante 20)

“Outro aspecto relevante a ser considerado se refere às realizações do público juvenil para o bem comum. Assim, nota-se que essa parcela da população contribui, vigorosamente, para a economia, educação, saúde [...] visto que essa geração tem uma íntima relação com a tecnologia, influência primordial para o melhoramento desses setores. Todavia, a realidade de muitos jovens é oposta do que se espera, uma vez que grande parte desses não possuem acesso à educação de qualidade e a internet. Dessa forma, apesar de toda a contribuição, ela não é feita por todos os jovens e nem mesmo usada por eles. (participante 4)

“Atualmente com toda a facilidade e possibilidades aos jovens, esses deveriam se desafiar mais, descobrir e aproveitar as possibilidades que lhe são postas, explorando através da tecnologia os recursos como uma meta de evolução valorizando o conhecimento que se adquire através da educação. (participante 22)

11. Os jovens têm uma visão otimista do futuro.

Com a palavra, os jovens:

“Nesses tempos sombrios, o protagonismo e o reconhecimento que não pagam boletos e nos tiram o sono, têm me ajudado a continuar na luta por uma inclusão produtiva para a juventude mais justa, diversa e inclusiva. Estudos dizem que minha geração é bastante sonhadora, e que implementamos a mudança que sonhamos. Como alguém que confia na ciência, espero que sim”. (participante 15)

“Por fim, como imortalizou Elis Regina “Viver é melhor que sonhar”. Acho que essa frase define a juventude brasileira de hoje, que apesar das condições ruins –na educação, economia, saúde e desemprego - a cada dia veste o manto da resiliência para conseguir viver nesse país. Dessa forma, minha expectativa para o amanhã não é que as coisas sejam fáceis, mas que existam mais oportunidades para aqueles que buscam verdadeiramente e que o básico não falte a ninguém”. (participante 16)

“Os millenials enfrentam suas vivencias com ansiedade, insegurança, medo do presente, incertezas para o futuro e se sentem pouco realizados como individuo diante de um mundo que não para de exigir a verdadeira coragem que é ir atrás do seu sonho mesmo quando todos dizem que ele é impossível”. (participante 19)

“Mesmo com toda dificuldade, mesmo com todos os problemas financeiros e educacionais, com um pouco de paciência, eu posso conseguir tudo. Já passei por diversos cursos, inclusive medicina, e isso só mostra o quanto a dedicação, aliada a um pouco de investimento e com aquela pitadinha de vontade de mudar de vida pode fazer e, de fato, transformar a realidade de alguém. (participante 17)

“Meus ancestrais foram privados de liberdade conhecimento e sofreram para que eu chegasse até aqui, a minha realidade de sonhos e planos se assemelha a realidade de muitos jovens nesse país que sonham em escrever uma nova história a fim de não ser mais uma estatística no mapa da violência, muitas vezes ser o primeiro da família na universidade e enfim vencer. Sim é possível, e é o que reverbera nessa juventude.” (participante 21)

“Eu não sou frustrada, mas não posso dizer que alcancei os meus sonhos de jovens. Eu sobrevivi, mas continuo com a fé de viver tudo que sonhei.” (Participante 12)

“Com respaldo nesses princípios fraternais que devemos exercer nossas profissões e encorajar nossas amizades. É assim que vamos construir um país melhor, que acolha os mais necessitados e lhe proporcione melhores condições de ascensão. Sem uma política acolhedora nenhuma sociedade alcança o êxito e, acolher, nesse contexto, não depende de políticos unicamente, depende de nós com sociedade, como povo, sermos realmente irmãos e nos sentarmos para conversar civilizadamente sobre nossas diferenças, acolhermos quando a

necessidade se faz presente, empurrar para voos maiores quando chegar a hora de voar.

Somente com ações como estas chegaremos à máxima da sociedade rica. Riqueza não deveria ser mensurada apenas por valores financeiro, e sim por valores sociais de afeto e compaixão com o próximo. Afinal, defende-se tanto a família tradicional com base nas escrituras do velho testamento bíblico, mas esquecem que a mesma bíblia nos inspira e nos incentiva a amar a deus sobre todas as coisas e, não menos importante, amar o próximo como a nós mesmos.” (participante 11)

O jovem no Brasil enfrenta suas demandas internas desprovido de uma base da formação social como individuo, incrédulo de suas próprias habilidades como pessoa. Ingressa nas suas tomadas de decisão de forma crua e nua emocionalmente, racionalmente e também intelectualmente, sem orientação educacional, profissional, sexual e bruscamente é arremessado em um mundo que diz como deve ser e o que não deve ser. (participante 19)

“Ser jovem no Brasil é um desafio constante, tanto para as pessoas que se dão conta desse desafio, quanto para as que vivem na inércia e contentam-se com isso, sem saber – nem sentir – que a vida poderia ser melhor em muitos aspectos. (participante 15)

“A juventude é o espelho retrovisor da sociedade. Em cada tempo e lugar, fatores históricos, estruturais e conjunturais definem a vulnerabilidade e potencialidades das juventudes. Neste parâmetro, a nacionalização de direitos para todo e qualquer jovem, independentemente do seu contexto, raça e renda, para que este seja capaz de seguir o caminho que pensou para si mesmo, é o que precisamos fazer enquanto sociedade. Por caminhos diferentes, mas sob um mesmo propósito: a educação para todos.” (participante 10)

12. A pandemia mudou a visão das pessoas e revelou questões sociais que não enxergávamos.

No que se refere à pandemia, apesar de não estar entre os pontos sugeridos de discussão na proposta, os participantes escreveram suas visões, em especial os participantes que trabalham no campo da saúde. Para esse grupo, a pandemia apresentou-se como um desafio capaz de unir a sociedade na luta contra um mal comum e para outros ela transformou-se num determinante de uma realidade social ainda mais difícil para os jovens. Alguns, apontam a sua experiência como universitário que não puderam ter acesso pleno ao conhecimento que tanto desejavam, por conta das aulas à distância e outros sobre a dificuldade de estudarem e conviverem com a família no período do confinamento.

“A pandemia do COVID-19 trouxe o isolamento social e tivemos que aprender a estudar e trabalhar em casa, controlando o medo a ansiedade, e driblando as pressões familiares que se potencializaram com a convivência.

[...]

as instabilidades do Governo como as polêmicas sobre a vacina, os cortes nas áreas de pesquisa, e os aumentos exorbitantes em tudo culminaram numa situação de caos”. (participante 16)

“Essa radicalização afetou e se escancarou em muito na área da saúde durante essa pandemia. Foi muito difícil ter que encarar com 5 meses de formado uma pandemia onde o principal vilão não estava sendo combatido pelos nossos representantes, pelo contrário, existiam propagandas em defesa do “vilão” vírus. Diante de tal problemática, nós da área da saúde sentíamos traídos, ao mesmo tempo exaustos de explicar o óbvio e ainda defender a ciência, como se o óbvio fosse que a terra é plana.” (participante 11)

“Presenciei experiências lindas ao lado dos pacientes, mas dias árduos que se intensificaram com a pandemia do COVID-19 em 2020. Quando comecei a sentir ainda mais o quanto a ciência é desvalorizada em nosso país por mais que ela seja necessária. A rotina hospitalar continuava intensamente, sem direito a assistências como auxílio financeiro extra do governo a estudantes de saúde, ou algum tipo de auxílio saúde oferecido pelo hospital, afinal, eu não era contratada, não era residente, oficialmente eu estava ali apenas como uma pesquisadora. Apesar do medo das incertezas, isso não me impediu de continuar, foi uma oportunidade incrível de estar inserida em um ambiente hospitalar no meio de uma pandemia. Assim como um reflexo da pandemia em muitas pessoas, iniciei com um questionamento de o que seria para mim sucesso, agora não só profissional, mas de vida. Até quanto ou quando estaria disposta a certas situações”. (participante 7)

“Depois de um grande incentivo da coordenação, fiz Enem, cursei faculdade – pena que com a crise do COVID não pude estudar presencialmente no curso que ansiava - mas combati o bom combate terminei a graduação e guardei a fé. (participante 12)

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Numa tese nem tudo é hipótese. Há certezas que nascem antes mesmo da tese terminar e há dúvidas que nascem quando chegamos a uma verdade. De forma clara, para cada passo alcançado nas ciências, novos degraus se apresentam, porque em ciências, não há topo. Quando chegamos a um horizonte, nosso barco anseia outro mar e o conhecimento do continente não é suficiente para um navegador que ama o mar e suas vagas. Com essa convicção, essas considerações finais são a chegada no cais de um barco que levava a curiosidade de saber de que maneira mudou o processo educacional e quais impactos isso teve no trabalho dos jovens que passaram por mim como professora e qual teriam sido suas trajetórias depois da universidade, tentando entender suas expectativas, realidades, frustrações e realizações.

Antes mesmo de começar o trabalho, já sentíamos que se tratava de um momento sombrio da história da juventude e reconhecíamos que as transformações que a globalização trouxe, o discurso de educação para a conquista da autonomia e como

condição *sine qua non* para o acesso ao mercado de trabalho, a visão da educação como um elemento crucial na diminuição da desigualdade social e a Educação Superior como a única oportunidade para a ascensão social eram, mais do que verdades, discursos como pontes para levarem os jovens a um modelo de vida em que o país, seus futuros e seus sonhos estavam sofrendo os efeitos das transformações e Reformas orientadas por organismos internacionais que financiavam projetos políticos no País, e esse receituário não terminou produzindo um “bolo de parabéns” pelos esforços para chegarem a um futuro melhor. Os jovens estudaram, trabalharam, mas não foram convidados para a festa. Como a série dos anos 90: foram “Barrados no Baile”.

A questão desta tese não se centrava em apenas saber o que era desenhado pelos livros, pelas pesquisas já feitas e esse respeito e sobre esse momento histórico. O que queríamos descortinar era o que os jovens pensavam na frente da festa? Eles voltavam para casa? Tentavam outras formas de conseguir um convite? Descobriam que não queriam mesmo participar da festa? Por isso, a pesquisa empírica norteadora desse trabalho centrou-se numa análise de dados mista, mas sobretudo qualitativa para conhecer o olhar desses jovens e, através desse olhar, poder traçar um panorama da juventude brasileira.

Depois de meses, alcançamos tal feito entendendo, através das análises, que eles sentem a mudança e os impactos traduzidos pela pandemia em suas vidas, sofrem o impacto da falta de trabalho digno, depois dos anos de dedicação a uma formação educacional como promessa desta conquista, sentem a limitação dos seus sonhos dada pela conjuntura política e social em que vivem, consideram-se protagonistas e vitoriosos em muitas lutas sociais, incluindo as de igualdade de gênero e racial, mas não se sentem responsáveis por “mudar o mundo”, porque concebem que os problemas que implicam na mudança são estruturais e ultrapassam suas possibilidades e seus # incendiadores.

Ao ouvir os jovens, percebe-se um quadro desenhado de falta de capacitação, oportunidades e orientação em seu percurso. Somam-se a isso os anos sombrios da instabilidade política e o enfrentamento global do Covid-19 e a realidade do Brasil e do mundo é, portanto, a de uma juventude que enfrenta uma crise do emprego jovem e, embora as suas características sociais e econômicas variem consideravelmente em dimensão e natureza de um país para outro e de uma região para outra, a condição em que se encontram as economias em escala planetária ameaçam o princípio da igualdade de oportunidades entre gerações criando um abismo para a juventude em todos os países.

Entre as principais abordagens que a pesquisa quantitativa e qualitativa deste trabalho se debruçou, destaca-se a preocupação de que a gravidade da questão do emprego para jovens não esteja atrelada somente aos níveis e a duração do desemprego, outrossim ao evidente declínio da qualidade dos empregos disponíveis para os jovens. O que se percebe, é uma tendência estrutural prescribente que torna o ideário de trabalho decente letra morta para os milhares de trabalhadores em serviços de entrega gerenciados por plataformas que trabalham em regimes flexíveis de jornada sem nenhuma proteção social.

Esses números revelam em termos humanos que o desemprego jovem é apenas a ponta do iceberg e que as “embarcações nacionais” rumo ao porto do progresso estão afundando na insegurança e vulnerabilidade, porque os jovens - que deviam ser a força do barco - não são recrutados e empoderados para serem marinheiros, mas para trabalhos de baixa qualidade, com baixos salários e incidência de informalidade. Os dados disponíveis e os que foram colhidos para essa pesquisa demonstram que os jovens são mais suscetíveis que os adultos de estarem entre os trabalhadores pobres e, por extensão, empobrecem o país.

Pensando no x da questão isso ocorre, porque o segmento formal da economia não foi capaz de criar oportunidades suficientes de emprego formal para o contingente de jovens - questão amplamente discutida ao longo deste trabalho à luz dos números apresentados em documentos da Organização Mundial do Trabalho. Os países mais pobres sofrem mais, pois num contexto socioeconômico fragilizado, terminam por não produzirem redes de segurança para sustentarem essa parcela da sociedade que acabam, por si só, buscando formas cada vez mais precárias de sobrevivência de modo que, em alguns países, a própria concorrência, dentro da informalidade, culmina no quadro do trabalho instável e arriscado como condição permanente.

Antes de ouvi-los, passamos por um processo de mapeamento de questões ligadas ao ser jovem como inserção laboral, protagonismo, formação e, na busca por aprofundamento das questões teóricas, chegamos a temáticas e estudos que compõem um importante corpus de estudos no Brasil e na América Latina de juventude. Nosso trabalho passou pelas vozes da sociologia da juventude, pelos estudos que veem os jovens como os mais afetados e muitos apontam que as flexibilizações, as mudanças na formação e a evolução tecnológica são fatores que amputaram seus futuros.

Também esse trabalho se debruçou num resgate de memória dos 23 anos do Enem e de algumas das principais reformas educacionais por que passou o Brasil buscando entendê-las num contexto sociopolítico entrelaçando-a à minha própria trajetória num

trabalho de relato de experiência utilizando como critério aquilo que me tocava. Nessa parte da tese, o que fiz foi repassar os anos em que, ao passo que ensinava, também aprendia e junto com meus alunos – como ordena Paulo Freire – construímos encontros democráticos e afetivos que se encerravam (pelo menos até decidirmos para qual caminho levaremos esse trabalho) com a última aula e a última redação que serviu como insumo para a construção da visão da juventude nesta tese.

Os grandes mestres da literatura usam distintas formas para terminar. Os mais excepcionais não terminam, os mais grandiosos permitem ao leitor as considerações e outros terminam dizendo pouco por saber que já disseram tudo. Eu, nada excepcional nem grandiosa, fico com a opção de que o que escrevi em cada capítulo era o que eu queria dizer na precisão do dizer e minha consideração final cabe em uma metáfora:

Na travessia entre o mundo da educação e do trabalho os jovens entraram em barcos frágeis para suportarem as tempestades. Hoje alguns estão à espera do milagre de que haja um “Jesus” para acalmar a tempestade e lhes permitirem andar sobre as águas. No mesmo mar, outros tentam atravessar colando pedaços de suas naus como Fenícios no Cabo das Tormentas, outros pularam do barco e pediram abrigo em outro na esperança de que esse segundo seja mais forte e muitos, muitos morreram em meio às “noites traiçoeiras³⁹” levando suas “pesadas cruces” na esperança de encontrarem do outro lado da formação um paraíso de dignidade e trabalho.

Nesse dia em que escrevia essas considerações finais e escutando a voz de Drummond, que sempre ressoa em minha mente de que “o último dia do ano não é o último dia do tempo, outros dias virão”, recebi essa mensagem numa rede social de uma aluna que não participou dessa pesquisa, que não estava ligada a mim, que não recebeu o convite, mas que exemplifica bem a verdade de Vinicius: a vida é a arte do encontro embora haja tanto desencontro pela vida.

Na sua mensagem ficava para mim a esperança de que há sempre começos e que se ela decidiu construir suas próprias histórias, podemos guardar a esperanças de que esses jovens de hoje e os que virão poderão deixar de ler o contexto e escrever novas histórias e, quem sabe, daqui há alguns anos, eu receba uma mensagem não mais com a capa do livro de literatura dos meus primeiros anos como professora, mas a capa desta tese. Com essa mensagem encerro essa jornada sabendo que essa tese só prova que a verdade de Sócrates é também a minha: só sei que nada sei e que apesar de vivermos um

³⁹ Alusão a música Noites Traiçoeiras do Pe. Marcelo Rossi.

tempo sombrio e quase nenhuma esperança aceito a verdade de Hannah Arendt que foi uma das molas motivadoras da escrita desta tese: “certamente ainda somos conscientes de que o pensamento requer não só inteligência e profundidade, mas sobretudo coragem.”



6. BIBLIOGRAFIA

ABAD, M.. Las políticas de juventud desde la perspectiva de la relación entre convivencia, ciudadanía y nueva condición juvenil. **Última década**, p. 117-152, 2002

ABRAMO, Helena.Wendel.; BRANCO, P.P.M. (Org.). **Retratos da juventude brasileira**. São Paulo: Instituto Cidadania: Fundação Perseu Abramo, 2005.

ABRAMO, Helena Wendel; FREITAS, Maria Virginia de; LÉON, Oscar Dávila. **Ação Educativa**. Programa de Juventude. 2005. Acesso 16 de junho de 2021. Disponível em: <http://www.bdae.org.br/dspace/handle/123456789/2344>.

ABRAMO, Helena. Wendel. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, 5-6, 25-36, 1997.

ABRAMOVAY, M. **Gangues, galeras, chegados e rappers: juventude, violência e cidadania nas cidades da periferia de Brasília**. Editora Garamond,1999.

ABRAMOVAY, Miriam; NUNES, Maria Fernanda Rezende. **Escolas inovadoras: experiências bem-sucedidas em escolas públicas**. UNESCO Office Brasilia; W.K. Kellogg Foundation; Universidade do Rio de Janeiro (Brazil), UNI-RIO. Brasilia: UNESCO Brasilia, 2003, 429 p.

ABRAMOVAY, M.; et al. **Revelando tramas, descobrindo segredos: violência e convivência nas escolas**. Brasília: RITLA, SEDF, 2009.

ALVES, Nilda. Decifrando o pergaminho – o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa de; ALVES, Nilda. (Org.). **Pesquisa no/do cotidiano das escolas: sobre redes de saberes**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

ALVES, Nilda. A compreensão de políticas nas pesquisas com os cotidianos: para além dos processos de regulação. **Educação & Sociedade** [online]. 2010, v. 31, n. 113 [Acessado 12 julho 2021], pp. 1195-1212. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302010000400008>

AMARAL, I. M. O conceito de experiência social aplicado ao trabalho de jovens diplomados: uma análise na perspectiva de François Dubet. **Revista Brasileira de Sociologia**, Vol 4, Nº7, págs. 293-316. 2016. Acesso em 10 de maio de 2020, Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5896089>

AMORIM, R. R. A REPRESENTAÇÃO DE MAPAS DE PAISAGENS NA ESCALA REGIONAL: o exemplo da Região Costa do Descobrimento (Bahia). **Revista da ANPEGE**, p. 245-280. 2016.

AMORIM, A.; SOUZA, E. S. ; PEREIRA, R. S. J. . A GESTÃO ESCOLAR DEMOCRÁTICA NA PERSPECTIVA FREIREANA. <http://dx.doi.org/10.18764/2358-4319.v14n1p15-38>, v. 14, p. 15-38, 2021. Acesso 14 de abril de 2022. Disponível em: <http://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/reducacaoemancipacao/article/view/16501>

AMORIM, A. Gestor escolar inovador: educação da contemporaneidade. *REVISTA LUSÓFONA DE EDUCAÇÃO*, v. 35, p. 67-82, 2017.

ANSELMO, Luis dos Santos; DENIS Maracci Gimenez. Inserção dos jovens no mercado de trabalho brasileiro no período de crescimento com inclusão social. In **Facetas do Trabalho no Brasil Contemporâneo** / Eugenia Troncoso Leone, Marcelo Weishaupt Proni (organizadores) – Curitiba: CRV | Campinas, SP: Unicamp, IE, 2021.

ANTUNES, Ricardo. **Século XXI: nova era da precarização estrutural do trabalho?** In: ANTUNES, Ricardo; BRAGA, Ruy (Org.). *Infoproletários: degradação real do trabalho virtual*. São Paulo: Boitempo, 2009. p. 231-238.

_____. **Os sentidos do trabalho**: Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo, 2009.

_____. **Adeus ao Trabalho?** Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 16. ed. São Paulo: Cortez, 2015.

_____. **Os sentidos do trabalho**. São Paulo: Boitempo, 1999.

_____. **O privilégio da servidão o novo proletariado de serviços na era digital**. 1. Ed. São Paulo: Boitempo, 2018.

_____. **Coronavírus: o trabalho sob fogo cruzado**. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2020. E-book (51p.).

ARENDDT, Hannah. **Homens em tempos sombrios** (Prefácio). Edição Kindle: Companhia das Letras. 1968.

_____. **O que é política?** (6ª ed.). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

ARIÈS, P. D’hier à aujourd’hui, d’une civilisation à l’autre. In: P. ARIÈS, **Couples et familles dans la société d’aujourd’hui**, Chroniques sociales de France, (p. 122). Paris : Metz. 1972.

BALARDINI, Sergio. **La experiencia intergeneracional de los nativos paritarios**. En *Imágenes y discursos sobre los jóvenes*. Editado por Dra. Carina V. Kaplan y Mg. Claudia C. Bracchi, Universidad de Buenos Aires, Universidad Nacional de La Plata y la directora general de Cultura y Educación, página 193-198. 2013.

BANCO MUNDIAL. **Prioridades y estrategias para la educación**. Washington: World Bank, 1995.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 1. ed. rev. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARROS, Ricardo Paes de, Carlos Henrique CORSEUIL, e Miguel FOGUEI. **“Os Incentivos Adversos e a Focalização dos Programas de Proteção ao Trabalhador no Brasil.”** Texto para Discussão 784. IPEA, 2001.

BARROS, R. P.; CORSEUIL, C. H. L.; GONZAGA, G. M.. A Evolução da demanda por trabalho na indústria brasileira: evidências de dados por estabelecimentos, 1985-1997. **Pesquisa e Planejamento Econômico (Rio de Janeiro)**, Rio de Janeiro, v. 31, n.2, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **Sobre educação e juventude: conversas com Riccardo Mazzeo/Zygmunt Bauman**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2013. 131 p.

BECK, U. **Sociedade de risco: Rumo a uma Outra Modernidade**. Editora 34, 2011.

BENDIT, René; MIRANDA, Ana. La gramática de la juventud: Un nuevo concepto en construcción. **Ultima década.**, Santiago, v. 25, n. 46, p. 4-43, jul. 2017. Disponível em: [La gramática de la juventud: Un nuevo concepto en construcción \(conicyt.cl\)](http://dx.doi.org/10.4067/S0718-22362017000100004). Acesso em 12 junho. 2020. <http://dx.doi.org/10.4067/S0718-22362017000100004>.

BENDIT, R. Hein, K.; BIGGART, A: Autonomia atrasada e negociada. Emancipação doméstica de jovens europeus. In: **DISKURS - Studien zu Kindheit, Jugend, Familie und Gesellschaft**, 3/2004, p. 76-85,2004.

BERNARDO, Gustavo. **Redação inquieteta**. Editora Rocco. 2000.

BOLTANSKI, Luc; CHIAPELLO, Ève. **O novo espírito do capitalismo**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

BOLÍVAR, Antônio Botia. “¿De nobis ipsis silemus?”: epistemología de la investigación biográfico-narrativa en educación. **Revista Electrónica de Investigación Educativa**, México, v. miranda4, n 1, 2002.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Tecnologias do eu e educação. In: Silva, Tomaz Tadeu. **O sujeito da educação**. 8º ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Experiência e alteridade em educação. **Revista Reflexão e Ação**. Santa Cruz do Sul, v. 19, n. 2, 2011. Acesso em 10 setembro de 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.17058/rea.v19i2.2444>.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação** [online]. 2002, n. 19 [Acessado 12 junho 2021], p. 20-28. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003>>. Epub 19 Abr 2011.

BONNÉRY, Stéphane. Chamboredon Jean-Claude. **Jeunesse et classes sociales**. Édition de Paul Pasquali, préface de Florence Weber. Paris : Éditions Rue d’Ulm, 2015, 264 p.", *Revue française de pédagogie*, 2016/1 (No 194), p. 141-144. DOI: 10.4000/rfp.4991. URL: <https://www.cairn-int.info/journal-revue-francaise-de-pedagogie-2016-1-page-141.htm>

BORGES, Ângela; DRUCK, Graça. Terceirização: balanço de uma década. **Caderno CRH**, Salvador, n. 37, p. 111-139, jul./dez. 2002.

_____, A. **Desestruturação do mercado de trabalho e vulnerabilidade social: a Região Metropolitana de Salvador na década de 90**. Salvador: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas/ Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais/UFBA, 2003. 374p.

_____. Déficit juvenis ou déficit de lugares? O desemprego e a ocupação dos jovens nos mercados de trabalho das metrópoles DO Nordeste e do Sudeste. In. **Anais do X Encontro Nacional ABET**. Salvador : ABET, 2008.

_____. Os jovens nos anos 1990: desemprego, inclusão tardia e precariedade. Bahia: *Análise & Dados*, Salvador, v.18, n.1, p.157-170, 2008.

_____. Jovens em mercados de trabalho em mudança: indicações a partir da trajetória de dois grupos Geracionais. *Última Década*, 24(44), pp. 195-225. Disponível em: <https://ultimadecada.uchile.cl/index.php/UD/article/view/54171/56936>. Acesso em 20 de junho de 2021.

BOURDIEU, Pierre. A juventude é apenas uma palavra. In: **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero. p. 112-121, 1983.

_____. **Questions de sociologie**, Paris : Minuit, 1984.

_____. **O Capital Social – Notas Provisórias**. In: NOGUEIRA, Maria Alice e CATANI, Afrânio (org.). *Escritos de educação*. Petrópolis: Vozes, 1988.

_____, Pierre. **Les trois états du capital culturel**, publicado originalmente in *Actes de la recherche en sciences sociales*, Paris, n. 30, novembro de 1979, p. 3-6.

BOURDIEU, Pierre et PASSERON, Jean-Claude. **Les Héritiers. Les étudiants et la culture**, Paris : les Éditions de minuit, coll. Le sens commun, 1964, p.106.

BRAGA, R. As jornadas de junho no Brasil: crônica de um mês inesquecível. **OSAL - Observatório Social de América Latina**, 14, p. 51-61, 2013. Acesso em 04 de julho de 2020, disponível em <https://repositorio.usp.br/item/002475924>

BRAGA, Ruy. **A pulsão plebeia: trabalho, precariedade e rebeliões sociais**. São Paulo, Alameda, 2015.

BRAGA, R. **A Rebeldia do precariado: trabalho e neoliberalismo no Sul global** (1º ed.). Kindle: Boitempo, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional**. Brasília, 1998.

BRAGA, Ruy. **A pulsão plebeia: trabalho, precariedade e rebeliões sociais**. São Paulo, Alameda, 2015.

BRASIL. Secretaria Nacional de Juventude. **Estação juventude: conceitos fundamentais – ponto de partida para uma reflexão sobre políticas públicas de juventude** / organizado por Helena Abramo. – Brasília: SNJ, 2014. 128p

CAMARANO, A. A. **A transição para a vida adulta: novos ou velhos desafios**. Rio de Janeiro: IPEA, 2003.

CAMARANO, A. A., & KANSO, S. **O que estão fazendo os jovens que não estudam, não trabalham e não procuram trabalho?**. Brasília: IPEA, 2012.

CASTEL, Robert. **La Montée des incertitudes**. Travail, protections, statut de l'individu. Le Seuil. Edição Kindle, 2013.

CASTELLS, M. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Zahar, 2013.

- CASTEL, Robert. **As metamorfoses da Questão Social: uma crônica do salário**. Petrópolis, Vozes, Edições 2004.
- CASTELLS, Manuel. **A galáxia da Internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade**. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. Tradução de Roneide Venâncio Majer. 9. Ed, v.1. São Paulo: Paz e Terra, 2005.
- CASTRO, L. R. Participação política e juventude: do mal-estar à responsabilização frente ao destino comum. **Revista de Sociologia Política**, 16(30), 253-268, 2008
- CASTRO, Lúcia Rabello de . PARTICIPAÇÃO POLÍTICA E JUVENTUDE: DO MAL-ESTAR À RESPONSABILIZAÇÃO FRENTE AO DESTINO COMUM. **Rev. Sociol. Polít.**, Curitiba, v. 16, n. 30, p. 253-268, jun. 2008.
- CASTRO, J. A., AQUINO, L. M. C., & ANDRADE, C. C. **Juventude e políticas sociais no Brasil**. Brasília: IPEA, 2009.
- CASTRO, J.; AQUINO, L.; ANDRADE, C. (Orgs.). **Juventude e políticas sociais no Brasil**. Brasília: Ipea, 2009.
- CARDOSO, A. **Trabalhar, verbo transitivo**. Rio de Janeiro: FGV, 2000
- CEPAL. **Panorama Social da América Latina**, 2020. Acesso em 17 no janeiro de 2021. Disponível em: [Panorama Social da América Latina 2020 \(cepal.org\)](http://cepal.org)
- CERBINO M. **El lugar de la violencia: perspectivas críticas sobre pandillerismo juvenil**. FLACSO Tauros: Quito, 2012.
- CHAMBEREDON, J.-C. La société française et sa jeunesse In: DARRAS, P. **Le partage des profits**. Expansão et inégalités en France, (pp. 157-175). Paris : Minuit, 1966.
- CHAPOULIE, J.-M. **La tradition sociologique de Chicago 1892-1961**. Paris: Seuil, 2001.
- CHAUÍ, Marilena. Raízes teológicas do populismo no Brasil: teocracia dos dominantes, messianismo dos dominados. In **Anos 90: política e sociedade no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- CHESNAIS, F. Decifrar palavras carregadas de ideologia. In: CHESNAIS, F. **A mundialização do capital**. São Paulo: Xamã, 1996. p. 21-44.
- CHOMSKY, Noam. **Quem manda no mundo?**. Tradução Renato Marques. 1. ed. – São Paulo : Planeta, 2017.
- COLEMAN, James. “La sociedad adolescente”. En: Pérez Islas, José Antonio/ Valdés González, Mónica/ Suarez Zozaya, María Herlinda (Coordinadores) (2008): **Teorías sobre la Juventud. Las Miradas de los Clásicos**. Universidad Nacional Autónoma de México, p. 109 – 173. Tomado de: James S. Coleman, *The Adolescent Society. The Social Life of the teenager and Its Impact on Education*. Nueva York, EUA, The Free Press of Glencoe, 1961, pp. 1-51 (capítulos I y II)

CORROCHANO, M. C. **O trabalho e a sua ausência**: narrativas juvenis na metrópole. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2012.

CONJUVE – CONSELHO NACIONAL DE JUVENTUDE. **Política Nacional de Juventude**: diretrizes e perspectivas. São Paulo: Conselho Nacional de Juventude.2013.

CORSEUIL, C. H. L.; FOGUEL, M.; SANTOS, D. D.. Decisões críticas em idades críticas: a escolha dos jovens entre estudo e trabalho no Brasil e em outros países da América Latina. **Revista Economia Aplicada**, São Paulo, v. 5, 2001.

CORSEUIL, Carlos H. L.; BOTELHO, R. U. . **Desafio a trajetória profissional dos jovens brasileiros**. 1. ed. Brasília: IPEA, 2014. v. 1. 320p .

CORSEUIL, Carlos Henrique L. ; FRANCA, Maíra A. P. . Trabalho Informal entre os Jovens Brasileiros: Considerações sobre o período 2001-2013. In: Enid Rocha; Rosana Ulhoa Botelho. (Org.). **Dimensões da Experiência Juvenil Brasileira e Novos Desafios às Políticas Públicas**. 1ed.Brasília: IPEA, 2016, v. , p. 177-197.

CORSEUIL, Carlos Henrique L. ; FOGUEL, MIGUEL NATHAN ; GONZAGA, G. ; RIBEIRO, E. P. . A rotatividade dos jovens no mercado de trabalho brasileiro. In: Carlos Henrique Corseuil; Rosana Ulhoa Botelho. (Org.). **Desafios a trajetória profissional do jovens brasileiros**. 1ed.Brasília: IPEA, 2014, v. 1, p. 157-173.

CUBA, R. d. **Significados e sentidos da escola para estudantes de classe média**. 2013. Fonte: <https://www.flacso.org.ar/wp-content/uploads/2020/01/Da-Silva-CubaRosana.pdf>

DARDOT, Pierre, LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. Tradução de Mariana Echalat. 1. Ed. São Paulo: Boitempo. Estado de Sítio, 2016.

DAYRELL, Juarez. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. In: **Educação & Sociedade**, Campinas, SP, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 1105-1128, out. 2007. Acesso em: 15 de junho de 2021.

DEATON, A. A grande Saída. Edição Kindle : Intrínseca, 2017.

DEMO, Pedro. **Elementos Metodológicos da Pesquisa Participante**, in: Repensando a Pesquisa Participante. São Paulo, Brasiliense, 1997.

DEMO, Pedro. **A nova LDB**: ranços e avanços. 6 ed. Campinas: Papyrus, 1997.

DICK, Hilário. **Gritos silenciados, mas evidentes**: jovens construindo juventude na História. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

DUARTE, Quapper K. **Género, generaciones y derechos**: nuevos enfoques de trabajo con jóvenes. Una caja de herramientas, 2006. Acessado em 12 de maio de 2019. Disponível em: [Genero, Generaciones y Derechos. Una caja de herramien.pdf \(unfpa.org\)](#)

DUBET, F. **La galère**, jeunes en survie. Paris: Seuil, 1987.

DURKHEIM, É. **Educação e Sociologia** (5º ed.). Kindle: Vozes, 2014.

_____. **As regras do método sociológico** (Edição Kindle ed.). Vozes, 2020.

DRUCK, Graça, **Terceirização e precarização do trabalho**. Entrevista concedida a] Larissa Amaral. Projeto ABET/UFBA, Salvador, 7 fev. 2020. Disponível em: <http://abet-trabalho.org.br/terceirizacao-e-precarizacao-do-trabalho-entrevista-exclusiva-com-graca-druck/>. Acesso em: 20 de novembro de 2021.

EGGERT, Edla. Quem pesquisa se pesquisa? Uma provocação a fim de criar um espaço especulativo do ato investigativo. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. **A Aventura (Auto)Biográfica - Teoria e Empiria**. Porto Alegre: EDIPUC, 2004.

ERIKSON, E. **Identidade, Juventude e Crise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

FEIXA, C., & LECCARDI, C. O conceito de geração nas teorias sobre juventude. **Sociedade e Estado** [online]. 2010, v. 25, n. 2 [Acessado 10 de junho de 2021], pp. 185-204. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=339930909003>.

FONSECA, Marília. O banco mundial como referência para a justiça social no terceiro mundo: evidências do caso brasileiro. **Revista de Educação da USP**, São Paulo, v.1,n.24,p.1-27,jan/jun, 1998.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. (42 ed.). Rio de Janeiro: Paz e terra, 2005.

FREIRE, P. **Pedagogia da indignação**. Edição Kindle: Paz e Terra, 2016.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa** (68 ed.). Edição Kindle: Paz e Terra, 2019.

FREITAS, L. C. **Charterização e Uberização: destruindo profissões**. 2016 Acesso em 17 de janeiro de 2022. Disponível em: <https://avaliacaoeducacional.com/2016/12/18/charterizacao>

FREITAS, K. S. de. EDUCAÇÃO DE QUALIDADE PARA TODOS: QUE QUALIDADE? Revista Nova Paideia - **Revista Interdisciplinar em Educação e Pesquisa**, [S. l.], v. 1, n. 3, p. 02 - 13, 2019. DOI: 10.36732/riep.v1i3.37. Disponível em: <http://ojs.novapaideia.org/index.php/RIEP/article/view/33>. Acesso em: 11 março. 2022.

FREITAS, K. S.; PIMENTEL, G. S. ; LEPIKSON, M. F. P. ; TAVARES, C. A. R. . Paul Freire para além das fronteiras. **Revista Internacional de Educação de Jovens e Adultos**, v. 04, p. 153-167-167, 2021.

FRIGÉRIO, Regina Célia. **Oficinas pedagógicas de geografia: costurando narrativas de experiências da vida docente**. F916o. Tese de Doutorado em Geografia. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2018.

FRIGOTTO, Gaudêncio. (Orgs.). **Teoria e educação no labirinto do capital**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

GADEA, Carlos & SCHERER-WARREN, Ilse. A contribuição de Alain Touraine para o debate sobre sujeito e democracia latino-americanos. **Revista de Sociologia e Política** [online]. n. 25 [Acessado 12 agosto 2021], p. 39-45, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-44782005000200005>

GALLAND, Olivier. **Sociologie de la jeunesse**. 5ème édition. Paris: Armand Colin, 2011.

GATTI, Bernadete Angelina(org.). **Professores do Brasil: novos cenários de formação**. Brasília: UNESCO,2019.

GATTI, B.A; BARRETO, E.S.S; ANDRÉ, M.D.A. **Políticas docentes no Brasil: um estado da arte**. Brasília: UNESCO, 2011.

GIDDENS, A. G. **As consequências da modernidade**. São Paulo: UNESP, 2002.

GONZALEZ, R. **Políticas de emprego para jovens: entrar no mercado de trabalho é a saída?** Rio de Janeiro: Ipea, 2009.

GRAMSCI, Antonio. Os cadernos do cárcere. Maquiavel. Notas sobre o Estado e a política. (vol.3); Trad. Carlos Nelson Coutinho, Luiz Sérgio Henrique, Marco Aurélio Nogueira. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

_____. Cadernos do Cárcere. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira: 1999-2002, 6 v. 2002.

GROPPO, Luis Antonio. **Introdução à Sociologia da Juventude**. Jundiaí: Paco Editorial, 2017

GUÉRIOS, Paulo Renato. O estudo de trajetórias de vida nas Ciências Sociais: trabalhando com as diferentes escalas. **Campos**, v. 12, v. 1, p. 9-29, 2011.

GUIMARÃES, N. A. Trabalho: uma categoria-chave no imaginário juvenil? In: Linhas Críticas, Brasília, DF, v.22, n.47, p. 110-129, jan./abr. 2016. 127. Disponível em: <https://observatoriodoensinomedio.ufpr.br/wp-content/uploads/2014/04/trabalho-uma-categoria-chave-no-imaginario-juvenil.pdf>. Acesso em : 15 de outubro de 2021.

HAN, Byung Chul. **Sociedade do Cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2015.

HAYEK, Frederich .A. **O caminho para a servidão** Tradução: Anna Maria Capovilla, José Ítalo Stelle e Liane de Moraes Ribeiro. 5. ed. Rio de Janeiro: Instituto Liberal, 1990.

HASENBALG, C. A transição da escola ao mercado de trabalho. In: HASENBALG, C.; SILVA, N. V. **Origens e destinos: desigualdades sociais ao longo da vida**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003.

HARVEY, D. **Espaços de esperança** (2ª ed.). São Paulo: Edições Loyola, 2006.

HARVEY, David.**17 contradições e o fim do capitalismo**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

HARVEY, D. A política anticapitalista na época da COVID-19, 2020. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/597468-a-politica-anticapitalista-na-epoca-da-covid-19-artigo-de-david-harvey..> Acesso 22 de junho de 2021.

HOBBSAWM, Eric. **A Era dos Extremos — O Breve Século XX (1914-1991)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. **A Era do Capital**. RJ: Paz e Terra, 1979.

IBARROLA, Maria. **Paradoxos recentes da educação contra o trabalho e a inserção social**. RedETIS: IIEP, 2004.

INJEP. Les jeunes de 1950 à 2000. **Un bilan des évolutions**. Institut national de la jeunesse et de l'éducation populaire (INJEP), Paris: INJEP, 2001. Acesso em 27 de maio de 2021

IULIANELLI, Jorge Atílio Silva & FRAGA, Paulo Cesar Pontes. **Jovens em tempo real**. 1ªEd. Editora Letra Capital, 2003.

IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; SNJ – SECRETARIA NACIONAL DE JUVENTUDE. Inserção dos jovens no mercado de trabalho: evolução e determinantes. **Boletim Juventude Informa**, Brasília, ano 1, p. 1-22, 2014.

KEYNES, John M. **Teoria geral do emprego**, do juro e da moeda. São Paulo: Saraiva, 2012.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e escrever: estratégias de produção textual**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2012.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2013.

KRAUSKOPF, Dina. La construcción de políticas de juventud en Centroamérica. In: LEÓN, Oscar (Ed.). **Políticas públicas de juventud en América Latina: políticas nacionales**. Viña del Mar, Chile: Cidpa, 2003.

LANZARA, Arnaldo; CANTU, Rodrigo. **Rev. Urug. Cienc. Polít.**, Montevideo , v. 22, n. spe, p. 75-93, dic. 2013. Disponível em: http://www.scielo.edu.uy/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1688-499X2013000200005&lng=es&nrm=iso. Acesso em 22 abr. 2022.

LARANJEIRA, D. H. **Juventude e trabalho: desafios no mundo contemporâneo**. Salvador: SciELO – EDUFBA, 2017.

LAVAL, Christian. **A escola não é uma empresa: neoliberalismo em ataque ao ensino público**. São Paulo: Boitempo, 2019.

LEFFA, Vilson José. **Aspectos da leitura**. Porto Alegre: Sagra: DC Luzzatto, 1996.

LEHER, Roberto, Expansão privada do ensino superior e heteronomia cultural: um difícil início de século. In.: OLIVEIRA, João Ferreira; CATANI, Afrânio Mendes; [DOURADO, Luiz Fernandes](#) (Org.) **Políticas e gestão da Educação Superior: Transformações** recentes e debates atuais. São Paulo: Xamã; [Goiânia](#): Alternativa, 2003.

----- . **A Contra-reforma universitária: uma estratégia neoliberal**. Brasília: Associação dos docentes da Universidade de Brasília, 2004.

LEMOS, A. H. **Juventude, gerações e trabalho: ampliando o debate**. Organizações e Sociedade, p. 19-63. Acesso em 26 de fevereiro de 2020, disponível em <https://doi.org/10.1590/S1984-92302012000400010>

LIMA, Mara Rute dos Santos. **Lição dos Aprovados: aprendendo com quem já passou**. Salvador: Editora Sur Measure. 2018.

LIMA, L.; AFONSO, A. J. **Reformas da educação pública: democratização, modernização, neoliberalismo**. Porto, PT: Afrontamento, 2002

- LOUZANO, P., ROCHA, V., MIRANDA MORICONI, E PORTELA DE OLIVEIRA, R. Quem quer ser professor? Atratividade, seleção e formação docente no Brasil. São Paulo. **Estudos em Avaliação Educacional**, v. 21, n. 47, p. 543-568, set/dez. 2010. Disponível em: <http://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/eae/arquivos/1608/1608.pdf>
- MAINWARING, Scott; TORCAL, Mariano. Teoria e institucionalização dos sistemas partidários após a terceira onda de democratização. **Opin. Publica**, Campinas, v. 11, n. 2, Oct. 2005.
- MANHEIM, K. **O problema sociológico das gerações**. São Paulo: Ática, 1982.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual**, análise de gêneros e compreensão. São Paulo: Parábola, 2008.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- MARTINS, Ronei Ximenes; RAMOS, Rosana. Metodologia de pesquisa: guia de estudos. Lavras: UFLA, 2013, p. 8-21.
- MARX, K. **O Capital** - Livro I – crítica da economia política: O processo de produção do capital. São Paulo : Boitempo, 2013.
- MARX, K. **O Capital** – Livro II – O Processo de Circulação do capital. São Paulo: Boitempo, 2013.
- MARX, K. **O Capital** – Livro III – O Processo Global da Produção Capitalista. São Paulo: Boitempo, 2017.
- MATTELART, A., & NEVEU Érik. **Introduction aux Cultural Studies**. Paris: La Découverte, 2018. Acesso em 04 de junho de 2020, disponível em <https://doi.org/10.3917/dec.matte.2018.02>
- MAUGER, Gérard. (2009), "Génération et Rapports de Génération", in A. Quéniart e R. Hurtubise (orgs.), **L'Intergénérationnel. Regards Pluridisciplinaires**, Rennes, Presse de L'EHSP, 2009. pp. 17-36. Disponível em: [\(PDF\) Youth: Ages of Life and Generations \(researchgate.net\)](#) Acesso: 20 de junho de 2021.
- MEC. Relatório Nacional PISA, 2000/2019. Acesso em 12 de janeiro de 2021. Disponível em : <https://www.gov.br/inep/pt-br/centrais-de-conteudo/acervo-linha-editorial/publicacoes-institucionais/avaliacoes-e-exames-da-educacao-basica/pisa>
- MERTON, R. K., & MERTON, R. C. **Social theory and social structure**. New York: Simon and Schuster, 1968.
- MÉSZÁROS, István. **O poder da ideologia**. São Paulo: Boitempo, 2004.
- MIRANDA, A. **La nueva condición joven**: educación, desigualdad y empleo. Fundación Octubre de Trabajadores de Edificios, 2007.
- MIRANDA, A. Transiciones juveniles, generaciones sociales y procesos de inclusión social en Argentina post-neoliberal. *Linhas Críticas*, 22(47), p. 130-149, 2016.

MIRANDA, Ana, & ALFREDO, Miguel. Políticas y leyes de primer empleo en América Latina: tensiones entre inserción y construcción de trayectorias. **Revista de Ciencias Sociales**, 31(42), 79-106, 2018. <https://dx.doi.org/10.26489/rvs.v31i42.4>

MORCH, S. Informal learning and social Contexts. The Case of Peer Education. In Walther, Barbara Stauber (es.): **Lifelong Learning in Europe**. Vol II: Differences and Divisions. Tübingen. Neuling Verlag, 1999.

NAÇÕES UNIDAS - Assuntos Econômicos e Sociais. **Relatório Mundial da Juventude. A Transição de Jovens para a Idade Adulta: Progresso e Desafios**, New York. Relatório preparado e publicado pela Divisão de Assuntos Econômicos e Sociais das Nações Unidas em 2007 com base em dados de 2004. 2007.

NERI, Marcelo C. “ **Juventudes, Educação e Trabalho: Impactos da Pandemia nos Nem-Nem**”, Rio de Janeiro, RJ – 2021 - FGV Social – 24 páginas. Disponível em https://dssbr.ensp.fiocruz.br/wp-content/uploads/2021/05/TEXT0-Pandemia-Jovens-Nem-Nem_Sumario-Marcelo_Neri_FGV_Social.pdf. Acesso em 20 de julho de 2021.

NEVES, Lúcia Maria Wanderley. **Educação e política no Brasil de hoje**. 2ª ed. São Paulo, Cortez, 1999.

NOVAIS, F. **Capitalismo tardio e sociabilidade moderna**. Campinas: Edições FACAMP; São Paulo: Ed. UNESP, 2009.

OIT. **Trabalhar para um Futuro Melhor** – Comissão Mundial sobre o Futuro do Trabalho Organização Internacional do Trabalho – Lisboa, 2019.

OIT. **A crise do emprego jovem: tempo de agir**. In: Conferência Internacional do Trabalho, 101ª sessão. Genebra, 2012.

OLIVEIRA, S., PICCININI, V., & BITTENCOURT, B. Juventudes, gerações e trabalho: é possível falar em geração Y no Brasil? **Organização e Sociedade**, 19, p. 551/558. Jul/set de 2012. Acesso em 22 de junho de 2021, Disponível em <https://www.scielo.br/j/osoc/a/XpFk6WRKxs3TPTV4Lk3Pbcd/?lang=pt>

OLIVEIRA, João Batista Araújo. **A política nacional do livro didático**. 2ª ed. São Paulo: Editora da Unicamp, 1984.

ORTEGA Y GASSET, J. “Juventude”. In: **A Rebelião das Massas** (p. 239 – 248). São Paulo: Martins Fontes, 1987.

OSZLAK, O. “Implementação participativa de políticas públicas: contribuições para a construção de um quadro analítico” In BELMONTE, Alejandro (et. Al.) **Building trust. Para um novo vínculo entre o Estado e a sociedade civil**, Volume II, Buenos Aires, CIPPEC e Subsecretaria de Reforma Institucional e Fortalecimento da Democracia, Chefe do Gabinete de Ministros, Presidência da Nação, 2009.

PAIS, J. M. **Ganchos, tachos e biscates: jovens, trabalho e futuro**. Porto: Âmbar, 2001.

PAIS, José Machado. **Culturas Juvenis**. Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2003. PAPA, F.; FREITAS, M. V. (Orgs.). **Juventude em pauta: políticas públicas no Brasil**. São Paulo: Petrópolis, 2012.

PARSONS, Talcott. Age and sex in the social structure of the United States, **American Sociological Review**, 7, 604-616, 1942.

PATTON, M. Q. **Qualitative evaluation and research methods**. (2° ed.). Newbury Park, 1990.

PEREIRA, A. B. **Escritas dissonantes**: escolarização, letramentos, novas tecnologias e práticas culturais juvenis. Ponto Urbe, 2007a, Acesso em 12 de julho de 2021, disponível em <http://journals.openedition.org/pontourbe/1203>.

PEREIRA, A. B. **Muitas palavras**: a discussão recente sobre juventude nas ciências sociais. Ponto Urbe, 2007b. Acesso em 06 de julho de 2020, disponível em <http://journals.openedition.org/pontourbe/1203>.

PEREIRA, A. B. **Um rolê pela cidade de riscos**. Leituras da pichação em São Paulo. São Carlos: EdUFSCar, 2018.

POCHMANN, M. **O trabalho sob fogo cruzado**. São Paulo: Contexto, 2002.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva**. [S.l: s.n.], 1991.

QUIVY, R., & CAMPENHOULDT, L. v. **Manual de investigação em ciências sociais** (4° ed.). Lisboa: Gradiva, 2005.

REGUILLO, Cruz R. **Emergencia de culturas juveniles**: estrategias del desencanto (Vol. 3). Editorial Norma, 2000.

REGUILLO, R. **Culturas juveniles**. Formas políticas del desencanto. Buenos Aires, Siglo Veintiuno Editores, 2012.

RIBEIRO, Darcy. **A lei da educação**. Brasília: Senado Federal, 1992.

RODRIGUEZ, E. **Movimientos juveniles en América Latina y el Caribe**: entre la tradición y la innovación. Secretaría Nacional de la Juventud (SENAJU), Perú, 2013.

RODRIGUES, Maria Lucia; LIMENA, Maria Margarida Cavalcanti (Orgs.). **Metodologias multidimensionais em Ciências Humanas**. Brasília: Líber Livros Editora, 2006. 175p

SÁNCHEZ GAMBOA, Silvio. **Projetos de pesquisa, fundamentos lógicos**: a dialética entre perguntas e respostas. Chapecó: Argos, 2013.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **O Pequeno Príncipe**. Editora Agir. 48. ed. Rio de Janeiro, 2009.

SANTOS, B. d. **O fim do império cognitivo**: A afirmação das epistemologias do Sul. Edição Kindle : Autêntica Editora, 2019.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização**. São Paulo: Record, 2000.

SANTOS BS, ALMEIDA FILHO N. **A Universidade no século XXI**: para uma universidade nova. Coimbra: Almedina; 2008.

- SAVIANI, Dermeval. **A nova lei da educação: trajetória, limites e perspectivas**. 3 ed. São Paulo: Autores Associados, 1997.
- SCHELKY, Helmut. Die sozialen Folgen der Automatisierung ([tr.] **Los resultados sociales de la automatización**, Alemania, 1957.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez, 2007.
- SEN, Amartia. “**Culture and Development**”: World Bank Tokyo Meeting. Tokio; 2000
- SENNETT, Richard. **Respeito: a formação do caráter em um mundo desigual**. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- SOUSA, Eusébio Jorge Silveira de. POCHMANN, Márcio. Juventude e mercado de trabalho no Brasil: a crise reafirmando o subdesenvolvimento. In **Facetas do Trabalho no Brasil Contemporâneo** / Eugenia Troncoso Leone, Marcelo Weishaupt Proni (organizadores) – Curitiba: CRV | Campinas, SP: Unicamp. IE, 2021.
- SOUZA, Paulo Renato. **A Revolução gerenciada**. Editora Pearson. 1º edição, 2005.
- SPOSITO, Marília P. **Os jovens no Brasil: desigualdades multiplicadas e novas demandas políticas**. São Paulo, Ação Educativa, 2003.
- TARTUCE, G. L. **Jovens na transição escola-trabalho: tensões e intenções**. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2010.
- TENDLER, S. (Diretor). **Utopia e Barbárie** [Filme Cinematográfico]. Brasil, 2009.
- TRONCOSO, E.; WEISHAUP, L. M. (Org.). **Facetas do Trabalho no Brasil Contemporâneo**. Curitiba : CRV | Campinas, SP: Unicamp. IE, 2021.
- TROTSKY, L. **Uma Carta à Juventude** (kindle ed.), 1938.
- UNESCO. **Educação 2030: Declaração de Incheon e Marco de Ação para o cumprimento do Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 4**. UNESCO, 2016. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0024/002456/245656s.pdf>. Acesso em 10 de agosto de 2019.
- UNESCO. **Políticas públicas de/para/com juventudes**. Brasília: UNESCO, 2004. 304p. Disponível em: <https://feppj.files.wordpress.com/2007/12/unesco.pdf> . Acesso em 16 de maio de 2021.
- UNESCO. **Declaração mundial sobre educação para todos e plano de ação para satisfazer as necessidades básicas de aprendizagem**. UNESCO, 1990. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/declaracao-mundial-sobre-educacao-para-todos-conferencia-de-jomtien-1990> Acesso em 20 de novembro de 2020.
- URZÚA MARTÍNEZ, S. ¿Cómo marchan los jóvenes en el Chile de postdictadura?: Algunas notas acerca de la apropiación del espacio público y el uso político del cuerpo. **Última década**, 23(42), p.39-64, 2015.
- VULBEAU, Alain. « Une socialisation du troisième type. Revisiter les modèles classiques ». **Revue Informations sociales**, nº119, octobre 2004.

WAUTIER, A. M. Para uma Sociologia da Experiência. Uma leitura contemporânea: François Dubet. **Sociologias** [online], 9, 174-214, 2003. Acesso em 14 de junho de 2021, disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-45222003000100007>

WIDMER, E. L. **Young America: The Flowering of Democracy in New York City**. New York: Oxford University Press, 1999.

ZICCARDI, A. "Introdução: Chaves para a análise da participação cidadã e das políticas sociais no espaço local" In: ZICCARDI, Alicia (Coord.) **Participação cidadã e políticas sociais no nível local**, México, UNAM, Instituto de Social Pesquisa, Conselho Mexicano de Ciências Sociais, Instituto Nacional de Desenvolvimento Social, 2004.

SITES CONSULTADOS

Atlas das juventudes: <https://atlasdasjuventudes.com.br/>

IBGE: <http://www.ibge.gov.br>

IIEP UNESCO: <http://www.iiep.unesco.org/fr/>

IIEP UNESCO: <https://www.buenosaires.iiep.unesco.org/>

INEP: <https://www.gov.br/inep/pt-br>

INSTITUTO SOCIAL DO MERCOSUL: <http://www.ismercosur.org/pt/mercosul/>

IPEA: <http://www.ipea.gov.br>

Hoper Consultoria: <https://www.hoper.com.br/>

La Juventud y Las Naciones Unidas: <http://www.un.org>

Ministério da Educação: <http://portal.mec.gov.br/>

Organização Brasileira de Juventude: <http://www.ujs.org.br/index.asp>

Portal da Fundação Perseu Abramo: <http://www2.fpa.org.br>

PROJOVEM: <http://www.projovem.gov.br>

Secretaria Geral da Presidência da República: <http://www.presidencia.gov.br>

SciELO Brazil: <http://www.scielo.br>

UNESCO: [Brasília \(unesco.org\)](https://brasil.org.unesco.org/)

APÊNDICE A

Roteiros de entrevista

Possíveis perguntas

1. Nome completo
2. CPF
3. Cidade de Origem
4. Qual sua formação de graduação? Nome completo e nome da universidade
5. Você seguiu seus estudos. Conte um pouco sobre suas formações após a sua graduação.
6. Em qual Cidade realizou seus estudos de ensino médio?
7. Você conseguiu ter acesso a universidade na sua saída do ensino médio?
8. Se a resposta a pergunta acima foi **não** comente sobre sua trajetória, cursos feitos, números de anos até alcançar o acesso a universidade.
9. Você trabalhava e estudava?
 - a) parcialmente
 - b) trabalhava na universidade recebendo bolsas em programa de pesquisa
 - c) trabalhava em tempo integral e fazia ao mesmo tempo minha faculdade
 - d) Não trabalhei no período que estudei. Tinha reservas econômicas
 - e) Não trabalhei, fui sustentado por minha família.
10. A escolha do seu curso foi motivada
 - a) pelo seu sonho e sonho familiar
 - b) meu sonho somente.
 - c) pelo meu sonho e objetivos financeiros
 - d) tinha consciência que era um curso que teria dificuldade de encontrar trabalho
11. Você atua na área em que se graduou?
 - a) Não
 - b) Sim
 - c) Parcialmente, porque preciso realizar outros trabalhos para complementação de renda.
12. Ao longo de sua formação você pensou em trocar de formação?
 - a) Tentei muitas vezes, mas não consegui.
 - b) Tranquei para tentar outra profissão.
 - c) Finalizei, mas estou tentando outra profissão
13. O motivo da troca de profissão diz respeito a
 - a) Falta de oportunidade no mercado de trabalho.
 - b) Entrei na universidade consciente que o curso escolhido não era o que eu queria.
 - c) Ao longo de minha primeira formação descobri que não tinha vocação para a profissão que escolhi.
14. Quantos anos você já tem inserido no mercado de trabalho?

15. Nesse tempo você ficou desempregado? Descreva
16. Considerando seus colegas de turma, a sua situação de trabalho coincide com a realidade deles? Explique
17. Sobre as políticas afirmativas oferecidas nas universidades nesses últimos anos, de que maneira você as enxerga?
18. Você considera que construiu uma trajetória de sucesso em sua profissão? Descreva o motivo?
19. Se você considera que não construiu uma trajetória de sucesso em sua profissão o que você teria feito de diferente?
20. Qual a sua idade?
21. Você ainda se considera jovem?
22. Você encararia uma nova formação ou uma mudança radical em sua profissão? Por quais motivos?
23. Elenque 5 elementos que você considera importantes para sua plena cidadania depois dos estudos. Dito de outro modo, o que você esperava encontrar em seu futuro depois da universidade?
24. Durante seu percurso de estudos comigo escrevemos muitos textos, conhecemos muitos autores aprendemos a ser cidadãos críticos. Na sua trajetória alguma coisa da aprendizagem nesse tempo de formação foi útil para você?
25. O que você diria ao jovem que entrará na universidade em 2022 que você considera crucial para sucesso em sua trajetória?
26. Você acredita que a pandemia mudará o mercado de trabalho no qual você se insere ou se inserirá? De que maneira?

APÊNDICE B

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO(Da triagem)

Triagem Geográfica da Dinâmica Estudantil entre 1998 – 2021

Você está sendo convidado(a) para participar da Triagem para a pesquisa sobre a **TRAJETÓRIAS DAS JUVENTUDES EM TEMPOS SOMBRIOS: UM OLHAR PARA A EDUCAÇÃO E O TRABALHO DAS JUVENTUDES DO BRASIL**, onde avaliaremos a dinâmica geográfica dos estudantes desde o Ensino Médio ao momento posterior à graduação durante o intervalo de 1998 - 2021. A evolução, relativa aos conhecimentos científicos e desenvolvimentos de propostas de intervenção nas áreas das Ciências Sociais e da Educação com foco na juventude contemporânea, ocorrem por conta de estudos como este, por isso sua participação e a veracidade das informações é muito importante. O objetivo dessa pesquisa é traçar o perfil dos jovens que irão participar do questionário e entrevista da pesquisa que visa estudar a trajetória da juventude após a implantação do Exame Nacional do Ensino Médio, acompanhando as suas trajetórias desde a entrada na universidade até à sua saída para a inserção no mercado de trabalho. Para tanto, a triagem geográfica irá permitir traçar as rotas utilizadas pelos jovens conforme o desenvolvimento e amadurecimento da vida acadêmica e profissional, podendo as informações serem transcritas em gráficos, infográficos, tabelas ou mapas para melhor compreensão da dinâmica populacional. Após essa triagem você poderá ser contatado para responder à pesquisa junto ao agendamento de uma entrevista por videoconferência em plataforma virtual (Google Meet, Skype ou Zoom). Em média o tempo de preenchimento desse questionário é de 5 minutos. Você poderá interromper o questionário a qualquer momento sem qualquer prejuízo, caso tenha dúvida acerca de alguma pergunta ou sobre o estudo poderá solicitar auxílio da pesquisadora responsável nomeada na parte inferior desse termo.

Espera-se que a participação nessa pesquisa possa subsidiar informações para possíveis políticas públicas voltadas ao desenvolvimento social e educacional da juventude.

Você poderá obter todas as informações que quiser junto à pesquisadora e poderá não participar da pesquisa ou retirar seu consentimento a qualquer momento sem qualquer prejuízo. Pela sua participação no estudo, você não receberá qualquer valor em dinheiro, mas terá a garantia de que todas as despesas necessárias para a realização da pesquisa não serão de sua responsabilidade. Seu nome não aparecerá em qualquer momento do estudo pois você será identificado com um número. Os dados do inquérito serão mantidos sob a guarda da pesquisadora responsável, em arquivos, físico ou digital, por um período de cinco anos.

Título do Projeto: **TRAJETÓRIAS DAS JUVENTUDES EM TEMPOS SOMBRIOS: UM OLHAR PARA A EDUCAÇÃO E O TRABALHO DAS JUVENTUDES DO BRASIL.**

Eu, _____, declaro que li o Termo de Consentimento Livre e Esclarecimento, compreendi os objetivos do estudo e a qual procedimento serei submetido. A explicação que recebi esclarece os riscos e

benefícios do estudo. Eu entendi que sou livre para interromper minha participação a qualquer momento, sem justificar minha decisão. Sei que meu nome não será divulgado, que não terei despesas e não receberei dinheiro por participar do estudo. Eu concordo em participar do estudo. Receberei uma via deste Termo.

APÊNDICE C

PRODUÇÃO TEXTUAL DOS PARTICIPANTES

Participante 1

“

Viver e não ter a vergonha de ser feliz

A contemporaneidade brasileira foi permeada por diversos aspectos, novos e outros reavivados, que permitiu, principalmente aos jovens, vivenciar realidades ora nunca antes vistas, ora compartilhadas por gerações de outrora. Nesse ínterim, percebeu-se mudanças históricas no próprio viver, com a sexualidade humana e seus conceitos diariamente renovados, mudanças governamentais e o receio do totalitarismo, doenças devastadoras transformando as relações sociais e a iminência de uma Terceira Guerra Mundial.

É realidade que a sexualidade do ser humano se transformou ao longo das gerações, ou ao menos, se tornou melhor discutida e reconhecida. Hoje, a sigla LGBTQIA+ (lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, queer, intersexo, assexual e outros) que um dia era apenas GLS (gays, lésbicas e simpatizantes), integra mais do que apenas letras e conceitos, mas um movimento político e social para inclusão das questões de sexualidade e gênero no cotidiano de todos. Diante dessa luta por direitos de reconhecimento, os jovens desempenham papel fundamental, seja fazendo parte dessa parcela da população, seja sendo base para gerações futuras, uma vez que o preconceito e dificuldade de entendimento sobre esses conceitos ainda estão fortemente presentes, principalmente partindo das gerações passadas.

Ainda tendo como cerne o choque entre gerações, o jovem do Brasil contemporâneo vivenciou expectativas e frustrações do ponto de vista político, com a mudança entre governos populistas - estilo governamental perpetuado desde a Era Vargas - porém antagonísticos. Um pelas minorias, mas que ao perpetuar a máquina corrupta foi trocado por outro, pelo 'Brasil', porém, um Brasil também corrupto, mas dessa vez coadunando com a intolerância das gerações passadas ao fortalecer o racismo e a misoginia. A juventude, dessa forma, se encontra novamente com o peso da escolha e a necessidade de moldar o seu viver, tendo em mãos o poder do voto, ameaçado pelo atual governo. Faz-se mister compreender o passado, para perceber no presente o caminho a seguir, e não incorrer nos mesmos erros.

A contemporaneidade, porém, não trouxe apenas aspectos que dividiram as gerações, mas também que as uniram, apesar de ter sido através de tragédias. No ano de 2020, o mundo precisou se unir em isolamento social para combater a pandemia da COVID 19, doença que não escolhe faixa etária ou status social e transformou as relações entre todos. Em 2022, Rússia e Ucrânia entraram em guerra, iniciando um medo global por outra Guerra Nuclear. Estes acontecimentos, principalmente, colocam o jovem em perspectiva sobre as realizações da vida, e sobre o que de fato se torna importante. Não por acaso, novos empreendimentos, formas de viver e se relacionar surgiram ou se fortaleceram, como por exemplo, o trabalho remoto, permitindo a famílias permanecerem juntas.

A história do Brasil é marcada por lutas e conquistas sociais e políticas, principalmente nos anos 70/80, porém será inegável nos livros didáticos que o século XXI perpetuou essas mudanças e que o papel do jovem brasileiro se fez fundamental. Seja do ponto de vista social e político, seja do ponto de vista humanitário, percebe-se que a juventude, como sempre, se mostra como a base para se fazer a diferença. As modificações no viver se fazem diárias, e parafraseando Gonzaguinha, é necessário viver sem ter a vergonha de ser feliz bem como se manter sempre como um eterno aprendiz.

”

Participante 2

“

O que ser quando crescer?

No limiar do século XXI, ingressar em uma universidade ainda é o sonho de muitos brasileiros. Nesse sentido, as expectativas são construídas em busca de conhecimento e realização profissional através da educação. No entanto, a ausência de bons investimentos e de até mesmo oportunidades nesses espaços geram frustrações na realidade dessas juventudes.

Desde a primeira infância até a chegada da idade adulta as expectativas são criadas, talentos são revelados e o desejo de trilhar uma determinada área do conhecimento é despertada. Nesse contexto, no Brasil, para que isso se torne possível, as universidades transformam-se em porta de entrada para aquisição de conhecimento científico e acadêmico, além da realização profissional dos jovens. Para que isso aconteça, o Enem tornou-se a chave principal para que essas portas sejam abertas e associadas aos programas do SISU, PROUNI e FIES aumentou as chances de ingresso nesses espaços, até mesmo de âmbito privado.

Em contrapartida, ao vivenciar e conhecer as universidades brasileiras as frustrações são geradas visto que há uma redução nos investimentos públicos e sucateamento desses espaços. Isso é facilmente identificado nos últimos 5 anos em que os cortes orçamentários estão cada vez mais presentes, ameaçando assim o fechamento desses locais, como foi o caso recente da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), em 2021. Além disso, com os cortes nos programas assistenciais estudantis, participar das atividades acadêmicas torna-se difícil uma vez que não há investimento/retorno financeiro para o estudante sendo que o mesmo precisa de renda para manter-se. Dessa forma, a realidade transforma o sonho em pesadelos diários.

Para o filósofo Sêneca a educação exige os maiores cuidados porque influi sobre toda a vida. Portanto, a falta de zelo no meio pelo qual o futuro do amanhã é transformado dificulta o crescimento dos mesmos e a construção de um mundo melhor. Assim, perguntar a alguém sobre o que vai ser quando crescer talvez torne-se uma frustração quando não se há condições favoráveis para que a realização dos seus objetivos e sonhos sejam de fato efetivados.

”

Participante 3

A juventude por um triz.

A juventude, como qualquer outra fase da vida, é uma experiência individual e compartilhada. E dadas as especificidades da sobreposição dessas duas camadas, costumo desconfiar das análises generalizantes que parecem desconsiderar os múltiplos e interseccionais aspectos que atravessam as tantas realidades possíveis, sobretudo em um país como o Brasil, de recente democracia, com direitos em constante disputa e cujo escalonamento social é baseado numa cultura de privilégios e na invisibilização de desigualdades. A cada década, uma nova geração de jovens se inaugura e tantas coisas aproximam e afastam esses sujeitos.

Num contexto mais amplo, minha juventude se iniciou num cenário político de notáveis avanços: vi o país sair do mapa da fome, vi os resultados das políticas de cotas raciais nas universidades públicas, vi a primeira mulher ser eleita presidenta imediatamente após dois mandatos de um homem outrora metalúrgico ter sentado na mais alta cadeira do Poder Executivo, vi a expansão do poder de compra de pessoas historicamente marginalizadas, vi o fortalecimento de programas sociais da maior importância. Isso alimentou sonhos e expectativas, sobretudo profissionais, de um mundo mais aberto à diversidade e menos conservador e violento, mais maduro intelectualmente e mais empático. Havia em mim o anseio de receber também o convite para essa festa que em nenhum outro tempo tinha tido tantos parecidos comigo na pista de dança: pessoas de cidadania periférica, oriundas da classe trabalhadora, que andavam a pé ou de ônibus, que eram as primeiras de suas famílias a iniciarem ou a concluírem um curso de graduação.

Passado alguns anos e uma série de vivências acumuladas, permaneço experimentando a juventude – pelo menos é o que a sociedade me faz acreditar, já que aos 28, sem estabilidade financeira e sem filhos, ainda assim me categoriza – mas com as expectativas um pouco mais arrefecidas. O que de certa forma é natural, pois o nosso senso de realidade se apura com o passar da idade, mas também é estrutural, já que o Brasil permanece, e agora ainda mais, sendo um lugar em que as oportunidades exigem credenciais que não se adquire com um diploma (ou dois, ou três... Por via das dúvidas, estou providenciando o quarto), com otimismo ou com a roupa correta.

Sou fruto de um tempo com melhores perspectivas para quem veio de onde eu vim, é incontestável, e não quero soar ingrato ou por demais insatisfeito, mas concluo a minha reflexão dizendo aos jovens que eu, você, todos, todas, todes (olha eu aqui fazendo a generalização que, de partida, critiquei – posso colocar a instabilidade na conta da juventude ou a gente carrega isso por toda a vida?) estamos, como disseram jovens de tempos outros: por um triz. Sempre.

Participante 4

Expectativa versus realidade

O Brasil atual, apesar de ser um país democrático e em processo desenvolvimentista, enfrenta inúmeros impasses que impedem os brasileiros, em sua maioria jovens, de iniciar-se na vida adulta e ascender socialmente. É nessa perspectiva que as reflexões acerca da realidade do jovem que vive no Brasil e suas realizações, bem como expectativas e frustrações serão traçadas, haja vista a sua natureza social e contraditória.

Em primeiro plano, vale destacar que expectativas e frustrações fazem parte do cotidiano desses jovens. Nesse sentido, é esperado que após a maioridade e o término da educação básica, que eles encontrem empregos, se iniciem na faculdade, e se projetem a vida adulta. No entanto, essa realidade é dificultada pela pobreza e desemprego crescente, e por exigências trabalhistas que impedem a permanência em empregos já conquistados, seja por jornadas trabalhistas excessiva ou baixa remuneração. Dessa forma, a frustração é comum quando se trata da vida do jovem brasileiro e suas expectativas.

Outro aspecto relevante a ser considerado se refere às realizações do público juvenil para o bem comum. Assim, nota-se que essa parcela da população contribui, vigorosamente, para economia, educação, saúde, entre outras áreas, visto que essa geração tem uma íntima relação com a tecnologia, influência primordial para o melhoramento desses setores. Todavia, a realidade de muitos jovens é oposta do que se espera, uma vez que grande parte desses não possuem acesso à educação de qualidade e à internet. Dessa forma, apesar de toda contribuição, ela não é feita por todos os jovens, nem mesmo usada por eles.

Assim, medidas estratégicas são imprescindíveis para alterar esse panorama. É necessário que a inclusão digital seja realidade em todos os estados e se cidades brasileiras, que o desemprego não seja um fator limitante para o jovem. Além disso, espera-se que a inclusão destes ao mercado de trabalho seja facilitada e a ascensão social não seja algo de poucos. Logo, só assim a sociedade brasileira seria mais justa aos jovens atuais e aos futuros.

Participante 5

A visão do lado de cá

Partindo da ideia de que o mercado de trabalho está cada vez mais exigente, seletivo e estreito dentro da sociedade brasileira, nasce a necessidade de ingresso na universidade e as expectativas por um futuro mais clarividente se afluem, bem como a busca por um espaço mais amplo e que permita a flexibilidade em tal mercado. Entretanto, as expectativas são abaladas e desfeitas no momento em que saímos da universidade e partimos na busca de concretizar todo o nosso planejamento inicial, no qual notamos uma realidade muito mais pesada do que a imaginada a princípio, sendo que a oferta de vagas de emprego no setor público e privado é muito menor do que a quantidade de jovens que esperam por um emprego digno e financeiramente suficiente que garanta suas necessidades básicas. Outrossim, vale pontuar as dificuldades entre conciliar extensas jornadas de trabalho com os estudos, uma vez que o Estado não desenha políticas públicas que diminuam, por meio de leis, as extensas jornadas de trabalho que os jovens são obrigados a enfrentar, o que diminuiria a evasão dentro das universidades e criaria um cenário mais adequado para o desenvolvimento intelectual desse grupo em questão.

Por outro lado, a conquista do diploma é uma das realizações dos jovens que buscam, ou tentam buscar, uma segurança a mais dentro do mercado de trabalho, mesmo essa busca estando cada vez mais difícil dentro da nação verde e amarela. Nessa direção, o jovem espera que seu futuro depois da universidade seja cheio de conquistas profissionais e maior conforto financeiro para si e para sua família.

Nesse ínterim, o ingresso do jovem na universidade deve ser levado a sério por ele e seu comprometimento com seus estudos, cada vez mais, o levará em direção ao sucesso em sua trajetória como estudante que é e como futuro profissional. Além disso, outro ponto que deve ser levado em consideração são as mudanças contínuas acarretadas pela pandemia do coronavírus, na qual exigem do futuro profissional a habilidade de resiliência, flexibilidade e capacidade de adaptação em sua área de trabalho.

Participante 6

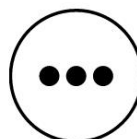
O medo cega

As últimas décadas proporcionaram no Brasil vivências e experiências plurais em diversos âmbitos sociais, fossem eles políticos, econômicos ou culturais. Nascer e crescer em um cenário de mudanças tão significativas, ver a pluralidade de perspectivas se alterarem ao longo dos anos, tornam a construção de expectativas algo que se modifica de tempos em tempos, sendo essas expectativas diretamente influenciadas também pelas frustrações com as quais os jovens no país são obrigados a lidar diariamente. Nesse contexto, crescer alicerçado pelos anseios de como viver bem uma juventude e com a necessidade de aprender a lidar com frustrações, se aprende a conviver com a realidade que se é inserido e a reconhecer as realizações que se adquire no processo.

O ideal de vida proporcionado pelas experiências de quem cresceu no fim do século XX e início do século XXI, dentro de mudanças políticas e ascensão econômica da classe média, tornou possível a construção de expectativas promissoras em relação ao futuro. Amadurecer dentro de um cenário de criação de políticas públicas voltadas para o amparo social, que incentivavam constantemente a inserção da população dentro de um padrão de vida digno, com ações voltadas principalmente para a qualidade de ensino e educação profissional, atrelada aos esforços em diminuir a pobreza no Brasil, tornou possível ao jovem buscar sonhos que às gerações anteriores não era possível, mesmo que as razões que tornaram esses sonhos realizáveis não fossem reconhecidos conscientemente àquela altura. A possibilidade de escolher seu futuro, entre ser engenheira, musicista ou médica, viajar o mundo ou simplesmente construir uma vida em algum lugar que te acolha, expectativas sustentadas por um ambiente fértil para sonhos: a abertura de diversas universidades federais de qualidade, com programas de assistências sócias, projetos como Ciência Sem Fronteiras, programa Mais Médicos, tornou o irreal algo palpável e alcançável.

Com o passar dos anos, as expectativas para o futuro podem acabar se transformando em frustrações, quando se percebe o quão difícil é lidar e entender a complexidade que há em se buscar realizar projetos na prática. No Brasil, a instabilidade política envolvendo crises ideológicas e econômicas a partir da segunda década do séc. XXI, o golpe político 2016 e todos os problemas que o antecederam, mostra a fragilidade política no país e coloca o jovem brasileiro como protagonista em um cenário de insegurança. Além disso, a vida dentro da universidade e todos os problemas psicológicos que ela pode trazer, como ansiedade e depressão, faz romper parte da idealização de como poderia ser percorrer todo esse caminho. Nesse contexto, a escolha da medicina como carreira, antes iluminada pelo deslumbre e beleza que a profissão emana, surpreende na prática quando se mostra um caminho desgastante e insalubre, e mesmo assim belo.

O choque entre o que se foi possível sonhar há 20 anos, com o claro retrocesso político e ideológico que se vivencia no Brasil contemporâneo torna a realidade algo que pode ser desconfortável e até assustador. Mas mesmo com o medo, a maturidade trazida pelas vivências do jovem no país, a frustração com o presente acaba por se tornar um fato que não necessariamente precisa se associar a algo negativo. Aprender a viver frente ao que é real de maneira plena se torna imprescindível para a continuidade da jornada que se propôs a percorrer. O aprendizado que possibilita a não romantização de sacrifícios pessoais dentro de escolhas profissionais que atualmente prioriza rotinas dolorosas, é um



“

ponto necessário que vai de encontro com o que o mercado de trabalho e político atual tentam forçar os jovens a se adaptar. Além disso, a insatisfação com a realidade política e econômica do país pode ser o principal impulso necessário pela busca de mudanças que o país anseia.

Ainda que inserido em um cenário político caótico e genocida, viver e reconhecer as realizações que foram possíveis até esse ponto são de extrema importância. Foram anos de estudo e dedicação a algo que se concretiza a cada dia e, apesar dos problemas, foram anos vividos de forma honesta e intensa que já proporcionam a colheita de bons frutos e importantes histórias. A certeza das escolhas certas, do caminho correto e dos esforços recompensados dentro dos estudos, profissionalmente e socialmente se refletem nas realizações já conquistadas, sejam elas no orgulho de se estar conseguindo terminar a faculdade ou até mesmo em reconhecer o quão grande, difícil e significativo é chegar a esse estágio.

Mesmo com todo o caminho já percorrido, o anseio com o futuro ainda assunta, principalmente com a realidade que o jovem brasileiro é obrigado a lidar atualmente. O medo das frustrações limita a criação de novas expectativas e a realidade do dia a dia acaba por frear sonhos que deveriam incentivados. Dessa forma, parafraseando Saramago quando se diz que o medo cega e fará continuarmos cegos se com ele permanecermos, a coragem e a ambição de continuar crescendo é imprescindível para que possamos contemplar as expectativas antigas e continuarmos renovando os sonhos e a vontade de realizá-los com o passar dos anos.

”

Participante 7

Carta de uma jovem doutoranda brasileira

Não me considero uma pessoa apaixonada. Na infância não me lembro de ter música, cor, atividade ou matéria preferida. Sempre soube o que não gostava, mas de resto me adaptava bem. Não obstante dessa realidade, não cresci com a resposta aquela típica frase de “o que você vai ser quando crescer?” A única coisa que sempre me fez sentido foi: o que eu escolhesse deveria me dedicar, ser boa, me tomar uma referência na área. Para mim, isso significaria sucesso profissional.

Meu ano do vestibular, foi marcado por uma mudança do processo seletivo, entre 2013/2014 as universidades públicas adotaram como único método de egresso a nota do ENEM. Isso permitia com que não houvesse vínculo formal predeterminado a uma universidade ou a um curso, e que a depender da pontuação e da concorrência, existiam inúmeras possibilidades de escolha. Por influência de familiares e experiência de um processo marcante de saúde/doença na família a escolha era medicina, mas minha pontuação me permitia cursar Odontologia na Universidade Federal da Bahia.

Assim feito, mesmo contrariada por não ser minha principal escolha, estava aberta a novas perspectivas. Descobri, que assim como eu, muitos outros egressos do semestre de 2014.1 seguiam o mesmo plano, não entendíamos naquele momento o reflexo desse novo processo seletivo para a universidade. No primeiro ano do curso, muitos professores referiam a turma como desinteressados e ausentes. A taxa de desistência foi altíssima. De 60 alunos egressos em 2014.1, formamos apenas 22. Os perseverantes desses 5 anos de curso foram posteriormente considerados como de alta qualidade e entendiam de fato seu papel dentro da universidade.

Para mim, esse entendimento foi gradual. Ainda no primeiro semestre fiz uma tentativa para medicina, não passei por pouco. Mas ao mesmo tempo, conheci novas áreas, que não imaginava na odontologia, observei novas possibilidades e me desenvolvia muito bem com os requisitos manuais e intelectuais do curso. E apesar de ser chocante as dificuldades da universidade pública, os horizontes, a diversidade e a qualidade acadêmica encantavam. Assim fiquei. Seguindo os princípios esperados por mim acima descritos, decidi aproveitar ao máximo o curso, realizei diversas monitorias, fui bolsista de iniciação científica por 3 anos, fiz diversos estágios, cursei disciplinas optativas além do solicitado.

Uma característica que não contei ainda sobre mim é que preciso sempre me planejar, isso me traz muita segurança emocional. Cada semestre mais próximo da formatura, sabia o que não queria fazer e estudava minhas possibilidades. Eu não podia sair da faculdade sem rumo. Escolhi como especialidade a Estomatologia, responsável pelo diagnóstico e tratamento de doenças orais. Nessa área, não muito conhecida, via que minha qualificação se daria através de pós-graduação *strictu sensu*, mesmo sabendo que meu enfoque principal não era e nem nunca foi a doença.

Passei no programa de Estomatopatologia da Faculdade de Odontologia de Piracicaba (Fop-Unicamp), um dos melhores do país, com ensino de alta qualidade (nota 6 CAPES) e boas perspectivas de financiamento para pesquisa, mesmo no Brasil. Meu projeto de pesquisa era vinculado a um hospital oncológico público da capital paulista, o



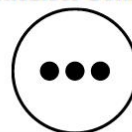
que me dava qualificação clínica associada a acadêmica. Minha rotina nesses dois anos de mestrado era exclusivamente, de segunda a sexta, assistência clínica no hospital com desenvolvimento da pesquisa de 8 horas da manhã as 18 horas da noite, e produção de textos científicos, seminários e participação nas disciplinas, nas outras horas disponíveis.

Presenciei experiências lindas ao lado dos pacientes, mas dias áridos que se intensificaram com a pandemia do COVID-19 em 2020. Quando comecei a sentir ainda mais o quanto a ciência é desvalorizada em nosso país por mais que ela seja necessária. A rotina hospitalar continuava intensamente, sem direito a assistências como auxílio financeiro extra do governo a estudantes de saúde, ou algum tipo de auxílio saúde oferecido pelo hospital, afinal, eu não era contratada, não era residente, oficialmente eu estava ali apenas como uma pesquisadora. Apesar do medo das incertezas, isso não me impediu de continuar, foi uma oportunidade incrível de estar inserida em um ambiente hospitalar no meio de uma pandemia.

Assim como um reflexo da pandemia em muitas pessoas, iniciei com um questionamento de o que seria para mim sucesso, agora não só profissional, mas de vida. Até quanto ou quando estaria disposta a certas situações. Depois de muita terapia, discussões e reflexões, optei por retornar a Salvador ao final do mestrado. Não estava feliz ali, queria estar perto da família, ter uma rotina saudável físico e emocionalmente. Tive apoio de muitos colegas, familiares e principalmente do meu orientador que acolheu esse sentimento e construiu comigo um novo processo de reflexões.

Bom, mas talvez a pergunta que persistia era: “ e minhas perspectivas profissionais iniciais, como ficam? ”. Consegui ter inteligência emocional para entender que abrir mão de certas coisas em prol de saúde emocional não me faria menos qualificada profissionalmente, afinal, eu sou a principal responsável pela construção do meu conhecimento. Saía do mestrado com experiência clínica diferenciada, vivência hospitalar, publicações importantes e com uma pesquisa clínica reconhecida e premiada internacionalmente, grandes conquistas para um estudante de mestrado. Além disso, havia uma base sólida para a mudança, retornei já matriculada no Doutorado em diagnóstico oral da UFBA. Onde apesar de maiores dificuldades estruturais, continuaria com ótimos alicieiros para a construção profissional. Percebi também que retornando conseguiria associar a outras necessidades práticas e ter novas vivências profissionais que só seriam possibilitadas aqui e tão importantes quanto as anteriores. Mas como já imaginava novos desafios, frustrações e diferentes perspectivas viriam. Entre elas a percepção que adquiri com o tempo, que o sucesso profissional se pauta também na remuneração salarial.

Sempre considerei a remuneração como secundária, como um reflexo da qualidade do nosso trabalho. Me imaginava aos 28 anos independente financeiramente, mas a realidade é outra. Até então recebo bolsa do governo (R\$1500,00 mestrado e R\$2.200,00 doutorado) que concordamos que significa uma mão de obra qualificada, muito barata, exclusiva e menosprezada pelo governo. Extremamente desmotivante, afinal, existe trabalho e produção, assim como em diversas áreas. Mesmo me qualificando através de pós-graduação com enfoque acadêmico, já entendia desde a graduação que não posso pautar a vida apenas na espera de concurso público acadêmico, pelo cenário político brasileiro e pelos diversos fatores que norteiam esse tipo de concurso. Como esperança



“

essa área ainda é uma possibilidade viável e reconhecida caso opte futuramente por carreira internacional.

Continuando com a busca da realização financeira, tenho procurado por contratação em área hospitalar. Mas me deparei com outra dura realidade do brasileiro: ter uma indicação de alto escalão vale tanto quanto ou até mais que um currículo bem preparado. Isso me faz questionar o quanto de fato vale a nossa qualificação e mais uma vez me frustra. Continuarei a apostar na construção da prática clínica pessoal, mas, no entanto, ainda entendendo como um vir a ser, que necessitará de muito investimento de tempo e também financeiro.

Espero que desta leitura se entenda as expectativas, frustrações e realidades de uma jovem brasileira acadêmica da área da saúde que ressignifica a todo instante o conceito de sucesso. Conquistas ocorreram ao longo do tempo, mas ter muito amor pelo que faz, otimismo para acreditar nas incertezas da vida e que o reflexo de todo o esforço aparecerá com bons frutos, me motiva a ir adiante torcendo sempre pelo melhor.

”

Participante 8

“

O jovem é o reflexo do sistema.

Os jovens do mundo contemporâneo são os reflexos da constante busca por uma sociedade livre, isonômica e, principalmente, democrática, porém sem divergir da sua base familiar. Desde os tempos antigos, nossos ancestrais lutavam por estes direitos sociais, que são, atualmente, assegurados em diversos diplomas legais e, frequentemente, utilizados como fundamentos para implantações de políticas públicas.

Por mais que estes jovens sejam livres para escolherem seus caminhos e ideologias, não é fácil se desprender de uma estrutura parental, a qual estejam intrínsecos aos ideais de seus educadores, sendo comum seguirem o mesmo caminho, tal como na religião, opinião política, e, até mesmo, sobre o futuro profissional e familiar. Destaca-se que, normalmente, filhos de empresários, advogados, médicos, funcionários públicos, etc. tendem a herdar as características, ânsia por estabilidade, entre outros aspectos dos seus acidentados.

Entretanto, a evolução e a busca por esta “felicidade” ditada, de se ter uma profissão estável de renomado *status* social, pode ocasionar um retardamento pela real felicidade de cada indivíduo, a qual nos tempos antigos era, simplesmente, de se constituir uma família e viver. Desta forma, é mais comum se deparar com frustrações, infelicidade e, principalmente, com doenças psicológicas desenvolvidas pelas altas expectativas sociais sobre o jovem que não consegue atingir os objetivos para ele traçados.

Destarte, a realidade é que somos maquetes do sistema, resultado do que nós mesmos buscamos durante séculos, a maioria dos seres humanos são influenciáveis. Felizes, são os que não seguem os padrões intrínsecos pela sociedade, que divergem do sistema e buscam apenas viver, e não sobreviver.

”

Participante 9

“

Grito de indecência

A expectativa da maioria dos jovens ao terminar a faculdade é poder conseguir um emprego e usufruir do suor do seu trabalho. Chegamos ao mercado de trabalho cheios de sonhos e com o sangue fervendo para colocar em prática tudo aquilo que aprendemos durante longos anos de abdições e estudos.

Porém, seja por questões políticas, sociais ou econômicas, nem sempre essas expectativas são alcançadas. Na maioria das vezes, estamos aptos para ser agentes de transformação no nosso meio, mas encaramos a difícil realidade de sermos inseridos no mercado de trabalho. No Brasil, são poucas as profissões nas quais o jovem já sai empregado.

Assim como em 07 de Setembro de 1822, às margens do Rio Ipiranga, Dom Pedro 1º soltou o grito de independência, o jovem brasileiro no começo da sua jornada busca alcançar a sua independência financeira e social ao tentar se libertar dos padrões e métricas impostos pela sociedade para alcançar o seu protagonismo.

Mas, ainda assim, conseguir passar por todo esse árduo caminho já é uma conquista. Saber que somos o futuro da nação, que podemos transformar a sociedade em um mundo melhor com todas as nossas habilidades, experiências e vivências e que estamos conquistando cada vez mais o nosso espaço, é uma resposta à nossa luta diária por soltar o nosso grito de independência.

”

Participante 10

“

Por caminhos diferentes

Ninguém é igual a ninguém, disse o poeta Carlos Drummond de Andrade. Mas vou além ao afirmar que, indubitavelmente, nossa singularidade também está delineada ao traçarmos nossas histórias. Na atual conjuntura brasileira, a idealização de um sonho está intrinsecamente relacionada não tão somente às nossas expectativas, como também a possivelmente frustrações nas mais variadas formas e dimensões. Entre realidades e realizações, nos defrontamos com um cenário de assimetrias sociais e estruturais transfiguradas em verdadeiras pedras em nossos caminhos.

Ao longo da minha vida, convivi com o sonho em cursar Medicina. Não foi fácil. Na sucessão dos acontecimentos, a caminhada até a aprovação foi cheia de sinuosidades, em um embate entre expectativas e frustrações. Os abismos de um país que pouco investe em educação, enquanto pilar e sustentáculo de muitas nações, impactaram direta e indiretamente no meu ingresso à universidade. Em muitas circunstâncias, me fiz o mesmo questionamento autorreflexivo da socióloga alemã, Hannah Arendt: “O que eu estou fazendo aqui?”. Encontrei as mais diversas respostas para esta premissa com as experiências vividas percorrendo caminhos diferentes na sinergia da realização de um sonho.

Outrossim, a imprescindibilidade em se contrariar o determinismo social brasileiro é, em sua essência, um imperativo categórico. Nesta direção, debate a respeito da situação regressiva das políticas educacionais e das políticas sociais no Brasil, no contexto da crise e da ruptura política, tem ressaltado com veemência tanto a condição geral de ameaça, quanto as erosões, desconstruções e anulações de aspectos de tais políticas que eram entendidos não só como avanços e conquistas pontuais, mas também um novo patamar histórico, um “marco de não retorno” para a juventude da nação verde-amarela. De fato, não haverá borboletas se o arcabouço histórico não passar por longas e silenciosas metamorfoses.

As incertezas e as privações que acontecem na vida de um jovem o desestimulam a compor ambientes no qual não se sentem pertencentes pela falta de interesse na realidade que os cercam. Para tanto, a juventude é o espelho retrovisor da sociedade. Em cada tempo e lugar, fatores históricos, estruturais e conjunturais definem a vulnerabilidade e potencialidades das juventudes. Neste parâmetro, a nacionalização de direitos para todo e qualquer jovem, independentemente do seu contexto, raça e renda, para que este seja capaz de seguir o caminho que pensou para si mesmo, é o que precisamos fazer enquanto sociedade. Por caminhos diferentes, mas sob um mesmo propósito: a educação para todos.

”

Participante 11

Primeiro e Segundo mandamentos

O nome “Ramires” foi uma homenagem ao jogador mexicano que disputava a copa do mundo de futebol de 1994. Tal homenagem, veio com a esperança por parte dos meus pais de que eu seguisse similar carreira e conseguisse angariar feitos importantes como o jogador mexicano.

Realidade: não consigo trocar dois ou três passos com uma bola aos pés.

Assim como o Ramires jogador, eu lutei e conquistei o mundo com uma seleção, mas, diferentemente dele, minha seleção foi de pessoas que investiram na minha educação como arma transformadora do meio à minha volta. Desde meus pais, com o apoio emocional e financeiro, até as minhas incontáveis professoras, sim, mulheres em sua imensa maioria, com suas dedicações e expertise em entregar o seu melhor em suas respectivas áreas.

Desde o êxodo do interior da Bahia, há 10 anos, para estudar em cidades maiores e poder conquistar o sonho da universidade, cruzei com pessoas incríveis que me escupiram e me fizeram perceber que o mundo é e deve ser muito maior que a nossa bolha pessoal. Essas pessoas, como verdadeiras altruístas, enxergam o mundo globalizado e percebem que precisam transpassar para outras pessoas seus ideais de união, transformação e fraternidade para com nossos irmãos, principalmente aqueles que mais precisam.

Foi assim que conquistei o sonho de exercer a medicina, formado em universidade pública e valorizando o sistema único de saúde – SUS brasileiro. Diante de um sistema tão sucateado e sobrecarregado, ainda mais nesses tempos pandêmicos, somente com muita fé, coragem e perseverança poderemos continuar acreditando que o SUS é um dos maiores ganhos que os brasileiros conquistaram e construíram na sua recente história democrática. Mesmo assim, a luta deve ser diária pois, os agentes do caos trabalham diariamente na desconstrução desde belo trabalho da sociedade e lançam dúvida sobre a real necessidade e qualidade do sistema. Toda essa problemática envolve essencialmente a valorização do privado em detrimento do público, sendo que eles não compreendem que a convivência sinérgica e harmônica é e deve ser prioridade entre os sistemas público e privado.

Muitas dessas condições atuais de país que estamos vivendo, devemos ao avanço do extremismo, de ambos os lados, no campo da política brasileira. Tal ação, faz com que os opostos não consigam conversar civilizadamente e construam um ponto em comum para o bem da sociedade. Toda essa dicotomia política respinga nos grupos sociais, nas famílias e nas diversas classes constituintes da nação. Não conseguimos nos entender mais. Ou somos “A” ou somos “C”, ser “B” atualmente virou um motivo de revolta de ambos os lados.

Essa radicalização afetou e se escancarou em muito na área da saúde durante essa pandemia. Foi muito difícil ter que encarar com 5 meses de formado uma pandemia onde o principal vilão não estava sendo combatido pelos nossos representantes, pelo contrário, existiam propagandas em defesa do “vilão” vírus. Diante de tal problemática, nós da área da saúde sentíamos traídos, ao mesmo tempo exaustos de explicar o óbvio e ainda defender a ciência, como se o óbvio fosse que a terra é plana.

Analisando a conjuntura mundial, fica nítido que a radicalização aconteceu em grande parte do planeta, encorajados por líderes irresponsáveis, que bebem da fonte do radicalismo e não tem respeito com vidas humanas, tudo isso, sendo propagado por mídias obscuras de redes sociais sem o mínimo de controle, onde qualquer um pode dizer o que pensa mesmo que esse pensamento venha a ferir e, até mesmo, matar milhões de pessoas.



“

No bojo dessa conjuntura, se faz necessário permanecêssemos unidos em torno do ideal do bem comum, onde todos terão seus direitos preservados, inclusive de livre expressão, desde que sua expressão não coloque em risco ou agrida a vida de outros, onde poderemos exercer o debate de ideias e chegar num ponto em comum, sem ter que excluir ou sacrificar o diferente apenas por ele ser diferente. O respeito mútuo nunca se fez tão necessário.

Com respaldo nesses princípios fraternais que devemos exercer nossas profissões e encorajar nossas amizades. É assim que vamos construir um país melhor, que acolha os mais necessitados e lhe proporcione melhores condições de ascensão. Sem uma política acolhedora nenhuma sociedade alcança o êxito e, acolher, nesse contexto, não depende de políticos unicamente, depende de nós com sociedade, como povo, sermos realmente irmãos e nos sentarmos para conversar civilizadamente sobre nossas diferenças, acolhermos quando a necessidade se faz presente, empurrar para voos maiores quando chegar a hora de voar.

Somente com ações como estas chegaremos à máxima da sociedade rica. Riqueza não deveria ser mensurada apenas por valores financeiro, e sim por valores sociais de afeto e compaixão com o próximo. Afinal, defende-se tanto a família tradicional com base nas escrituras do velho testamento bíblico, mas esquecem que a mesma bíblia nos inspira e nos incentiva a amar a deus sobre todas as coisas e, não menos importante, amar o próximo como a nós mesmos.

”

Participante 12

“

Uma sobrevivente

O caminho da academia é quase sempre o destino comum dos que são criados por pais e mães que veem na educação a alternativa do sucesso dos seus filhos. Apesar disso, essa não é a realidade de uma grande maioria de jovens que são arrastados para o mercado de trabalho e que como eu, tardiamente, tem a oportunidade de realizar seus estudos.

Eu, posso dizer que aprendi com a vida. Em cada loja que trabalhei, em cada vitrine que arrumei, em cada venda feita fica uma lição. De cada trabalho para pagar as contas da casa sustentada por mãe que é mãe e pai, às jornadas de gestão de eventos por todo o Brasil aprendi a ler o mundo sem ler muito o mundo das palavras. Aprendi, como define Drummond, de um jeito meio torto, mesmo assim aprendi na prática, no terreno, no ato de fazer. Isso fez de mim uma boa profissional, mas não fez de mim uma pessoa completa. Por isso, sempre ficava uma saudade do que não fui ao ver aquelas jovens com seus cadernos e discursos complicados que pegavam o mesmo ônibus que eu para ir ao CEFET de Santo Amaro ou para ir a Salvador fazer faculdade enquanto todo dia eu ia trabalhar no comércio.

No percurso, muitas formações, muitos prêmios de funcionária do mês, mas a faculdade veio tardiamente quando eu coordenava a logística e a agenda de jovens e mesmo de adultos que entravam na faculdade pelo curso onde eu trabalhava. Depois de um grande incentivo da coordenação, fiz Enem, cursei faculdade – pena que com a crise do COVID não pude estudar presencialmente no curso que ansiava - mas combati o bom combate terminei a graduação e guardei a fé.

Minha expectativa é bem longe da realidade. A minha realidade é de lutar para pagar a escola do meu filho, a faculdade que terminei, um mestrado que entrei e não tenho como cursar. É verdade que muitas políticas vieram para ajudar os jovens, mas é importante lembrar que haviam jovens que estavam numa condição tão precária e frágil que não tiveram tempo de alcançar essas políticas. Por exemplo, quando eu consegui terminar a minha faculdade as chances já estavam no que estamos hoje.

Eu não sou frustrada, mas não posso dizer que alcancei os meus sonhos de jovens. Eu sobrevivi, mais continuo com a fé de viver tudo que sonhei.

”

Participante 13

“

O poder do sonho

Na presente realidade brasileira, num cenário histórico social atípico, a juventude contemporânea se depara com experiências peculiares no contexto educacional. Muito além de suas expectativas, o caminho que cada um decide trilhar revela frustrações, e traz à tona a árdua realidade da educação brasileira. Ainda assim, contornando todos os obstáculos desse sistema, muitos são capazes de conquistar feitos inimagináveis e tirar do papel os sonhos que um dia escreveram para suas vidas.

Toda criança um dia já brincou de ser adulto, talvez tenha imaginado uma casa, um trabalho, uma família, e com o tempo essas imaginações amadurecem e tornam-se planos, metas, expectativas. Na maioria das vezes esses planos começam a partir de uma formação, que de fato costuma ser o primeiro passo para a vida adulta. Na infância, ainda inocentes, muitas são as opções – policial, astronauta, jogador de futebol, bombeiro, médico – mas com o passar do tempo e com a influência da sociedade as opções se afunilam e surge uma cobrança precoce por uma decisão que será carregada por toda a vida.

Ainda no ensino médio, aos jovens são apresentados uma série de disciplinas, assuntos, fórmulas que ecoarão em suas mentes até o dia do vestibular, sem que em algum momento tenha sido ensinado como viver a vida adulta. Dessa forma, as frustrações tornam-se evidentes: “e se eu ainda não souber o que fazer?”, “e se eu não passar no vestibular?”, “e se eu não quiser entrar numa universidade?”. São tantas as indagações que se passam na mente de um jovem nessa fase. Ademais, não encontram na escola suporte para essas dúvidas, e ao invés de aprenderem inteligência financeira, empreendedorismo, inovação, oratória ou tantas outras habilidades fundamentais, estão decorando a tabela periódica ou como calcular a velocidade de um satélite em órbita. Alguns desistirão na metade do caminho, outros tomarão outro rumo, mas alguns ainda enfrentarão mais desafios continuando a jornada acadêmica na universidade.

Concluído o ensino médio, e tendo decidido pela jornada acadêmica, os jovens se submeterão ao vestibular. Nesse momento, encontra-se mais um obstáculo no caminho da juventude: o acesso à universidade na maioria das vezes se dá por um modelo de competição – conquista a vaga quem obtiver as maiores notas. E dessa forma serão reveladas as desigualdades socioeducacionais do país. Pois, as maiores médias do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) são obtidas por alunos de colégios particulares,



”

“

revela o ranking do ENEM, segundo o Ministério da Educação. No intuito de dirimir essas desigualdades foram criados os programas de cotas, que, apesar de aumentar o número de alunos de escolas públicas nas universidades, não resolveu o problema em seu cerne.

Passada essa fase, já na universidade, os desafios serão outros. As desigualdades se acentuam, diversos perfis sociais estarão dividindo uma mesma classe. Enquanto uns gozarão da dependência paterna, outros terão que sustentar sua própria família. Assim, seguirão suas jornadas, quebrando as barreiras inerentes a cada situação, porque assim escolheram e mantiveram-se determinados a concluir suas missões, na expectativa de formar-se e então dar continuidade aos sonhos de suas vidas. Afinal, não atoa foram sonhados, senão para se tornarem realidade.

”

Participante 14

“

É fato que o Brasil se encontra mergulhado em diversas crises, não apenas, a mais evidente que é a da pandemia provocada pelo Coronavírus, mas também uma crise política e de segurança. Desde o golpe sofrido em 2016, ocorre uma massiva retirada e ataque aos Direitos Humanos, que muda a percepção do cidadão para com o futuro e para com o próprio presente. Desse modo, desde a perspectiva de trabalho, passando pela qualidade de vida e chegando à saúde mental, todos esses aspectos são afetados nos brasileiros devido à situação contemporânea.

Na cultura brasileira é comum e amplamente divulgado que o brasileiro tem ótima capacidade para se reinventar. Contudo, em um contexto em que os direitos básicos não são garantidos e sem o suporte adequado para os cidadãos, o brasileiro se reinventa ultrapassando a interpretação de desenvolver novas habilidades ou encontrar novas soluções criativas, mas a reinvenção, por várias vezes, indicada um Estado omissivo e revela também o mito da meritocracia enraizado na cultura, situação que milhões de brasileiros não deveriam estar expostos.

Um outro ponto, é que mesmo com o advento da informação nos meios digitais, e a luta para a consolidação dos Direitos, em consonância com a tentativa de evitar os efeitos causados pelos ataques feitos aos Direitos Humanos e a sociedade na sua completude, ainda existe uma apatia social, que coexiste com o cenário de luta que torna o firmamento da Carta Magna um processo lento.

Nesse caminho, pela análise histórica é de se pensar que o Brasil nunca foi pensado verdadeiramente para os brasileiros, nesse sentido, mudanças relativas começaram a ocorrer pós redemocratização, mas que ainda não são suficientes para o estabelecimento de um Estado forte, como também, para o desenvolvimento e fortalecimento de uma crítica social embasada na formação do Brasil e do que é ser brasileiro.

A política tem influência direta sobre os diversos âmbitos sociais, e no quesito trabalho, o Estado deve garantir condições dignas, além de oportunidades de trabalho e capacitação para eles. Atualmente existe uma lógica invertida em que as empresas detêm o Estado e não ao contrário, isso já foi demonstrado no livro “Chutando a escada: a estratégia do desenvolvimento em perspectiva histórica”, e o Brasil inserido nesse contexto e aliado a uma percepção deficiente dos indivíduos sobre o que o Estado deveria fazer, cria-se condutas que impedem o desenvolvimento em todos os âmbitos dos cidadãos e um cansaço social.

Cabe acrescentar, que é alto o número de desalentados, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad) esse número chegou a quase 6 milhões durante a fase mais grave da pandemia e atualmente está em 4,8 milhões e 12 milhões de desempregados, considerando que prevalece uma população jovem e apta ao trabalho é fundamental o investimento para empregos dignos e qualidade de vida.

Portanto, mesmo diante de um cenário conturbado e cheio de avanços e retrocessos, mudanças sociais vêm ocorrendo para desconstruir um Brasil para poucos, mesmo que em passos pequenos, mas com a esperança que uma conjuntura de respeito, equidade, conhecimento e reconhecimento sejam plenamente estabelecidos para futuros extraordinários.

”

Participante 15

“

(Mais um) Retrato de uma mulher jovem no Brasil contemporâneo

Ser jovem no Brasil é um desafio constante, tanto para as pessoas que se dão conta desse desafio, quanto para as que vivem na inércia e contentam-se com isso, sem saber – nem sentir – que a vida poderia ser melhor em muitos aspectos.

Agora, que já estou quase saindo da juventude, olho para trás e observo a minha história. Não tenho como dizer que eu faria as coisas diferentes, porque todas as minhas ações me levaram ao que sou hoje, e porque as fiz baseada no que eu conhecia. MAS, certamente, gostaria que me tivessem sido oferecidas mais oportunidades.

Sou uma mulher cis, nordestina do interior, parda, com uma deficiência auditiva, filha de uma família de classe média, e parte da comunidade LGBTQIA+. Essas definições sociais, agora postas de maneira clara, na época da minha infância e adolescência, não eram tão fáceis de significar.

Nasci em 1990, poucos anos depois da redemocratização no Brasil, um ano depois da queda do muro de Berlim. Minha geração, chamada de Millennials ou Y, foi a primeira que nasceu em um mudo digital, que conheceu o celular e os aplicativos de mensagens desde a infância.

Foi a primeira – graças a todas as lutas que nos antecederam – que consegui colocar em evidência no debate político da elite dominante temas como racismo estrutural, homofobia e desenvolvimento sustentável. Acredito que essa conquista é consequência da globalização das comunicações (que não descolonizou o mundo, preciso deixar claro).

Fomos nós, também, a geração que começou a ser pressionada por uma exigência de produtividade (tóxica, em grande medida), por uma necessidade de destaque disfarçada de “empoderamento”, “protagonismo”, “Forbes Under 30”, “independência”, “inovação”, “metas e entregas constantes”, “destaque”, etc. Para as gerações anteriores, um trabalho estável e uma família heteronormativa já eram os sinônimos de sucesso necessários para aceitação social, já significavam o “venceu na vida”.

Ao mesmo tempo que me sinto orgulhosa por fazer parte de uma geração tão transformadora, preocupada com a sustentabilidade e com a melhoria da comunidade, me sinto bastante frustrada com a maneira com que essas exigências sociais foram



”

“

colocadas em nós, sem que nos fossem oferecidas oportunidades para alcançarmos esses patamares de sucesso democraticamente. No Brasil, não existe meritocracia.

A maior parte da minha vida adulta passei entre uma crise econômica e outra – 2008, seguida de 2010 e 2014. Agora, vivo a crise sanitária e econômica causada pela COVID-19. Essas crises significam para minha geração atrasos bastante difíceis de serem superados, como o aumento do número de jovens Sem emprego e Sem trabalho (Sem-Sem).

Alinhadas com as exigências por excelência, as dificuldades econômicas e políticas que temos enfrentado têm ocasionado o aumento de doenças mentais entre nós. Assim como eu, praticamente todas as pessoas jovens que conheço, tomam ou já tomaram algum tipo de medicamento para produzir mais ou para diminuir a ansiedade causada por essas pressões.

Neste exercício de reflexão objetiva a respeito da minha trajetória como jovem no Brasil, percebo que tive uma grande capacidade de resiliência – porque consegui, em meio às adversidades, aproveitar as oportunidades acadêmicas e profissionais que me foram oferecidas e, ao mesmo tempo, tive força para cavar novas chances de sonhar e de ir além.

Talvez por ter tido a oportunidade, desde os 10 anos, de começar minha atuação como líder de grupos de jovens e de ter vivenciado experiências educacionais valiosas, com professoras incríveis, que me proporcionaram debates sociais profundos, eu sempre acreditei que cada geração tinha uma oportunidade de transformar a sociedade e que essa era a minha. Eu só não sabia, quando era mais nova, como ser uma agente de transformação – porque com pouco dinheiro e longe de grandes centros urbanos, as oportunidades se esvaíam rapidamente.

Ao lembrar da minha vida de estudante de ensino médio, lembro de mim sentada na janela do meu quarto, sonhando com o meu futuro: sufocada entre as opções de graduação famosas como medicina e direito – era majoritariamente ao redor delas que giravam os cursinhos preparatórios e para elas que as vitórias de vestibular eram realmente comemoradas; sem saber direito que opções STEAM eram para mulheres; e com medo de escolher uma profissão que me fizesse sofrer sem reconhecimento e /ou sem dinheiro.

Era da minha janela, também, enquanto folheava o Guia do Estudante, que eu via casas de uma comunidade vulnerável da minha cidade e sentia no meu coração que o que eu queria mesmo era ter um trabalho que me proporcionasse ter uma vida prospera financeiramente e, ao mesmo tempo, me oferecesse meios para lutar pela melhoria de vida daquela e de tantas outras comunidades sofridas ao redor do mundo.

Mesmo com esse sentimento e depois de muitas leituras do Guia, eu ainda não sabia como alinhar tantas pressões e vontades. Então, me inscrevi para um programa de bolsas de estudos internacional e fui morar um ano na Holanda, assim que acabei a escola. Só assim, conseguindo ter uma visão ampliada do mundo, que eu consegui tomar minha decisão profissional.



”

“

colocadas em nós, sem que nos fossem oferecidas oportunidades para alcançarmos esses patamares de sucesso democraticamente. No Brasil, não existe meritocracia.

A maior parte da minha vida adulta passei entre uma crise econômica e outra – 2008, seguida de 2010 e 2014. Agora, vivo a crise sanitária e econômica causada pela COVID-19. Essas crises significam para minha geração atrasos bastante difíceis de serem superados, como o aumento do número de jovens Sem emprego e Sem trabalho (Sem-Sem).

Alinhadas com as exigências por excelência, as dificuldades econômicas e políticas que temos enfrentado têm ocasionado o aumento de doenças mentais entre nós. Assim como eu, praticamente todas as pessoas jovens que conheço, tomam ou já tomaram algum tipo de medicamento para produzir mais ou para diminuir a ansiedade causada por essas pressões.

Neste exercício de reflexão objetiva a respeito da minha trajetória como jovem no Brasil, percebo que tive uma grande capacidade de resiliência – porque consegui, em meio as adversidades, aproveitar as oportunidades acadêmicas e profissionais que me foram oferecidas e, ao mesmo tempo, tive força para cavar novas chances de sonhar e de ir além.

Talvez por ter tido a oportunidade, desde os 10 anos, de começar minha atuação como líder de grupos de jovens e de ter vivenciado experiências educacionais valiosas, com professoras incríveis, que me proporcionaram debates sociais profundos, eu sempre acreditei que cada geração tinha uma oportunidade de transformar a sociedade e que essa era a minha. Eu só não sabia, quando era mais nova, como ser uma agente de transformação – porque com pouco dinheiro e longe de grandes centros urbanos, as oportunidades se esvaíam rapidamente.

Ao lembrar da minha vida de estudante de ensino médio, lembro de mim sentada na janela do meu quarto, sonhando com o meu futuro: sufocada entre as opções de graduação famosas como medicina e direito – era majoritariamente ao redor delas que giravam os cursinhos preparatórios e para elas que as vitórias de vestibular eram realmente comemoradas; sem saber direito que opções STEAM eram para mulheres; e com medo de escolher uma profissão que me fizesse sofrer sem reconhecimento e /ou sem dinheiro.

Era da minha janela, também, enquanto folheava o Guia do Estudante, que eu via casas de uma comunidade vulnerável da minha cidade e sentia no meu coração que o que eu queria mesmo era ter um trabalho que me proporcionasse ter uma vida prospera financeiramente e, ao mesmo tempo, me oferecesse meios para lutar pela melhoria de vida daquela e de tantas outras comunidades sofridas ao redor do mundo.

Mesmo com esse sentimento e depois de muitas leituras do Guia, eu ainda não sabia como alinhar tantas pressões e vontades. Então, me inscrevi para um programa de bolsas de estudos internacional e fui morar um ano na Holanda, assim que acabei a escola. Só assim, conseguindo ter uma visão ampliada do mundo, que eu consegui tomar minha decisão profissional.

”

Participante 16

“

Manto da resiliência

Na presente realidade brasileira, ser jovem perpassa por questões políticas, sociais e econômicas que somadas tornam-se entraves para uma vida ou futuro minimamente estável e digno. Por um lado, o atual momento político associado a pandemia do COVID-19 trouxe uma fase inédita na vida de todos, principalmente para a juventude. Além disso, ter uma boa educação ou conseguir entrar no curso dos sonhos não é fácil e nem sempre possível.

De início, sabe-se que o jovem contemporâneo brasileiro enfrenta situações jamais vividas pelas gerações passadas. Nesse sentido, a pandemia do COVID-19 trouxe o isolamento social e tivemos que aprender a estudar e trabalhar em casa, controlando o medo a ansiedade, e driblando as pressões familiares que se potencializaram com a convivência. Diante disso, para mim que não tenho emprego e também não curso nenhuma graduação foi como se todas as minhas expectativas de futuro fossem ameaçadas. Aliado a isso, as instabilidades do Governo como as polêmicas sobre a vacina, os cortes nas áreas de pesquisa, e os aumentos exorbitantes em tudo culminaram numa situação de caos.

Ademais, com tantas instabilidades conseguir ter acesso a uma educação de qualidade ou ousar buscar o que se sonha é quase impossível no Brasil de hoje. Nessa ótica, a desesperança é o que me representa em alguns momentos; sou filha de uma mãe solteira que criou a mim e mais dois irmãos sozinha sendo professora; sempre estudei em escola da rede pública e terminei o ensino médio com muitas lacunas, mesmo assim quando senti brotar em mim o sonho de ser médica eu busquei isso mais que tudo. Inserida nesse cenário, percebo o quanto a educação ainda não está ao alcance de todos, vejo na prática o quanto o Brasil é desigual, mas sou grata por ainda ter condição de lutar para mudar a minha realidade e até de outras pessoas futuramente.

Por fim, como immortalizou Elis Regina “Viver é melhor que sonhar”. Acho que essa frase define a juventude brasileira de hoje, que apesar das condições ruins – na educação, economia, saúde e desemprego – a cada dia veste o manto da resiliência para conseguir viver nesse país. Dessa forma, minha expectativa para o amanhã não é que as coisas sejam fáceis, mas que existam mais oportunidades para aqueles que buscam verdadeiramente e que o básico não falte a ninguém.

”

Participante 17

“

Como um jovem que faz parte dos 51% dos integrantes da classe média baixa no Brasil, minha principal expectativa é, de fato, poder acessar os lugares que, por muito tempo, tem sido espaços ocupados por quem detém recursos e faz parte de uma camada social que foi e tem sido favorecida ao longo dos anos em meu país. Uma dessas aspirações é a de conseguir uma vaga no curso de Medicina em uma Universidade pública, mas os desafios são imensos, vão além da questão educacional, permeia minha realidade financeira e, também, o sentimento de frustração que cada “não” me causa. Em primeiro lugar, vindo de um ensino extremamente defasado – que é a realidade de muitos que estudaram e estudam no ensino público brasileiro – não fui preparado para o Enem ou qualquer outro vestibular. Somando-se a isso, a questão financeira é algo que, de fato, pesa, pois é muito complicado você ter acesso a conteúdos de qualidade sem internet, celular ou um notebook – eu mesmo só fui ter acesso à internet e notebook aos meus 24 anos, quando fui presenteado por minha mãe que, com muito esforço e trabalho, me ajudou. Dessa forma, é visível que a frase “educação e universidade é para todos” é apenas um mito escrito com letras bonitas, já que existem poucas formas de incentivar e tornar realidade tal frase.

Nesse sentido, as frustrações são tamanhas, pois ela acabam, por muitas vezes, mexendo com o seu psicológico e afetando seu desempenho como estudante. É extremamente difícil e exaustivo estudar anos a fio e perceber que você não conseguiu entrar no curso que tanto sonhava porque não tinha um simulado específico ou então teve algum déficit em matemática, física, química ou redação – por não ter tido essas matérias no seu ensino médio – e isso ter impedido de você ter acessado a Universidade. E o desafio fica ainda maior sabendo que, quando eu conseguir entrar na instituição, terei, também, pequenos recursos para me manter num curso tão caro e que demanda tanto tempo e recurso – sim, para comprar materiais, livros e, também, para me alimentar e ter o transporte até a universidade. Hoje, como um estudante que trabalha e estuda, vejo que a realidade, quando se tem um pouco mais de dinheiro para investir – mesmo que não seja a quantia que muitos investem – tem se tornado, talvez, um pouco melhor. Ainda continuo com o mesmo notebook – velhinho e que aguenta poucas abas abertas – como meu companheiro de noite e manhãs incansáveis de estudo, de materiais gratuitos e cursos online para manter a produtividade, mesmo que em 6 horas fragmentadas, pois trabalho 8h por dia. Dessa forma, espero, logo, poder mudar minha vida e a vida da minha família através do ensino superior.

E por fim, uma das minhas maiores realizações, durante esse período, talvez é perceber que, mesmo com toda dificuldade, mesmo com todos os problemas financeiros e educacionais, com um pouco de paciência, eu posso conseguir tudo. Já passei por diversos cursos, inclusive medicina, e isso só mostra o quanto a dedicação, aliada a um pouco de investimento e com aquela pitadinha de vontade de mudar de vida pode fazer e, de fato, transformar a realidade de alguém. Espero que, logo, eu consiga alcançar o meu grande desejo de ser médico, ter recurso financeiro para poder ajudar minha família, mudar minha realidade, ajudar pessoas, tanto através da medicina, quanto através de outros trabalhos. A educação é a única ferramenta que jovens como eu possuem para mudar sua realidade e, consequentemente, a realidade do seu país.

”

Participante 18

“

Das possibilidades para as incertezas

As cotas para universidades públicas foram sancionadas em 2004 e começaram em 2005. Sou fruto dessa política pública, pois iniciei na universidade federal em 2006 no curso de Farmácia. Antes já tinha experimentado o ‘boom’ dos incentivos das políticas públicas voltadas aos jovens com a bolsa do ProUni de 100% na faculdade particular no curso de Administração. Tal curso, o qual não me identifiquei, após cursar um ano. Desta forma, resolvi fazer curso pré-vestibular com o dinheiro de um estágio realizado no ensino médio, pois sabia que não tinha conhecimento e treinamento necessário para ser aprovada na Federal.

Fiz um ano de curso pré-vestibular fui aprovada no curso na Federal através da política de cotas para estudantes oriundos de colégios públicos - não tinha cota por renda em 2006 - fui a primeira da família a ingressar na faculdade federal. Vivi um período ótimo do primeiro governo da era Lula sem greves de funcionários e professores, políticas afirmativas com bolsas de permanência, científicas e estágios os quais participei para ajudar com as cópias dos capítulos dos livros, alimentação e transporte.

Em 2010 me formei e comecei uma especialização e pós graduação após 2 meses de formada consegui um emprego e vários colegas também alguns já perceberam a realidade da profissão com os desvios de função e retornaram para o cursinho pré-vestibular e tentaram medicina. Está visão da profissão só fui ter em 2015 após mudar de 2 empregos insatisfeita com os desvios de função da profissão, mas como estava sustentando a minha família e pela primeira vez consegui financiar um apartamento e a chance de mudar para um bairro melhor. Em 2016 a primeira presidenta foi deposta e tudo começou a dificultar: empregos não tinham mais tantas ofertas, concursos públicos cancelados, acesso a faculdades reduzidos sem ampliação de vagas e o aumento da concorrência que logo depois começou a ser nacional. Foi quando pensei em fazer medicina pela primeira vez diante do cenário. Os colegas que fizeram ou estavam fazendo medicina estavam mais satisfeitos com a nova profissão. Quando comecei a perceber a redução da oferta de emprego, colegas desempregados, os empregados eram concursados do único concurso que teve da prefeitura em 20 anos que fiz e não passei. Medicina passou a ser a chance, mas voltar a estudar e continuar a trabalhando na profissão a qual não estava satisfeita foi uma difícil escolha. Comecei a estudar e tive algumas boas notas, mas a média geral continuava baixa para aprovação numa faculdade pública.

Após anos tentando continuo insatisfeita com a profissão de farmaceutica, mas tentando medicina como tábua de salvação para uma realização profissional. Difícil está no país que os sindicatos estão desvalorizados pela atual política, profissões enfraquecidas, esquecidas, substituídas ou sobrecarregadas e o pior jovens formados desempregados ou no mercado uberizado.

Jovens adultos que encontraram um cenário favorável de crescimento viu tudo isso desaparecer com a mudança do cenário político, crise de saúde mundial com a pandemia e econômica. As incertezas faz com que eu queira continuar tentando medicina, pois parece o único caminho diante deste cenário de crises políticas e econômicas.

”

Participante 19

“

MILLENNIALS

NO LÍQUID DO SÉCULO XXI, A CONDIÇÃO DA GRANDE MAIORIA DOS JOVENS NO BRASIL NO QUE DIZ RES- PONDENDO AS SUAS EXPECTATIVAS, FRUSTRAÇÕES, REALIDADE E REALIZAÇÕES TRAZEM A TODA SUA TRAJETÓRIA DE SER APENAS AQUELE "RAPAZ LAÍDO - AMERICANO SEM DINHEIRO, NO BOMBO, SEM PARCEROS IMPORTANTES E VINDO DO INTERIOR.

PARA ALGUM Nesses versos, PARAFRASEANDO A BANDA DE ROCK BRASILEIRA FUNDADA EM 1982, REGIÃO URBANA, QUE NAS SUAS LETRAS DE PROTESTO MENCIONAM A REALIDADE DA SUA OCORRÊNCIA "COCA-COLA" AO DIZER QUE: "QUANDO NASCEREMOS SOMOS PROGRA- MADOS A RECEBER O QUE NOS EMPURRAM COM OS EMPUROS DOS U.S.A, DE LOVÉ AS SEIS, QUE NESTE PEQUENOS NOS CONDUZEM LIXO COMERCIAL INDUSTRIAL.

ASSOCIADO A ISSO, PERCORRENDO O CAMINHO DO JOUEN DO BRASIL CONTEMPORÂNEO É CONDIÇÃO "SIDE GUA NOW" FALAR SOBRE SUAS EXPECTATIVAS, FRUSTRAÇÕES, REALIDADES E REALIZAÇÕES. O JOUEN BRASILEIRO SEMPRE SE MOSTRA PARA A SOCIEDADE EM FRENTE DE UM CONTEXTO SOCIAL PERTENCENTE A UMA CAMADA SOCIAL QUE O IDENTIFICA SEJA NA CLASSE QUE DETÉM O CAPITAL, SEJA NA QUE VENDE SUA FORÇA DE TRABALHO COMO MOEDA DE TROCA.

girl power

”



“

O JOUEN DO BRASIL LUTENTA SUAS DECISÕES INTERNAS DESPROVIDO DE UMA BASE DE FORMAÇÃO SOCIAL COMO INDIVÍDUO, INCRÉDULO DE SUAS PRÓPRIAS HABILIDADES COMO PESSOA. INGRESSA NAS SUAS TOMADAS DE DECISÕES DE FORMA CUA E MUA EMOCIONALMENTE, RACIONALMENTE E TAMBÉM INTELLECTUALMENTE, SEM ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL, PROFISSIONAL, SEXUAL E BRUSCAMENTE É ARREMESSADO EM UM MUNDO QUE MZ COMO ELE DEVE SER E O QUE NAO DEVE SER.

A "SUBVERSAO" É A PALAVRA QUE MAIS IRÃO USAR PARA VESTI-LO CASO NAO SEJA O QUE A SOCIEDADE DITA, O QUE ELE DEVE SER OU O QUE SEUS PAIS DESEJAM QUE ELE FOSSE. NERGUENTADO ASSIM QUANDO NAO RESPONDE A ESSAS EXPECTATIVAS E DEBILIDADES QUE NAO SAO SUAS EM CRISES DE ANSIEDADE QUE GERAM FRUSTRAÇÕES E FUGA DA REALIDADE.

EMOCIONALMENTE ESSE JOUEN TÁ FRAGILIZADO COMO INDIVÍDUO DISSOCIANDO O QUE REALMENTE É DO QUE ESPERAM QUE ELE SEJA. ASSIM, POLITICAMENTE É PROGRAMADO PARA UMA POLARIZAÇÃO DE MUNDOS, INCIAS E INCAIS. DESSA FORMA, TORNA-SE UM ANIMAL POLÍTICO COM CONHECIMENTOS RASOS DIANTE DE UM ESTADO COMPLETAMENTE AUSENTE E EXCLUIDO DO QUE MZ RESPEITO AOS SEUS DIREITOS E DEVERES COMO CIDADÃO.

”



“

O FATO É QUE CABE AO INDIVÍDUO JUZGAR DO PAÍS VERDE E AMARELO, EXCLUDENTE E SOBRESAULTISTA SER AUTOR DA SUA TRAJETÓRIA E ESCREVER SEU PONTE NA ESTRADA QUE SE CAMINHA VIDA. DESEMPENHAR A LIDAR COM SUAS EXPECTATIVAS, FRUSTRAÇÕES E REALIZAÇÕES. POIS, SE OUTROA A CALINHADA NÃO LEVAVA A UMA OPORTUNIDADE DE MUDAR DE CLASSE SOCIAL, COM O PERÍODO DAS POLÍTICAS DE INCLUSÃO ADVINDAS NO GOVERNO DE LULA, VIVIAM-SE, PELA PRIMEIRA VEZ, TEMPOS DE ESPERANÇA.

MAS NÃO POR ISSO AS COISAS ERAM PROPRIAMENTE FÁCEIS E INCLUSIVAS. NO CAMPO ESTUDO DA EDUCAÇÃO - PORTAL QUE TRANSFORMA O INDIVÍDUO; GRANDE PARTE DOS JOVENS DA PÁTRIA ADIADA, PARTE DE UMA ALFABETIZAÇÃO PRECÁRIA E INÍCIADO SUA CARREIRA ESTUDANTIL EM UM SEIO FAMILIAR ONDE SEUS PAIS POSSIVELMENTE NÃO FORAM ALFABETIZADOS OU NÃO CHEGARAM A CONCLUIR O ENSINO MÉDIO. POIS, NO BRASIL, A OPORTUNIDADE DE ESTUDAR SEM PRECISAR TRABALHAR PARA ADIAR NAS DESPESAS DA FAMÍLIA OU CUSTEAR SEUS ESTUDOS É PARA UMA ÍNFIMA PARCELA DA JUVENTUDE.

SENDO ASSIM, OS MILLENNIALS ENTREMEL SUAS VIVÊNCIAS COM ANSIEDADE, INSEGURANÇA, MEDO DO PRESENTE, INCERTEZAS PARA O FUTURO, E SE SATEM MUCO REALIZADOS COMO INDIVÍDUO MINUTE DE UM MUNDO QUE NÃO PARA DE EXIGIR A VERDADEIRA CORAGEM QUE É IR ATRÁS DE SEU SONHO MESMO QUANDO TODOS

* DIZEM QUE EUO É IMPOSSÍVEL.

”

Participante 20

“

A cor de uma conquista

O Brasil hodierno vive o paradoxo de possuir uma das 20 maiores economias do mundo, participar ainda que incipiente da quarta revolução industrial, mas ainda conviver com as desigualdades sociais, econômicas e de oportunidades que prejudicam a ascensão social de uma boa parte da população. Medidas como o Pro uni e Fies foram importantes para democratizar o acesso ao ensino superior. Porém muito ainda precisa ser feito para mudar essa realidade.

Ser jovem no Brasil é compreender que a renda familiar gera impacto direto na permanência de crianças e adolescentes na escola, visto que muitas acabam evadindo devido as condições de pobreza, vulnerabilidade ou necessidade de ajudar a complementar a renda familiar. Além disso, a cor da pele influencia diretamente no acesso à educação uma vez que segundo dados do IBGE pretos um tempo médio de escolaridade menor do que Brancos e Pardos, além de possuírem maior taxa de analfabetismo. Como consequência observamos uma maior prevalência da violência entre pessoas com menos acesso à educação já que a perda de vidas está diretamente conectada à falta de oportunidades educacionais e de inserção no mundo do trabalho.

Há, por outra parte, as exceções, como por exemplo em meu lar, em que sempre tive o apoio financeiro, educacional e suporte psicológico dos meus pais para que me dedicasse exclusivamente aos estudos. Diante disso, mesmo com todos os percalços financeiros e sociais de uma família pobre conquistei uma vaga de medicina em uma universidade pública no curso mais concorrido do país. É importante lembrar, que a origem mais humilde e a cor da pele foram utilizadas como pretexto ao longo da minha trajetória para desencorajarem a busca pelo meu sonho, tanto por parte de colegas, como de professores e familiares. Porém com a minha fé, o suporte familiar, de grandes mestres que passaram em minha vida e o esforço individual, conquistei a vaga de medicina na universidade estadual do sudoeste da Bahia.

Atualmente, vivo uma realidade nova em nosso país: aos vinte e seis anos estou na faculdade e sou amparado financeiramente pelos meus pais. Diante das condições tecnológicas que nos deparamos no mundo capitalista e globalizado, o jovem que tem esse suporte familiar, consegue se especializar mais e se inserir melhor no mercado de trabalho. Por conta disso, tenho grandes expectativas sobre o futuro, tanto relacionado ao mercado de trabalho, quanto de qualidade de vida e no meio acadêmico.

”

Participante 21

“

Pelos meus ancestrais

No prelúdio da contemporaneidade crescer e viver no Brasil se tornou o calcanhar de Aquiles principalmente para quem vive de um cenário periférico de baixa renda. Nesse sentido, a grandeza das desigualdades sociais cria lacunas em diversas trajetórias principalmente no setor acadêmico e econômico desse país frustrando milhares de jovens e obrigando-lhes a fazer um ajuste de rotas no seu processo.

Diante desse cenário, não há como negar que meus sonhos seriam abalados e se concretizariam mais tardiamente. Ser mulher, preta e periférica te faz alvo num sistema racista e classista. Havia em mim o anseio terminar o ensino médio e ingressar diretamente na faculdade e ver pessoas de origem periférica, oriundas da classe trabalhadora sendo influência direta na sua família e para outros jovens, esse era o cenário ideal.

Passado alguns anos e uma série de vivências acumuladas permaneço experimentando a juventude – pelo menos é o que a sociedade me faz acreditar já que aos 27 anos sem estabilidade financeira e sem filhos, ainda assim me categoriza-mas com as expectativas um pouco mais arrefecidas. O que de certa, forma segue a ordem natural das coisas, já que no Brasil as oportunidades serem ofertadas apenas as pessoas que possuem uma ou mais graduações.

Meus ancestrais foram privados de liberdade conhecimento e sofreram para que eu chegasse até aqui, a minha realidade de sonhos e planos se assemelha a realidade de muitos jovens nesse país que sonham em escrever uma nova história a fim de não ser mais uma estatística no mapa da violência, muitas vezes ser o primeiro da família na universidade e enfim vencer. Sim é possível, e é o que reverbera nessa juventude.

”

Participante 22

“

Sou formada em pedagogia pela UNEB (Universidade do Estado da Bahia), Pós-graduada pela Uninter em neuropsopedagogia, fiz vários cursos de especialização na área de educação, concursada pela prefeitura de Ilhéus desde junho/2008 como professora do ensino fundamental, fui vice-diretora de uma creche, atualmente atuo diretamente em sala de aula como Pedagoga, especificamente com crianças de 3(três) anos (minha realização).

A busca por autonomia precoce, foi um dos fatores que me distanciou da universidade, a partir da convergência entre estudo e trabalho, é possível afirmar que essa busca inquieta os jovens atuais que também estão priorizando o trabalho a seguir os estudos acadêmicos, venho de um período em que mesmo não havendo um equilíbrio entre estudo e trabalho ainda assim acreditávamos que só através da educação poderia construir um futuro melhor,

Acreditávamos no sistema político mesmo não tendo muito apoio para ajudar na concretização dos objetivos, tínhamos nossas angustias referente ao futuro, porem cultivávamos a certeza que seria apenas através da educação recompensada e poderia assegurar o futuro tanto profissional como financeiro,

Com o uso da tecnologia na sala de aula criou-se a cultura da ausência de foco e horizontes, a falta de perspectiva e compreensão por parte dos jovens da realidade e do seu potencial enquanto agente de mudança, são direcionados erroneamente a ganhar dinheiro precocemente com uso das mídias e redes sociais, encontrando facilidade em comercializar sem ao menos saber gerenciar sua vida financeira nem emocional, enquanto que para nós o custo de vida era moldado pelas nossas necessidades, não havia muita interferência externa, procurávamos impedir o máximo possível se distanciar da escola, haviam poucas interferências,

Atualmente com toda facilidade e possibilidades aos jovens, deveriam se desafiar mais, descobrir e aproveitar as possibilidades que lhes são postas, explorando através da tecnologia os recursos como um meta de evolução, valorizando o conhecimento que só se adquire através da educação,

”

“Alea Jacta Est”